THOMAR
Sta IRIA
POR
Vieira
Guimarães

THOMAR

S.TA IRIA

DO MESMO AUTOR

Catalogo da Exposição Concelhia Industrial-Agricola de Thomar.
A Ordem de Christo.
A Missão de Portugal e o Monumento de Thomar.
A Trilogia Monumental de Alcobaça, Batalha, Thomar, e o Caminho de Ferro.
Marrocos e Três Mestres da Ordem de Cristo.
O Sexcentenário da Ordem de Cristo.

Em preparação:

Lista dos Cavaleiros, Comendadores e Grão-Cruzes da Ordem de Cristo.
Thomar.
Thomar e os Caminhos de Ferro.

Vieira Guimarães
DA ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA
E DA REAL ACADEMIA DE HISTÓRIA DE MADRID

THOMAR — S.ta IRIA

1927
DEPOSITÁRIO
LIVRARIA COELHO
27, RUA DO MUNDO, 29
LISBOA

PROÉMIO

Tendo para nós, desde sempre, a idea que ao homem compete a lei suprema do trabalho, guiando-se por ela para seu bem e para bem da comunidade, nunca deixamos de aproveitar as horas de lazer, no estudo do que diz respeito à História da terra, onde tivemos a grande ventura de ver a luz primeira, fazendo a Deus pedido para, nela, ter a derradeira.

E' esta, *a ditosa Pátria minha amada*, uma das mais belas, interessantes e nobres povoações que conhecemos.

Antes e depois de Thomar ter o nome, apresenta-se sempre bem recheada de factos, de episódios, de sucessos, muitos dos quais estão ligados aos de mais notabilidade da História da civilização portuguesa.

Foi, por isso, que, solicitado, no nosso modesto saber, pelo nosso patrício Diogo José do Valle de Sousa de Meneses Mexia, há tempos falecido, para escrever um artigo que acompanhasse umas fotogravuras da capela dos seus maiores, erecta na igreja do convento de S.ta Iria, as quais seriam publicadas num jornal de Lisboa, acedemos de bom gosto, tanto mais que esse distinto membro da nobre família Valle, acabava de pôr à nossa disposição toda essa igreja, para se fazer o câmbio com a irmandade de S. Francisco, cujo templo era requerido pelas exigências dos depósitos de Infantaria 15, hoje Caçadores 2, que estavam pejando, e ainda o estão infelizmente, uma parte do artístico monumento de Cristo e que tão necessária tem sido ao patriótico Colégio das Missões Religiosas Ultramarinas dos Padres Seculares.

Feito aquele, sobreveio a greve da imprensa da capital, no princípio do ano de 1921, obstando a que se publicasse êsse artigo.

Obstáculo foi êle que criou em nosso espírito desejos de, para

já, completar o estudo da história daquele convento, o que fizemos, visto a greve durar e durar por muitos meses, pondo de parte trabalho que há muitos anos nos tem vindo prendendo a atenção e que diz respeito a Thomar e ao caminho de ferro.

E querer saber a história desse convento da ordem de S.ta Clara, vulgarmente chamado de S.ta Iria, era investigar a vida desta e a sua lenda, por aí mais enveredamos a concluir estudos, sôbre os primordiais tempos da nossa querida terra.

Eis, pois, a origem próxima deste livro, porque a remota vem do grande amor que sempre tivemos às coisas do torrão natal, principalmente àquelas que de nós dependem sem a intervenção de outrem, visto desligados estarmos de todas as escolas e de quaisquer partidos, olhando somente ao seu engrandecimento, penalizando-nos, todavia, o nosso fraco valimento.

Ligando, como sempre, à grande auxiliar da História — a Cronologia — vimos dos tempos mais longínquos da mestra da vida até aos nossos dias, fazendo, tanto quanto possível, desenrolar diante dos olhos do leitor os sucessos do assunto do livro e todos aqueles que a êles se ligam.

Dificil e demorado, por vezes, foi esse estudo, mas a porfiada investigação e a severa crítica não nos furtámos para esclarecer trabalho que é do nosso maior agrado, deligenciando contribuir com êle, embora debilmente, para o grande edifício histórico da cidade dos gloriosos Templários e dos imortais Cavaleiros de Cristo.

Terá valor êste estudo?

Os entendidos que digam, na certeza, porém, que por nossa parte, empregamos os meios para que saísse acertado.

Não o conseguiriamos, mas de nós não foi só a culpa.

Outros, de melhores qualidades o conseguirão e, se formos vivos, com muitos aplausos, os louvaremos.

V. G.

I

DEIXANDO á Geologia e á Pre-história, com os seus variados ramos da Paleontologia e Antropologia, que muito têm que andar para esclarecer o trecho do país que vamos pretender historiar, aceitemos êste como a Geomorfologia no-lo apresenta para não nos embrenharmos nos, ainda hoje muito obscuros, problemas [1] que aquelas sciências com todo o empenho tratam de resolver [2].

Ao norte do Tejo e ao sul do Mondego, no coração fisiográfico de Portugal há uma brecha orográfica, onde corre o impetuoso Zêzere, tão temido sempre por suas revôltas águas como áspero e duro nas suas ribas pedregosas e selváticas.

Podendo ter sido um grande rio de penetração e mais tarde uma importante via de comunicação entre as partes extremas do nosso país, nunca o foi, porque a isso se opunha e se tem oposto a intransitabilidade de suas abruptas margens, por vezes

[1] Entre muitos : saber quando o fim da idade de bronze e começo da idade do ferro na Península; se existiu o homem terciário no território português.

[2] Aos que a elas se dedicarem apontar-lhes hemos um belo bronze que existe nas colecções da Associação dos Arqueólogos Portugueses, no Museu do Carmo, e que de Thomar veiu, onde tinha sido achado.

E' um machado de bronze e está lá com o n.º 257 no último catálogo.

Foi para ali enviado pelo benemérito arqueólogo, Visconde do Rego da Murta, João Carlos Infante de Sequeira Correia da Silva Carvalho, cavalheiro do mais fino trato com quem mantivemos relações, pois vivendo muitos anos em Thomar, veio mais tarde para Lisbôa, onde exerceu, por largo tempo, o logar de Conservador da biblioteca daquela patriótica agremiação, em que prestou grandes serviços.

quási verticais, e o seu regímen, em grande parte muito próximo de torrencial.

Motivo poderoso foi êsse, tendo os povos, tanto os que do sul subiram, como os que do norte desceram, procurado passagem mais a oeste, onde corre o abundante e lindo Nabão, fugindo aos obstáculos que as alturas das barrocosas ramificações da Estrêla lhes ofereciam e que dificilmente podiam vencer, mas também sem caírem nas terras baixas e maláricas em que o litoral por êsse tempo era muito abundante.

Decerto, desde que a humanidade por aqui houve de andar na sua luta quotidiana de viver, aproveitadas foram as condições favoráveis que a natureza patenteava ao homem, forçando a passagem do Mondego, onde em tempos imemoráveis se levantaria Coimbra, e o Nabão, onde no século XII Gualdim Paes fundaria Thomar [1].

Formado, pois, do contínuo passar, êsse caminho, civilizado foi, logo que as condições da Península assim o exigiram, recebendo dos romanos, por os outros povos civilizados se limitarem principalmente a habitar os portos das costas, o progresso de uma via.

Acabadas as lutas épicas entre aqueles e os altivos ibéricos, que durante quási dois séculos ensanguentaram a famosa Hispânia e pacificada ela por Augusto, tratou êste de a aproveitar para grandeza e riqueza da sua Roma de tijolo e que

[1] Ainda hoje volvidos miríades de anos é aproveitado este caminho por quem quere conduzir, mais directa e economicamente, manadas de gado do norte para o sul de Portugal e vice-versa.

E' ver pelos meses propícios, atravessar pela ponte do Nabão, rebanhos e rebanhos de lanígeros, que abandonam o quente e seco Alemtejo procurando nas primeiras estribações da Estrêla, pastagens frescas de verão, e manadas e manadas de bois, cansados de árduos trabalhos, passarem no encalço de fôfas ervas dos lameiros dos vales abertos por entre aqueles montes.

De volta, vemo-los vir depois túmidos de gordura e de lã a destino dos serviços agrícolas ou aos matadouros das terras ribatejanas.

Quão útil seria a todos, e a Thomar mui principalmente, que a Administração Pública fôsse como devera, e não chegasse ao criminoso desmazêlo em que deixa estar essa grande via de comunicação, para que a nossa terra recebesse, pelo automobilismo, o merecido influxo turístico de que tanto é digna pela natureza, que não muda, e pela arte que as passadas gerações ali acumularam.

deixaria de mármore, começando por fundar colónias, engrandecer as povoações que sobreviveram a tão longa e terrível devastação e desenvolver as comunicações dos seus habitantes entre si e com a capital do seu vasto império, obra admiravel a que se devotou grandemente e que muito honra a sua memória.

Para êste último tão útil benefício, começou de mandar fazer várias estradas, vindo a caber não pequeno número à Lusitânia, uma das três províncias em que se dividia a Península.

Dessas vias, que não chegaram a ser todas construídas no seu tempo, temos hoje conhecimento de algumas, não falando nós senão da que ao nosso estudo é chamada e que ligava aquela província à Tarraconense: a de Lisboa a Braga.

Estas duas cidades sòmente uma via militar as ligava, formando o seu extremo sul parte doutra que de Lisboa se dirigia para Mérida, a principal cidade dos lusos.

As povoações que ficavam na parte comum eram: *Jerabriga* e *Scalabis*, sendo *Sellium* a primeira povoação que encontramos na parte independente, depois *Conimbriga*, a *Aeminium*, e daí por deante outros centros até Braga, mas que não nos interessam agora.

Estando hoje concertado que *Scalabis* seja Santarém e *Aeminium* Coimbra, vamos inquirir das memórias passadas o que nos referem sobre *Sellium*, localidade intermédia daquelas.

Onde ficava *Sellium?*

Qual a povoação de ora que a continua?

Se a trajectória da via entre *Scalabis* e *Aeminium* fosse demarcada por um ou outro miliário, hoje existente *in loco* e completo, nada mais fácil do que responder a estas perguntas.

Assim, só temos, para podermos autenticar a sua passagem, os restos de dois que se encontraram em Thomar em 1866.

Estão êles hoje na preciosa colecção de pedras romanas da Associação dos Arqueólogos Portugueses no seu museu do Carmo, tendo ido para ali a pedido do Presidente dessa benemérita Associação que à Câmara daquela cidade enviou o seguinte ofício que publicamos, por ser um documento importante pelo que nele se diz:

«Ill.mo Sr. — Havendo a Associação dos Arquitetos Civís Por«tugueses fundado um museu de Arqueologia na cidade de Lisboa

«no antigo monumento do largo do Carmo e para cuja colecção «tanto o Govêrno de S. Majestade e as principais Câmaras Muni- «cipais do País têm concedido objectos próprios de figurarem no «referido museu; venho pois pedir á Digna Câmara Municipal da «cidade de Thomar, queira egualmente concorrer para este serviço «público, concedendo os dois Cipos encontrados nesta localidade; «tanto para a sua conservação, como ficarem reünidos a outros «no local reservado para todas as antiguidades do nosso país com «aprovação do Govêrno. Estou certo que esta digna Câmara não «recusará coadjuvar a esta obra nacional, qual deve resultar «tanta utilidade para os estudos arqueológicos do País e mostrar «aos extranhos qual tem sido o progressivo desenvolvimento da «nossa civilização. — Deus guarde a V.ª S.ª — Lisboa em 10 de «Abril de 1866.

«Ill.mo Sr. Dr. Carlos da Costa Pereira Mendes, digno Presi- «dente da Câmara Municipal da Cidade de Thomar. — (*a*) *Joaquim* «*Possidonio Narciso da Silva*. — O Presidente da Associação».

A este pedido acedeu prontamente a Câmara de Thomar, deliberando na sessão de 1 de Maio de cuja acta transcrevemos o seguinte: «Na correspondência presente a esta sessão havia um ofício do Presidente da Associação dos Arquitetos Civis Portugueses, no qual pondera que achando-se estabelecido um Museu de Arqueologia na cidade de Lisboa e convindo promover o seu desenvolvimento por meio de objectos próprios de figurarem no referido Museu, pede a esta câmara municipal queira concorrer para este serviço público, concedendo os Cipos romanos encontrados nesta localidade, e dos quais a câmara se acha de posse por lhe houverem sido oferecidos pelo cidadão Pedro de Roure Pietra.

A Câmara reconhecendo que o dito Museu é o local mais apropriado para todas as antiguidades do nosso país, deliberou que se desse aos ditos Cipos o destino requerido, e que por acto de deferência se desse conhecimento desta deliberação ao dito Pedro de Roure Pietra».

Assistiram a esta sessão os vereadores: José Pereira Mendes, José Peixoto de Almeida, José Pereira Campeão, Tomé de Almeida e Silva, e José Teixeira de Madureira.

Poderá alguém reparar que lhes chamemos marcos miliários, quando êstes documentos lhes dão o nome de Cipos, mas razão

alguma tem esse reparo, pois podem, pelos dois nomes, serem intitulados.

Assim os classificou o grande Hübner, que os estudou e cujas inscrições transcreveu no seu *Corpus*, donde as reproduzimos:

IMP · CAES M CLAV
DIO TACITO PIO
FEL · INVICTO AVG
/////// M AXTP //// OT

Esta inscrição é do tempo de Caio Marco Cláudio Tácito que governou seis meses entre os anos 275-276.

O outro diz[1]:

IMPCA≡S
MARC · AVREL≡VS
VALERIVS
MAXSIMIANVS
INVICT AVG
PONTIF · MAX
TRIB · POT · V////
CONS · //// · PAT
PATR · ≡RO
CON≡
M · P ·

Este miliário é dos anos 293-294 reinando Maximianus por quem foi dividido o Império Romano no tempo de Diocleciano, o qual tomou o nome de Imperador César Marco Aurélio Valério Maximiano. Só um podemos reproduzir em gravura.

Pena é estarem mutilados, contudo, por serem em Thomar encontrados, demonstram ter passado por êsse sítio uma via romana, o que é de alta importância para o nosso estudo.

Todos os elementos temos que colher, porque a falta de referências satisfatórias a *Sellium* a isso nos obriga.

---

[1] Este texto é notável por que dá um exemplo de abreviação MARC em logar de M por *Marcus!* Esta abreviatura é de tal maneira *rara*, se não *única*, que Mr. Leão Renver, distinto epigrafista francês que publicou a inscrição conforme uma cópia dada pelo Sr. J. da Silva, chegou a persuadir-se de que era impossível abreviar daquela maneira a palavra MARCUS: e veiu a Lisboa um arqueólogo para ver o referido marco miliário.

Muito embrulhado tem andado este assunto, para cujo esclarecimento vamos concorrer com este despretencioso trabalho, visto tambem termos caído em êrro por o material, a que recorremos então, ser um tanto vicioso e tambem por, especialmente, não lhe podermos ter dado a atenção que merecia.

Hoje entregues a êle, em longas pesquisas e reconhecimentos, não seguiremos aqueles muitos que localizam esta povoação em Seice, mas sim na área do moderno bairro de Além-da-Ponte, na cidade de Thomar.

Têm esses escritores feito situar *Sellium* em Seice, hoje humilde aldeia, num estreito vale no concelho de Vila Nova de Ourém, sem que para isso apresentem sólida razão, a não ser a semelhança das duas palavras começarem por *S* ou por *C* conforme a ortografia de cada um, ou em *Seixo*, povoação cujo nome se encontra muitas vezes, como diz Hübner [1], mas não refere aonde.

Por estudos conscienciosos de Onomatologia que modernos scientistas [2] têm empreendido, sabemos hoje que *Sellium* não podia formar *Seice,* pois esta palavra deriva da latina *Salix* que, com o sufixo *airus,* na nossa lingua, deu a palavra *salgueiro* que originou tambem *Sàuz, Seice,* donde o nome de Seiça ao lugar que, por abundância de agua contém, desde sempre, alguns exemplares daquela árvore, dos quais naturalmente, um por notável pela sua idade, corpulência ou qualquer outra circunstância denominou aquele sítio [3].

Posição fortificável, alto monte penhascoso, rio abundante de água e portanto hoje ruínas, restos de edificações, tradições, nada há que indique, quanto mais autentique, ter ali existido grande cidade, quiçá povoação importante, acrescentando-se que a topografia da ravinosa região, devia opor-se à passagem, dificultá-la pelo menos, por ali, da via romana da importância da de Lisboa a Braga, tendo na direcção, mais ao nascente, uma ampla

[1] Dr. E. Hübner = *Notícias Arqueológicas de Portugal*, pág. 53.

[2] D. Carolina M. de Vasconcelos = *R. Lusitania*. Vol. 3, págs. 185 e 186, e dr. José Joaquim Nunes = *Boletim da Classe de Letras da Academia das Sciências de Lisbôa*. Vol. 13, pág. 165.

[3] *Asseiceira* ou melhor *Seiceira* lugar do concelho de Thomar que chegou a ser município português, tem esse nome pela mesma orígem e pelas mesmas condições de humidade.

chapada à beira do primitivo e freqüentado caminho e regada por um rio de abundante e perene corrente, que muito satisfaria a economia das legiões e da maltesaria que sempre as acompanhava.

Nas margens dêste rio sim.

Aqui é que existem restos preciosos e tradições de valor.

MARCO MILIÁRIO DE THOMAR

Seria portanto a *Sellium* de que o *Itinerário* Antonino e Ptolomeu nos falam?

Vejamos o que êles dizem.

Como se julga por mais certo, aquele *Itinerário* foi escrito no tempo de Júlio Cèsar e revisto nos séculos III e IV em que recebeu a forma actual.

Divide-se em duas partes das quaes: uma trata das vias marítimas, outra das terrestres.

Esta, o *Itinerario Provinciarum*, é que traz as estradas militares, indicando as principais estações com as suas distâncias recíprocas.

Também Ptolomeu, astrónomo e geógrafo célebre grego do século II, na sua *Geografia*, referindo as povoações importantes da Lusitânia, enumera *Sellium*.

Paremos um pouco e notemos a existência no Museu Etnológico de Belém, de uma pedra com uma preciosa inscrição, a qual revela a existência de um selliense, o que vem reforçar muito êstes clássicos.

E' de calcáreo, tem forma de tábua rectangular, e mede 1m,39×0m,66×0m,12.

Numa das faces maiores lê-se a seguinte inscrição (letras elegantes do século I de 0m,065 a 0m,07 de altura):

G · VALERIVS IVLIANVS · SEILIENSIS
ANNORVM · XVIII · H · S · E · S · T · T · L
M ANTONIVS IVLIANVS
FRATRI PIISSIMO
FACIENDVM CURAVIT

Traduzida, dá:

«Caio Valério Juliano, Seiliense, falecido na idade de 18 anos, está aqui sepultado. Seja-te leve a terra. Marco António Juliano mandou fazer este monumento à memória de seu dedicadissimo irmão».

Esta pedra procede de Lorvão, povoação próxima da antiga *Aeminium*, e a 44 milhas de *Sellium*, o que dá a máxima probabilidade a que êste seiliense tivesse sido natural de *Sellium* e não de *Seilensis*, povoação galega, conhecida por uma inscrição que vem no *Corpus* II, 2562.

Mas na inscrição vem *seiliense* e não *selliense*.

A que atribuir a diferença entre *ei* e *el*?

Erro do lapicida?

Erro da transcrição de Ptolomeu ou do *Itinerário*?

Semelhante adjectivo é um gentílico, como se vê do sufixo *ensis*. Tirado êste, resta-nos para a povoação um *Seilium*, que

pode muito bem estar por *Sellium*, tendo-se erradamente escrito *i* por *l*, a não admitirmos que *ei* estará por *e*, do que não será difícil encontrar exemplos noutras inscrições. Neste caso a verdadeira grafia seria *Selium*.

E', pois, por esta memória e por aqueles escritores que nós temos conhecimento da existência e localização de *Sellium*.

Os outros, aqueles que alguma coisa escreveram sobre a Lusitânia e que hoje conhecemos, nada dizem.

São, portanto, Antonino e Ptolomeu os únicos escritores, que temos para nos ajudar a romper o denso véu que encobre a nascença da nossa terra.

E bem denso é, embora se tenha sobre a origem dela arquitectado fantasias que caem por terra ao mais leve sôpro da moderna crítica histórica.

Guindam-na aos tempos dos romanos, como opulenta, populosa, de magníficos templos, habitada por abalizados artistas e eminentes escultores, ornamentada de ricos palácios, sumptuosas basílicas, esmerados jardins, bem construidos teatros, etc. etc., no que se prova não conhecerem, como se deve fazer a história que só em documentos reais terá a base para escrever, nas suas páginas, os factos que hão de ser transmitidos aos vindouros.

Hipóteses formulam-se também, mas essas hão de alicerçar-se em conjecturas plausiveis e nunca em fantasias ao sabor de qualquer, que, ou na cela de um convento bernardo, em êxtasi religioso, ou no gabinete confortável de academia, em exaltação estrambelhada, procura antes fazer jogo de palavras e flôres de retórica, do que história digna dêsse nome.

Procuremos nós, pois, reunir o que de mais verdadeiro, sôbre tão interessante ponto há escrito, e outros materiais, e vejamos o que dizem êsses documentos que tenham real valor e que nos possam abrir caminho neste cerrado de trevas.

Abramos os clássicos.

Ptolomeu não a localiza, mas o *Itinerário* sim.

Diz êste que *Sellium* ficava a 32 milhas de *Scalabis* e a 44 de *Aeminium*.

A ser *Scalabis* Santarém e *Aeminium* Coimbra, como já dissemos, vejamos a correspondência em medidas de hoje, de *Sellium*, Thomar, com aquelas cidades.

Da cidade do Nabão á do Mondego contavam-se 13 léguas [1] que, sendo umas maiores e outras menores, podemos, como média geral, dar-lhes o valor de 5 quilómetros

Temos portanto 65 quilómetros ou 65.000 metros, que divididos por 1.481 metros atribuidos a cada milha, resultam as 44 milhas, e mais uns 164 metros que nada são.

Não se ligará importância a tal diferença e por êste lado devemos aceitar a concordância de *Sellium* com Thomar.

Agora vejamos de *Scalabis* a *Sellium*.

Daquela a esta eram 32 milhas, que à razão dos 1.481 metros, são 47.392 metros, que diferençam só 108 metros dos 47.500 metros das 9,5 léguas que distam de Santarém a Thomar.

Também pequena diferença é, mui principalmente se atendermos às divergências da medida matemática da milha [2], dando por certo ainda por êste lado, a coincidência de *Sellium* com Thomar.

Por êsses livros pois, temos o conhecimento de *Sellium* e depreende-se aquele ajustamento, que não podemos, para sermos rigorosos, aínda assim, levar a certeza absoluta, atento o modo como êsses escritos chegaram até nós, por isso percorramos também o campo, seguindo o traçado que supômos que essa estrada teria e observemos o que nos revela, inquirindo os seus monumentos, estudando as suas memórias, para mais certificarmos e autenticarmos o que dizem esses livros.

Deram os romanos grandíssima importância á viação.

Nela viram um dos maiores elementos de progresso para facilmente poderem firmar a posse do que a conquista lhes fazia ser senhores e por isso todos os seus grandes homens desde Augusto, se não já desde o célebre Caio Gracho, trataram de ligar Roma com as mais distantes terras do seu vasto domínio.

Das suas 14 portas outras tantas estradas saíram no fim algo

[1] Esta distância era computada no antigo caminho, pois hoje, atenta a largueza com que foram construidas as nossas estradas reais, mais para satisfazer interesses particulares, do que para interêsse público, muito poderia ter aumentado, mas aqui ainda assim, não há grande divergência, naturalmente pela razão da nova estrada não poder senão seguir a linha da antiquissima.

[2] Aceitamos os 1.481 metros dados ao valor da milha por Saglio e Darembert no seu *Dicionário*, o que também é confirmado por Bouillet no seu *Dicionário* sobre sciências, letras e artes.

civilizador de assimilação, o que originou a célebre frase: «todos os caminhos vão dar a Roma».

Dedicaram-lhes atenções especiais, a ponto de enquadrarem a sua construção numa arte e das mais perfeitas.

Algumas dessas vias eram verdadeiros monumentos.

Não só por elas passava o legionário.

O comércio por elas fazia caminho, aumentando-se, e o correio, instituição, a que o primeiro imperador deu todo o desenvolvimento, começou por elas a levar e a trazer rapidamente notícias dos pontos importantes dos seus estados.

Foi Augusto quem, no seu alto talento de um dos mais notáveis homens de Estado, ligou pelo sul da Gália, a capital do seu vasto império à Espanha e decerto deu princípio às grandes obras que neste sentido se fizeram na Península e a que Trajano e Adriano, ambos ibéricos, deram todo o incremento.

Eram elas, essas estradas construidas de maneira que ofereciam toda a comodidade, ligada à maior solidez.

Por excepção, muito rara, eram simples aterros ou terraplenos em chãos difíceis de obrar, mas, a maior parte, constituiam trabalhos de alvenaria feitos sob a direcção de engenheiros militares.

Ao meio era uma calçada abaulada (*agger*) de largura vária, chegando a dar passagem a dois carros, constituida de grossos pedaços poligonais da rocha que havia à mão e assentada sôbre um leito de três camadas diferentes, estendidas de um lado ao outro.

Essas camadas eram: a inferior (*stratumen*) composta de areia grossa, a média (*ruderatia*) formada de cascalho argamassado com cal, e a superior (*nucleus*) da espessura à roda de um palmo, compunham-na fragmentos de cerâmica, misturados com cimento.

Em cada berma um passeio para gente de pé (*crepido*) e ao lado de uma delas, de milha a milha, um monolito, a maior parte das vezes cilíndrico, onde eram indicadas as distâncias de Roma ou de alguma das terras principais da província, tendo alguns, longas inscrições referentes ao fazedor da obra.

Este era o tipo clássico.

Não quere dizer que fosse sempre assim, sem todavia deixar de ser estrada romana, das mais autênticas e das mais caminhadas.

Condições houve de terreno, de clima, de indústria local, de celeridade, etc., que muito influiriam para que a estrada romana não pudesse ser restrictamente o que a grande arte da viação prescrevia.

Estamos certos que a de *Scalabis*, passando por *Sellium* a *Aeminium*, se, no todo não pôde ser um exemplar perfeito, completo, clássico, foi-o todavia em parte, menos pela dificiência dos homens do que da diversidade dos terrenos atravessados por ela.

É por isso que, dessa estrada, o que resta, visto por nós e visto por pessoa que tem toda a autoridade pelos seus conhecimentos especiais do assunto e pela tradição, revela-nos uma estrada romana que, ligando *Sellium* àquelas cidades, teve além disso o importantissimo papel de ligar as duas províncias imperiais: a Lusitânia e a Tarraconense.

Podem-nos objectar que não se conhecem hoje miliários além daqueles de que já falamos, que a autentiquem.

Também não os conhecemos, indo ela por outro sítio.

E demais, não é de admirar o terem escapado sómente os que de Thomar foram para o Museu do Carmo, numa região tão talada, desde sempre, à excepção de uns quatro séculos, precisamente quando julgamos que ela tivesse sido construida, numa região em que a vida pre e pro nacional há sido de intensidade tal que, raro é o que tem escapado a êsse redemoinhar de lutas, a êsse construir e destruir constante através de tantos séculos.

Desapareceram : uns jazerão ainda enterrados, outros reduzidos a pó de tanto rolar sobre êles e outros talvez convertidos em brita, ao construir-se a estrada n.º 51, como muitas das poligonais da *agger* estarão limitadas hoje a miseraveis particulas, nalguma infima camada de sedimento que aos vales profundos os ventos e a água dos céus arrastaram, depositando-as aí.

Por aqui seria, pois, a estrada romana do *Itinerário* e não aquela para que mais se inclinou o eminente epigrafista Hübner que, na sua desculpável ignorância topográfica de Portugal, não obstante ter percorrido este em longas caminhadas à busca de inscrições, a fazia de Santarém tornar muito ao ocidente para a passar perto de Caldas da Rainha [1], tendo de passar pelo desfi-

[1] *Noticias Arqueólogicas de Portugal*, dr. E. Hübner, pág 54. Versão de A. Soromenho.

ladeiro das *Bôcas* de Rio Maior, passagem de que os romanos se temiam, tendo todo o cuidado em evita-la por causa das ciladas [1].

Estudos mais seguros decerto, mas que infelizmente para nós, não aponta, levaram posteriormente o grande sábio alemão a dar-lhe nova direcção, fazendo-a passar por Thomar, pelo que se vê do mapa que vem na monumental obra do *Corpus*, de que foi um dos mais ilustres colaboradores.

Bem avisado tambem andou o ilustre e ilustrado general, sr. Cristovam Aires [2] que, tendo seguido aquele notabilíssimo arqueólogo em muitas coisas, nesta o deixou e deu, embora em traços e com algumas discrepâncias, à estrada de que estamos tratando, a mais histórica, lógica e natural direcção.

Dizemos natural, porque, referido fica já atrás, a natureza, como que ensinou ao homem que por ali era o melhor caminho que tinha a seguir ao ir do sul para o norte, no rebordo ocidental da Península, onde, por dinamisações étnicas de muitos séculos, se estabeleceria o povo português.

Vamos, pois, seguir-lhe a linha.

Vindo a influência romana das provincias meridionais como os documentos atestam, partâmos de *Scalabis* e, deixando á direita a mâmoa do *Monte Trigo*, na sua mudez secular, a atestar uma sepultura ante-histórica, a que uma lenda cristã dá alto relevo, cortemos campos e galguemos montes, coleando sempre à esquerda, as colinas que se desprendem da Serra de Aire.

Sem inclinar em demasia ás, ao tempo, muitissimo paludosas [3] campinas do Tejo, continuemos a percorrer os montes e pequenos vales, em cujo trecho os árabes deixaram *Alcanhões, Alpompé, Alviela* e *Almonda* a denominar uma povoação, de certo. anteriormente existente, uma ponte de *dorso de burro* e o rio cortado por esta e um rio que corre mais ao norte, e, abandonando, em ponto que o terreno permitisse, a estrada que seguia por *Tubucci*, (Abrantes?) a Mérida, volvamos ao norte, não à altura da Golegã, como diz aquele distinto escritor português, mas onde, pelos tempos além, se levantaria Atalaia [4], e

[1] *Miliários*, M. Capela, pág. 72.

[2] *Historia do Exercito Portuguez*, Vol. II, pág. 187.

[3] *N. C. de Arquitetura* — Possidonio da Silva, pág. 32.

[4] Quem nos não dirá a nós que o alto monte, que ao oriente desta povoação se levanta, não tivesse sido uma *especula*, onde *speculatores*, de dia (*ex-*

depois, seguindo pela charneca, passasse no fresco sítio onde mais tarde teve assento a Asseiceira [1].

Aqui descansados á sombra de velho salgueiro e saciados na, talvez já existente, fonte de límpida e saborosa água que ainda hoje ali brota, partamos e, em breve, chegados à parte mais larga do vale do rio que banhava *Sellium*, alí também não baixemos ás terras alagadas das suas margens, mas seguindo-o nas vertentes dos baixos montes que o formam à esquerda, galguemos o rio, onde a grande freqüência e a proximidade de povoação fizeram construir uma ponte que teria a forma de *dorso de burro* [2], a qual veio a ter o nome de *Ferrarias,* hoje completa-

cubitores) e de noite *(vigiles)*, estivessem por este tempo na constante observação das duas importantes e concorridas estradas, e mais tarde, sob o domínio árabe, as atalaias (atalai) e daí o nome de Atalaia com que já, há séculos, é conhecida a vila que em baixo foi creada?

[1] O termo da Asseiceira ou por outro *Ceiceira* aparece pela primeira vez na história no primeiro quartel do séeulo XIII, em que figura o mestre da Ordem dos Templários peninsulares, Pedro Alvitiz, como dadôr e Payo Farpado recebedor dêsse logar para nele construir uma albergaria.

Ali, na *conchada* da Bezelga, à beira da velha estrada de Coimbra a Santarém, era precisa essa albergaria, porque a concorrência de transeuntes era grande e a de. . ladrões tambem.

Por isso nós hoje vemos nas *Chancelarias* e nos *Livros da Extremadura*, na Tôrre do Tombo, algumas referências ao estabelecimento e restabelecimento dessa albergaria e povoamento do sítio, para o que, no nosso entender, houve necessidade de dar-lhe foros de município, assim como à Atalaia, para com esses previlégios e regalias mais facilmente serem induzidos os povoadores, custosos, pelo que se depreende dessa documentaria, a fixarem-se ali.

[2] Esta configuração depreende-se : primeiramente dos encontros que eram baixos, embora o do poente pudesse ser alto, não o era, porque a estrada vinha pelo pé do monte, e em segundo logar porque ainda hoje se vêem restos do pequeno arco deste mesmo lado que bem mostra o princípio baixo da ponte e, como esta devia ter maiores arcos do que aqueles para dar vazão ao abundante caudal do rio, no centro, decerto, haveria um ou dois arcos de grande flecha, dando origem à ponte de *dôrso de burro,* sistema que muito foi também seguido pelos romanos.

Desejavamos dizer de quando ela virá, mas, sem elementos para tal, só hoje, nos seus alicerces, vêmos restos de construção feita por quem os bem sabia fazer, não nos repugnando, por isso, aceitar a sua origem romana.

Esta ponte foi aqui construida, no nosso humilde pensar, porque ao seguimento da estrada, opunha-se o monte que vinha, em rápido declive, morrer no rio e não só isso, que seria o menos, mas também a lezíria, que se extendia do outro lado dele, o qual muito alagada era pelas águas do rio e

mente destruida, mas que no século XIV ainda dava passagem, segundo Fernão Lopes, na sua *Crónica de El-Rei D. João I.*

Transposta, e andados alguns metros, temos a colina onde se levantaria *Sellium.*

Passada, pisemos as poligonais pedras da calçada que os le-

pelas de três ribeiros, *Agua de-Maias*, *Sete Montes* e *São Gregório* (como hoje são conhecidos), que nela vinham desaguar, concorrendo para o seu encharcamento.

ESTATUA MUTILADA NO TOPO SUL DA MURALHA SEBASTICA

Estes inconvenientes — o obstáculo do quasi vertical monte de cré e o encharcamento da planicie que, no meado do século XIII, era apelidada de *Nava de Juncoso* — deviam ter sido insuperaveis desde sempre, a ponto de só no reinado de D. Sebastião ser levada avante a obra necessária para ligar Thomar, em todo o tempo, de inverno e de verão, com o sul, pela margem

gionários e os vencidos, nas horas de lazer e de necessidade, construiriam por causa da natureza lamacenta do terreno, e cujos vestígios ainda se afirmam no nome do logar das *Calçadas*, a três quilómetros de Thomar.

Depois, sigamos adeante, entre colinas doces, por onde se estira hoje a estrada macadamizada e outrora a via que estamos reconstituindo, de que, ao lado, vemos ainda restos, desfigurados sim, mas antiquíssimos e desçamos ao *Freixo*, para passarmos um pouco além, ainda mais baixo, o importante curso de água

direita, deixando-se para isso de galgar o monte um pouco mais a oeste por caminho bem declivoso

E tal foi a importância desta obra, que se resumia numa muralha resguardadora do rio e numa calçada que ainda conhecemos, contornando, pelo sul, a vasta e baixa chã, que uma memória foi levantada no extremo norte da muralha, no último ano da regência do cardeal D. Henrique na menoridade de D. Sebastião, perpetuando o facto.

Dessa memória, a que chamamos *Padrão sebástico* para o diferenciar do outro que está colocado antes do topo sul da muralha (aqui levantam-se os restos duma estátua que damos em gravura, mas cuja representação ignoramos), o qual Ayres do Quental naturalmente fêz ao mandar construir a capela próxima de S. Lourenço em solenização do alardo de 10 de Agosto de 1383 das tropas de D. João I e de D. Nuno Alvarez Pereira na ante-véspera da memorável batalha de Aljubarrota, reproduzimos dela, em gravura, a parte onde abriram uma inscrição. Esta está na face oposta ao rio e olhava para a calçada que, com o nome de *Carreiras*, seguia no sopé do monte do *Piolhinho*, entrando na cidade junto á capela de S. Sebastião, hoje demolida, passando em frente do convento de S. Francisco, cuja primeira pedra foi lançada em 1625 por Fr. António de S. Luis, natural do Porto.

Paremos um pouco e vejâmos o que pudémos apurar sobre a capela do Mártir da ira de Diocleciano, visto o camartelo camarário a ter deitado abaixo já há um bom par de anos.

Segundo o manuscrito de Alvaro Florim que existe na Tôrre do Tombo sob o número 50 de *Cristo*, ela teve a origem seguinte:

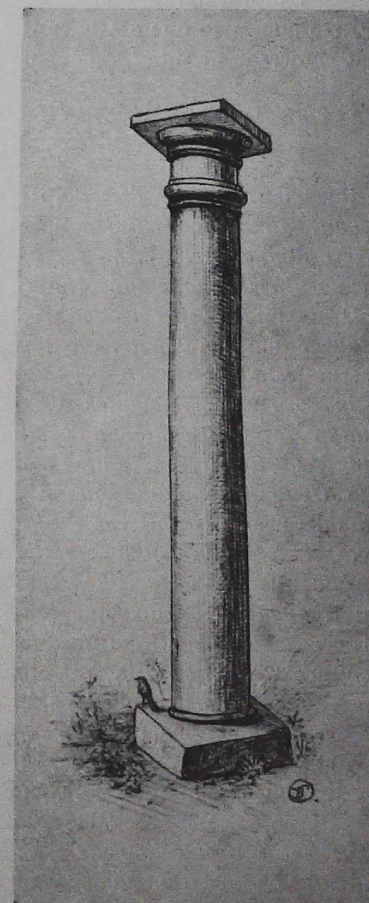
Havendo nesta vila e têrmo de Thomar uma grande peste e assim era geral néste reino, assentaram todas as pessoas dela fazerem a casa á honra e louvor do Mártir S. Sebastião para que N. S. nos quizesse fazer esta mercê de aplacar e nos livrar dela e de facto fizeram esta que temos na Várzea Grande. E para que vejam os vindouros o que estes dois homens abaixo declarados, não sendo naturais desta terra, passando por aqui se inclinaram a fazer á honra e louvor dêste santo como fizeram. Esta bula abaixo foi concedida em Roma a 20 dias do mês de Outubro de 1465 e já havia tempo que esta igreja se fazia quando estes dois homens aqui passaram.

E quando se fazia a dita igreja acertou de passar por aqui um homem de

que neste ponto toma o nome de *Ribeira de Cêras*, por encostar a este logar na velha e arruinada ponte de dois arcos, a qual, se não é dos romanos, terá os seus fundamentos na que por êles ali tivesse sido construida e assentados n'uma pedra que talvez fosse das das suas guardas, pois ainda não ha muito que essa ponte as tinha, historiemos um pouco.

lá de cima da Beira que devia ser pessoa honrada e rica e foi ter à dita igreja que então se fazia e perguntou de que orago era, disseram-lhe os que ali andavam que se fazia à honra e louvor do Mártir S. Sebastião para que nos livrasse da peste que anda. Disse êle então, eu vou para a Ilha da Madeira e se N. S de lá me traz eu lhe trarei toda a madeira de cedro para ela e para as portas e por isso não se compre aqui nenhuma.

Foi seu caminho para a dita Ilha da Madeira e quando veio trouxe toda a madeira que foi necessária para o corpo da dita igreja e para a capela da qual se madeirou como hoje em dia está, assim as asnas como caibros e quatro linhas que tem no corpo da igreja. As portas da porta principal tambem se fizeram do dito cedro e assim toda a madeira da capela.

E assim neste tempo acertou de passar por aqui um homem e chegou á beira da igreja que se fazia e perguntou que ermida era aquela, disseram-lhe que era a louvor do Mártir S. Sebastião por causa da peste: Eu vou para Roma e chamam-me Afonso Galego e se N. S me deixa tornar por aqui eu lhe trarei uma bula de lá para os que fizerem nela esmolas á honra do Santo ganhem muitas graças e perdões e de feito foi e veio e trouxe a bula que disse cujo treslado é este que eu Alvaro Florim treslade e se tresladou da própria que a dita igreja tem e é concedida por quatro cardiais da sacrossanta igreja romana aqui ditos na dita bula cujos nomes são êstes: Hassarion, bispo de Toscana; Alano, do título de Santa Praxédes; Angelo, do título de Santa Cruz em Jerusalém; Bernardo, do título de Santa Sabina; e a entregou a dita bula tanto que chegou a esta vila ao juiz e mordomos da confraria do

COL.ª DA CAP.ª DE S. SEBASTIÃO

Acabava neste local o bispado de Coimbra e começava o distrito (*Nullius*) do castelo de Cêras, que Gualdim Paes recebeu, em Fevereiro de 1159, de boa vontade, ao ver liquidada a velha questão do eclesiástico de Santarem.

Sem detença, célere, como era seu ardente desejo e grande necessidade de defesa da terra pátria, começou logo ali a reconstruir, no viso do cêrro da margem direita da ribeira, a uns oitocentos metros, onde hoje se chama *As Castelhanas*, o velho castelo, romano, segundo a tradição, no qual, defendído por aquela,

---

dito santo e tanto que a entregou veio a adoecer logo e faleceu, pelo que o juiz e mordomos o mandaram enterrar e jaz enterrado na dita igreja junto do altar de Santo Amaro e tem a sua cova uma campa de pedra curta.

Digo que tanto que o Afonso Galego entregou a dita bula adoeceu e morreu e jaz enterrado na dita igreja como aqui tenho dito.

Treslado da bula em linguagem porque ela está em latim e a tem o juiz e mordomos de S. Sebastião

Hasarion, bispo de Toscano, Alano, título de Santa Praxédes, Angelo, título de Santa Cruz em Jerusalém e Bernardo, título de Santa Sabina por misericordia divina cardiais da sacrossanta igreja romana a todos e cada um dos fieis de Christo saúde para sempre em o Senhor:

O glorioso e supremo Senhor que ilumina o mundo com sua inefável claridade então principalmente favorece com divino favor aos fieis quem em sua majestade imensa esperam quando a humildade dos seus é ajudada com as orações e merecimentos dos santos, desejando portanto nós que a capela ermida de S. Sebastião no campo de Thomar e diocese de Coimbra situada, seja freqüentada com santas honras, e juntamente seja frequentada dos fieis de Christo e desejando que a dita ermida seja reparada em seus edifícios como deve ser e se conserve e seja provida de ornamentos e livros eclesiásticos e em ela seja aumentado e acrescentado o culto divino e para que os fieis de Christo que são os cristãos com mais vontade e devoção vão á dita ermida e a frequentem e para que com mais zêlo para ela dêem sua esmola o que farão quando se sentirem favorecidos com os dons de divina graça, nós tambem inclinados ás petições de nosso amado em Christo, Afonso, galego, leigo, da diocese de Compostela que nos fêz as ditas petições confiados em a misericordia de Deus todo poderoso e em a auctoridade de S. Pedro e S. Paulo, apostolos, portanto a todos os fieis christãos que com verdadeira penitência e confição que em dia de S. Sebastião e em dia da Ressurreição do Senhor e em dia da Assumpção de Nosso Senhor e em dia de Todos-os-Santos visitarem devotamente a dita capela em cada um ano e derem suas esmolas para reparação da dita capela e para o mais necessário a ela como está dito nos ditos cardiais a saber cada um de nós a todos que em cada um dos dias de cada uma das ditas festas fizerem o sobredito lhe relaxemos cemdias de perdão de suas penitências

como profundo fosso, podia o já ilustre mestre templário afrontar as injúrias dos berberes e impedir-lhes a passagem, vindo do sul, na obrigada estrada, que, devido às disposições dos montes, nesse trecho, tinha uma como portela, sítio que se perpetuou no, a seguir, logarejo da *Portela* de Vila Verde.

---

durando as presentes graças e indulgências para sempre e para testemunho e fé de tudo e de todos mandamos passar as presentes letras e seladas de nossos signais com sêlos pendentes. Dadas em Roma em as casas de nossas acostumadas residências em o ano do nascimento do Senhor de 1465 em 20 dias do mês de Outubro do pontificado do Santissimo em Christo pai e senhor nosso o senhor Paulo por divina providência papa segundo em o ano segundo.

A peste que determinou fazer esta capela, foi decerto a que levou D. Duarte á morte a dentro dos paços do Castelo de Thomar e que por largo tempo assolou o pais.

A capela de S. Sebastião, a que nós conhecemos, era duma só nave e não apresentava caracteristicas de ter sido levantada no meado do século XV, època em que ainda imperava grandemente o ogival, conduzindo-nos a crêr que sofreu, pelo tempo adeante, grande restauro, visto as pestes tambem serem grandes, o que causaria refervescencia na fé por S. Sebastião em novas gerações para ser feita aquela restauração em clássico, como evidentemente se patenteava na colunata toscana que a contornava pelo norte e poente, sustentadora dum alpendre.

O resto da construção condizia com este estilo, a não ser a pequena sacristia que seria do primitivo edificio.

Volvamos agora à memória sebastica que, no seculo XVIII, tinha o nome de *Cruz Nova*.

A inscrição, embora estejam picadas as linhas 4.º 5.º e 6.º, diz em latim:

HOC. EXORSVS
OPVS SVB PRIMO
REGE SEBASTO :·
PRAETOR AZEVE
DVS CLAVSIT HO
NORE ABIEMS : ·
ANNO · A XPO ·
NATO 1567 : ·

A sua leitura dá o que aqui fica, até mesmo com o M em logar de N em ABIENS em que, apesar de picado, se vê bem escrito o M.

Erro de quem compôs o latim, ou de quem o esculpiu?

A sua tradução clássica deve ser:

O alcaide Azevedo, tendo dado principio a esta obra no reinado de D. Sebastião 1.º terminou (a) ao largar o (seu) cargo no ano do nascimento de Cristo 1567.

Restos importantes devia ainda haver desse castelo, para que Gualdim Paes fosse levado, tão rapidamente, a reconstrui-lo, sem atender que ali, naquele local, devia ser o têrmo do bispado de Coimbra e sem fazer um prévio reconhecimento a todo o território que lhe pertencia, a fim de ver se melhor sítio nele existiria para séde da sua leal Ordem, como fez em breve, uns doze mezes depois, sendo obrigado a abandonar essa posição; por outra se lhe deparar mais e muito mais favoravel — um padrasto defronte das, também romanas, ruinas de *Sellium*.

Explicação dessas faltas só a encontramos na urgência do

Quem foi este alcaide e qual a razão da redacção desta inscrição, não podemos saber.

Da picadela daquelas linhas, onde ainda assim ê facil a leitura, tambem ignoramos o motivo de tal destruição.

Esse malificio, vê-se bem que foi consciente, isto é, foi propositado e denota ser muito antigo, quiça do tempo do pretor Azevedo.

Pela sua *patine*, parece ter sido feito após a obra ou proximamente, o que nos traz a ideia deste pretor, alcaide, sendo thomarense, ter seguido, treze anos depois de largar o lugar, o partido de D. Antonio, prior do Crato, como Thomar á voz do bispo da Guarda e do conde de Vimioso, e que ao ter que passar por aquela estrada Felipe I, os miseros cortesãos por vindicta, apagassem o nome do independente cidadão.

Ou despertaria a conclusão desta obra invejas mal contidas durante a sua feitura, as quais explodiriam ao terminar a autoridade de Azevedo e dai os seus inimigos tentarem fazer desaparecer sómente aquelas palavras que mais directamente lhe dizem respeito?

Ou que odios não suscitaria a sua ação na administração da sua alcaidaria?

Impossivel nos foi saber a razão de tal dano, o qual feito como está parece mostrar aversão ao fazedor de tão importante e necessária obra.

A que largas considerações dava aso esta inscrição picada como está!

Não o fazemos para não alongar esta obra de pura investigação historica e não de criticas e estudos que bem similares teriam nos tempos correntes.

Um dia, se se chegar a saber essa razão, se farão as devidas e certas apreciações.

Prosigamos.

A leziria, de que atrás falámos, tem vindo a transformar-se, atravez dos tempos, com a edificação da cidade, pelo glorioso Gualdim Paes, e com obras realizadas para a melhorar nas suas condições higiénicas e de aformoseamento, como no nosso tempo: o desvio do ribeiro de *Sete Montes* e subsequente aterro da Rua da Graça afim de passar a estrada para a estação de Paialvo, e a cobertura dos outros dois ribeiros, sendo o último, o de S. Gregorio, em 1919 a 1920.

Esta obra, que muito concorreu para o embelezamento e salubridade da

tempo ou na suposta importância estratégica do velho castelo, que não menor existia, antes pelo contrário, no ponto por êle preferido ao mudar para oèste, visto tambem ficar na mesma es-

---

Várzea Pequena, já de ha longos anos vinha sendo reclamada por aqueles que olhavam e olham desinteressadamente pela causa publica, mas foi preciso que o sr. José Gonçalves Ribeiro, devotado filho de Thomar, viesse residir de novo

INSCRIÇÃO DO PADRÃO SEBASTICO

na sua terra, incitando a que ela se fizesse, para o que concedeu gratuitamente uma parcela da sua horta, no proposito de se rectificar melhor a canalização das águas.

Eleito vereador, ainda pôde activar os trabalhos, cuja ultimação muito o honra e a vereação a que pertenceu.

trada, tão frequentada desde sempre, como temos vindo a referir.

Que nos recorda este nome de Cêras, que intitulava nesse tempo, no século XII, essa região, talada pelas hordas mouriscas que, no fragor das lutas das invasões, tinha ficado ignorada, ou desmembrada das diocêses de Lisboa, Idanha e Coimbra, fazendo por isso confirmar a Urbano III, pela bula *Justi patentium*, que suas igrejas fossem *nullius diocesis*?

Não virá este nome Cêras, da deusa *Ceres*, uma das maiores divindades dos romanos, a qual ali junto à corrente, nesse risonho e pitoresco local, regado de claras águas e de murmurantes fontes, tivesse o seu culto, em templo, celebrando as *cereaes*, festas em sua honra, à beira da via defendida por forte castelo?

Muito bem nos parece que sim e, se uma pedra cilíndrica, de 1m,20 de circunferencia, reproduzida em gravura, por símilhante aos miliários do Carmo, idos de Thomar, e que posta junto ao caminho tem vindo a servir, *ab initio* de marco divisório desses territórios, naquele ponto, principiados e acabados, fosse um pouco mais aberta na sua *efigie*, dava-nos, nela, o miliário provativo da via romana ali passar.

Levantados, deixemos a remansada Cêras de hoje, alegre na sua louçania, ouvindo os vivos melros e os solitários rouxinois nos olmeiros ramalhudos e nos esguios choupos das margens virentes da sua fresca ribeira e punhamo-nos a caminho que contínua a afigurar-se-nos ser a célebre via que os legionários de Augusto e subsequentes imperadores percorreram na manutenção de território, que tanto tinha custado a conquistar aos valentes e aguerridos povos do ocidente ibérico.

Sigamo-lo, pois, por entre as colinas que lhe limitam, mais ou menos os horizontes e onde o terreno, bastante lamacento de inverno, em virtude da rocha de que é constituido (calcáreo-argiloso), obrigava a ser construida essa via pelos preceitos da adeantada arte em que os romanos foram peritos, a calçada protegia-o, o que ficou tradicional nas de mais outras, *Calçadas*, como ainda hoje é denominado um troço de estrada, uns dois quilómetros a seguir do logar de Cêras, onde existem grandes pedaços delas que, por abandonadas, estão algo desfiguradas, como se vê na nossa gravura.

Depois contínuava, desafrontando-se aqui e ali, dos montes

que, alargando, deixam campos, que aguas de minas e de poços em que a tradicional cegonha romana (telléno) é muito empregada, fazem frutificar e aformosear.

Uma linha de água é formada mais além e a estrada passava n'uma ponte que hoje tem quatro arcos de volta redonda, a qual, pelas suas partes, denuncia remontar à longe época de que estamos tratando, assim como as próximas ruinas da Tôrre de Gayão, gigante de quem a tradição conserva memória e que por

PONTE VELHA DE CÊRAS

ali viveu e era o terror dos viageiros, morrendo ás mãos dum bem pequeno e fraco.

Rêgo da Murta assim se chama a um logar mais ao norte, que já era conhecido antes da fundação da monarquia portuguesa, por nele haver um convento *à beira da estrada de Coimbra a Santarèm*.

Não distante, há um monte que conserva o nome de *Monte Crasto*, talves antigo castelo, onde o povo acredita existir um tesouro.

Agora o vale alarga muito e, plantado de velhas oliveiras, quasi que se perde a pista da antiga estrada, que bem podia incli-

nar-se um pouco às abas da serra, onde o nome Alváiazere, dado à vila que ali estanceia, denuncía vir do tempo dos arabes, atraídos, naturalmente, por outra antiga povoação que por esse sitio existiria.

Depois, passando a via ao Barqueiro, onde nas *Calçadas* se denuncia também, embrenha-se na região montuosa, mais ao norte, cuja prova se encontra na seguinte carta que fez com que deixassemos de continuar na nossa derrota pela grande autoridade do seu signatário.

No regresso de uma bela excursão escolar a duas artisticas e historicas cidades do opulento Alemtejo e a várias povoações do lindo e poético Algarve, tivemos, durante a cumprida viagem, a ventura de ter por companheiro de comboio o distinto engenheiro, o sr. Dr. Feio de Carvalho, nosso mui ilustrado e talentoso amigo, com quem entretivemos larga conversa sobre muitos assuntos, entre êles o da estrada romana que de Thomar, no nosso parecer, seguia a Coimbra e, como o que S. Ex.ª nos referiu sobre éssa materia, éra de toda a importancia, dirigimos-lhe oportunamente a seguinte carta:

«Ill.º e Ex.º Sr.º Dr. Feio de Carvalho

«Meu muito respeitavel amigo. — Tendo sído V. Ex.ª o aluno «mais laureado do seu curso, dirigindo, mais tarde, trabalhos de «campo em várias províncias, onde encontrou lanços de estrada «romana, tendo a subdirecção e direcção, por muitos anos das «Obras Públicas do Distrito de Santarém, e sendo nado na região «por onde, segundo o que penso, seguía a via militar romana de «*Sellium* (Thomar) a *Aeminium* (Coimbra), venho por todas es«tas razões e por mais algumas que agora não recordo, pedir, «obsequiando-me, que me elucide sobre o seguinte:

«Lembra-se V. Ex.ª de haver pedaços de calçada romana, «pouco mais ou menos, em sítios que foram cortados pela estrada «n.º 51?

«Essas calçadas, pela sua antiguidade e uso, estavam de certo «um pouco desfiguradas, mas apresentavam ainda evidentes tra«ços de terem sido construidas segundo os princípios que os ro«manos empregavam?

«Agradecendo com toda a consideração a resposta, fico sendo «de V. Ex.ª. — Amigo muito certo e creado muito grato. — (a) «*Vieira Guimarães.*

S. Ex.ª respondeu-nos o seguinte que muito nos penhorou:

«...e Presado amigo Dr. Vieira Guimarães. — Dignou-se V... «dirigir-me uma carta com o fim de eu lhe prestar alguns escla«recimentos sobre um assunto que anda estudando — *directriz «da estrada romana entre Thomar e Coimbra.*

«Pouco posso dizer a V... já pela minha pouca ou nula com«petência, jà por ter de prestar atenção a outros assuntos, con«tudo relatarei a V... factos passados na minha mocidade.

PONTE VELHA DE CÊRAS

«Percorri muitas vezes o caminho entre Louzã e Ancião, «passando pela povoação hoje vila, do Espinhal, antes da constru«ção da E. N. n.º 51 — Segade á Barquinha — na parte compreen«dida entre Miranda do Corvo e Venda das Figueiras.

«Actualmente, ao entrar no Espinhal, está o marco quilome«trico n.º 11, da E. N. n.º 51, sendo a origem da quilometragem «Miranda do Corvo, e antes d'ali chegar, entre os quilometros n.ºs «10 e 11, no caminho outrora seguido, encontravam-se pequenas «extensões de calçada, formada de pedras calcárias, de diversas «dimensões, com as superfícies regularisadas, limitando a calçada «fiadas de pedras, análogas ás da zona central, alinhadas exterior-

«mente. Os pequenos troços de calçada, então existentes, julgo «que teriam sensivelmente a mesma largura.

«Fariam parte de uma estrada romana estas pequenas exten-«sões de calçada? Não o posso afirmar, contudo julgo que a sua «superfície satisfazia aos característicos das estradas romanas, «não podendo dizer se as pedras que formavam a superficie da «calçada assentavam sobre maciços de outras pedras, como deve-«ria acontecer sendo construção romana.

«Entre os logares da Venda das Figueiras e Tojeira, por onde «passa a E. N. n.º 51, vi tambem pequenos troços de calçada, «análogos aos que se encontravam nas proximidades do Espinhal.

«Seriam as pequenas extensões de calçadas mencionadas res-«tos de antiga estrada romana? Talvez, já pelo que á simples «vista mostravam, já por me parecer que os habitantes das locali-«dades onde se encontravam, não disporem de meios, nem de «operários para executarem caminhos semelhantes ás estradas «romanas.

«Nos caminhos que percorri, entre Miranda do Corvo e Espi-«nhal, não encontrei quaisquer tróços ou vestígios de calçada «análogos aos que ficam mencionados.

«Se estas porções de calçada pertenceram à estrada romana, «como se pode supôr, deveria ela seguir, nas proximidades do «quilómetro 10, diretriz diferente da que foi dada à E. N. n.º 51, «afastando-se para poente, em direção à antiquissima vila de Pe-«nela, atravessando o Rio Eça, e passando, naturalmente, no sopé «do monte em que está edificada e próximo das muralhas.

«Se ali passou, é natural que existissem, ou ainda existam, «vestígios nas proximidades da vila.

«Para confrontação da diretriz da estrada romana considerada «por V. com as estradas agora existentes direi, que actualmente «o trajéto entre Thomar e Coimbra se póde efectuar por dois «itenerários fazendo parte de ambos consideráveis extensões da «E. N. n.º 51.

«Um, que é o mais seguido, compreende da E N. n.º 51, a «extensão de Thomar, Cabaços, Venda das Figueiras, até à ori-«gem da E. D. n.º 101 situada entre os quilómetros 13 e 14; «da E. D. n.º 111, desde a sua origem, atravessando Penela, até «Condeixa. Nesta vila a E. D. n.º 111, cruza com a E. N. n.º 10, «que se utiliza até Coimbra.

«O outro tem o troço comum da E. N. n.º 51 até à origem «da E. D. n.º 111, continuando pela mesma E. N. n.º 51, pas-«sando pelo Espinhal até Miranda do Corvo. Desta Vila para «Coimbra segue-se por estrada macadamisada até ao Rocio de «Santa Clara, onde liga com a E. N. n.º 10.

«Como é de nula importância o que deixo exposto a V... «rapidamente concluirá que para nada serve o que escrevi. — «Sou com a maior consideração de V... gr.de admiradôr e «amigo m.to grato — (a) *Dioc eciano Feio de Carvalho*».

De nada serve, diz S. Ex.ª na sua grande módestia, mas nós é que dizemos que serve de muito.

Por esta carta da autoria de um ilustre engenheiro, se chega quasi á convicção de que a estrada que passava em *Sellium* na direção de *Aeminiumria* ainda não há muitos anos, apresentava evidentes vistígios da sua existência, na parte que não precisamos de percorrer, escudados nos preciosos elementos que S. Ex.ª nos facultou.

Todas as presunções há, pois, para concluirmos que a via romana de *Scalabis* a *Aeminium*, seguia o trajecto que lhe temos assinalado, verificando-se por tudo que deixamos exposto, que não é muito arriscado localizar *Sellium* nas margens do rio que hoje tem o nome de Nabão.

Poderiamos afirmar que sim, mas a nossa meticulozidade diz-nos que só documentos irrefutaveis é que se aceitam em Historia.

Se êles aparecerem, confirmarão o que hoje não podemos dar absolutamente por verdadeiro.

Na relativa certeza de hoje, continuamos, pois, a ver na *Sellium* do *Itenerario* e de Ptolomeu, a avoênga da povoação fundada pelo egrégio Gualdim Paes, no sopé do monte, onde levantou o seu valente castelo para quartel da sua heróica milícia.

Localizada assim, ocorre preguntar: Quem a fundaria?

Imprópria pregunta é esta, se atendermos á absoluta ignorância que há sobre a maioria dos fundadores primordiais das povoações do mundo.

O tempo dos Titos Livios, dando a Roma Rómulo, já passou.

Hoje os tempos vão para os Niebuhr.

Por isso devemos antes substitui-la por estoutras :

Como se fundaria *Sellium*?

Qual a razão da sua fundação?

Já escrevemos algures que o rio de Thomar está para com a região desta cidade como o Nilo para o Egipto.

Heródoto, o grande historiador grego, refere que esse abençoado vale é um presente do Nilo e nós parafraseando o célebre escritor, dizemos, mais uma vez, que a povoação que se desenvolveu nas virentes margens do Nabão é presente deste.

Sem dúvida, nos remotissimos tempos do paleolítico, os primeiros individuos da espécie humana, que passaram por ali, com necessidade ou vontade de se fixar, quedaram-se, atraidos, na sua rudimentar estética e no seu interesseiro espírito, pela doçura do país, pela beleza da paisagem, pela abundância de água e pela fecundidade do solo, recolhendo-se nas lapas e grutas que o calcáreo lhes proporcionava. (1)

Mais tarde, saindo d'elas, no seu lento progredir eterno, armaram umas lageas.

Encostaram uns troncos e cobriram-nos com os ramos das árvores ou com as canas do rio.

Levantaram depois umas paredes de pedra solta.

Instalaram a sua ultra modesta casa e por ai comeram frutos, pescaram peixe e mataram caça, por longos anos, ao fim dos quais, outros, mais valentes em dotes fisicos ou intelectuais os desalojaram.

Estes, talvez para que sorte egual os não assaltasse, associaram-se a outros, para assim mais facilmente poderem afrontar os que quisessem destinar-lhes a sorte dos primeiros, e emquanto lhes fosse possivel, pois outros por seu turno, tentariam, dar-lha, o que certamente viria a suceder.

Que nome teriam tido esses povos? A que raça pertenceriam?

Que raizes étnicas amarrarão ao atormentado solo da nossa querida terra a revelha árvore genealógica da nossa gente?

Qual das trinta tribus que hoje são conhecidas, como primitivas na Ibéria, por aqui estacionou?

Teriam também vindo Tejo e Zézere acima até às margens

(1) As muitas grutas das margens do Nabão ainda esperam um Quatrefages português para as explorar e estudar

atraentes e fecundas do rio de Thomar, representantes daqueles que intitularam a peninsula de *Spania*, por ela estar oculta e remota, para êles, numa extremidade do mundo, - os fenicios; ou aqueloutros que a denominaram *Hesperia*, que significa país do ocidente — os gregos? E os cartagineses também viriam até aqui em cata de ouro ou de outro mineral?.

Nada sabemos de positivo sobre tal assunto.

Tudo isto é muito obscuro e daria azo a larga e intrincada disertação, mas, no entanto, envolvendo todos estes povos e nomes num só e de tempos mais conhecidos e mais chegados a nós — os lusitanos — recordemos a altivez, a valentia e o grande amor à liberdade déstes e daí, as contendas heroicas que se desenvolveriam por êstes sítios de tanta passagem e de tantas vantagens para aqueles que, quisessem ser senhores de vêz, desta vasta região.

Dos lusitanos, ora comandados por Púnico, Césaro, ora por Cancena e Viriato, quantas vezes as devesas do rio da futura *Sellium* seriam taladas e a sua passagem forçada, assim como pelas tropas dos Atílios, Serrano, Sulpício, Galba, Lucio Lúcula, Vitilio, Plaucio, Quinto Emiliano, Metelo, Serviliano, Cepião, que, à frente das suas legiões, contra aqueles, tinham vindo de Roma no sentido de os dominar, de os conquistar?

Dezenas e dezenas de vezes!

E nos tempos de Sertório, de Pompeio e de César?

Outras e outras dezenas de vezes!

Mas nem sempre assim seria.

Horas de repouso se intercalariam nesses quási dois séculos de titanicas pelejas e dariam ensejo aos aborígenes mais sedentários, de continuar o seu rudimentar desenvolvimento industrial, na parte septentrional da grande veiga que, dum lado e outro do rio, mede alguns quilómetros.

Nêsse sítio e numa sobranceira e alta esplanada, desafogada na margem esquerda, por aí pousaram eles de certo com mais afinco, espalhando as suas colmadas cabanas, e entregando-se à exploração da região fértil e bela, que tanto devia impressionar também o legionário, que nela encontrava boa forragem (1) para

(1) Com que saudades lembramos o tempo do velho Roberto, que ao fim da rua da Corredoura, em Thomar, tinha a sua residência, e em que nós, ao

os seus cavalos do tiro e para os seus cavalos condutores de armas (*agminales*) e abundantes frutos para êle proprio.

Mansão, logar de repouso colocado aqui e ali ao longo dos grandes caminhos, destinado a servír de descanço aos corpos de tropas em movimento e onde também os viajantes encontravam alojamentos para si e as suas montadas, a par do alimento *Castra*, onde o exército passava as noites; *Aestiva*, onde na época própria, estio, as campanhas se punham em marcha, depois de aí terem feito a estação de inverno (*hiberna*) nas suas tendas (*hibernaculas*); a qualquer coisa destas, mais do que uma vêz se prestou essa suave colina, que para melhor e consentâneo fim ter, era defendida ao norte e poente pelo rio e ao nascente e sul por fôsso, cavado pelas águas dum ribeiro, particularidades estas muito apreciadas pelos romanos em obediência aos seus princípios de estratégia.

Por outro lado, colocada a meia distância, diferença de duas milhas, a menos, do *convento Scalabicastro* a *Conimbriga*, aqui segundo a ordenança, pousavam, assentavam arraiais as tropas, que vindas daquelas cidades com dois dias de marcha, tinham que descansar um, e tambem para provisão dos seus *commeatos* em geral e das suas *sarcinae* em particular.

E não era só o soldado que, cansado de tanto andar, fatigado de tanto correr, procurava, nas frescas margens do pitoresco rio logar delicioso e apetecido, tambem as mulheres e todo o povileu que acompanhava as legiões, o que levaria os *mercatores* a estabelecerem ali, perto do acampamento, várias casas de negócio, para utilidade de todos e para satisfazer as exigências e necessidades dos militares, a quem a administração do exército não podia corresponder de todo.

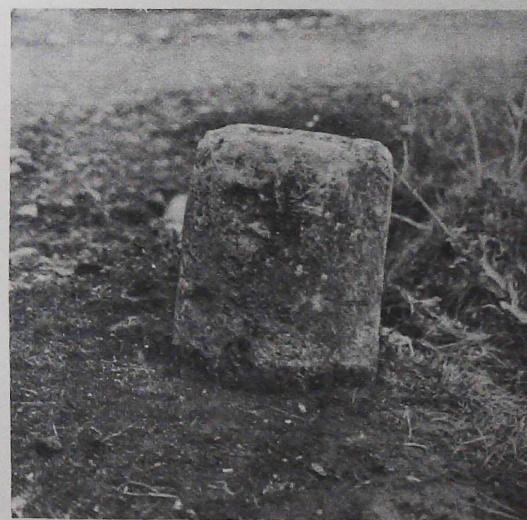
Daí, dêsse logar de descanso, dêsse acampamento, dêsse propício *assênto*, o nome próprio de *Sellium*, fórmula ultima registada nos clássicos, no qual vamos encontrar a raiz *sel*, que em

---

sairmos da sua aula, iamos para a ponte próxima e viamos, pela primavera, as fortes guardas de pedra desta, cobertas de molhos de erva (ainda hoje há êsse costume em menor número todavia e não n'aquelas guardas, por já as não haver mas no muro da Levada) que eram comprados pelos caminheiros para as suas montadas que, mais do que uma, vinham cansadas da velha estrada que decerto vira as águias romanas!!

latim alterna com *sed*, e sob esta forma, a mais corrente, produziu tantos derivados como *sedes, sedile*, etc, e que pela evolução dos sons deu na Edade Média *selho*, como a seu tempo veremos nas tradições do logar.

Parece-nos pois, que todas estas razões concorreram para que, principalmente depois da pacificação, se reforçasse em forte núcleo de população, o que tenue era e que, tomando, pelo fim a que se destinava, aquela denominação, foi engrandecendo com o andar dos tempos até que chegou, talvez, a ter foros de municipio.

Aceito deste modo o nome e o local da povoação romana de *Sellium*, por antecessora da hoje cidade de Thomar, passemos, d'ora àvante, da hipotese á realidade, chamando-lhe Sellium.

PEDRA CILINDRICA OUTRORA MARCO MILIARIO (?) E HOJE MARCO DIVISORIO DOS CONCELHOS THOMAR-FERREIRA E DAS DIOCESES COIMBRA-LISBOA

II

QUISÉRAMOS restaurar de Sellium as suas humildes casas, as suas estreitas ruas, as suas acanhadas praças e até mesmo os seus monumentos; quiséramos levantar do pó dos séculos êsse meandro de construções; assistir á vida íntima dos seus habitantes e ressuscitar as suas festas, as suas lutas políticas, que decerto haveria, ao eleger os seus magistrados, os seus edís, como município, se foi, para dar um palido quadro, mas falecem-nos os documentos.

Escura é a sua historia, emudecendo portanto a nossa narrativa, parando a nossa penna.

Ninguem, como nós, tem tentado mais, sentindo só a fraqueza do nosso esforço, engrandecer Thomar, honrar a memoria de seus filhos ilustres, desvendar a sua nobre história, defender e propagandear a sua sublime e patriótica arte, enaltecer a sua linda e acolhedora paisagem, a sua variada e importante indústria, e quere-la colocar, por todos estes motivos, na posição a que tem jus; mas dar-lhe avoengos e grandezas que os documentos não provaram até hoje, repugna-nos por ver que vale mais referir ascendentes humildes, embora provaveis, do que de alto coturno e que não possam apresentar a devida certidão de baptismo.

Fantasias não alimentamos.

Lendas dissecam-se.

Ainda não ha muito que lemos num distinto escritor francês [1] o seguinte que tem aqui todo o cabimento:

---

[1] Gaston Paris *La Litérature Normande*, Paris 1899, pág. 45.

«O verdadeiro patriotismo pretende acima de tudo apoiar-se na verdade, afasta as ilusões e procura fundamentar a consciência do presente e a esperança do futuro no conhecimento exacto e no sentimento justo do passado.»

Tambem não menos certo é o que diz o nosso grande historiógrafo A. Herculano ([1]) quando, referindo-se á moderna crítica das fontes historicas, cita historiadores como Bank, Guisot, etc., e escreve: «é a estes typos que hoje forçosamente ha de tentar aproximar-se quem escrever historia, que não sejam histórias, se não quizer desonrar-se e desonrar a literatura do seu país».

Despir as lendas, tirar-lhes a roupagem fantasiosa, aproveitando o que elas de verdade encerram, procurar documentos verdadeiros, interpretá-los como a crítica nos ensina, é pois, o nosso dever, fundando a historia em bases sólidas e lógicas, tanto quanto possa ser, para ensinamento do presente e esclarecimento do futuro.

Devemos fazer em Thomar o que modernos escritores ([2]) fizeram em Evora e Viseu, desterrando de lá os Sertórios e os Viriatos, por nada haver que prove a sua existência naquelas cidades.

Posto isto, vamos ao local em que assinalamos Sellium e vejamos o que ele nos diz, o que ele nos revela no seu segredo de séculos.

Ocupava ela uma área da configuração de um triângulo, cuja base estava voltada ao norte e era formado aproximadamente pela linha das ruas de Thomar que hoje têm os nomes de Larga, Poças e Carrasqueira, até Santo André, e os lados: um, pelo rio e o outro pelo ribeiro que tem ao presente o nome *das Canas*.

Calculamos a sua superficie em uns 300:000m².

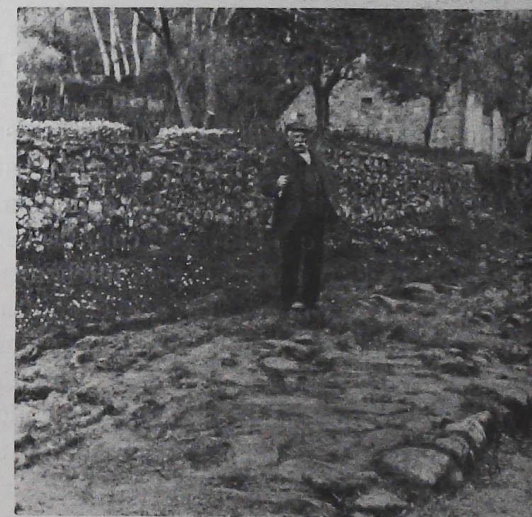
E' especialmente neste triângulo que se têm patenteado, com a maior evidência, os vestigios da realidade de Sellium.

Moedas, tijolos, inscrições, lares, alicerces, fragmentos de es-

([1]) *Opusculos*, Tom. III pág. 71.

([2]) Gabriel Pereira, *Renascença*, pág. 110, e *Estudos Eborenses*, n.º 2, *Evora Romana*, 1.ª parte, pág. 9 e 11. Dr Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania*, vol. III, pág. 161.

tátuas, pedras aparelhadas de cornijas, lucernas, mós de moinhos de mão, de tudo tem aparecido, confirmando a nossa convicção de que ali, naquele sítio, é que foi a séde da antiga povoação antecessora de Thomar, nos tempos remotos da dominação romana.

Apesar disso, os poucos e truncados restos que hoje dizem da sua grandeza, são bem fracos para ajuizar dela, mas os suficientes para indicar ali a existência duma povoação que, se não teve a importância de se notabilizar a outros escritores classicos, além dos apontados, a ponto dela falarem, de certo modo

RESTOS DA ESTRADA ROMANA (?) EM CÊRAS

foi de importância para chegar até nós, depois de tanta confusão, através das idades, por que passou a Lusitânia e muito principalmente, note-se bem, por não ser amuralhada e estanciar á beira duma estrada de tanta concorrencia.

Num terreno que está ao norte do muro do cemiterio de Santa Maria e que faz hoje parte da cêrca da casa de habitação do sr. Joaquim Barbosa, e que podemos tomar pelo centro do triângulo descrito, fez-se em 1893 uma plantação de bacelo, e por essa ocasião, muitos pedaços de tijolos, de telhas, de pe-

dras aparelhadas, etc., etc, foram encontrados, mas de somenos valor.

Só uns bem trabalhados pedaços de estátua ou de estátuas de marmore, tambem achados ali, têm grande valor.

A arte que eles revelam é bastante adeantada e patenteia serem de periodo de brilhante civilização.

As nossas gravuras mal os representam, mas dão ideia, embora apagada, das suas belas linhas artisticas, mostrando que teriam pertencido a obra de merecimento.

As moedas, encontradas nessa ocasião e fóra dela, [1] são especialmente do tempo dos imperadores, o que confirma o desenvolvimento da povoação sellienense ter-se dado de Augusto por deante.

Têm aparecido dêste imperadôr, de Tibério, de Constâncio, de Marco Aurelio, de Licínio e de Constantino.

Há-as, pois, dos quatro primeiros séculos da nossa idade.

De Tibério, descobriu-se uma ao ser plantada a bacelada referida, a qual seria de alto valôr, se estivesse completa.

Contudo esta moeda, que é de bronze, com 0m,028 de diâmetro, podia estar mais mal conservada, mas infelizmente, logo na parte que tem a maior importância, é que se encontra danificada, não se podendo lêr todo o nome da terra que corresponde â palavra nitidissima de *Municip*, para se tèr a absoluta certeza da sua procedência, esclarecendo aqueles que, ao ter ela aparecido, logo lhe ligaram a cidade de Nabância, remontando-a aos distantes tempos de Augusto.

Não se liga a êsse sítio e tambem nada se relaciona com a povoação em cuja área foi encontrada = Sellium.

Tem ela no anverso uma figura humana, circundada pelas palavras *Ti. Cœsar Divi Aug. F. Augustus* e no reverso a cabeça dum boi, tendo por cima a palavra muito legível *Municip.* e por baixo sómente as letras *um*, estando as primeiras da palavra, como que amachucadas. Reproduzimo-la em gravura.

Precisamente do mesmo diâmetro, é ela um dos vulgares médio-bronzes do município da Hispanha Citerior, *Cascatum*,

[1] Destas, as que nos têm vindo parar às mãos, oferecemo-las há tempo, ao Museu da *União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*, em Thomar, onde podem ser estudadas.

povoação que ainda hoje existe, com o nome de Cascante, na província de Navarra, a duas léguas ao sul do Ebro.

Para comparação, damos tambem em gravura uma moeda dessa cidade que copiamos da notavel obra de Delgado — *Nuevo Methodo de Classificacion, etc.*, tom, III, pág. 77, e para confirmação temos a opinião abalizada do notabilissimo arqueólogo português, o sr. Dr. Leite de Vasconcelos que no *Arqueólogo Português*, vol. I, pág. 13, descreve a achada em Thomar.

MOEDA ENCONTRADA EM THOMAR

Pêna foi uma pedra descoberta, no angulo norte-poente da base da quadrada torre de menagem do castelo de Thomar, quando do desentulho em 1912, ter as palavras em bela letra do

MOEDA DE «CASCATUM»

século I de 0m,095 de alto na primeira linha e de 0m,07 na segunda que dizem

GENIO
MVNICIPI

e não nos dizer mais nada, deixando-nos obscuros, como antes de ser encontrada.

Parece que o mais certo é ela querer referir-se mais ao deus do município do que a uma própria cidade com essa regalia.

Seria esta pedra pertença de algum templo da cidade romana,

a que temos vindo a chamar Sellium, trazida para ali, como as que vamos referir?

Ou ligar-se-hia às proprias regalias que Sellium teria, como municipio, se é que as teve?

Tudo poderia ser, mas nós é que nos quedamos por carencia de provas.

Mudas são tambem sobre o assunto, as pedras das ruinas que Gualdim Pais aproveitou para construção da sua fortaleza e que existem com inscrições naquela torre. São elas:

Na face que olha ao nascente e a tres metros do solo, perto de uma forte porta da alcâçova, mostra-se uma lagea de mármore ordinário, a qual, no seu destino primitivo, estaria em pé e que o alvanèo do século XII deitou, respeitando, no entanto, a inscrição, cuja leitura é:

PIETATI
AVG·SACR·
VAL·MAXIM.INMEM·
SVAM ET FILIARVM SVA
HAEC SIGNA P·

Completando-a ficará: *Pietati Augustae Sacrum. Valerius Maximus in memoriam suam et filiarum suarum haec signa possuit* (¹).

Encerra esta pedra um voto á deusa *Pietas*, que teve vasta adoração por todo o Império Romano, chegando a ser-lhe levantado um templo na capital por Acilio Glabrio.

E como não devia ser?

Deusa que presidía particularmente á ternura domestica devia ser adorada pelos bons romanos, aqueles que ainda conservavam, por costume, a austeridade de outrora, e que, agora, no meio lôbrego e lodacento do império, fugiam, consagrando-se a uma vida de amor, harmonia, concentração, dispondo-se a remediar e a mitigar, ás ocultas, os males alheios.

Quem sabe se este Valerio Maximo consagrou mais do que uma estatua, como a palavra *signa* quere indicar, mostrando-nos hoje a grande adoração que em Sellium haveria pela candida devindade?

(¹) Dr. Leite de Vasconcelos: *Religiões da Lusitânia*, pág 303. Vol. III.

E quem nos diz a nós, que êsse culto há sido nessa povoação tão arreigado que, no continuar dos anos, perpetuado fôsse e, do paganismo passasse ao cristianismo, dando origem, no seculo XVII, á grande devoção de ser levantada, senão reedificada, a Nossa Senhora da Piedade a ermida (¹) que vemos no alto do monte, ao norte de Thomar, e cuja imagem nós todos, os thomarenses, tão viva temos em nossas almas de afilhados reconhecidos?

(¹) Descabeçado o monte, fizeram um terreiro, que mais tarde foi resguardado por um muro com bancos, levantando-se a capela, sacristia, casa do ermitão e dos romeiros no angulo norte nascente daquelle.

A ermida, embora modesta, é muito airosa, tendo, como que numa cripta um nicho envidraçado, onde está a Senhora, em estátua grande, sobre a abobada da qual se levanta um coruchéo oitavado, que dá certa graça á linha geral da construção.

No corpo do pequeno templo e no topo junto à capela da Senhora, postam-se dois altares, um de cada lado, cuja invocação é, do da direita, ao entrar S. Francisco de Assis, o grande socialista do seculo XIII, e do da esquerda, Santo António de Lisboa, o seu glorioso discipulo, que por Pádua tanto brilhou e renome colheu.

Nas paredes ha um roda-pé alto de azulejo azul e branco de bonito efeito, e fronteiro, à porta lateral, a comumente aberta, salienta-se o pulpito.

O pavimento é forrado de pedras rectangulares, tendo uma a seguinte lapide cortada, o que prova terem sido aquellas feitas de outras maiores.

Está ao meio da capela e conserva ainda as letras que damos á estampa:

ILIA · DEA
) R · F · DE FR
VA DER · E·
ASTIOA·
I ⌒ —

A fachada principal, a do poente, apresenta duas janelas filipinas, gradeadas de ferro, tendo uma, a do sul, na verga horisontal, uma preciosa inscrição que reza o seguinte:

BR^so ORTIZ: OCHOA · AMANDOV FAZER NO ANO Q FOI IUIZ — DE 1613.

Preciosa lhe chamamos nós, mas é por ser uma inscrição bem legivel, pois outro adjectivo não lhe podemos ajuntar, visto ser pouco explicita.

Mandou fazer o quê? A janela? A fachada? A capela?

Esta, não a podemos afiançar deante de varios escritores que originam a vossa duvida, dizendo que foi Martim Vasques Villela, alcaide mor de Obidos quem a fundou e a dotou com rendas para a sua fabrica e despezas do culto,

Como a *Pietas* dos antigos sellienenses daria nos modernos thomarenses, por uma forte acção avita, essa adoração que tanto se afervora, nestes, nas horas incertas das provações, como se acalenta nos momentos fugazes das alegrias?!

Como àquela lhe ardia sempre o fogo sagrado, a esta, de dia e de noite, arde-lhe a lampada de azeite que a grande fé, no seu

mandando tambem fazer a imagem da Senhora, que com tanta devoção ali se venera

Por outro lado, procurámos saber quem tinha sido este pretor de Obidos, mas impossivel nos foi, porque, se o soubessemos, talvez pela sua época deduzissemos o que ele ali teria feito, pois a porta principal, que fica entre aquelas janelas, tambem nos vem aumentar as dúvidas.

Em estilo ogival, capiteis floreados, faz-nos supor que tivesse havido ali antes de 1613, outro templo, como já referimos, visto julgarmos o culto de N. S. da Piedade anterior e muito anterior a esta data.

E' outro problema que deixamos á resolução dos vindouros.

Rodeando as fachadas sul, poente e norte, existe um alpendre que foi, ha anos, barbaramente modificado, tirando-se-lhe toda a serventia para que ali o ergueram: poder o romeiro utilisar-se de um banco que corre junto às paredes sem que fosse incomodado pelo sol, quando a ele sentado, nem pela chuva, quando dela fugido.

Hoje desarvorado êsse telheiro, como está, não preenche o seu fim, desenleganteando, ainda por cima, a capela que, com o antigo, tinha um ar, acolhedor e muito harmónico.

No meado do século XIX, foi enobrecido o santuário com os muros debruadores do terreiro e com a escadaria de pedra da Pedreira, lançada na face do monte que olha para a cidade, onde havia uma calçada que dava serventia ás capelas de N.ª Senhora, no alto, e, a meio da encosta, á do S.or Jesus.

Não pudemosa purar quando surgiu a ideia, ou o nome de quem a apresentou, de se fazer esta bela construção.

Os concisos livros das sessões da Junta da Paróquia de S.ª Maria dos Olivais, única que tem a cidade de Thomar, e aos quais recorremos para dar a historia desta importante obra, omitem o nome do seu autor.

Foi na sessão de 5 de Agosto de 1846, sendo os vogais da Junta deste bienio, 1845-1846, os seguintes individuos, Padre Lima Velho, José Pereira Campeão, Antonio de Oliveira e Silva, José Teixeira Madureira e Antonio José d'Almeida, que se apresentou o risco para o terraço e escadaria que se pretendia fazer na ladeira da S.ª da Piedade em direitura á capela, risco de que se tinha encarregado o engenheiro Pontes, por ser habil para o desempenhar.

A Junta achou o muito a seu gôsto.

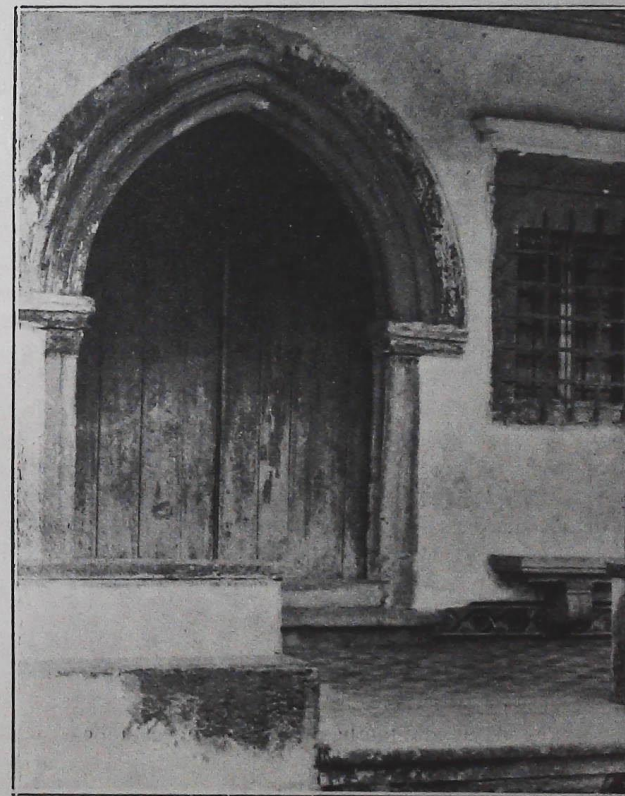
Pagou em outubro 5.460 rs. por ele.

Na sessão de 6 de Junho de 1848, deliberou-se começar a obra do terraço, segundo o risco feito e mandou-se pôr em arrematação, que se realizou na sessão de 18 do mesmo mês e ano.

infinito poder e amor, faz gerar e conduzir até lá as *promessas* do precioso óleo?

Por mais que almas ímpias queiram fazer desaparecer os sentimentos de beleza moral que a humanidade, em todos os tempos tem revelado, esses sentimentos mais se arreigam, transfor-

Por falta de meios, fez-se só a arrematação do muro até ao terreno superior.

Foi arrematante, José de Sousa, de Thomar, mas quem recebeu 141:830 rs.

PORTA PRINCIPAL DA CAPELA DE N. S.ª DA PIEDADE

em Novembro de 1849, por ser arrematante tambem, foi Miguel Gregorio de Sousa

Nesta conta entraram tambem 890 rs. de alagar a abobada da capela do S.or Jesus.

Ainda conhecemos restos desta capela, não sabendo nós como e quando foi levantada a que hoje se ergue um pouco mais abaixo da antiga.

mando-se sim, mas aflorando mais formosos e mais santos e, mesmo atraves dos sistemas filosóficos ou politicos que ao homem seja dado de futuro ainda inventar, essas boas qualidades proseguirão e lá irão germinar, produzindo o mesmo bem e a mesma religiosidade.

O que não conhecemos, nem referência a ela, a não ser no *Diario de Governo* de 24 de Maio de 1842, foi a casaria que ao pé daquela existia e que foi anunciada para venda nesse numero do jornal oficial por 30$000 rs.

Já que falámos neste numero da folha do govérno, tambem apontaremos dele os anuncios da venda de umas casas junto á igreja da S.ª dos Anjos e a desta igreja por 100$00 rs, e a histórica ermidinha de S. Lourenço, que estava em grande ruina e abandono, por 24$000 rs.

Voltando á escadaria; recomeçou a sua obra por deliberação da Junta na sessão de 14 de Julho de 1849, mas agora por administração.

Em setembro paga-se a verba de 156$245 rs. por despezas com pedreiros e canteiros e em Outubro 10$780 rs com carpiteiros e canteiros.

O canteiro da primeira cantaria chamava se José Nunes.

E'-lhe pago pela sua arrematação de toda a cantaria para o terraço, 20$000 rs..

O terreno, ao principio da escadaria era de Podenciana Rosa que o trocou por outro, por gostar muito da obra, estando presente à sessão de 1 de Março de 1850.

Na capela de N. S. da Piedade houve uma sessão a 1 de Julho de 1850 para a Junta deliberar sôbre as dúvidas que se levantaram com os pedreiros para o seguimento da obra.

Esta foi demorada, ora por falta de dinheiro, ora por falta de cantaria, o que determinou na sessão de 1 de Novembro de 1850 a Junta pedir urgência ao canteiro para a cantaria do último patim (parece-nos ser este o pegado ao terreiro).

Em Setembro de 1850 recebe José Nunes por lagedo, naturalmente para este patim, 14$240 rs. e em Janeiro de 1851 recebe 12$000 rs. por conta dos degraus.

Francisco Nunes da Costa tambem recebe por esta ocasião, de lagedo, 11$520 rs. e gastam-se com carpinteiros e pedreiros, na escadaria, 5$790 rs.

Na sessão de 30 de Setembro de 1852 o presidente apresentou o pedido dum devoto para que se fizesse o orçamento da obra que estava por acabar, para êle, devoto, concorrer com a respectiva verba, o que foi aceito pela Junta, visto na sua opinião, essa obra levar ainda a fazer, por falta de recursos, mais de 20 anos.

O engenheiro do risco, cujo nome era Manoel Tomás de Sousa Pontes, foi chamado, por estar fora de Thomar, para fazer esse orçamento. Procuramos este, mas não o encontrámos e portanto ignoramos o importe da escadaria na sua totalidade, caso a verba d'esse orçamento chegasse.

A Junta era composta por Padre Lima Velho, Manoel Joaquim Ramalho, Roberto Magno de Sá, José Pereira Campião e Inácio José Godinho. No dia 17 de Outubro reuniram na capela de N. S. da Piedade e procederam à arrematação, segundo o orçamento feito a pedido do devoto.

Insensatos!!

Não pensam que o sentimento da religião é innato no homem e como tal indestrutivel?!

Conserva lo, melhora-lo é o dever de nós todos, quanto mais d'aqueles que á frente do povo o vão guiando, o vão governando.

Foi arrematante José Antonio da Costa, da Pedreira, que começou a obra sem delongas.

Não chegou, porém, a um ano, e indo já a obra bastante adeantada, viu-se que o risco, que levava, não era o mais conveniente aos interesses da Junta e do arrematante, o que levou a Junta a reunir a 18 de Julho de 1853, na capela de N. Senhora, onde chamou o representante do arrematante, o mestre pedreiro Francisco Gonçalves, para lhe comunicar o seguinte: «conhecendo a Junta que a obra da escadaria, seguindo a inclinação que regulava, vinha a tomar uma grande altura que não só prejudicava muito o arrematante pela grande altura das paredes que tinha a fazer, enchimento dos terraços e o remate de uma meia laranja de uma altura desmedida, como também que nenhuma conveniência oferecia à Junta aquele seguimento, assim, porque semelhante altura oferecia mais pronta ruina, lhe diziam aquilo para o transmitir ao arrematante José da Costa para que, postas algumas ideias pelos vogais da Junta, se emendasse a obra, como conviesse a ambas as partes interessadas, pois não sendo aceita a emenda, segundo as tais ideias propostas pelos vogais da junta, então continuaria a obra da mesma forma, desse a altura que desse, pois que a Junta não podia obrigar o arrematante a outra coisa além do que vinha de cima».

Tambem deliberaram na mesma sessão que se plantassem arvores de cada lado da escadaria que se andava a fazer, o que era de grande embelezamento para a dita obra, mas, como a água para as regar ficava muito longe, resolveram procurá-la no oiteiro para esse fim, o que puseram em prática abrindo uma mina; no orçamento de 1853-1854 vemos a verba de 2$520 rs. de despesa com ela; e mais 4$060 rs. com a continuação da mesma.

Dois dias depois, 20 de Julho de 1853, houve nova reunião da Junta na capela da Senhora para deliberar sobre o assunto da sessão antecedente. Nela apareceu o mestre Francisco Gonçalves e disse, em nome do arrematante, que a este, convindo a emenda, a aceitava.

Ficou então assente o seguinte: «fazer-se agora um terraço quadrado e não meia laranja, cujo terraço quadrado ficava sendo o ponto central de toda a escadaria e, porque este terraço, além da escadaria do alinhamento semelhante, deve ter tambem duas aberturas nos lados, com escadas para comunicação, não só de quem quizer atravessar para os terrenos e fazendas, como tambem para dar serventia para a capelinha do Senhor Jesus, evitando assim a abertura que se tinha convencionado fazer com o arrematante no terraço que ficasse dentro da serrada de Eduardo Ferreira defronte da dita capelinha».

Já Platão, o grande discipulo de Sócrates, nos dizia: *A ignorancia de Deus é a maior calamidade de um Estado. Abalar a religião é derrubar o fundamento da sociedade.*

Como é verdadeira esta sentença e como nô-la ensina, a Historia, a grande mestra da vida, provando-a em tantas das suas pá-

---

A Junta dispensou o arrematante de fazer aquelas escadas dos lados para as ditas serventias, fazendo-as a Junta por sua conta, assim como tambem, reconhecendo a necessidade que havia de guarnecer os cunhais de cantaria, as quatro quinas do dito terraço, a Junta tambem se obrigava a mandá-los vir para o arrematante os pôr nos seus logares.

Estes cunhais custaram 8$000 rs. e o carreto 4$200 rs. Os cunhaes foram colocados nos seus logares, mas as escadas nunca se fizeram, embora ainda hoje, nas paredes do quadrado patim, se vejam *dentes* para entrarem nas paredes delas.

Dêsse terraço, ponto central da escadaria, o arrematante seguiria na nova inclinação de mais quatro polegadas em cada um dos terraços, de mais dois degraus, pondo dôze em cada uma escada e não dez, e cada degrau com mais meia polegada, vindo assim a acabar a dita escadaria, aterrando três palmos, segundo assegura o mestre da obra pelas medidas a que procedeu, e nesta altura seria então colocada a respectiva entrada em meia laranja correspondente e regular, fazendo assim a dita obra da escadaria duas vistas perfeitamente iguais: uma, desde a sua entrada até ao terraço central quadrado, e a outra, deste até ao da capela de N. Senhora.

Por se ter assim convencionado, começou logo a obra com a emenda ajustada.

No orçamento de 1853-1854 aparece a verba de 2$480 rs., gasta com um livro que se deu de gratificação ao mestre da obra, Francisco Gonçalves.

A obra devia estar pronta no dia 11 de Novembro de 1853 e, como o não estivesse, houve sessão nesse dia, deliberando proceder judicialmente contra o arrematante e seu fiador Leonardo Pereira «porque não cumpriu a tempo, a má fé em que o dito arrematante tem posto esta Junta, pelos factos praticados na mesma obra para o acabamento da referida obra e segurança da quantia necessária para isso, visto que o dito arrematante já tinha recebido a maior parte da sua importância, faltando só receber 200$000 rs. que não era quantia equivalente ao que restava a fazer na mesma obra».

Numa sessão do principio do ano de 1854 (não indicamos a data por não termos a cópia dessa sessão) apareceu o arrematante pelo motivo de conhecer os éditos que a Junta tinha mandado colocar nos respectivos locais para se arrematar o resto da obra, a pedir que lha não tirassem, porque ele se prontificava a pô-la pronta.

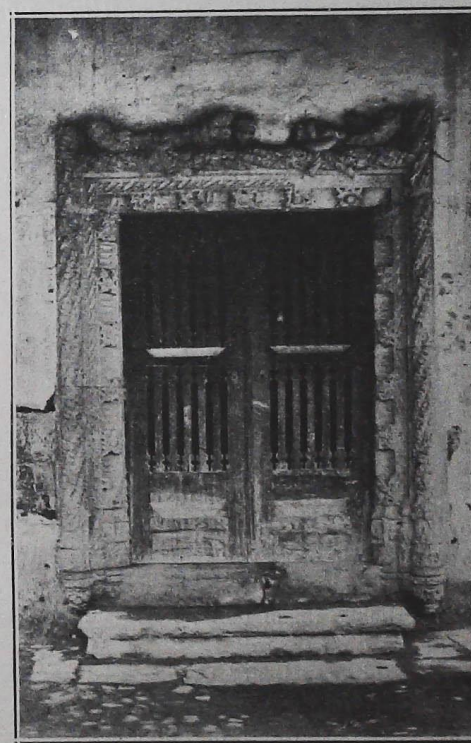
A Junta acedeu, lavrando-se escritura desse assentimento no tabelião público Magalhães com as devidas condições, sendo uma a de estar pronta a obra a 31 de Julho de 1854, o que não estando, fez reunir a Junta nesse dia na Senhora da Piedade, fazendo-lhe uma vistoria de que se lavrou um auto, sendo

ginas, haja visto a que ora se escreve em todas as nações do orbe!!

Mais duas outras inscrições romanas se patenteiam na alta tôrre da alcaçova.

Na parede que olha a sul, está uma na verga de mármore de

---

assinado por várias testemunhas para os devidos efeitos de multa, por verificarem que a obra não estava acabada, faltando-lhe muito, nem lá andavam operários.

PORTA DE S. GREGORIO

No orçamento de 1853-1854 há as seguintes verbas: cantaria para os terraços 8$000 rs., continuação da obra 5$200 rs., continuação da obra 12$000 rs., cantaria para a obra 6$250 rs., continuação da obra 6$550 rs., continuação da obra 3$460 rs., continuação da obra 8$880 rs., cal e carretos 6$600 rs., continuação da obra 6$700 rs., continuação da obra $240 rs., cantaria 2$550 rs.

Tendo dado novo prazo ao arrematante, reüniu a Junta de 12 de Maio de 1855 e deliberou avisá-lo que não faltasse no fim d'aquele, para não o mul-

uma pequena porta, onde, ao colocá-la alí, se gravou, no lado de fora, memoria do solemne facto da fundação do castelo e por tanto da cidade de Thomar.

Na face dessa verga, que está voltada para baixo, ha a seguinte inscrição em letras bem legíveis:

SABINVLA
VXOR
SIBI

que, traduzidas, dizem: *Sabinula sua mulher pôs para si esta memória.*

---

tar de novo e por vêr que êle tinha mostrado mais deligência do que da primeira vez.

O vogal José Pereira Campeão anunciou aos colegas que o arrematante estava na diligência de acabar a obra no praso indicado e, se a não tinha mais adeantada, a isso se lhe tinham oposto obstáculos pelo lado dos canteiros e dos carros.

Na sessão de 10 de Junho deliberaram os membros da Junta que, estando quasi concluida a obra ajustada com José A. da Costa, era necessário por isso que se devia aplicar todo o resto de dinheiro, que ainda havia, na continuação da mesma obra e resolver qual devia começar primeiro: o caminho do terraço para a capelinha do Senhor Jesus ou acabar-se o pórtico da entrada.

Por unanimidade foi aprovado que seria melhor acabar a entrada, por ficar a escadaria completa e isto segundo o gosto do desenho que já tinha apresentado o mestre da obra, Francisco Henriques, (*o Choca*), devendo-se só alterar com a mudança do azulejo nas fachadas, em lugar de cantaria, alteração que não ficaria mais cara e tornaria o portico mais agradável à vista.

A cantaria para este foi dada a fazer aos canteiros António Feleciano e seu irmão, por possuirem cabouco de melhor pedra e terem-se melhor desempenhado das obras para esta Junta.

A sessão do dia 15 de Julho de 1855 foi reünida para o Presidente da Junta participar ser verdadeira a notícia da morte do arrematante José A. da Costa e ser necessário providenciar sobre tal, porque a obra estava quasi concluida e o restante ter sido dado por êle, Costa, aos novos arrematantes Francisco Henriques e outros.

Resolveram também chamar os herdeiros para lhes dizer se queriam concluir a obra e receber o resto do dinheiro da empreitada com que a acabariam.

Parece que houve recusa dos herdeiros, pois na sessão de 2 de Agosto deliberou a Junta dar o acabamento da escadaria ao mestre Francisco Gonçalves, por ver a capacidade dele na direcção da obra.

Agora era de jornal e não de empreitada e por conta da Junta.

Na sessão de 16 de Janeiro de 1856 deliberaram plantar as árvores nos espaços da escadaria.

Esta inscrição supõe haver outra do marido que naturalmente esteve noutra pedra, ou naquela, mas em alguma das outras faces.

Isto confirma-se por outra pedra de mármore, a qual faz parte da padieira da mesma porta e mostra ser monumento ou me-

---

Entra nova Junta composta dos seguintes vogais: Padre Lima Velho, Álvaro Lopes Pereira, José da Graça e Silva, e João Ferreira dos Santos.

Na sessão de 4 de Agosto de 1856 compareceu o canteiro António Jacinto, dizendo que, tendo ajustado e obrigando-se a apresentar toda a cantaria para a obra do portão que deve fazer o remate da escadaria de N. S. da Piedade até ao dia 15 de Setembro próximo, lhe era quasi impraticável pode-lo fazer em atenção às muitas obras que afluiram e com que êle não contava, e que por isso pretendia que a Junta, atendendo ao bom serviço que tinha prestado na feitoria da maior parte da cantaria da mesma escadaria, a que nunca tinha faltado nos tempos competentes, lhe concedesse, agora, o espaçar-lhe o acabamento daquela obra até 1 de Janeiro de 1857.

Neste ano há as verbas de 33$205 rs. gastos com pedreiros, com a plantação das árvores 2$600 rs., mais despezas com o pórtico 8$790 rs.

A Junta deferiu a petição de António Jacinto, esperando que, por este favor, êle se aperfeiçoaria o melhor possivel na feitoria de todas as peças da mesma obra e igualmente que esta concessão era feita debaixo da condição que, se para aquele tempo os carretos que esta Junta tinha a fazer por sua conta, fossem em maior importância do que presentemente são, o excesso seria por conta e á custa dele, canteiro.

Na sessão de 16 de Fevereiro de 1857 apareceu o canteiro António Jacinto dizendo que a maior parte da obra, para o pórtico da escadaria de N. S. da Piedade se achava pronta e por isso necessitava da continuação dos pagamentos.

A Junta deliberou ir ver a obra, para depois proceder conforme as condições.

Á sessão de 16 de Abril do mesmo ano veio o mesmo António Jacinto para lhe pagarem a 4.ª e última prestação da sua arrematacão, por estar pronta a sua empreitada.

A primeira verba que encontramos é de 33$730 rs., depois outra de lagedo 101$190 rs., depois outra de mais lagedo 13$990 rs., e mais lagedo 10$660 rs.

No orçamento dêste ano há a verba de 12$190 rs. para o pórtico.

A Junta resolveu naquela sessão, ir nesse dia ver ao Bom Jesus a cantaria que acharam toda, menos as pirâmides, que vêm a ser os quatro pilotes.

Para o biénio de 1858-1859 foram nomeados os seguintes vogais: Padre Lima Velho, José da Graça e Silva, Gaspar Nunes Ribeiro, João de Almeida e João Ferreira dos Santos.

Na sessão de 30 de Setembro de 1858 propôs o Presidente que, estando por concluir o pórtico da escadaria de N. S. da Piedade, por o mestre pedreiro ter andado com outros trabalhos e, tendo este de ir a Lisboa, seria melhor êle ir, por ser pessoa competente, escolher e ajustar o azulejo para aquele, o que se resolveu, assim como tambem mandá-lo vir para acabamento da obra.

mória dedicada a um filho da tal mulher, tendo o seguinte letreiro:

CATHIO
ATTIA
NO : RV
FINO
SABIN
VLA
MATER
P

Pondo-a em linguagem correntia, leremos: «*A Cathio Attiano Rufino Sabínula sua mãe pôs esta memoria*».

A compra deste azulejo e carreto importou em 37$425 rs., e o seu assentamento 4$440 rs. Aparece nos agora mais uma verba de 14$080 rs., gastos com a postura e compra de azulejos na escadaria, que não sabemos hoje quais sejam.

Para o biéuio de 1860-1861 foram nomeados os seguintes vogais para a Junta: Padre Lima Velho, José Soares da Costa, Roberto Magno de Sá, Tomé de Almeida e Silva e Francisco Alves Cristovão Pinheiro.

De novo voltamos a encontrar o nome de Roberto Magno de Sá fazendo parte da nova Junta, e é com a mais terna lembrança que o escrevemos, por ser o da pessoa que nos ensinou as primeiras letras, sendo nós alunos da sua aula. Agora nos é explicada a razão do entusiasmo que o nosso velho e saudoso professor possuia, na nossa meninice, pelos passeios á S.ª da Piedade.

Era vê-lo ir quási todas as 5.ª feiras, sueto, com dois rapazes que tinha em sua casa a educar, Corredoura acima, Travessas (ainda não havia a Avenida do Conde de Thomar), passando na rua da Capela rente á casa onde nascemos e onde longos anos vivemos, Jardim do P.e Afonso, alameda da Varzea-Pequena e subir a elevada escadaria, á qual tantas horas de trabalho tinha dedicado, como se depreende das actas donde extraimos estes apontamentos.

Na sessão de 16 de Setembro de 1860 deliberou-se comprar a Filipe Carlos da Silveira um pedaço de terreno, não só por ser preciso para a continuação do caminho lateral, mas para melhor se tratar da conservação da escadaria e arborização correspondente, tendo-se adquirido por 4$800 rs.

Este caminho lateral também levou muito tempo a arranjar, pois em sessão de 23 de Janeiro de 1862 a Junta, reconhecendo que a muitas pessoas era difícil ir pela escadaria, deliberou aperfeiçoar esse caminho para o que se adquiriu algum terreno.

Como êste é de argilo-calcáreo e bastante íngreme, a chuva fácilmente o danifica, tendo-se concertado mais do que uma vez.

Fica êste caminho ao lado direito e sobe em zig-zag, passando próximo da capelinha de N. S. Jesus do Monte.

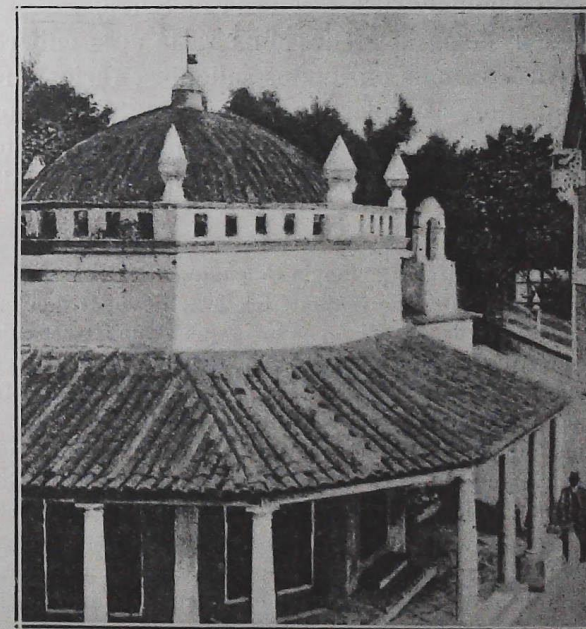
Parte êle donde acaba o primeiro comprido patamar e onde se levantam as

Muitas outras pedras antigas da templária tôrre mostram sinais de terem pertencido a construções de outras eras, pois ainda patenteiam a fenda para o *ferro de luva*, o esboço de um colunelo e como que, uma memória religiosa do culto do sol.

De Sellium, pois, muitas outras memórias restariam pelo campo que lhe assinalámos, mas o tempo e o homem encarregaram-se de quasi tudo fazer desaparecer, estando nós hoje na carência de noticias que nos rodeia.

O tempo, com os seus elementos, carreou as enxurradas

---

elegantes e bem obradas ombreiras do pórtico que já conhecemos e que dá condigna entrada á propriamente escadaria que tem 272 degraus e cujos lanços são separados por arredondados patins á excepção de um, que é quadrado pela razão já apontada.

CAPELA DE S. GREGORIO

São 292 degraus os que temos de subir para chegar aos pés da Virgem N. S. da Piedade, pois, para alcançar o primeiro patamar ha uma escada de 14 degraus e com mais 6 do Terreiro ao altar perfazem aquêle número.

Esse patamar parte perto da oitavada, abstraindo o nicho do altar mór, capela de S. Gregório, a qual ficava á entrada de Thomar na antiga estrada

que cobriram os destroços que o homem, no seu destruir e renovar o scenàrio em que êle é actor, pulverizou, transformou, abandonou e esqueceu.

E, estamos certo, que não foi preciso, nem a um nem ao outro, empregar muito esforço, pois a fraca construção das habitações (excepto os monumentos) pouca resistência lhes oferecia, atento o escasso emprego da pedra nas paredes, que não a teriam senão nos quàsi nada profundos alicerces e, quando muito um metro acima do solo, sendo o resto de adôbos.

Anos já vão longe, vimos prova disto, quando, por tarde amena de inverno, fomos convidados por José Pereira Prista a ir ver o que tinha encontrado, ao fazer a plantação da vinha, que ainda hoje existe, na sua propriedade, sita, como que na base do nosso triangulo, e perto do ribeiro das Canas, confinando com a estrada que de Thomar vai à freguesia da Serra.

Ali chegados, deparou-se-nos uma vasta área coberta de ruinas de construções, mais ou menos salientes, vários lares, tijolos grandes e pequenos, candeias de barro, mós de moinhos de mão, algumas moedas romanas e, principalmente (isto muito nos impressionou e nos arreigou mais, em nós, a ideia de Sellium ocu-

---

de Ourem que tinha por isso o nome de *Calçada de S. Gregorio*, seguindo encostada ao muro da cêrca do convento de S.^to António dos Capuchos.

Por falarmos desta capela, digamos mais que a sua fôrma, cujo perimetro lembra o da *Charola* do Convento de Cristo, e o seu ornamentado portal do meio, que é em estilo manuelino, destacam-se de uma maneira frisante, não se sabendo qual o seu fundador e época da sua construção.

Só sabemos que a ordem de Cristo, no seu convento, tinha, em grande devoção, um relicario de prata com uma esquírola dum braço de S. Gregório.

Haveria alguma relação entre a construção desta singular capela e essa devação?

Noticia alguma temos encontrado que nos esclareça, nem mesmo uma lápide que está no meio do chão dela e que encerra os seguintes dizeres:

S^A DAT^O. VAL^TE. E DE SVA
MOLHER E SEVS HER
DR.I.S̃TITVI DOR.
DESTAC̃OFR^A 1559

Nem o *Livro de Cristo* n.º 118, fl. 113 *Tôrre do Tombo* onde encontrámos lançada uma verba de 600 reaes, mandada dar em 1535 por D. João III para emadeirar esta ermida, também mais nada nos diz.

par o terreno que lhe designamos), muitas e grandes pedras, tendo um dos topos moldados, indicativos de terem servido em alta cornija ([1]).

Já o benemérito arqueólogo, Possidónio da Silva, como vamos vêr por escrito dele, encontrou em 1857 grande numero de iguais pedras, mas mais para sul d'aquelas de que acabamos de falar, perto da igreja de Santa Maria dos Olivais, dentro do nosso triangulo, e, tendo-lhas alguem dado, não as poude trazer para Lisboa por causa dos transportes.

O que é feito delas não sabemos.

O que presumimos é que estas não foram as encontradas na propriedade de Pereira Prista, pois as de Possidónio estavam á vista e as que nós vimos tinham sido havia pouco desenterradas, estando os locais delas, como fica dito, distantes um do outro.

Contudo, poderiam ter sido pertenças, outrora, da mesma construção.

Temos por certo que se fossem feitas umas pesquisas regulares e metódicas na área que indicamos á romana povoação de Sellium, então encontradas seriam mais provas convincentes que essa povoação existiu, onde julgamos demarca-la e não no local das ruinas, que, desde 1882, vèm a ser chamadas com o incerto nome de Nabância e que, na nossa desvaliosa opinião, não são senão restos duma *vila* romana.

O aparecimento d'estas tão faladas ruinas deu-se, como nas de mais vezes tem sucedido, numa conversa, ao acaso, etc., etc.

Vejamos como.

Foi ha 44 anos. 44 anos!! Como o tempo passa!!

Eramos moços, mas não tanto que não nos entusiasmassemos pelos trabalhos que as descobriram, acompanhando-os, do que ficou em nós memória dos factos que se deram e das pessoas que neles intervieram.

Uma destas, que nunca nos esqueceu, a que mais intensificou

([1]) Muito pedimos, na ocasião, para que estas pedras se guardassem a bom recado.

Ainda se chegaram a guardar, mas, depois... desapareceram, visto nenhuma das vereações, que geriram os negocios publicos em Thomar, ao tempo, de nada se importarem com... velharias. Só resta uma pedra cilindrica, conservada naquela propriedade, talvez resto dum miliario, como se poderá ver pela gravura.

aqueles na descoberta dos preciosos restos da antiga e opulenta civilização romana, foi o sr. Julio Carlos Mardel de Arriaga, ilustre secretário da antiga *Comissão dos Monumentos Nacionais* e hoje do sucessor desta, o *Conselho de Arte e Arqueologia*, a quem temos vindo a dedicar uma grande admiração pelo seu muito saber e pela sua incomparavel *verve* de homem de fino e superior talento.

Como vivo, e Deus o avivente para seu bem e grande prazer de seus amigos, a êle recorremos, para nos dizer da sua interferência, que nos lembra ter sido grande, no caso, visto nós podermos desviar caminho e ficar prejudicada a narração.

Teve relutância o nosso velho e douto amigo em aceder ao nosso pedido, mas, muito instado, concedeu-nos a amabilidade da carta junta, a qual lança sobre o assunto toda a luz que nós não lhe poderiamos dar.

«Meu caro Vieira Guimarães

«Quanto ao que se tem díto e escrito sobre a *descoberta* da «Nabância, não posso deixar de dizer da minha justiça.

«Eis o que se me oferece dizer sobre todo èsse caso.

«Depois de ter visto citados nuns catàlogos de vàrios museus «estrangeiros objectos preciosissimos, já pelo seu valor intrin-«seco, já pelo seu valor histórico, de origem portuguesa, pedi ao «meu particular amigo, o saudoso artista Rafael Bordalo Pinheiro, «que me emprestasse um celebrado catálogo, se não estou em «erro, do museu L'Ermitage, um dos mais recheados da Rússia, «para mostrar, ao então Presidente do Conselho de Ministros, «Fontes Pereira de Melo, afim de ele vêr como as nossas rique-«zas artisticas e históricas andavam a passear lá por fôra, sem «que as pessoas apontadas como vendedoras, se achassem oficial-«mente autorisadas a essa *cedencia*».

«Realisado este meu intento e, tendo notado a indignação e «espanto dêsse ilustre estadista, tive ocasião de lhe narrar muitos «outros casos semelhantes, senão tão graves, de bastante pêso, o «que me autorizou a fazer-lhe um pedido a bem da arte nacional: «a criação dum conselho de monumentos nacionais, semelhante «a alguns que já existiam em vários paises e cujos regulamentos, «de ante-mão ia preparado, para também lhe mostrar.

«Deixei-lhos no seu gabinete do Ministerio da Guerra para êle

«os consultar e despachar o meu instante pedido que não se de-«morou a ser satisfeito e, tendo combinado com o seu ministro «das Obras Públicas, Hintze Ribeiro, ficou assente que descobrisse «eu pessoa que me merecesse confiança e que tivesse apti-«dões indispensaveis para presidir a essa comissão, um *meda-«lhão (sic)*.

«Lembrei-me do arquiteto Possidónio da Silva, que eu cuidei «me pudesse levar a cabo a comissão que teria tido muito sucesso, «se não fosse ser toda a sua acção absorvida por uma vaidade «pouco vulgar.

«Escrevi portanto, no dia seguinte, ao seu filho mais velho, «Ernesto da Silva, secretário, e particular de El-Rei D. Fernando, «dizendo-lhe que lhe precisava falar.

«Tendo vindo a minha casa nesse mesmo dia, lhe perguntei «se seu pai aceitaria o ser Presidente da futura Comissão.

«A resposta não se fez esperar.

«Aceitou e agradeceu com palavras de grande louvor e de «grandissimo reconhecimento para a minha lembrança.

«E vê tu, meu caro Vieira Guimarães, como os casos do mundo «são; no relatório que fez, diz que foi êle quem se lembrou de «mim, quando foi precisamente o contrário!!

«*Parce sepultis*.

«Teria muito que te contar, mas fica no esquecimento e vamos «ao caso em que falámos há dias e que tanto te interessa para o «teu livro.

«Criada pois, a *Comissão dos Monumentos Nacionais* e no-«meado Possidónio presidente e eu secretário, combinamos ir até «á tua artistica, histórica e linda cidade.

«Nesta primeira jornada, que fizemos aos monumentos, de-«morou alguns dias, depois da minha chegada a Thomar, o re-«cem-nomeado Presidente numa visita particular a um seu ami-«go, do que resultou, neste meio-tempo, eu ir visitar o padre «António Santa Rita, cura de S. João, que me disse as seguintes «palavras: «porque não vai o meu amigo, com a licença do pro-«prietário, Augusto Cesar da Mota, fazer algumas pesquizas nos «campos, onde se julga estar subterrada a cidade de Nabancia, «junto de Marmelais?»

«Era sábado, e o meu bom amigo disse-me mais que, havendo «mercado de trabalhadores, á hora da missa, no dia seguinte, to-

«masse os que entendesse e que se dirigisse ali, pois êle, se en-«carregaria de obter a necessária licença.

«Tudo assim se fez, e, na seguinte segunda-feira, dava-se a «primeira enxadada, com a minha assistência, nas por mim inau-«guradas escavações.

«Dias depois, voltou o Possidónio que muito folgou de ver «realizado o *meu* empreendimento.

«Fizeram-se várias escavações durante muitos dias e deram-se «todos os casos que tu conheces pelo artigo que, a seu modo se «escreveu, e que tu vais publicar.

«Passados dias, soube que o Possidónio enviou uma carta a «Victor Hugo, participando-lhe que tinha descoberto uma cidade «antiga da maior importância em Portugal.

«Como se escreve a História ! !

«O mais curioso de tudo é que Victor Hugo respondeu-lhe, «chamando-lhe o Champollion do Ocidente.

«Fraquezas humanas que me fizeram rir...

«Por aqui fico, enviando-te muito saudar e sendo – Teu amigo «velho e certo» — (a) *J. Mardel.*

Esta carta, que é um cativante penhor da fidalga gentileza do seu autor para comnosco, por ter quebrado o pertinaz isolamento a que se tem devotado e a obscura modéstia em que se tem envolvido, não só luz lança sôbre a descoberta das ruinas de Cardais, como também sôbre a origem da primeira Comissão dos Monumentos Nacionais, que constitui mais um grande serviço prestado, a bem da arte pátria, pelo nosso venerando amigo, a qual foi creada, pela portaria de 21 de Janeiro de 1882, assinada por Hintze Ribeiro, como S. Ex.ª refere na sua carta.

Agora vejamos o artigo do seu primeiro Presidente, que vem publicado no *Boletim da Real Associação dos Arquitectos e Arqueologos Portuguezes*, Tomo. III, série I, 1883 pág. 152, a 154.

Descobrimento da Cidade Romana «Nabancia» em Portugal

Estando, por motivo de serviço publico, em Thomar no mez de fevereiro d'este anno de 1882, constou-me que se pretendera abrir uma cova para plantar uma arvore n'uma propriedade dos

arredores d'aquella cidade, em terreno opposto á margem do rio em que ella fôra edificada, e não se podéra profundar essa cova, porque se havia encontrado grande resistencia: appareceram ahi n'essa occasião misturadas com a terra pequenas pedras de côres; havendo-as examinado, reconheci serem fragmentos de mosaico!

Procurei logo o proprietario d'este terreno, que está situado no logar chamado *Marmelais*, distante da cidade dois kilometros, e a um kilometro da margem esquerda do rio *Nabão* Obtive permissão para se poderem fazer escavações, pois felizmente o referido proprietario é um polido cavalheiro, que com a maior franqueza e urbanidade me facultou ampla licença. Tenho pois muita satisfação de mencionar o nome do sr. Augusto Cesar da Motta, pela maneira bizarra como se ouve para commigo; procedimento muito para louvar, porque é rarissimo que os proprietarios ruraes em Portugal consintam nas investigações archeologicas, mesmo satisfazendo-lhes a importancia do prejuizo que se lhes cause!

Principiei no dia 19 do citado mez essas escavações com cinco trabalhadores, e descobri na profundidade 1,^{m}28 um grande mosaico de forma semicircular, composto de cercaduras, tendo no centro divisões quadradas com desenhos entrelaçados e feito de quatro côres, porém estando já em algumas partes damnificado.

Eram, pois, ruinas romanas que estavam ali soterradas. Pelas dimensões e feitio do mosaico, sem duvida elle faria parte de um importante edificio da cidade romana de Nabancia, porque differentes auctores, desde André de Resende na sua obra de *Antiquitatibus Lusitaniæ*, o Diccionario Geographico e Estatistico de Hespanha e Portugal, de Minaño, assim como o Diccionario de Bluteau, e mais outros escriptores, dão noticia d'esta antiguidade da Lusitania, situada por detraz da egreja de N. S. da Oliveira, que corresponde ao logar em que se principiaram as investigações. Tratava-se portanto de uma importantissima descoberta feita em Portugal no ultimo quartel do XIX seculo.

Os citados auctores mencionam que no anno 110 de J. C. fôra fundada na Lusitania esta cidade romana, sendo imperador Trajano, tendo sido muito populosa e prospera, e ainda florescente sob o dominio dos godos, porém não constava cousa alguma d'ella até o anno 632 da era de J. C. em que fôra occupada pelos godos.

A essa época se refere o martyrio de Santa Eyria.

Suppõe-se que os habitantes de Nabancia resistiram tenazmente

aos mouros em 715, porque estes invasores a arrasaram completamente, não ficando *pedra sobre pedra*, e assim esteve deserta e abandonada por espaço de 443 annos, até que em 1159 el-rei D. Affonso Henriques fez d'ella doação aos Templarios, que a vieram povoar.

O Governador romano de Nabancia em 653 era o Conde Castinaldo, cujo filho causou o martyrio de S.ta Irena. Os paços d'este governador constava da tradição terem sido grandes e sumptuosos, e d'elles tinham ficado ainda alguns vestigios depois da destruição feita pelos arabes.

Os Templarios aproveitaram muitas das materias d'esta cidade para construirem o seu castello em Thomar. Sobre a torre d'este castello vê-se uma lapida em que ha uma inscripção romana com estas siglas:

PIETATI
AVG. SACR.
VAL. MAX. INMEMR
SVAMETEILIARVM
SVARVM
HÆC SIGNA P.

O que significa: *Padrão á piedade do Imperador Augusto consagrado Valerio Maximo em memoria sua e de seus filhos estes signaes fiz.*

Se a habitação do Governador era magnifica, é de suppôr que esta cidade romana seria de grande importancia, e posto que ficasse destruida pelos mouros e se tivessem utilisado dos seus materiaes para construcções posteriores, todavia deveriam ficar ainda bastantes vestigios de sua primitiva edificação.

Da primeira vez que fui a Thomar, quando andava em 1857, por curiosidade propria, percorrendo as provincias para salvar do vandalismo os objectos artisticos e archeologicos, encontrei, sobre os lados do caminho que conduz da estrada real á remota egreja de S.ta Maria do Olival, *grandiosas* peças de cantaria com molduras, abandonadas no chão, e que mostravam ter pertencido a um colossal entablamento. Informaram-me que tinham sido achadas nas ruinas romanas: cheguei mesmo a adquiril-as por intervenção do meu finado amigo, o archeologo Pedro de Roure; mas como eram de extraordinario volume, e o caminho de ferro não estava concluido, não as fiz transportar para

Lisboa. Tudo nos indicava, que o descobrimento do grande mosaico pertencia á opulenta cidade de Nabancia.

Assim a nação, no fim de 16 séculos, veiu a possuir esses importantes vestigios, os quaes nos mostram a maneira como o povo rei costumava construir as suas cidades e as casas para os seus habitantes; e ao mesmo tempo incitam os archeologos e *touristes* estrangeiros a virem a Portugal contemplar a disposição d'essa celebre cidade antiga da Lusitania.

Este mosaico semicircular tem de diametro 5m,42c, e está circundado por uma parede actualmente rasa com o nivel da superficie do dito mosaico, da grossura de 62 centimetros. Pela linha

PEDAÇOS DA ESTATUA ROMANA ENCONTRADOS EM THOMAR

recta do diametro que separa o mosaico da construção, fica o chão mais baixo de 36 centimetros, o que faz suppôr que haveria degraos n'aquelle logar.

Continuando as escavações, appareceu uma rua calçada, com a largura de 2m,40c, na direcção de Norte-Sul, e formando o edificio, a que pertencia o mosaico, a sua frente principal para ella.

Do lado opposto ao mosaico junto á calçada ha uma delgada cortina que a separa do recinto, que ella limita d'este lado. Ao meio d'esse recinto e na direcção central do mosaico, acha-se a soleira de uma porta com o comprimento de 1m,80c.

Seguindo-se a rua, encontram-se nos dois extremos do recinto murado, duas outras ruas que se ligam com a primeira, em angulo recto, tendo egual largura, e estando egualmente calçadas.

Tem o recinto 13m,10c, de comprimento e de largura 9m,30c, sendo a sua superficie de 177m,40c. As paredes dos seus dois lados teem a mesma grossura da cortina que faz frente para o espaço em que está o grande mosaico; e do outro lado maior que fecha o recinto tem a parede de grossura 0m,42c. No lado opposto do recinto existe outra rua parallela á primeira, tambem calçada; parece ser uma rua das principaes d'esta cidade, pelo seu comprimento e direcção. Nota-se na construcção das paredes d'este recinto haver nos angulos externos d'ellas, marcos cylindricos.

Este grande espaço quadrangular era o *Forum*, e existe perto do angulo do poente o pedestal da tribuna em que os oradores faziam as suas manifestações populares.

Sobre os lados das ruas transversaes aparecem as divisões de casas, estando ainda no logar das suas portas as soleiras que lhes davam a comunicação com a rua. Estas casas teem pequenas dimensões, como era o costume construirem-nas os romanos. Aparecem dentro delas vestigios de mosaicos de diversas composição e côres; o que nos convence, que teriam sido habitadas pelas pessoas distintas, porque, nas occupadas pela classe mais inferior, o mosaico era formado sómente de pedrinhas brancas, ou com bocadinhos de tijolo, imitando o feitio dos mosaicos. Duas destas casas mostravam ter servido de cosinhas.

A calçada é formada de seixos, porém foram quebrados pelo meio a fim de aproveitarem a face mais plana para ficar mais firme a calçada.

Por detraz da parede do semicirculo, afastado dela 1m,80c e na direcção da linha central do grande mosaico, se descobriu um pedestal quadrangular, tendo por lado 0m,46c, e de altura 0m,80c.

As grossuras das paredes das casas regulam entre 0m,40c e 0m,45c; o que indica serem as casas de um só andar, como era o uso entre os romanos.

Descobriu-se tambem o cano geral para as aguas da chuva, o qual faz ver pela sua direcção ir desaguar no rio Nabão.

Pelo levantamento da planta destas ruinas vim no conhecimento de que o grande mosaico fazia parte do edificio do *Basilica*,

isto é, o Tribunal de Justiça dos romanos, sendo o logar reservado para os juizes a parte circular. Ficava este edificio publico em frente do *Forum*, e ocupava o logar central da rua. A porta é mais larga do que as outras pertencentes ás habitações, o que mais confirma a importancia desta edificação.

O *Forum* ficava isolado, pois está rodeado por quatro ruas.

A extensão total das ruas que estão descobertas é de 93m,80c.

Os diferentes objectos encontrados nestas escavações, por em quanto, são os seguintes; a saber:

Duas colunas de marmore branco, tres capiteis de grandeza diferente e da mesma qualidade;

Uma base;

Quatro moinhos de mão; um completo, porém partido em cinco partes;

A mão direita de uma estatua de bronze, que mostra, pela posição dos dedos. deveria ter seguro algum atributo;

Tres freios de ferro, muito oxidados;

Uma bonita fivela de cobre;

Um fragmento de vidro com a grossura de 4 milimetros;

Pregos de ferro de diversos tamanhos;

Uma grade de ferro em feitio de xadrez, tendo, nos quatro angulos dos encruzamentos das folhas de ferro, bicos para impedir a passagem de animaes;

Telhões e adobos de barro encarnado, de grandes grossuras e dimensões;

Os tijolos mais delgados e de barro bastante escuro, para servirem de ladrilho, teem uma marca do oleiro, como tambem era costume pôrem-lhe os fabricantes de Roma; mas esta do oleiro de Nabancia é de um feitio singular e muito simples, pois que o operario assinalava os seus tres dedos medios da mão esquerda em um dos angulos do tijolo! Encontrei o forno de que se servia o oleiro, afastado das ruinas uns 800 metros, e na proximidade ha um regato.

Encontrei mais o seguinte:

Restos do material, de diversas côres, de que se fazem os cubos para formarem os mosaicos;

Um delicadissimo instrumento de cirurgia em perfeito estado de conservação;

Algumas medalhas de diferentes modelos. As mais bem conservadas são de *Flavio Julio Crispo*, filho de Constantino I,

ano 300 de J. C.; outra de *Flavio Galerio Constantino,* filho de Constantino Chloro, ano 274 de J. C. etc. etc.

Tendo informado o Governo ácerca deste importante descobrimento arqueologico, fui autorisado a continuar as escavações sob a minha direcção, estando já descoberta a superficie de 1:132 metros quadrados. Espero, na continuação destes trabalhos, achar os Templos, o Teatro, as Termas, o Amfiteatro, etc.

J. Possidonio N. da Silva.

A Verdade, jornal que se publicava em Thomar, cuja propriedade e direção era do nosso saudoso amigo Antonio da Silva Magalhães, confirma, indirectamente o ilustre arqueologo, sr. Mardel de Arriaga, ter começado as escavações antes de Possidónio, visto este dizer as ter começado a 19, quando no dia seguinte 20 de Fevereiro de 1882 já referia o *Diario de Noticias,* de Lisbôa, no seu n.º 5.768 o seguinte:

«Acerca de um kilometro de Thomar e na margem esquerda do Nabão existiu ha perto de dois mil anos, uma cidade romana cujo estado de civilisação florescente nos é hoje atestado, escreve o sr. Velho n'*A Verdade,* daquela cidade, pelos restos que acabam de ser descobertos graças às investigações e escavações a que procederam o distintissimo archeologo, o sr. Conselheiro Joaquim Possidonio Narciso da Silva e o sr. Julio Carlos Mardel de Arriaga, secretario da Comissão dos Monumentos Nacionaes.

Os restos encontrados limitam-se por emquanto a um pavimento revestido de um mosaico constituido por paralelipidos de pedra de cores branca, azul, vermelho e amareio, formando desenhos de ornato variado e elegante.

O pavimento de mosaico tem a forma de um semi-circulo, tendo 5,40m de largura e 5m de comprido.

Está infelizmente um pouco deteriorado, porem a sua restauração é facil relativamente. Em volta encontram-se vestigios de um muro e mais afastados foram encontrados restos de pavimentos de tijolo de argila vermelha e duas colunas destinadas sem duvida a sustentar o tecto ou cupula do edificio.

São varias e arriscadas, por emquanto, as conjecturas que se

podem formar sobre a naturesa do edificio que ali existia, parecendo, pela sua configuração, já o *spoliatorim* ou mesmo o *caldarium* ou *sudatorium* d'um estabelecimento thermal (*balnea, lavatrinal* ou *thermae*) já a parte interior de um templo, o santuario (*cella* ou *naos*) que em geral era ladeada por um muro e o separava do *porticus* sustentado sobre colunas, já finalmente pode ser a parte central de um theatro ou amphitheatro romano e ser o pavimento da *orchestra* que continha não a musica, como nos nossos theatros, mas sim os assentos destinados aos magistrados e patricios e n'esta hypothese (que aliaz nos parece a mais provavel) o pequeno muro circular de que se notam os vestigios descobertos seria a primeira bancada destinada aos magistrados e proceres.

Seja, como fôr, o que é certo é que a descoberta feita é da mais alta importancia não só para a sciencia historica e archeologica do nosso paiz, mas sobre tudo para o municipio de Thomar, a quem pertencem aquelas ruinas e que devidamente exploradas podem contribuir poderosamente para a sua celebridade e riquesa.

Na planicie adjacente devem existir numerosos restos de edificios romanos e quiçá mais importantes mesmo do que o que está descoberto».

Que de vôos fantásticos!!

Que imaginação tinha o Dr. Accacio Martins Velho, nosso primeiro professor de desenho!!

Deixemos aqueles e esta e tomemos aquelas tristes e mudas pedras, e vejamo-las à luz d'hoje como sendo restos de uma casa de campo, de uma *vila,* como era uso chamar-se nos romanos tempos.

Tinham, por costume, os habitantes de Roma, os que podiam e tinham inclinação para isso, ao aproximar-se o calor debilitante do estio, refugiarem-se, não só nas suas propriedades, como tambem nos sitios deleitosos dos Albanos, dos Sabinos e nas frescas bordas dos lagos e nas argênteas práias dos mares.

Tendo chamado *vila* a uma casa no campo que, modesta, era habitada pelo caseiro ou rendeiro da herdade, da granja ou da fazenda, estenderam este nome a denominar também a casa do senhorio ou sómente à de repousar.

Tomava o nome de urbana, sub-urbana e rústica, se ficava junto á cidade, perto da cidade ou longe da cidade.

Com os progressos agricolas da propriedade, ou aumento dos rendimentos do dono, engrandecia-se essa habitação que tomava enchanças, sem que a ordenação municipal com ela interviesse, dando-lhe aquele a vastidão que podia ou o seu gosto determinava.

Neste caso, era ornamentada por um luxo caro e próprio para todas as estações, mas para a de verão é que melhor se preparava.

A *vila* então compreendia, os muitas vezes numerosos edifícios agricolas, casas de habitar, ortas, pomares, olivais, vinhas, jardins, piscinas, lagos, jogos de água, eiras e páteos, onde se levantavam pórticos protectores dos produtos agricolas ou de galerias ornamentadas com estátuas.

Certas *vilas*, chegaram a ter magníficos jardins opulentados por estatuas de peregrina beleza, amplas e bem povoadas piscinas, pitorescos lagos, custosos jogos de água, atingindo um fausto dissipador e uma extensão extraordinária, ora vindo a ser só a casa de regalo do proprietário, ora a dos orgulhosos argentários que procuravam, nos amenos sitios de Frascati e de Tivoli os frescos e a saúde que a cidade lhes não dava, tambem nas vertentes que tinham sorvido, num mar de lava, Pompeios e Herculano e que eram agora povoados de termas na sedução higiénica e saudável do banho tépido.

Os mais famosos castelos medievos, as mais opulentas *vilas* italianas dos séculos XVI e XVII e as dos nossos tempos não excederam, nem excedem em grandiosidade, originalidade e requintes de civilização, essas afamadas e magnificentes estâncias de fomento, de estudo, de gôzo, de luxo e de amor.

As *vilae regiae* dos carlovingios e a *vila* que Guiliano de Sangalo construiu, perto de Florença para Lourenço de Médicis, *O Magnífico*; a *Vila Farnesina*, levantada pelo notável Peruzzi, para Chigi, o famigerado banqueiro dos papas, grande amigo das artes e protector de Raphael, a qual foi mandada acabar pelo cardeal Al. Farnesio e daí o nome; a *Vila de Borghèse*, magnifica vivenda de recreio, fundada pelo cardeal Borghèse, sobrinho de Paulo V; a *Vila Albani*, junto a Roma, construida segundo as habitações de Pompeios, e onde esse célebre cardeal bibliotecário do Vaticano reuniu notaveis obras de arte; a *Vila d'Este*, em Tivoli, uma das mais belas da Renascença, concepção sublime de P. Ligório, para o cardial Hipolito, em 1594; a *Vila Aldobrandini*, não longe de Frascati, para o magnificentissimo cardeal

dêste nome, sobrinho de Clemente VIII e sob os planos de Giac. d'ella Porta; a *Vila Mondragona*, para o cardeal Altemps no papado do celebre Gregório XIII; a *Vila Lante*, encantadora vivenda nos arredores de Viterbo que o mais ilustre discipulo e grande amigo de Raphael, Júlio Romano, construiu e ornamentou de pinturas para a família ducal daquele nome; a *Vila Madame*, que tomou este nome por ter pertencido a Margarida de Parma, filha de Carlos V, construida pelo talentoso Júlio Romano, segundo os planos do seu imortal mestre Raphael, para Júlio de Médicis; a *Vila Doria Pamphili*, que o principe Camilo Pamphili, sobrinho de Inocêncio X, fundou e que tornou encantadora, no que foi favorecido pelas ondulações do terreno; a *Vila Medici*, que Lippi levantou para o cardeal Ricci de Montepulciano; a *Vila Masèr*, junto desta aldeia e perto de Trevisi, construida pelo grande arquiteto Paládio, assaz célebre pelos frescos do brilhante Paulo Veronèse, obras primas, mandadas executar por conta de Marcantonio Barbaro e que ainda hoje é digna de ser visitada para se fazer ideia do luxo, da vida e da habitação dum grande senhor do século XVI; a *Vila* da poderosa família Doria, em Génova, e tantas outras antigas e tantas outras modernas pela Europa fóra e pelo nosso Portugal, como a marmorea *Estoy* algarvia, uma ou outra pomposa alemtejana erdade, um ou outro *Castelo* do benigno Estoril, uma ou outra da decantada Sintra, uma ou outra do opulento Riba-Tejo, ou do encantador Entre Douro e Minho, não podem ser comparadas também a tantas outras *vilas* romanas, que fizeram, séculos antes, as delícias e quebraram os ócios a Luculo, a Augusto, a Pompeio, a Hortênsia, a Plínio, a Cícero, a Calígula, a Nero, a Adriano, etc., que foram celebérrimas pela sua grandeza, sumptuosidade, beleza e luxo.

As de Cícero e de Adriano, essas então, passaram á história, como das mais notaveis da república e império romano.

Naquela, em Tusculum, a vinte quilómetros de Roma, numa situação deliciosissima, num dôce sossêgo de gozar a vida, ouviram suas paredes palavras eloquentes do grande romano ao escrever os tratados filosóficos, donde tiraram o seu nome = *As Tusculanas* = e em que ensinava aos homens a arte de ser feliz, que consistia (e talvez consista), em afastar os obstáculos que se opõem á felicidade, em confortar o homem contra a morte, em

ensiná-lo a suportar pacientemente as dôres corporais e em colocar a felicidade na virtude.

A de Adriano, em Tibur, a 25 quilómetros de Roma e cercada dum muro de 26 quilómetros de circuito, reproduziu, em maravilhosa arquitetura, o muito que a fenomenal memória dêste insigne imperador reteve, nas suas inúmeras viagens, a pé, pelos seus vastos dominios, príncipalmente o que mais admirou e o que mais o entusiasmou no Egipto e na Grécia, centros célebres das artes.

Ali, não só era grande o luxuoso palácio com seus vastos e recheados salões, mas também todas as suas diferentes dependências, cujos nomes celebres de *Lyceu*, de *Academia*, de *Prytanéo*, de *Canope*, de *Pécile*, de *Tempé*, dos *Infernos*, tanto acariciaram os últimos anos do artístico e talentoso reinante, com as saudades queridas das suas longas viagens.

De certo que nenhum Cicero lusitano, nem tão pouco nenhum Adriano veranearam nas amenas margens do pitoresco rio de Sellium, mas com certeza algum selliense de fino gosto, ali se estabeleceu, colhendo os opimos frutos de suas humosas terras e gozando os deliciosos frescos, nas cálidas tardes dos verões, e o suave e meigo sol, nas tardes dos nossos lindos outonos.

E' por isso que nós, em Cardais, encontramos sómente as consequências dêsse bom gosto ligado á exploração da terra e compativel com a modestia de Sellium, pois não se vendo amplidão, riqueza, opulencia nas tristes ruinas que o acaso da conversação do nosso ilustre amigo Júlio Mardel com o bom velho Padre cura de S. João, Santa Rita, que nós ainda conhecemos, determinou encontrar, no entanto, ainda indicam que aquela povoação devia ter sido bafejada pelas caricias, embora rapidamente, de uma civilização adeantada, para numa *vila* suburbana existír o que em restos, ali vemos hoje.

E diremos mais, que não seria só esta *vila* que se estabelecería nas deliciosas veigas desse rio de sonho, habitada por alguma requintada alma de poeta, que aos rouxínois das balsas se igualasse em poesia e em alegría, ou em queixume e em dôr.

Na baixa veiga esquerda não a supomos, por ser, ao tempo, bastante alagada, não nos constando (e nós, no trecho da margem que iria de Sellium a Cardais, temos assistido á abertura de um sem numero de covas para plantar varias árvores e visto abrír grande numero de poços) que se tenha encontrado qualquer

coisa indicativa de construções de remota antiguidade, mas nada direita, sem duvida que havia de haver, atento tambem ao encanto e fecundidade das suas dôces colinas e ubérrima planicie que a compõem, o que devia ser muito apreciada, dando origem a vasta exploração agricola.

Talvez a hoje quinta de N.ª S.ª do Pilar (Quinta do Sande), fronteira á *vila* de que estamos tratando, tenha em si nucleo ou seja representante duma *vila* d'outrora e que, no decorrer dos tempos, haja sofrído evoluções até á que presenciamos nos nossos dias.

PEDRA CILINDRICA DA PROPRIEDADE PRISTA

Aquela, a de Cardais, a que pouco critério tem designado ou denominado a opulenta cidade de Nabância, que nada prova ter existido, como deligenciamos demonstrar, ligava-se a Sellium, pelo caminho que corria, sem duvida, pela suave colina que, ora, dá pelo nome de *Corredoura do Mestre*, por a esse tempo, as terras a que chamamos de *Marmelais*, serem marneis [1] e que

[1] Ainda não ha muito que vimos abrir dois poços por estes sítios, distanciados um do ontro e, pelas camadas do terreno, reconhecemos que, a uns dois

o inverno, com um borrifo do rio, tornava fácilmente intrasitaveis.

Apaludadas, destinavam-se a apascentação das nédias vacas como as florestas dos montes do este á dos pretos suinos, á das mansas ovelhas e á das saltarelas cabras.

Com mais as térras das gramíneas, das vinhas e dos olivaís, formava todo esse conjunto uma vasta propriedade, cuja *vila* devemos ver hoje nessas descarnadas paredes, bastos tijolos, lindos mosaicos, fortes soleiras, etc., etc., que ao deante descrevemos.

Ali, o seu proprietário, senhor dum grande latifundio, no comporte da então pouca divisibilidade dos campos, sendo selliense, passaria os ócios da sua vida citadina, como qualquer um nos tempos, que vão correndo, de socialização das terras, que chega á pulverização, e de democratização dos costumes, que roça pela licenciosidade, vai às suas pequenas hortas ou ás suas modestas quintas que, por esta razão, não dão azo a que, se tendo bom gosto, se ergam espaçosas *vilas* artisticas que possam dar ideia viva do que aqueles frios restos nos recordam.

Hoje casas modestissimas é o que se encontra por toda essa vasta leziria de outros tempos, que, ao presente, forma várzeas de regadio, retalhadas em grande numero de propriedades, que fazem, não há duvida, o aconchego de muitos, mas não lhes podem trazer a felicidade, a arte, o desanuviamento de espírito, para se darem ao grande prazer de materializarem o que artistas eminentes conceberam em seus altos e cultos espíritos, pois só onde há riqueza, opulencía e boa disposição de ânimo, se geram essas belas obras, atingindo algumas a magnificência, que são o deleite de quem as mandou erguer e o encanto dos que as admiram.

E' o que vemos, com certa relatividade, em Cardais, embora escalavrado e reduzido.

---

metros de profundidade existia uma expessa camada de areia que decerto teria formado a superficie de ha dois mil anos, a qual a erosão dos montes vizinhos, os nateiros e a intensa melhoria, que o homem lhe introduziu, cobriram, subindo um milimetro por ano dando por isso em resultado ter-se formado a camada arável e não tendo hoje, senão por excepção rarissima, a visita da enchente do Nabão

Patenteia-se-nos, nessas pobres e hoje abandonadas [1] ruinas um centro duma grande propriedade, cujo dono, tendo bens de fortuna e fino gosto, ali tinha vivenda, superintendendo sobre multiplos serviços rurais, em que trabalhava uma grande população de escravos (*familia rustica*), a quem por obrigação, tinha

---

[1] Para elucidação deste abandono, transcrevemos, do conspicuo jornal *O Comercio do Porto*, o artigo e carta seguintes:

AS RUINAS DE NABANCIA — *Conhecimento que despresa e ignorancia que vela — Um museu n'uma adega — Providencias necessarias.*

Desde já se diga que a designação corrente, que nos serve de epigraphe, não assenta em bases que a sciencia archeologica possa rigorosamente acceitar.

Isso está provado d'uma forma incontroversa. Se a admittimos é apenas para evitarmos possiveis confusões

De facto, da antiga cidade da Luzitania assim denominada, que a tradicção de Santa Iria tem perpetuado atravez das gerações, apenas a circumstancia de se saber situada proximo a Thomar depõe em favor d'esse onomastico, que o descobridor das ruinas com insoffrido enthusiasmo lhe deu.

As apelidadas *ruinas de Nabancia* são de sobejo conhecidas

Não ha ninguem que visitando Tomar deixe de percorrer mais um kilometro para o sul da historica igreja de Santa Maria dos Olivaes, na margem esquerda do rio Nabão, para contemplar uns evocadores vestigios da época romana entre nós. Fomos lá recentemente.

Em Cardais, no vale de Marmelaes, mesmo á ilharga da estrada, jazem os restos mutilados d'um povoado antigo, que por espaço de varios seculos um lençol de terra avaramente occultou.

Quiz o acaso que uma cova mais profunda aberta um dia para leito de uma oliveira, os desvendasse. Procedeu-se então ao trabalho de desaterro, verdadeira dissecação, que o devotado archeologo Possidonio da Silva emprehendeu.

A dois metros do solo foram surgindo, ante os olhos avidos do explorador as migalhas desordenadas mas sugestivas d'uma civilisação remota e celebrada.

Casas, ruas pavimentadas, esgotos, columnas, appareceram de conjuncto com os mais variados objectos. Para suma curiosidade um bello mozaico policromico *(opus vermiculatum)* foi encontrado.

O natural interesse que esta descoberta despertou nos entendidos levou-os a obter do Estado a sua conservação. Foi-lhe dado um homem para vigilancia, que no local ficou permanecendo; na casa que o albergava se recolheu tambem o espolio alcançado. Foi isto ha perto de quarenta annos.

Desde então para cá não mais se fizeram pesquizas, pois que sendo o terreno particular e agricultado ao seu possuidor não convinha que lhe fosse cerceado; generosidade tivera já em consentir na exploração... O guarda ia velando o existente, a troco d'um crusado diario, com diligente cuidado; nem depredações, nem desacatos eram perpretados.

de dar pousada, o que nos é atestado pelo basto meandro de alicerces de muitas oficinas e quartéis.

Olhar não devemos, por tudo ali tão junto encontrarmos, pois está ao espirito da época, em que as ruas não eram muito largas, nem a maioria das casas muito amplas.

Volve o tempo. O terreno muda de proprietario. O vigilante por seu turno, ha uns tres annos, dá a alma ao Creador. Ninguem mais pensa em prehencher o logar. As velhas ruinas são votadas por assim dizer ao abandono. Se mais não soffreram com esse accidental estado de fallencia é porque o novo proprietario do terreno, o sr. Luciano Lopes Galvão, cujo nome nos é grato registrar, tomou o voluntario encargo de ser o seu dedicado guardador. Elle proprio nos referiu os cuidados que tem tido para que as ruinas não experimentem prejuizo de maior.

— Olho por isto, diz-nos, porque resido aqui mesmo e entendo que é um dever fazel-o, pois se cá havia guarda é porque estas coisas o mereciam.

Depois confessa-nos, a medo, que bem desejaria ser investido officialmente no cargo, visto que melhor do que ninguem, por morar ahi mesmo, o poder desempenhar. Era toda a sua ambição. . concluiu.

E estavamos longe de supor que o homem humilde que vimos no local logo ao chegarmos, de caçadeira ao hombro, velando o producto do seu labor agricola, e que solicitamente nos acompanhou na visita, nos sahisse assim pundenoroso e atilado. Verdadeiramente surpresos ficamos com o facto, não tendo tambem ficado menos o velho amigo e collega dr. Manuel Ruivo, que nos acompanhava.

Mal se imaginaria que um iletrado camponez desse tão frisantes provas de bom senso e de respeito pelo passado.

Como essa eloquente lição aproveitaria a muitos *espiritos cultos* que para ahi polulam!

Ao lado das ruinas encontra-se a casa (quatro paredes e uma cobertura tão sómente) onde se alojava o fallecido guarda: é agora um armazem que encerra cascos de vinho e alfaias agricolas. Lá se encontram (estranha promiscuidade!) os restos recolhidos na exploração archeologica da estancia. Arrumados sobre um balcão ao longo da parede, a um lado, amontoam-se curiosos exemplares de ceramica, taes como vasilhas, telhas pezos de barro, mós de moinho de granito, pedaços de columnas, objectos de bronze e numerosas moedas. Um muzeu afinal!

Todas estas coisas agrupadas sem nexo, acham-se expostas á deterioração e a um possivel desapparecimento,

Notámos esta ultima circumstancia ao dedicado guardador, que nos retorquiu ter grande cuidado n'isso, não lhe faltando já occasião de se vêr obrigado a intervir. O certo é que estando os objectos á mão, sem que seja notado, muitas «lembranças» devem ter acompanhado alguns visitantes menos escrupulosos

Um muzeu n'uma adega é na verdade desconcertante; como prova da nossa incuria será difficil topar melhor.

Ainda assim, ali as ruas medem de largura $2^m,40$ a $3^m,20$ e há casas de $7^m,5$ de largura, por $9^m,90$ de comprimento, como se ajuizará pelas nossas gravuras.

Uma cultura que nessa importante propriedade teria vasto desenvolvimento que requeria, portanto, bastos cómodos, era a olivicultura e a subsequente oleicultura, atento ao grande con-

---

Reconhecem-no todos os que lá vão, alguns d'elles não perdendo o ensejo de manifestar a sua indignação. No livro dos visitantes ahi existentes (não esqueceu este requinte de civilisação) assim se observa; traslademos como amostra: F. F. lavram o seu mais vehemente protesto contra o estado de abandono em que se encontram por culpa do governo estas preciosidades historicas quando tanto dinheiro se gasta inutilmente.» Eram modestos artifices que o subscreviam . .

O povo só precisa que o eduquem, pois mostras de intuição dá elle de sobejo.

Por não terem sido tomadas as providencias preconisadas em tempo pelo eminente archeologo sr. dr. J. Leite de Vasconcelos, o mozaico policromico acha-se em completa desagregação Os pequenos paralelipipedos que o formam estão levantados, quasi na totalidade, difficilmente se vendo n'uma ou noutra parte o desenho representado Data isto do anno corrente. Um nevão destruiu-o.

Nos dois annos anteriores, o proprietario Galvão, teve o cuidado, imitando o antigo guarda, de o proteger no inverno com pranchas de cortiça e molhos de palha Este anno essa providencia não foi tomada a tempo e o mozaico perdeu-se. O illustre director do Muzeu Etnologico Portuguez no relatorio que apresentou superiormente, onde o valor da estancia era posto em relevo, indicava como indispensaveis a acquisição do terreno pelo Estado e a feitura d'um telheiro para resguardo do mozaico. Como é corrente succeder, essas observações não foram escutadas.

Sempre o desleixo damninho a prevalecer.

Ha agora em Tomar, n'uma das salas do convento de Christo, um muzeu em formação. Está naturalmente indicado pois, que todo o material archeologico que se encontra no estrambotico armazem ahi seja recolhido e convenientemente catalogado. Seria preferivel mantel-o *in-loco*, mas dando-lhe uma installação condigna, que só poderia realisar-se com certo dispendio. Portanto a transferencia impõe se. Cremos que esse muzeu não é exclusivamente de reliquias da Ordem de Christo, antes tem uma feição regional que o aponta com proveito para o caso em referencia.

Resta que estas «frioleiras» encontrem éco prepicio no meio em que mais particularmente devem interessar. Cabe aos thomarenses, intervir em defeza dos seus valores archeologicos regionaes: reclamar uma fiscalização eficaz para «Nabancia» e um logar honroso para as suas *épaves* não será mais na verdade — do que presar-se a si proprios.

Pedro Victorino

sumo que tinha o precioso óleo, cuja produção tão favorecida era, ali pelo solo e pela doçura do clima.

O romano, que tanto venerava Saturno, por lhe ter feito gozar a idade do ouro e por lhe continuar a proteger as suas sementeiras e seus frutos, dedicava grande atenção e dedicação a

---

A este artigo respondemos com a seguinte carta :

As ruinas de Nabancia. — Ao director de «O Commercio do Porto» — A' obsequiosidade de um amigo, devo o chegar-me á mão *O Commercio do Porto*, onde se me deparou um bello artigo sobre «As ruinas de Nabancia» assignado pelo snr. dr. Pedro Victorino a quem não tenho a honra de conhecer com grande magua para mim.

Se a tivesse, decerto, o acompanharia em Thomar, estando alli, na visita que fêz ás chamadas ruinas da cidade de Nabancia as quaes, emquanto á minha humilde opinião, não passam das de uma *villa* romana, como em breve demonstrarei no meu livro em preparação «Thomar-Convento de Santa Iria», e então teria tido ensejo de lhe contar miudamente o que, se v. me dá licença, em resumo vou narrar.

Antes mesmo de morrer, no seu impedimento, por doença, do Alves, antigo guarda, tratei de encartar, reformando aquelle, o Luciano Lopes Galvão que, como proprietario pobre do terreno das ruinas, tinha todo o direito e pelo seu pondonor e atilamento era digno de exercer o logar.

Recorri para o Conselho dos Monumentos Nacionaes de que sou em Thomar delegado á falta d'outrem.

Achou justo o meu pedido e officiou para o ministerio.

N'este foi dormir, como é costume, o officio e por lá estaria ainda hoje se o não vou acordar.

Acordado, transitou e uma diligencia é emprehendida pelo illustre sabio dr. Leite de Vasconcellos, que vai a Thomar e na minha companhia, visita as ruinas, do que faz um relatorio que está impresso n'*O Archeologo* n.º 1 a 6 do anno de 1914, concluindo pela importancia d'essas antiguidades e que se velasse por ellas.

Escusado será dizer que as palavras do Mestre emperraram diante dos miseros 400 réis que o guarda Alves recebia e ao Galvão foi só passado um documento de entrega das ruinas.

Morto o Alves, de novo peço para que o Luciano seja definitivamente nomeado.

Grandes difficuldades se levantam por o Alves ser empregado n'um ministerio e receber por outro. Caminhadas e caminhas fiz para o ministerio da instrucção a fim de deslindar o assumpto, até que em Thomar, o illustre inspector de engenharia da 7.ª divisão, o coronel snr. Garcez Teixeira, fundou n'essa cidade, com outros patriotas, a Associação da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Christo e entrego-lhe o negocio, mas foi ainda mais mal succedido do que eu tinha sido : a sua representação e processo subsequente, um dia, perdeu-se e pelos meandros do ministerio de instrucção sumiu-se para nunca mais ! ! !

êste importantissimo ramo da agricultura, em que foi perito, não nos custando a crêr que a Sellium, região essencialmente olivicola, por aquelas duas razões, teriam chegado esses conhecimentos tanto generalizados pela Italia, como no-lo referem alguns dos seus notaveis escritores (1)

Estes, como Plinio, Catão, Varrão, Columela, Virgilio, Paládio, falam da arvore de Minerva e da sua industrialização, sabendo nós por eles muitos e muitos preceitos e conhecimentos que as idades futuras e a sciência moderna aplaudem.

Dizem-nos êles que, depois de Tarquinio, o *Soberbo*, é que a Península principiou a contar na sua flora essas prestimosas arvores e onde se começaram a dar tão bem que em breve, de seu

---

Negra sorte ! ! !

Voltou-se á carga e novo processo anda... a correr nova odysseia.

Serão agora as solitarias ruinas das margens do poetico rio da minha linda terra mais bem afortunadas ?

Verá o Luciano Galvão realisada a sua justa ambição ?

Verão os poucos, mas illustrados Drs. Pedros Victorinos e Ruivos satisfeitas as justissimas reclamações, pondo-se a bom recado, o que nos deixaram as gerações passadas e que nós deviamos estimar, respeitar e conservar para ensinamento de todos ?

Os sapientissimos da governação publica dirão.

Emquanto a mim, Snr. Redactor, não tenho senão pedir desculpa para o espaço que roubei do seu muito lido e importante jornal.

Lisboa, 11-10-21.

De V., etc., *Vieira Guimarães.*

No dia 8 de Março de 1922 voltamos ao Ministerio da Instrução a saber do andamento do processo.

Custou a encontrar.

No fundo duma caixa estava com a nota de «parar até a devida oportunidade».

E continua...

E agora ?

As ruinas de Cardais que esperem, e os que por elas se interessaram que tratem de outra vida, porque a celebre lei numero 954, que ainda hoje é lei do Estado, entrega as miserandas ruinas ao abandono, ao desaparecimento.

E vivam o progresso e a civilização ! !

(1) *Colecção Nizard*, Traduções: Rousselot, Louis du Bois, *Georgias*, *Historia Natural de Plinio.*

fruto se extraia um azeite finíssimo, que sem relutância se podia igualar ao que na Itália era produzido pela azeitona *licínia* que parece ser a que nos tempos hodiernos se chama a *cordiviz* ou *sevilhana*.

Não decerto, haveria só esta qualidade, pois a *pausia*, a *régia*, a *orchita*, a *sergia*, a *àlgiana*, a *vénia*, a *clamínia*, *a circitis*, a *calabria*, a *murtia* e outras, deviam ter representantes, as quais poderiamos identifica-las com variedades que povoam hoje os nossos olivedos e ajudam a afamar o nosso azeite.

O que sucedeu este ano, em que estamos, 1921, de se rançar o azeite na propria azeitona ainda na arvore, por efeito das chuvas copiosas sobrevindas a tempo sêco quando a maturação do fruto se ia efectuando, já era observado há dois mil anos e nas suas obras apontado.

Da mesma forma referem ser o azeite tanto mais gordo e menos saboroso, quanto mais tarde era apanhada a azeitona e que tomava mau gosto, guardando-se, chegando a ser afirmado que, um ano depois de fabricado, já era velho, muito ao contrário do vinho.

Aquele conhecimento levou os romanos a fazerem três qualidades de azeite, conforme o grau de maturação da azeitona: o *albae*, extraído de azeitona em começo de maturação; o *oleum viride*, feito das azeitonas já principiadas a enegrecer; e o *oleum maturum*, produzido pelo resto da azeitona da safra, sendo este o mais abundante, mas o mais pesado, mais gordo, menos agradavel ao paladar e menos conservadiço.

A apanha da azeitona tambem era rodeada de grandes cuidados, sendo repelido o barbaro varejamento e sim preconizado o suave, quando outro modo se não podia empregar, pois o ripar era o preferido, aconselhando-se a escada, a ponto de preceituar-se que ao proprietário era de dever fornecer as escadas aos rendeiros, quando os tinha, sendo a êstes *defeso*, usar da varejadura.

Não foi outro-sim dos grandes mestres, desconhecido o prejuizo que advinha á azeitona apanhada, de entulha-la, ou, pelo menos, demorá-la sem a fabricar, pois devia moer-se de noite, ou no dia seguinte, toda a azeitona da apanha do dia ou do dia anterior.

Quando retardada, por qualquer circunstância, devia guar-

dar-se numa casa espaçosa, clara, arejada, sêca e fresca, pois não sendo assim, fácil era à azeitona recozer na almofeira, e não a salgar, quando destinada à primeira expremedura, sendo-o sómente o bagaço dela para lhe aproveitar a acção diluente, afim de lhe extraír os óleos mais crassos e impuros.

Áqueles agricultores que pensavam, como ainda os hoje há, ateimando no êrro, que a tulha dava azeitona, respondia-lhes Columela que era isso tão falso como crescer o trigo na eira.

A VELHA OLIVEIRA DE CARDAIS

Quem tinha tanto cuidado com as oliveiras e com a azeitona, não se devia esquecer de proporcionar iguais ou maiores á extracção do azeite.

O aceio devia ser esmerado, chegando-se a não queimar no lagar, nos candieiros de alumiação, do azeite que se estava fazendo, mas sim do azeite já decantado, pois não sendo este, espalhavam-se do morrão das candeias produtos pirogénicos, que eram os mais nefastos, por muito contaminarem o azeite das fontes.

Tambem nos mostram o cuidado a haver na trituração da

azeitona, para se obter azeite fino, para o que devia sómente a mó esmagar a carne da azeitona, poupando-se-lhe o caroço, cujo oleo concorre para a má qualidade do azeite e para a sua pouca conservação, e também nos dizem que o azeite que sai com fraca pressão, quasi expontaneamente, era inconstestavelmente o melhor de todos.

Para isso tinham todo o cuidado, ao construir o moinho (*trapetum*), que se compunha duma vaza (*mortarium*) com altos lados (*labra*), tendo no centro uma coluna (*miliarium*), que servia de suporte, ou eixo, das pedras (*orbes*), que eram chatas pela face de dentro e convexas pela de fóra.

No lagar, onde trabalhava este aparelho, conjuntamente com as varas-prensas (*torculares*), havia três ordens de vasilhas para nelas se receber os azeites das diferentes expremaduras, visto ser erro crasso misturarem-se, assim como do mesmo modo o armazém devia encerrar uma bateria de vasilhame para a decantação, pois era êsse o único processo que os romanos usavam para depurar os azeites, chegando a decantar o azeite duas vezes por dia, no que procediam com tal esmero que o punham perfeitamente limpido.

Umas trinta vasilhas eram as suficientes para a depuração do azeite de uma safra de um olival regular.

Escusamos de mais delongas neste assunto, pois muito longe poderiamos ir, embora tivessemos que dizer também o que os romanos praticavam e que está hoje reprovado [1].

---

[1] Não queremos, além destes pequenos conhecimentos sobre olivicultura e oleicultura romana ir mais além, sôbre o assunto tanto da nossa predilecção e a que temos dedicado algumas horas de estudo.

Sómente deles quizemos tirar, mais um argumento para a nossa tése=as ruínas de Cardais são duma *vila* romana.

Ao contrário levar-nos-hia, onde não comportam os limites do nosso humilde trabalho, pois dizer aqui o que com a natureza temos aprendido e o que os homens nos têm ensinado, era enveredar por caminho que não está, bem bem, no nosso intento.

Contudo algumas palavras referiremos, não á grande lição da natureza, mas sim ao que os homens têm feito depois daqueles grandes mestres, vindo parece-nos, não a despropósito, tanto mais que queremos contribuir, se acaso podermos, para o aumento dos conhecimentos daqueles conterrâneos que nos lerem ou daqueles que por esquecimento os não pratiquem.

Com honrosas excepções, no geral, pouco mais do que desaprender têm

Basta, portanto, este resumo do que os entendidos mestres praticavam de principal para aquilatar do que por Sellium se faria, tendo em vista a enorme difusibilidade que a grande cultura romana tomara.

Não andaremos, pois, muito longe da verdade, aceitando que

---

os homens feito, visto estarmos, pouco mais ou menos, a dois mil anos de distancia e o avanço é quasi nulo, se não retrogrado, salvando-se a patologia da oliveira, em que temos alcançado alguns progressos, embora pequenos, e a quimica, esclarecendo scientificamente o que a pratica e grande observação haviam ensinado aos agricultores de tão romotas edades.

Vejamos por partes:

Os romanos conheciam espécies de oliveiras de que faziam só delas olivais, cujo fruto dava azeite especialissimo.

E nós?

Nada nos importa isso e temos vindo a formá-los de todas as espécies de que extraimos azeite, cuja única qualidade legal é a acidez.

Tratavam as oliveiras, embora em tempos rudes como esses, tão bem que a ripa era o principal processo de apanha.

E nós?

Ainda comumente usamos o varejão e a vara, acompanhadas do sacramental: *venha gente e madeira*. Já há, todavia, quem mande ripar e gadanhar, mas que oliveiras e, ainda assim, nem todas as do mesmo proprietário.

Fabricavam três qualidades de azeite em virtude dos sucessivos estadios de maturação da azeitona.

E nós?

Uma só e, quando muito, desfazemos os *caroços* para *untar* o lagar.

Empregavam a vara tão belo processo de expressão para a qualidade.

E nós?

Vamos substituindo aquela pelas prensas de grande potência, porque só se olha á quantidade e não á qualidade.

A que atribuir tanto atraso?

A' nossa falsa educação, e não á pouca instrução, porque já de há muito está traduzido em português, como praticavam os grandes olivicultores e oleicultores de eras tão afastadas, ajuntando-se áquela a falta de boa orientação pela parte do Estado que quási nada tem feito no sentido de bem dirigir a nossa instrução agricola, seguindo um rumo prático e geral,

Infelizmente a nossa agricultura e, por conseguinte, a olivicultura e oleicultura estão na maioria dos casos entregues a gente da mais baixa cultura e tambem a gente dedicada a outros mistéres.

Muito raros são os lavradores, dignos dêsse nome, que existem por essas terras além, isto é: aqueles indivíduos cultos que têm exclusivamente por fim de vida administrar e cuidar da terra, vivendo nela e para ela.

A agricultura é um desporto em Portugal.

E' ver o nosso concelho

uma população agricola, como era a de Sellium, e vivendo numa região, cujos terrenos e clima tanto favoreciam o amanho da oli- veira, a êle particularmente, se dedicasse e vêrmos hoje em Car- dais, também em alguns dos seus alicerces, restos de qualquer estabelecimento oleifero (*torcularium*).

Lavradores a quem se passa dar esse nome, não passa os digitos o seu numero, todavia, lavradores-negociantes e lavradores burocratas são ás deze- nas.

Até as fábricas de papel e de algodão são lavradores de vinho e de azeite ! !

Ora assim, como pode florescer a agricultura na grande maioria de Por- tugal, entregue a individuos que se distraem por outras ocupações, não tendo tempo por isso para lhe dedicar todo o estudo, esforço e amor ?

Abandonam-na aos rendeiros e aos feitores, que raros são os diplomados que tivessem frequêntado alguma rara escola agricola nacional que, também, valha a verdade, pelo seu exiguo número pouco ou nada têm podido fazer.

Sem essas escolas profissionais e em sitios mais proprios, vai-se prati- cando o que o crescente esquecimento do antigo saber foi deixando aos avós passados na mais boçal ignorância, sem se preocuparem com os melhores pro- cessos culturais e industriais que, de resto, como vimos, já contam milhares de anos, mas que os subseqüentes tempos de luta á nação romana fizeram obli- terar.

Além disso, minados por um egoismo sórdido, moureja-se, nas cada vez mais pequenas propriedades, sem auxiliar o vizinho, quando se não prejudica nas coisas mais insignificantes, origem de mil rixas e de processos judiciais.

Associações e empresas agricolas poucas conhecemos que sejam do mo- dêlo que preferimos que fôsse seguido.

As outras industrias têm-se sindicado ou empresado.

E a agricultura ?

Chegou só a atingir o sindicato fornecedor de adubos e sementes, e tem-se fundado algumas sociedades para explorar propriedades adquiridas por compra, arrendamento, etc. ! !

Ora isto não é progredir principalmente no triste e prejudicialissimo uso da divisibilidade extrema da propriedade.

Que pode fazer um proprietario com pequena propriedade ou com muitas tambem pequenas ?

Se é pequena, não pode ir muito longe em cultura, quanto mais em expe- riências e estudos, e, se tem muitas, não lhe cresce o tempo além do policia- mento e a administração de tantos retalhos, que bem caros e fatigantes ficam por isso.

Não se contraponha a isto o dizer-se que as pequenas propriedades pro- duzem mais do que as grandes.

Tal não é, nem nunca o foi, porque se não podem comparar os processos económicos empregados no amanho de uma ou de outra.

Que tempo e que capital se não perde na retalhagem ! !

Pelas suas aprazíveis colinas, que antigamente sem dúvida eram povoadas, em grande número, de oliveiras, não encontraremos hoje indivíduos vejetais que vissem os contemporâneos de Plínio, de Columela e de Paládio, mas, se os não vemos, com certesa muitos cepos de algumas oliveiras de hoje, já se agarravam ao

---

Alem disso a sciência que se deve ter para administrar uma propriedade pequena é a mesma que é preciso para dirigir uma grande, que requere tam- bem correspondentemente capital, que só poderá vir da união de todos para o mesmo fim, o que trará agronomicamente, para aquele e para este, as grandes vantagens económicas da grande produção.

No Minho e em outros vários sitios de Portugal, onde ha condições favo- raveis, a propriedade sofre o erro grave da sua pulverização; em parte de Trás- os-Montes, das Beiras e principalmente no Alemtejo extagna por falta de bôas estradas, de desenvolvidos caminhos de ferro e de agua, o que se remedearia com uma bôa Administração Pública, construindo aqueles e levantando diques originais de albufeiras que muito concorreriam, especialmente na mais meri- dional d'aquelas provincias, e não com a teorica irrigação pelas aguas do, de verão, exiguo Tejo para maior desenvolvimento e fixação da população que assim traria a maior cultura tractos de terreno, só entregues hoje ao, embora pres- tadio, fim de pastagem.

Um travão, por parte do Estado, preciso é áquele parcelamento, assim como o contrário é exigido pelo latifundio, dando-se protecção a obras de fomento por parte dos particulares, desenvolvendo o proprio Estado aquelas que áqueles não pertencem, como estradas, caminhos de ferro e diques de grande altura e largura.

Assim contrabalançado o nosso regimen agrário, muito se poderia fazer depois pelo meio de sociedades, de associações e de sindicatos

Muito era para desejar que os donos dessas propriedades, quando peque- nas, se associassem, a que se juntariam rurais, e em comum as explorassem, pois, sendo todos interessados directamente, na criação de riqueza, não só re- sultados materiais lhes adviriam como tambem os morais que de tanta utili- dade são para o bom funcionaments humano.

Mas estará apto o estado politico-social do nosso pais em condicções de educação a receber tão util organisação ?

Parece-nos que não, atentas as nossas provas, visto os nossos exemplos, filhos do temperamento rácico, enraizados nos nossos costumes já de há mui- tos e muitos séculos.

Lamentavel será que uma forte e séria educação, operada nas gerações fu- turas, não lhe tire a grande camada de egoismo que o corroi, que não lhe dê, o espirito associativo suficiente e que lhe não dê o desenteresse preciso, o al- truismo necessario para que a grande máxima, mais velha que Christo : — *não façaS aos outros o que não queres que te façam* — seja cumprida no supremo proveito da comunidade que, desde o barateamento da cultura á extensão dela, obteria incalculaveis beneficios que se extenderiam não só aos sim, mas tam- bem aos não associados.

solo, quando de Sellium vinha, pelas tardes amenas do Outono, o seu proprietário contemplar as outras desaparecidas árvores, carregadas dos formosos e preciosos bagos.

Contudo, se não as vemos em abundância, uma há que, decerto, vem dêsses avoengados tempos, podendo-lhe nós dar, sem rebuço, de idade uns dois mil anos.

E' um exemplar, como se nos não tem deparado [1] nenhum

Chamem o que quiserem a este nosso modo de pensar, mas crentes fiquem de que tal proceder, sendo praticado por todos aqueles, nas condições apontadas, aliás o contrario não daria resultado, atalharia muito mal, sufocaria muita revolta, cessariam lutas que já se esboçam e que de futuro terão mais acuidade.

No nosso conselho essa intensidade e extensão abrangeria, pelas condições topograficas e mesologicas, as quatro grandes culturas próprias dele: olival, vinha, hortense e cereais.

Assim associados todos, em grandes sindicatos ou sociedades, administradas por pessôas idóneas e donas, já se poderia especializar parte da produção que teria reputação merecida e a consequente remuneração, entregando-se directamente ao consumidor, prescindindo do intermediàrio, o comissàrio, que, no estado presente, somos levados a defender por necessàrio.

Como foi o azeite o causador desta nota, a êle voltamos.

Que lindo, saboroso, fino, inácido, se poderia obter das nossas azeitonas?

Não será por falta de mestres que, desde os velhos Dallabela, Trigoso, Sá, Lapa, aos modernos Larcher, Menezes, Prego, Cincinato, têm vindo a teorizar, nós deixaremos de estudar os nossos olivais e de seus frutos colhermos um azeite que se assemelhe ao dos antigos romanos e ao dos modernos italianos, inteligentes seguidores daqueles.

Mas, porque não o fazemos, visto termos tantos livros?

Muitas são as coisas que resumiremos n'uma: — embora instruidos, como a abundância de livros quere indicar, não nos educamos e não nos chega tempo senão para fazer muita... falacia balofa, origem da... nefasta politica que nos tem desgovernado.

[1] Um pouco ao sul da nossa propriedade das *Onze Igrejas* (Algarvias) no principio do vale de Juncais, na fazenda de um vizinho, tambem existe um exemplar, não da conformação dêste, mas também denota, pela corpulência do seu tronco, grande antiguidade, o que nos faz presumir que ja fizesse parte da *Herdade* que Pedro Ferreira e sua mulher compraram, em 1202, a Martim Mendes, cujo título encontramos publicado pelo ilustre Diretor da Tôrre do Tombo, o snr. Dr. António Bayão, na sua bela obra *A vila e o conselho de Ferreira do Zêzere.*

Também no *Livro da Extremadura*, n.º 12, a fls. 166, encontramos transcrito um titulo da venda de uma vinha em Juncais, em Fevereiro de 1189, treze anos antes daquele, o que denota que este feracissimo vale já tinha, por êsse tempo, larga cultura.

em qualquer parte do país, cujos olivais temos percorrido em muitas e saudosas digressões.

O seu tronco é enorme e, embora já abrindo uma pequena fenda, forma uma só peça como vemos pela nossa gravura.

Mede 5m,5 de circunferência e 2m,5 de altura.

Hoje, ao abandono, em que está, num valado, deve a pequena copa que apresenta.

Atento ao tardo desenvolvimento da oliveira, quem é que nos provará que esta árvore, tendo vivido num terreno magro de sequeiro, que custosamente tem concorrido para o seu agigantado porte, não seja representante directo dos antigos olivais que cobriam as terras da vasta herdade, de que temos vindo a falar, localizando a sua habitação e as suas oficinas nas ruinas que, a uns 200 metros, a sul e poente, se levantam num testemunho evidente do quanto pode a agricultura extensa, dirigida por um espírito superiormente educado, nos mais altos principios da sciência e enamorado pelos motivos ornamentais de uma arte encantadora?

Estão situados estes restos da antiga civilização no sopé da colina que, a uma meia légua ao norte, arrancava da chapada, onde se ostentava a casaria de Sellium.

Formando essa colina, como que a orla oriental do vale do rio, quebrava-se, ali perto, pela passagem duma pequena linha de água, para prosseguir pela *Comeáda* alem.

Levantam-se essas ruinas num pequeno socalco de altura pouco saliente da veiga, mas bastante do talvegue que lhe fica a poente, devendo a essa circunstância terem sido preservadas das inundações do Nabão, não só a elas, como também as antigas habitações e oficinas.

Decerto que não vamos ali encontrar os restos da clássica casa rica romana, ordenada e disposta conforme as regras arquitectónicas dos velhos mestres da Roma imperial.

Não, nada disso.

Mesmo, porque não se trata só de uma habitação por alguma coisa haver a mais.

Localizar, pois, aquela e outras dependencias, difícil se torna hoje, sómente guiados pelos alicerces bastante danificados que ali subsistem, separados por umas quatro pequenas ruas calçadas.

Não queremos impôr a nossa hipótese.

Sómente a apresentamos e pelas gravuras que damos, pela

descrição que fazemos e pelas razões aduzidas, se avaliará da relativa importância dessas venerandas antiguidades e da sua problemática realidade histórica.

Tomando a rua que tem a orientação norte-sul, por nos parecer que a entrada principal da *Vila* seria em seguimento ao caminho que ali conduzia de Sellium, por ponto de referência, dividiremos essas construções em duas partes: a da esquerda, nascente, a mais nobre, em que o amo aposentaria, cujos restos, nos parecem ser, o semi-círculo de mosaico, colunas, o pórtico e várias dependências; e a da direita, poente, a agricola, a dos trabalhadores, pelos variados perímetros das casas de desigual tamanho, mas de regular configuração, e a cloácula.

O semi-círculo de mosaico policrómico (*pavimentum vermiculatum*) que mede de raio 5m,50 e está afastado da rua por uma dependência rectangular de uns 5m,40 de comprido, formava com esta uma construção que parece ter sido rodeada de um alpendre, sustentado por colunas de que existem uma, a base de outra nas trazeiras e na linha média, e a pedra, onde outra se levantava, correspondendo á primeira [1].

Ao lado da parte rectangular havia duas casas de iguais perímetros, seguindo-se-lhe outras duas: uma ao norte e outra ao sul, indo desta os muros com 5m,80 de comprido e com os 4m,50 que todas elas têm de largo.

A parede do topo sul da casa que se vê completa nos seus muros, formava parte de uma parede geral, que corre de leste a oeste, parecendo ter fechado, por aquele lado, a *vila*.

Por detrás destas construções, coincidindo o seu centro com

[1] No pequeno museu que se fez, numa dependência da casa da propriedade de hoje, com os objectos perdiveis encontrados nas excavações, vêem-se lá: colunas, bases e capiteis. Os fustes das colunas são das dimensões da que está em pé nas ruinas e as bases e capiteis são tambem das mesmas dimensões.

A proposito deste museu, enumeraremos os objectos que ao presente ainda ali existem: pêsos de barro de vários tamanhos e formas, abundando bastantes pêsos de tear *(pondus)* tendo um dêles, como que uma marca estrelada, e outro um sulco em volta da abertura do buraco transversal, bocais, asas, colos e fundos de ânforas de barro, pedaços de lucernas, de tijolos (*later coctus*); de vasilhas pequenas de barro com impressões de patas de animais; discos de vidro branco. mós de mão; telhas curvas; um cabo de bronze de espelho ou de patéra; moedas de bronze dos sèculos III e IV, de Claudio II, Licínio Senior, Constâncio II, etc., etc.

a linha central delas, erguia-se um pórtico, cujos troços das suas colunas de tijolo em forma de quadros e de semi círculos, ainda hoje ali se ostentam em parte.

Não são todos, pois só seis se vêm e, pela disposição que têm, cinco formavam a metade sul da colunata, restando mais um, que, a distância dobrada daqueles, pertencia já à outra metade.

Isto é evidenciado, porque além de existir êsse troço, há resquícios dum na mesma direcção e em tripla distância, tendo de-

Ruínas de Cardais

saparecido os outros dois intermédios, quando plantaram a oliveira, que ainda ali se levanta.

Medindo os intercolúnios, 2m,50, êste, o que fazia parte da metade norte, conta 5 metros, formando, por esta razão, a entrada do recinto para onde se abria o pórtico, nas trazeiras do edifício que tem o mosaico, o qual muito bem podia ser, pela configuração que apresenta, dependência da residência senhorial, sendo a parte semi circular a alcôva (*apsis*), [1] penetrando-se

[1] *Dictionnaire des antiquitées Romaines et Grecques*, par Rich

para esta pela porta, cuja soleira ainda está no seu logar na parede da rua que tomamos para orientação.

Parece não ter tido cobertura este recinto, pois de lá sai um pequeno cano afim de escoar as águas para o exterior, passando a parede atrás descrita e que fechava a área da casaria.

Pouco mais teria sido a *Vila* por êste lado e dizemos isto, porque nada mais foi desenterrado, quando da excavação de Possidónio, da posterior construção da estrada municipal, que veio substituir o antigo caminho, que corria mais a poente e, porque logo após aqueles trabalhos de excavação, o proprietário da fazenda limitrofe tratou de fazer a plantação de uma vinha, no encalço de descobrir moedas de ouro, como constava terem sido encontradas por aquele distinto arqueólogo, que por seu turno, as ofereceu a El-Rei D. Luís, e não achou nada de monta, nem pedras de construção, pois, se as tivesse encontrado, faria com elas os muros de suporte dos pequenos taboleiros da fazenda e as várias paredes das casas, o que se não vê, mas serem construídas de seixo rolado que por ali existe em abundância.

A rua referida, mede de parede a parede $2^{m},50$, pegando com duas outras: uma ao sul e outra ao norte, as quais se dirigem, em ângulo recto, para o poente, tendo aquela $2^{m},40$ de largura e esta $3^{m},20$.

Deste lado é que fazemos, na nossa hipótese, localizar a parte rural que, como dissemos, é-nos denunciada pela pobreza das construções, a sua irregular configuração e grandeza, e por passar, na direcção do rio, ao longo delas e debaixo do pavimento de algumas, a cloácula, onde iam ter vários canos mais pequenos.

Apresentando, sómente, seus alicerces, essas casas nada mais nos dizem do que terem sido destinadas aos fins modestos, embora importantes, de albergarem os adstritos aos serviços agrícolas e serem as oficinas da grande propriedade rural.

Ali haveria os apropriados armazéns do azeite (*cella olearia*), onde se enfilariam os vazos de barro (*cadus, dolium*) em que era depositado o oleo; e do vinho (*cella vinaria*) com as suas vasilhas (*dolia, cadi, seriœ*); e o lagar das uvas (*calcatorium*), e o lagar de azeite (*torcularium*) onde a prensa (*torcular*) premia a massa da polpa da azeitona, formada pelo moinho (*trapetum*), como referido fica, e tambem o moinho (*mola olearia*) que tinha o especial cuidado de despolpar a azeitona sem lhe partir o caroço.

Segundo Columela era este o melhor instrumento que se podia empregar para executar esta operação.

Para se obter o resultado desejado, fazia-se com que a pedra, destinada à pressão, subisse ou descesse à vontade da quantidade da massa.

Este escritor fazia diferença entre a *mola olearia* e o *trapetum*.

Por Cardais qual dos dois haveria?

Ruinas de Cardais

Talvez os dois.

Descrevamos pois essas casas.

Assim, entre o tôpo sul da rua e a parede extrema já apontada, estava uma casa de $5^{m},90$ de comprimento por $4^{m},50$ de largura, seguindo-se-lhe para poente outras dependências que não podêmos notar bem, por haver delas sòmente vestígios; entre as três ruas e, naturalmente uma quarta que corria a poente, estão os alicerces duma vasta casa, que tinha $9^{m},90$ de comprido por $7^{m},50$ de largo, donde saía um pequeno cano que ia ter à cloácula, para alcançar a qual tinha $15^{m},50$ de extensão.

Tendo por parede oriental a ocidental da tal quarta rua, existia também uma comprida casa de 8m,50 por 4m,30, passando encostada à cloácula que vinha dos lados do norte, onde hoje se vêm inúmeros alicerces pequenos de dependências várias, aos quais, por obstruídos, não podemos dar-lhes os perímetros verdadeiros.

Nesta parte, aqui e ali, podem-se vêr pequenas superfícies queimadas (*lares*), muitas pedras de tégulas e de mós, um *doleum* meio soterrado e já quebrado, e o fundo de uma larga e comprida pia.

A maior descrição não dão matéria as modestas, mas interessantes, ruinas que começaram a ser descobertas pelos trabalhos do nosso circunspecto e nobre amigo Mardel de Arriaga e de que Possidónio, como vimos, fez uma pomposa narração, como tendo pertencido à *opulenta cidade de Nabância*, penalizando-nos hoje não ter êle *achado* os *Templos*, o *Teatro*, as *Termas*, o *Anfiteatro*, etc., que esperava desenterrar para mais «incitar os arqueólogos e turistes estrangeiros a virem a Portugal contemplar a disposição dessa célebre cidade antiga da Lusitânia» e para nos convencer da realidade e verdade dessa cidade que, mais uma vez, dizemos, não ter tido existência, por não lhe termos encontrado as provas e não darmos por boas as que êle e todos aqueles, que a elas se têm referido, apresentam.

Eis, pois, o que se nos afiguram sêr as *ruinas de Nabância* (?).

Importantíssimas são, a nosso vêr, por representarem a ossatura duma *vila*, que, formada por um particular e, decerto, pela sua descendência, transmite-nos a disposição das casas, em que uma vida intensa de agricultura, se desenvolveu e a que não foi estranha a arte com os seus encantos e belezas.

Como seria belo e útil conhecer esse viver de há dois mil anos nas suas mais íntimas voltas e particularidades!!

Descrever hoje essa vida nos é defeso por documentos não existirem, mas recordando o quanto o romano sabia apreciar a existência, um simples e fugitivo quadro é visto pela nossa pobre imaginativa histórica.

As aves domésticas à mão para a abastança de opíparo jantar (*coena*), recolhidas em suas capoeiras (*chors*); os gados, guardados pelos seus cães (*catenarios*) com as suas coleiras de bicos (*millus*), correndo os montes e lezírias, guiados pelo pas-

tôr (*opilio*); os pesados carros de duas rodas (*plaustum*) carregados de uvas, dirigindo-se para o lagar (*vinarium*), ou de azeitona indo para o moinho (*trapetum*), ou de trigo, ceifado pelas afiadas fouces (*stramentaria* ou *messoria*) em grossas gavelas (*merges*) a caminho das eiras, onde, malhado e limpo, era medido por amplas medidas (*modium*) e depois entregue, em rações próprias, aos moinhos de agua (*mola aquaria*) que no rio existiriam, ou aos moinhos de mão (*trusatilis*) das escravas, era transformado em alva farinha como aquelas em espelhento nectar e em finíssimo óleo; os hortelões de hortaliças (*olitor*) e os hortelões de frutuária (*topiarius*) entregues às suas plantas que, na primavera se satisfaziam com a água tirada d'um poço por um simples cilindro (*girgilus*), ou ao sol do estio floresciam regadas pela abundante água tirada do rio pelas pesadas rodas (*rota aquaria*), apetrechadas com seus alcatruzes de madeira (*modioli*) ou de barro (*rotarum cadi*); a longa latada (*pergula*), sob a qual o proprietário passearia nas calmosas tardes de verão, depois de se ter distraido no rio, fazendo de solitário pescador de línha e anzol (*hamiata*) ou ter revistado o fértil covo (*nassa*), afim de ter peixe fresco para a merenda (*prandium*), comida à fresca de caramachão (*triclea*), assombrado pelas vinhas ou pelas aboboreiras; não falando nas lides poéticas da vindima e da fabricação do vinho que o romano bebia puro sem água (*merum*), embora os seus escravos (*pincernae*) servissem aos convidados daquele uma bebida composta de duas partes de água e uma de vinho, e também dos trabalhosos serviços da apanha da azeitona que, nesse tempo, talvez, fôsse algum tanto menos maçadora do que hoje, a qual, devido a um sem-número de causas é, nos tempos presentes, o mais enfadonho trabalho da lavoura, tudo isto e mais que nos não recorda ou não sabemos, se devia passar por esta *vila*, que decerto teria sido distinta e que hoje no mísero esqueleto, que vemos em Cardais, pouco ou nada nos diz de suas ocupações e grandezas.

Para uma cidade e opulenta, como a pouca e velha instrução do velho arqueólogo lhe fazia vêr e o clássico modêlo das ruinas das cidades romanas lhe obcecava, o embora bem intencionado espírito, ou estabelecimento termal, um templo, teatro ou anfiteatro, como queria a inteligência lúcida, mas ultra-teórica de Martins Velho, ilustre redactor d'*A Verdade*, essas ruínas são

mesquinhas e nenhum valor têm, pois bem pobre e pequena devia ser a cidade, cuja parte principal seria representada por essas delgadas paredes, por êsses restrictos mosaicos, por essas pequenas colunas, objectos truncados e por essa cloácula de bem insignificante capacidade.

Se pelo dedo se conhece o gigante, êste devia ter aparecido, mas não apareceu senão um dêdo e... dêdo mínimo.

Resto da cabeça da estatua encontrada em Thomar

III

COMO viveu Sellium e como chegou ao estado de ruína para que, por muito tempo, desaparecesse, quási por completo da memória dos homens?

Assistindo, por assim dizer, como referimos, ao seu nascimento, progredindo foi, bafejada pela passagem dos que procuravam atingir *Aeminium* e na volta *Praesidium Julium*, assim como abastecida por suas ubérrimas belgas e várzeas regadas pelo seu abundante rio.

Restricta de população, pois toda a Península então o era, contando a Lusitânia sòmente um milhão de cidadãos livres (1), foi vivendo na doce paz que as águias romanas impuseram aos bélicos lusos, que, entregues ao cultivo dos campos e das minas, a Roma enviavam o produto dêsse trabalho, com que ela se ia provendo, engrandecendo e embelezando.

Mais agrícola e albergante do que empregada em outra qualquer indústria ou comércio, não temos elementos seguros, como devamos classificar Sellium, no inúmero rol das povoações romanas.

Dissémo-la, ao princípio, uma povoação de núcleo aborígena, dando azo, mais tarde, pela sua posição, ao acampamento, ou *castra*, que se tornaria cidade e que talvez município, não por notabilidade própria, mas pelo *jus Latii* de Vespasiano ou pela *civitas* de Caracala.

Teria sido efectivamente município, como em parte faz denunciar a inscrição incompleta da alcáçova do Castelo de Thomar?

(1) Feliciani: *Rivista de Storia Antiga*, 18 e 19.

E' de presumir que sim, porque, a nosso ver, Sellium devia ser a localidade mais importante que por estes sítios houve.

Diz o notável arqueólogo, sr. Dr. Leite de Vasconcelos [1] que se hoje fizessemos um mapa em que se assinalassem todas as estações luso-romanas, de que temos notícia, não ficaria menos cheio do que uma carta corográfica moderna.

E' essa a nossa opinião e o mesmo diremos dum mapa dos caminhos vicinais.

Estes, estudados bem, evidenciam hoje, pelo seu desgaste, serem, no seu maior número, obra do princípio da nossa civilização, isto é: romana-cristã.

Por isso, os sítios a que se tem chamado Beselga, Caldelas, Concordia e tantos outros pontos, cuja localização é impossível determinar, mas que têm mostrado restos romanos, mais ou menos autenticados, não passaram de *vilas* ou então de aldeias com mínima importância, visto onde são inscientemente assinaladas, haver condições favoráveis para uma pequena agricultura, mas não haver condições topográficas que concorressem para o seu engrandecimento, a ponto de elas serem povoações notáveis, o que também nos é de algum modo provado pela pouquidade de referências sérias a essas terras e pelo silêncio absoluto dos escritores clássicos principalmente sôbre Beselga e Caldelas, embora haja quem a Concordia se refira, sem todavia a localizar precisamente.

Sellium, atenta a sua propícia situação geográfica, maior incremento devia tomar do que aquelas e, sem dúvida, reflectiria, na relatividade da sua grandeza, o viver económico-social da vasta Nação dos Césares.

A paz que o Império Romano trouxe ao mundo político, pois o religioso começou de abalar pelo aparecimento, com êle, do Verbo Divino que o havia de transformar com as santas doutrinas da regeneração humana, por quatro séculos governou com autoridade suprema na Península, sem que aos seus habitantes lhes fosse comunicado grandemente o fogo da corrupção e da revolta, tirando o relativo fruto de bem-estar que uma civilização adeantada proporciona àqueles que só na luta e na desordem iam arrastando a existência.

Como pela lei da reacção, esta é igual à acção, a luta titânica

[1] *Religiões*, vol. III, pág. 170.

da resistência que a Península sustentou contra os exércitos de Roma, ao quebrar-se, deu em resultado a aceitação por ela, completa e absoluta, dos usos e costumes, não esquecendo os jogos do circo de que restam, em transformações sucessivas, as nossas tão populares touradas.

Custou, mas romanizou-se, espalhando-se a cultura do vencedor.

Perdeu a independência, as valorosas qualidades de outrora amoleceram, é verdade, mas o *legat* trouxe-lhe a arte mais bela, as letras mais correctas, a língua mais perfeita, a religião mais humana e as leis mais sábias.

A Ibéria, ninho do mundo que tantos homens grandes tem gerado e em que tantas ideas luminosas têm relampejado, latiniza-se em todos os seus recantos, excepto no das Vascongadas, e o seu povo identifica-se com a nova civilização e dêle saem o poeta filósofo Séneca, o épico Lucano, o satírico Marcial, o retórico Quintiliano, que em Roma se criam e brilham pelos seus talentos, e Trajano e Adriano, dois dos mais eminentes homens de Estado de todos os tempos.

Por toda a parte, onde havia facilidade de material e abundância de capitais, os *curatores operum publicorum* superintendem no levantamento de obras de grande utilidade e de relativa beleza.

Empregando a abóbada, que receberam dos etruscos, pela carência quási absoluta de pedra, recorriam ao barro cozido (tejolo), alargando porisso as suas construções, visto poderem com ela cobrir espaços mais vastos.

Pontes sólidas galgaram os rios, vastos monumentos cobriram amplas superfícies, aquedutos altos trouxeram águas de longínquas paragens, os *curatores viarum*, por ordem dos Césares, amplas e bem construidas vias de comunicação alongaram pelas dilatadas planícies e fizeram ziguezaguear pelas quebradas dos montes.

A diversidade de línguas dos povos da Hispéria, reduz-se a pouco e pouco até desaparecer quási por completo, dominada pela que os vencedores falavam e cujos sons glorificam os novos senhores e espalham pela Península os éditos da poderosa cidade do Tibre.

Realmente a livre terra dos altivos celtiberos foi riscada do número das autónomas, mas entrou no das civilizadas.

A arte romana, serva da grega, espalhava, por aqui e por ali, suas galas em templos de valia consagrados aos deuses, os quais o povo, aceitando a nova religião, enchia na sua ingénua e pura crença, e embora a Lusitânia não figure entre os países, onde o poder dos Césares ostentasse, com mais brilho, as grandezas e esplendôres da sua cultura, Mérida e Évora ainda hoje atestam, pelas suas venerandas ruinas, alguma coisa de algo civilizador.

Era, pois, para essas edificações que toda a atenção se voltava, sendo por isso que a economia pública, a construção monumental, se notabiliza, não acontecendo o mesmo á economia doméstica e à arquitectura particular, que, presas pela mesma lei—a incúria higiénica – que ainda hoje impera, nada se desenvolvem e as casas, habitações de heróis ou de jurisperitos, são mesquinhas, sem grandeza, só com portas e raras e acanhadas frestas, por não se conhecer até então o uso da vidraça, que só pelos fins do Império, se começou a empregar, mas sòmente nas casas ricas.

Daí, por toda a parte, as suas cidades serem um amontoado de aposentos sórdidos, onde a higiene nunca se estabeleceu a valer e o conforto não chegou a habitar no geral [1].

O que seria a Roma do fim da Rèpública, que com uma área inferior à que hoje tem, continha em si, há vinte séculos, uns dois milhões de habitantes?!

É certo que, em sítio ameno e deleitoso das margens do Tibre, um senhor, um potentado, rico comerciante ou trazedor de tezouros conquistados, mandava construir, pela chusma dos escravos, guiados por arquitectos de fama, casas de amplos *atria*,

[1] Um exemplo bem patente da incúria higiénica de hoje é Lisboa, que tanto blasona de civilizada e de ter muito amor à sagrada causa do povo, pela estatistica de 1921 para os seus 486372 habitantes tem 25500 casas, o que mostra em média, dar abrigo em cada casa a uns 19 habitantes!

Como viverão estes dezenove individuos?!

Que cuidados tem havido em tornar Lisboa uma cidade higiénica, formosa, atraente, cómoda e de habitações suficientes?

Nenhuns, e os seus bairros de Alfama, Mouraria, Alto, etc, continuam a ser pilhas de gente.

E bem poucos seriam precisos, sem derruir esses bairros, por não a descaracterizar, desencachoar êsse povileu.

Com o seu porto magnífico, com as suas suaves colinas, com o seu formoso céu e com o seu benigno clima, não seria necessário muito para a tornar rival das mais lindas e confortáveis cidades do mundo.

para onde deitavam os quartos de dormir e outras dependências; de ornamentados *impluvia*; de recatados *peristyla*, onde se ostentavam plantas verdes por entre colunas que contornavam um repuxo, tendo, do fundo, para iludir a vista, uma pintura dum jardim imenso, longínqua perspectiva, abrindo para êle, a cozinha, as salas de banho, etc.; e de cómodos *tablina*, onde o proprietário trabalhava na sua escrita e tinha logar o santuário dos deuses lares, sendo todas estas dependências providas dos seus móveis, de todos os refinamentos da elegància e cercadas também de espaçosos e magníficos jardins, ornados de produções artísticas e raridades dos mais diversos países da antiga cultura.

Os Luculos, no entanto, não eram inúmeros, como inúmeras eram as cidades do grande estado romano, havendo povoações tambem por isso que nasceram humildes e honradamente viveram do seu trabalho no meio de seus campos, forrageando o pão de cada dia.

Assim devia ser este o viver de Sellium, e a sua existência, dependendo mais da paz do que da guerra, decorreu feliz e abundante pela sua posição favorável, mas a sua estrutura pouco havia de fugir do modêlo que lhe dava Roma na sua relatividade.

Mal construida, no geral, pelo emprêgo do adôbo e do tejolo, pois a pedra, embora em abundância, ficava-lhe não muito longe, mas de dificílima condução [1], levantou as suas habitações com a presteza que as circunstâncias originavam e com o cuidado que um ou outro monumento requeria.

Fundada, sem ordem, nem plano, com ruas estreitas, tortuosas e sombrias, devia a sua construção ser mais obra do capricho, da vontade dos particulares, do que da lei municipal, caso a houvesse.

Como hoje, algumas eram habitadas só pelos seus donos, mas outras, o maior número, eram-no por muitos locatários (*inquilini*).

De telhados, e não de terraços à grega, as águas do céu caiam nas ruas, indo morrer ao rio, ou então uma rede de cloáculas as levaria à cloaca máxima, que as lançaria naquele ou em

[1] Quem é que em Thomar, de mais de 50 anos, se não recorda do precalçoso, borrascoso caminho da *Arrascada* por onde a custo, se fazia o carreto da pedra da Pedreira?

longes chavascais, convertendo estes, a seu tempo, em belos e ricos campos de cultura.

Invenção romana esta, cujos pedaços ainda hoje existentes em varias partes [1], é um padrão imorredouro da arte dêsse grande povo que, em outra, os aquedutos, também revelou tão importantes conhecimentos de higiéne pública, embora a privada, como dissémos, deixasse muito a desejar.

Não foi só em Sellium que isto predominou, para que só nós hoje tenhamos notícias de seus restos grandes serem pedras de quaisquer cornijas, talvez pertenças de algum templo e mais nada autenticar a sua grandeza.

Apontaremos Evora, a maior cidade romana que se creou, ao bafo poderoso e soberbo dos senhores do mundo, no território que veio a constituir a nossa pátria.

Que ostenta ela, hoje, dessas eras, senão o seu belo e importante monumento, que uma lenda erudita denominou Templo de Diana?

Dos seus outros muitos monumentos nada existe, e as suas antigas moradias transformaram-se fàcilmente, como humildes que eram.

Razão foi essa de quando a energia vigorosa do romano de outrora se deixou quebrar ou amolecer pela que vinha das frias estâncias de além Rheno e Danúbio, a população rareou e as habitações começaram de ranger pelo abandono, que a falta de solidez também favorecia.

Este declinar acarreta, na ordem social, males que paralizam todo o nobre e civil viver antigo, indo o cidadão, já de há muito, sendo substituido pelo soldado.

A guerra, essa lei natural que tanto bem tem trazido à huma-

---

[1] Muito era para desejar que se fizessem escavações sobre um cano se existir, cuja enorme boca gradeada se vê perto duma grande massa de calcáreo rijo que na margem esquerda do Nabão aflora, um pouco abaixo do limite sul que assinalámos a Sellium, na propriedade, hoje dos herdeiros do nosso nunca esquecido amigo Albino de Lima Simões.

O que aparecesse e pela sua orientação nos diria, se teria efectivamente pertencido, como cloaca, a Sellium, ou se havia sido princípio de vala que levasse água a algum engenho, como é designada, ainda hoje uma fazenda sita perto da *vila* de Cardais, pertencente ao autor.

nidade, mas com certa porção de malifício, sem dúvida, passa a ser agora a vida ordinária do grande colosso.

Em Roma, como noutras cidades já se não vive, há dezenas e dezenas de anos, modesta, civil e patrioticamente.

O trabalho, lei suprema da felicidade e da prosperidade tinha sido relegado, e a ociosidade, mãe de todos os crimes, impera á redea solta.

O Estado, empobrecido pelo mantimento de seus serventuários, caterva numerosa de empregados públicos, pelos bandoleiros das guerras, e pelos ávidos fazedores de negócios escuros, de negócios sem escrupulos, os quais têm hoje o nome de *novos-ricos*, recorre ao imposto que cada vez mais aumenta e se enreda pela chusma dos oficiais (*mittendarii*) que os imperantes enviavam às provincias a cobrá-los.

O implacável urbanismo estabelece-se e as cidades abarrotam de gente que nada produz, só consumindo o que de fora vem, originando um consumo desiquilibrante e um luxo falso que mais enerva a antiga e nobre fibra romana, que vae enfraquecendo, mole mole, pondo em perigo a independência da nação, cujos limites cada vez mais custam a defender dos ímpetos dos povos que, á moda grega, eram agora também apelidados de bárbaros.

Aqui e ali é precária essa defesa.

O abandono dos postos estratégicos ia aumentando, diante da avalanche humana que, já com os nomes, de entre outros, de hunos, godos, suevos, alanos e vandalos, vem de roldão e deixa pôr o decrépito Império a ferro e a fogo, sendo os seus habitantes despojados dos seus bens, as cidades assoladas e os campos talados.

O infrene génio da devastação estende suas inexoráveis asas também por todo o Ocidente e, sob o nome dos três últimos daqueles povos, apodera-se, na aurora do século v, da nossa famosa e formosa Peninsula, ateia o incêndio, origina as ruínas, intensifica a pilhagem, espalha a morte.

A turba-multa bárbara assemelha-se ao ondear revolto do mar, tocado por medonho vendaval.

A' terrível tempestade, ao truculento furacão dos indómitos bárbaros, nada escapa.

Tudo murcha, tudo cresta, tudo queima, tudo desconjunta, tudo alui, tudo destroça, tudo sepulta.

Arrazando tudo, tudo se subverte, e os campos desertos e incultos levam a fome e a peste a minguar a população a um ínfimo número que, espavorido, se recolhe aos antros das montanhas, se intrincheira nos píncaros das serras.

Sellium abandonada e, pelas suas apoucadas condições naturais de defesa, a estas horas, era um montão de ruínas.

Nos seus escombros tudo se misturava.

As raras pedras eram cobertas pela terra dos adobos e argamassas de suas paredes desfeitas pela fúria dos homens e pela acção corrosiva dos agentes atmosféricos.

A passagem por ela, numa infinidade de vezes, das hordas bárbaras, pulverizou tudo, salvando-se, no entanto, algumas daquelas pedras que, ocultas, serventia haviam de ainda ter, como atrás fica referido.

Outro tanto se dava na ordem social.

A palavra Sellium some-se neste período de decomposição, de fermentação, de mescla de povos e de elementos estranhos de que haveria de resultar outro idioma, outros nomes, outros costumes, outras leis, outra forma de govêrno, outra sociedade emfim.

Todavia lembranças dela, dessa palavra, viriam a aparecer.

A Lusitânia, onde era Sellium, decompunha-se para se renovar, por isso as memórias dos homens vão registar nova nomenclatura do rio dessa povoação, da sua região, ou do futuro aglomerado de gentes, se se reunir.

Como sucede a um líquido claro, onde se deite qualquer pó, turva, e a confusão é estabelecida entre as partículas antes de assentarem, assim sucedeu, entre os povos luso-romanos e os novos invasores.

Essa perturbação deu-se estrondosamente e a luta alonga-se e estende-se por toda a parte.

A avidez do bárbaro, ante a cultura hispano-romana, era apavorante, mas havia de sossegar depois de saciada e os alanos poderem estabelecer-se, cuidando das profundas feridas produzidas que ameaçavam também a elas sucumbirem.

A' boa paz, pois, esse povo chama os foragidos por seu interesse próprio, visto necessitar de que terras fossem cultivadas para ter com que se alimentar.

Todavia não foi longa a acalmação e por largos anos a terra

da Ibéria é de novo ensopada em rutilante sangue germano e latino.

A sangria devia ter os necessários e naturais resultados e a anemia estabelecida, deixa a um novo povo, menos barbaro, o visigodo, comandado por Ataúlfo, vir assentar arrais, levando, no seu esforço para se fixar, os vândalos e os alanos a imigrarem para a Africa e os suevos, por volta de 585, a incluirem-se no seu corpo político-social.

Luta épica, durante quasi duzentos anos, ao fim dos quais, 567-586, Leowigildo pôde lançar difinitivamente as bases a um novo estado que, pelo espaço de três séculos, traz à Peninsula dias de ordem e de florescimento.

Ainda é professada por êle e por quási todos os seus a doutrina herética que Ario, no princípio do século IV pregou em Alexandria e que, espalhando-se, grande brecha ia abrindo na Igreja, não obstante a guerra aberta que S. Atanásio lhe promoveu.

O catolicismo, porém, está espalhado na Espanha já de há muito, grande massa da sua população hispano-romana professa-o, aceitando de boamente os dogmas definidos pelos concílios de Niceia e de Constantinopla, reunidos em 325 aquele, e êste em 381 com o alto fim de definir princípios atacados pelas doutrinas alexandrinas

Passam anos e a subida de Recaredo I ao trono determina, pela sua abjuração daquela fé no concílio que, para esse solene acto, convocou para Toledo no ano 589, o definitivo triunfo da religião pura do Nazareno, como religião oficial «facto de que derivaram as mais felizes consequências no desenvolvimento da civilização peninsular, já pela salutar influência dos costumes cristãos, já pelo aproveitamento da cultura intelectual do clero no governo do estado». [1]

Dêstes grandes benefícios, dêste influxo civilizador, vem a paz e a unidade à Peninsula que bem precisas eram, e por toda ela se começou a respirar uma atmosfera de mais ampla tolerância e segurança, dando ensejo a criarem-se, pelos vales profundos e feracíssimos dos montes, um sem número de casas de oração e de penitência.

A deserta e arruinada estância de Sellium convida, pelas suas

---

[1] Dr. Fortunato de Almeida, *Historia de Portugal*. Tom. I — pag. 82.

tradições, pela beleza da sua paisagem e pela solidão de suas devesas, os fieis mais ascetas que, fugindo da maldade, corrupção e instabilidade da sociedade, um tanto ou quanto ainda fluctuante de crenças, procuravam nesse logar ermo, onde, a sós com Deus, se entregariam com toda a pureza ao suave e santo exercício de lhe render graças, e dois conventos são fundados: um de frades e outro de freiras.

Aquele levantava-se, talvez á beira da antiga estrada, perto do sitio onde o ribeiro, que formava o lado oriental do nosso triângulo, morria em ângulo agudo no rio, e êste, o convento das freiras, mais recatado, não tão exposto aos viandantes, no ângulo formado pelo rio e a base desse triângulo.

Estes conventos, sem dúvida, chamam gente para os seus serviços e para orarem, e à roda de seus muros junta-se ela dando vida aos restos abandonados e frios da velha povoação romana (Sellium), a qual, habitada de novo, e a acreditarmos em toda a lenda de S.ta Iria, toma o nome de Nabância, o rio o nome de Nabão (*Naba* ou *Nava*), e o ribeiro o de Effons, e as suas ruas e praças novo movimento.

Só pelo documento da divisão do bispado da Idanha, no tempo de Wamba, se verdadeiro é, é que se principiou a conhecer o nome de Nava, e por aquela lenda se conheceram esses progressos e esses nomes, cuja origem descortiná-la não pudemos, visto aparecerem só séculos depois da, tendo tido realidade, existência da nova povoação.

Trariam os bárbaros o uso do tributo de passagem nos rios ou de pescar neles, a que se chamaria *nabão*, como a doação do rei Ordonho II ao bispo resignatário de Coimbra, D. Gomado, pelos anos de 922 (1) nos atesta?

Assim como, a isenção, que D. Manuel concedeu no foral novo à cidade do Porto, do tributo de *nábulo*, provavelmente a latinisação de *Nabão*, como diz Pinho Leal, e que consistia em cada barco de pesca pagar um peixe, qualquer que fosse a sua lotação?

Com certeza que estes peixes não seriam das modestas espécies dos barbos, bogas, ságuios, enguias e trutas que hoje o Nabão pobremente nos dá.

(1) Viterbo, *Elucidario* na palavra *Nabam*.

Sem açudes altos de fábricas, que lhe tirariam as qualidades de navegabilidade e de fluctuabilidade que nesses remotos tempos possuia, por êle subiam peixes de maior vulto, como sáveis, lampreias e tainhas que muito bem podiam já servir de valioso tributo.

Feitas estas considerações, veio-nos à memória recorrer-mos ao grande saber do mui douto lente de direito da Universidade de Lisboa, o sr. Dr. Paulo Merêa, afim de nos esclarecer sobre este assunto, enviando-lhe a carta cuja cópia aqui reproduzimos.

«Ill.mo Ex.mo Sr. Dr. Paulo Merêa, meu mui prezado amigo e «senhor. — Andando a escrever uma obra sobre Thomar e ha«vendo nesta cidade o rio chamado Nabão, venho pedir a V. Ex.a «a fineza de me dizer se nos seus estudos sobre direito medieval «já encontrou quaisquer referências ao direito que, diz Viterbo, «se chamava *nábulo* ou *nabam* e ainda *naba*, e era pago pelos «pescadores e que consistia num peixe.

«Trará daqui a sua origem o nome do rio que passa na mi«nha terra?

«E' possivel que V. Ex.a, estudioso como é, possa elucidar-me «neste ponto, o que desde já muito lhe agradece o de V. Ex.a.

C.do At.o Ven.or e Obrig.o.

(a) *Vieira Guimarães*

Obtendo a preciosa resposta, muito nos honrou com ela Sua Ex.a, e vê-se que não foi em vão que tivemos a feliz lembrança, pois se não ficam confirmadas as nossas preguntas, esclarecida a nossa hipótese, algo afirmativo lhe vem da opinião abalisada do talentoso especialista em direito medievo.

Segue a transcrição desse documento que muito e muito agradecemos.

«...Sr. — São infelizmente bem escassos os dados que neste «momento posso reünir para responder *tant bien que mal* á hon«rosa consulta de V... Parece-me em todo o caso — e V... «verá se eu tenho razão — que não só não contrariam, como de «algum modo reforçam a hipótese sedutora por V... apresentada.

«Além dos logares referidos por Viterbo, os meus aponta-

«mentos indicam a existência da palavra *navão* no foral de Viana «(*Port. Mon. Hist.*, *Leges et Cons.*, pag. 692) e no de Caminha «(T. do Tombo, masso 9.º de *Forais Antigos*, n.º 3), este último «citado incidentalmente por Gama Barros (vol II, pag. 103), que «diz ser «certo direito sôbre o pescado».

«Com efeito, alguns dos passos referidos mostram claramente «que o *navão* era um direito sobre a pesca, pago, em regra pelo «menos, pelos barcos de fóra. O «foral novo» do Porto, (livro de «*Forais Novos de Entre Douro e Minho*, fl. 3, col. 2.ª) elucida o «seu conteúdo, dizendo que o *navão* (ou *nabo*) era «de cada na-«vio um peixe».

«E' duvidoso se êste *navão* seria o mesmo tributo a que se «chamava *nabulum*. A citada forma *nabo* talvez derivada de *nabu-«lum*, constitui um argumento, mas fraco, a favor da identidade.

«O vocábulo *nabulum* parece relacionar-se com *naulum*, ter-«mo latino de origem grega que significava o frete de navios e «também a retribuição pelo transporte de pessoas ou mercadorias «(cf. o francês *naulage* ou *nolage*).

«Sendo êste o sentido originário da palavra, vê-se em todo o «caso, pelos textos que reproduz ou refere Ducange no seu inex-«timavel Glossário, que ela passou a designar tambem na lingua-«gem da Edade-Média um direito real ou senhorial imposto sôbre «o trânsito (vidé as palavras *nabulum*, *naulum* e tambem *nava-«gium*, *navaticum*, *navigius* e *navilagium*).

«No doc. do ano 922 citado por Viterbo e hoje publicado nos «*Port. Mon. Hist.* (*Diplomata*, n.º 25), único do meu conheci-«mento em que o vocábulo em questão aparece em território por-«tuguês, parece tratar-se também dum direito de portagem.

«Seja como fôr, o que não admite dúvida é que existia em «Portugal um imposto sôbre o pescado com o nome de *nabão*, e, «embora os textos que eu conheço respeitem todos ao norte do «país, nada repugna crer que também noutras regiões êle exis-«tisse, deixando vestígios na topomínia.

«Lamentando não poder adeantar mais sôbre êste obscuro «problema, subscrevo-me com a maior consideração e estima «de V...

Admirador e amigo obrigado

(a) *Paulo Merêa*

Vir-se há um dia a confirmar a nossa hipótese de Nabão ser uma palavra dos povos do Norte, tanto mais que já sabemos que é um documento wisigodo que nos dá êsse nome pela primeira vez, vendo-o desaparecer durante o domínio árabe, aparecendo depois de sossegar, de novo, a Península e já estabelecido Portugal?

Afincar-se hia, no tempo dos bárbaros, este nome a êste rio por ser um tributo pago, pelos barcos dos passadores de gente e mercadorias, àqueles conventos ou aos donos do seu território, como os documentos de Viterbo, Pinho Leal, Dr. Merêa dão a entender?

Sendo assim, volta o rio do troglodita, da mais tarde Sellium e da presente Thomar, (1) a tornar-se factor importante de concorrer para que augmente o novo núcleo de habitantes que, às ubérrimas terras das suas margens, ao apanho de peixe nas suas aguas e ao transporte, de uma para outra margem, de produtos e passageiros, que muitos deviam ser por importante, como já se viu, ser a estrada que por aqui passava e que talvez, por estas ocasiões de tantas lutas, ali não tivesse, em pé, ponte alguma,

---

(1) E na nova fase, porque vem passando o nosso Portugal, há já largos anos a esta parte, que, sem matérias-primas e combustível, abandona a indústria que devia preferir a todas: — a agrícola — e se engolfa pelas algodoeira, papel, etc., ainda é o importante caudal do rio Nabão que vem dar alento, vida e progresso à *notável* vila dos nobilíssimos cavaleiros de Cristo, fazendo-a tomar um dos primeiros logares no número das povoações industriais portuguesas.

E lembrar-se a gente que foram portugueses, — e thomarenses porque não? —, que se opuseram, ou não defenderam, como deviam, a ida do caminho de ferro do norte = Lisboa-Porto = pelo percurso dêsse rio, como lhes ensinou e queria o grande engenheiro francês Watier?!

Quantos êrros não estamos nós, portugueses, a pagar, como êste?

Raça de músculo valente, de cerebrização fulgurante, de espirito ardoroso, mas... de pensar tardo, impersistente e arrebatado!!

Em politica é que mostra, principalmente na mais estonteante, qualidades perseverantes.

Triste é dizê-lo!

O que seria hoje o importante vale do lindo rio Nabão com o auxiliar do caminho de ferro?

Desde a sua nascente principal, de águas medicamentosas, Agroal, por Porto de Cavaleiros, Sobreirinho, Prado, Fiação, Cidade, Marianaia e Matrena abaixo, como não teriam sido mais facilmente desenvolvidos esses centros, sendo hoje duma productibilidade imensa e duma riqueza extensíssima!?

entregavam suas forças, seus trabalhos, como servos adstrictos àqueles cenobios ou ao conde daquele território.

De *nabão*, tributo, adviria pois esse nome ao rio, e dêste à povoação que das cinzas de Sellium renasceria: a efemera Nabância.

Procurámos bem saber, como e quando apareceram êsses nomes e longa seria a busca de todos os documentos por nós feita, quando a meio dela, o encontro da mesma idéa fez receber do erudito académico, sr. Pedro de Azevedo (1), grande cópia de

(1) Um elevado poder avito, despertou no Snr. Pedro de Azevedo também um grande regionalismo que o determinou ao estudo das duas terras, a que está ligado pela naturalidade de seus pais.

Filho dum thomarense ilustre pelo seu muito saber e pela grande bondade de seu coração, Ventura Faria de Azevedo, professor proficiente de literatura portuguesa, de quem tivemos a honra de ser aluno, nos afastados tempos do Liceu de Lisboa estar na rua de S. Antão e, mais tarde, a não menor honra de ser seu colega no Liceu do Carmo e no de S. Domingos, e de uma senhora oriunda de Santarem, D. Gertrudes da Piedade Fonseca, talvez esta circunstância o chamasse ao estudo da história da terra da patrícia de seu pai e daquela onde esta jaz, no leito do pátrio rio de sua mãi.

Pedro de Azevedo de bem novo se inclinou ao estudo de diplomática, tendo em seu pai um grande auxiliar com quem muito aprendeu.

Dele mais nada diremos, mas do seu progenitor referiremos umas simples e incompletas notas biográficas, prestando assim culto ao distinto thomarense, sentindo não poderem ser tão completas como deviam ser.

Ventura Faria de Azevedo, professor do Liceu de Passos Manoel e reitor do Liceu feminino Maria Pia, nasceu em Thomar a 10 de Dezembro de 1841.

Era filho de João Faria de Azevedo, empregado judicial, natural de Seissa e de Carlota Joaquina Leite, natural do Rio de Janeiro, filha de um boticário honorário da Casa Real.

Quando creança, acompanhou por Torres Novas, Santarem e Torres Vedras seu pai, que era sobrinho, por afinidade, do escrivão da comarca de Thomar, José Gonçalves de Azevedo e primo de David Gonçalves de Azevedo, de Thomar também, chanceler do consulado português no Maranhão e autor de uma pequena História de Portugal.

Este chanceler foi pai de dois considerados romancistas e dramaturgos brasileiros.

Ventura Faria de Azevedo fez os seus estudos no Seminário de Santarem para seguir a carreira eclesiástica, da qual se desgostou, vindo no ano de 1862 a ser nomeado professor substituto do Liceu da mesma cidade.

Alí casou em 1867, e em 1878 veio fixar residência em Lisboa, até que em 1880 entrou para o quadro dos professores efectivos do Liceu Nacional da Capital.

Em Santarem fez parte, com Guilherme de Azevedo e Lino de Assunção, da redacção do jornal *Alfageme de Santarem*, de que era administrador o numismata Ferreira Braga.

referências a êles e ao lendário caso de S.ta Iria, gentileza que aqui nos apraz agradecer muitíssimo.

Lendário... lendário caso não seria de todo.

Aqueles que sobre este assumpto têm feito a sua crítica nas obras literárias originárias nele, podem encará-lo, conforme suas escolas filosóficas, aceitando-o ou negando-o.

Nós aceitamo-lo, por convencidos estármos de que alguma cousa houve que deu origem a tão grande prodígio e lá está Santarem a ser tomada em 460 pelo conde visigodo Sunierico, sob o nome de *Scalabis* (1), e não tardar muito tempo que, apoz a morte de Iria, os cristãos lhe vão mudando o nome que os árabes nomearam, quando da posse dela, *Xenserin, Xantarin*, que aqueles voltam a chamar *Sanctaeiren*, em 985 num documento (2), *Sancta Herena*, em 1096 no foral que lhe deu Afonso VI, de Leão, *Sanctaren* no seu foral de 1179 e depois *Santarem* como até hoje se vem a denominar, nomes devidos, sem dúvida ao famoso acontecimento que se nos antoja de verdadeiro e que nós interpretaremos da forma que ao diante se verá.

Excerptos documentais

Dêmos, por agora, esses documentos, sós e simples, como peças do processo e depois, apreciá-los-hemos e tiraremos deles as conclusões devidas que o caso muito merece.

Comecemos pelo mais remoto.

E' êle o da célebre divisão do bispado da Idanha, atrás referida, feita no concílio de Toledo, em 675, vinte e dois anos depois da morte de Iria.

Passou, primeiramente, por verdadeiro, depois por apócrifo, e agora, devido aos trabalhos de D. António Blasquez, ilustre escritor espanhol, volta a ser considerado verdadeiro.

Será?

Não será?

Militou no partido regenerador e foi alguns anos vogal da Junta Distrital de Santarem.

Faleceu em Lisbôa a 28 de Abril de 1914.

(1) Hydacio §§ 206.

(2) Gama Barros = *H. A. P. P. nos séculos* XII-XIV, vol. I, pag. 336.

Copiemos, pois, dêsse documento o que nos interessa.

E' a parte que diz:

«Conibriensis Sedes teneat ipsam Conimbriam, Eminio, *Selio*, Bine, etc.

Egeditania haec teneat: de Sala usque Navam: de Sena usque Muriellam

Colimbria haec teneat: de Nava usque Bergam de Torrente usque Loram» ([1]).

Que traduzido dá em português:

«A Sé de Coimbra tem a própria Coimbra, Aemínio, *Selio*, Bine, etc.

A de Egeditânia tem de Sala até *Navam*, de Sena a Muriellam.

A de Conimbria (Condeixa) de *Nava* até Bergam e de Torrente até Loram.»

Depois dêste documento escrito, vem a invasão árabe, sucede êsse torvelino de destruição, de confusão e de criação também, o qual começa por fazer desaparecer o corpo social, político e religioso do existente, e novos usos, costumes, crenças e lingua se manifestam por essa Peninsula fóra, e isso nos vai patentear a ausência absoluta dêsses nomes em documentos produzidos no tempo da reconquista, antes e durante o glorioso govêrno do grande D. Gualdim Paes.

Temos, assim, a *Cronica Goda* que, referindo-se a uma derrota dos cristãos em 1135, designa-a em Thomar, e depois em muitos títulos do imortal Mestre dos Templários temos o nome de Thomar sòmente dado ao rio.

Depois saberemos como aparece o nome de Thomar; e agora vejamos como em 1254, nos aparece de novo o nome de Nabão na cópia do documento da criação do bispado da Guarda, que se desmembra do conimbricense e do egitaniense e que reza assim:

([1]) Florez, *España Sagrada*. Tomo IV, pág. 116 e 181. Tomo IV, pág. 234 e 239.

Heirs, *Description generale des monnaies des rois wisigoths d'Espagne*, Paris, 1872, pág. 166.

D. Antonio Blasquez, *La hislacion de Wamba — Revista de Archivos, Bibliotecas y Museus*, vol. XVI, 1907, pág. 678.

«A' Nava de Juncoso, siue Nabão fluvio, qui fuit Juxta Castrum de Thomar Templariorum.

A' fluvio, qui dicitur in dicto libello Egitaniensi Nabão, qui Juxta Castrum de Thomar Templariorum fluit citra versus Egitaniam, sint perpetuo Conimbriensi Ecclesie» ([1]).

Traduzido, lêmos o seguinte:

«Desde Nava ao Juncoso ou rio Nabão, que corre junto do castelo de Thomar dos Templários.

Desde o rio, que no referido livro Egitaniense se chama Nabão, o qual corre perto do castelo de Thomar dos Templários até perto de Egitânia sejam perpetuamente da egreja conimbricense».

De 1289, temos na *Primera Cronica General ó sea historia de Espana que mandó componer Alfonso el Sabio y se continuaba bajo Sancho IV en 1289; publicada por Ramón Menéndez Pidal*. Madrid, 1906, a pág. 297:

«Dell arçobispado de Merida et de los obispados qual an de obedescer.

. . . .

Ell obispado de Egitania tenga de Sala fasta la Nava, et de Sena fasta Muriellam. Ell obispado de Coymbra tenga desde Nava fasta en Borga».

De vinte e oito anos depois, 1317, existe ainda hoje um precioso documento na Torre do Tombo, que foi transcrito por Pedro Alvares na sua admiravel e importante obra sobre as *Escrituras da Ordem de Cristo*.

Teve êsse documento origem no seguinte:

Pela injusta abolição da Ordem dos Templários, vieram os bens dela, que em Portugal tinha, a govêrno de D. Denis, até que Roma resolvesse sobre êles, no que pouco poude sossegar aquele inteligente e patriótico rei, principalmente quando constou que a vila

---

([1]) Dr. Manuel Pereira da Silva Leal, *Memorias para a historia eclesiastica do bispado da Guarda*, T. I, pág. 3.

de Thomar, a gloriosa séde da perseguida milícia, fôra doada, por João XXII, ao seu favorito, o cardeal Bertrand.

Para se opôr a esta dádiva, mandou D. Denís tirar inquirições a Thomar sôbre quem a fundara e povoara e se primeiro fôra fundada do que a vila de Torres Novas e do nome que tinha e por quem fôra posto e por que via se lhe puzera e outras cousas àcêrca dela.

Dêsse documento repruduzâmos o que dizem os inquiridos:

Era de mill e trezentos e cinquoenta e cinqui anos vijnte e sete dias do mes de Outubro Gil steuees morador e vezio de Thomar iurado sobre os santos avangelhos que dissesse uerdade. Preguntado de como a terra de Thomar do primeiro començamento ffora pobrada tam bem de uista como douuida como de creença como de fama disse que ouuira dizer a seu auoo Martim tinoca que o dito Martim tinoca ouuira dizer a dom Meendo da porta que ffora no pobramento de Thomar que el Rey de Portugal nom ssabia qual dera o crasto de ceras com seus termhos aos ffreyres que fforõ do Tenple em escanbho polas egreias que os ffreyres auiam em Santarem e que pobrando eles ese logo que huu beesteyro ueo ao Meestre don Gualdym Paaes e disse lhi mostraria hi huu lugar que ffora pobrado dantigo e que o dito Meestre don Gualdim paaes ueo entom pobrar ali u lhi ffoi mostrado couuem a saber ali hu ora see o castelo de Thomar. Preguntado se ouuira dizer se auia antes hy castelo disse que o nom sabia mais segundo aquelo que ouuira dizer que fora logar dantigo. Preguntado sse sabia per u partiam os termhos do Crasto de Ceras que o nom sabia. Preguntado se sabia a hu ora esta a egreia de santa Maria de Thomar se ouuera hi Castello disse o nom ouuira dizer e mais disse que, ouuira dizer a muitos velhos e anciaes que ouuera hy huua muy nobre Cidade de cristaãos que auia nome Nabancia e que ainda avia hi hua Egreia era de tempo dantigo que a nome ssan ffiic com seu campanario. E outrosy disse que ouuira dizer que ali u ora esta a egreia de Santa Maria de Thomar fora moesteiro de ffrades mas non sabia de qual ordim. Preguntado se Thomar ffora pobrado antes ca tores nouas ou Ourem disse que ouuira dizer que antes Thomar. Outrossi preguntado se Thomar ffora pobrado em alguus dos termhos das vilas daredor disse que o nom sabia.

Era de Mill e trezentos e cinquoenta e cinqui anos Postrumeiro

dia de Dezembro Domjngos paaes Roussado morador e vezinho da villa de Thomar iurado sobre os santos auangelhos assi de uista como douuida como de ffama como de creença en como Thomar ffora pobrada disse que ouuira dizer a muytos homẽes bõos antigos e a seu padre que o crasto de Çeras ffora dado aos freyres que fforom do Tenple per el Rey don Affonso o uelho e que hũu monteiro que andava a seu monte matando sa caça con sas linhas dissera ao meestre don Richaldo que pobrava Ceras que auia boas aguas en hũu logar e que auia hi egreias de tenpo dantigo que estauan hi ffeitas. E que o meestre con os ffreyres ueheron aaquel logar convem a saber hu ora esta santa Maria de Thomar e acharon que ffora ja pobrada dantigo e que entom dissera o dito meestre ja aqui ffoi cidade dantigo e foi destroida de mouros e se pobrasermes aqui séería fraco logar pera os mouros por que era terra cháá e que entom o dito Meestre mandara lançar sortes sobre tres cabeças que aalem do rio auia e lançadalas sortes per tres vezes e que per tres vezes caera a sorte naquel monte u ora see o castelo de Thomar e que entom sacordaram que pobrasem en ese monte E esto o dito Meestre passando pera hir pobra a dita cabeça aqueles que hian antel acharom hũu porco montes e que entom começaron de dizer tomalo tomalo que entom o Méestre chegou e achou o porco morto e disse que assi ouuesse nome o dito cabeço Thomar e que entom o dito Meestre Richaldo começou de pobrar a dita cabeça e pobrando sse que ueo por Méestre dom Goaldim paais e ffez o castello e depos fforo aos pobradores. Preguntado o dito Domingo paais se ouuira dizer ou se criia se na dita cabeca u esta Thomar ffora algũa fforteleza ou alguu castelo ante que fosse pobrado ou se acharon hy algũu edefficio quando o pobrauam esa cabeça de Thomar disse que o non sabia nen o er ouuira dizer mais ouuira dizer que era mata e que ouuira dizer a muitos e bóós e crija que ali u ora está santa Maria de Thomar que fora cidade e forteleza de cristaãos e auia nome nabançia e que ali u ora está santa Maria de Thomar que fora moeesteiro de ffrades da ordin dos negrados e que ouue a hy hũ abade que chamauan don selho irmáäo da madre de santa Ejrea o qual abade enuiou a Roma pera outenticar santa Eirea por santa despos morte dela e que a ora hy duas egreyas dese tempo antigo hũa a nome san Fiic e a outra santa Eyrea. Preguntado se fora pobrada primeiro Tores

ou Thomar disse que primeiramente ffora pobrado Thomar segundo o que ouuira e criia. Preguntado se sabia ou criia ou ouuira dizer se Thomar ffora termho dalgũa vila ao redor quando fora pobrada disse que o non sabia nen no ouuira dizer mais que era terra del Rey mais que ouuira dizer quel el Rez dera aos ffreyres que foron do tenpre o castelo de çeras per termhos asináádos asi como conta en sa doaçon que ende os freyres auiam e que Thomar iaze dentro en estes termhos, Preguntado que se a dita cidade de Nabançia fora castello disse que ouuira dizer que ouuera hi torres e fforteleza mais non sabia nen ouuira dizer que ouuera hi castelo. Hẽm preguntado se daqueles logares que Thomar traie por seu termho se ffora ende algũu deses logares do termho das uilas ou dos castelos daredor disse que non sabia nem o er ouuira dizer. Preguntado se o dito lugar hu séé Thomar ffora termho da dita cidade de nabançia disse que o non sabia nen no ouuira dizer mais que criia mais ca non que hu está Thomar ffora termho de nabançia segundo camanha cidade e can nobre ouuira dizer que era segundo edifficios daquel tenpo que ora acharon daquen da agua.

Era de mill e trezentos e cinquoenta e cinqui anos postromeiro dia de dezenbro Pedro poonbo morador e vezio de Thomar iurado sobre os santos auengelhos. Preguntado tanbem de uista como douuida como de creença como de sabedoria en como ffora probado Thomar disse que ouuira dizer que hũu Rey de Portugal non sabia qual dera o crasto de çeras an freyres que foron do tenpre e que os ffreyres leixaron o dito crasto e ueheron pobrar Thomar porque dezian que era milhor cabeça e de milhores aguas. Preguntado se sabia ou ouuira dizer quen pobrara o castelo de Thomar disse que ouuira dizer que o meestre don Gualdin paais e que asi o contaua no fforo seu que el lhis dera ese foro. Preguntado se na dita cabeça hu séé Thomar ffora castelo ou fforteleza ou algũu edeffício antigo ou se achauan hi algũus edeffíçios antigos quando o pobrauan disse que o non sabia nen no ouuira dizer e que ouuira dizer que era gran mata hu ora séé o castelo de Thomar mais que ouuira dizer a muytos e a bõos que aalen da ponte des a egreia que chaman santa Eyrea ata u está ora santa Maria de Thomar e estes oliuaaes que está apar dela que auia hi hũa muy gran çidade de cristããos e que auia nome nabançia mais que non ouuira dizer nen sabia se ouuera hy

fforteleza ou castelo E que criia segundo os edeffícios que hi acharon que houuera hj a dita çidade. E que outrosy ouuira dizer que a egreia de santa Eyrea que esta apres da ponte e a egreia de san fiit que fforon dantigo da dita Çidade E que ouuira dizer que na dita çidade ouuera moesteiros dos ffrades negrados de que ffora obade don selho tyo de santa Eyrea e que soyam chamar a santa Maria de Thomar santa Maria de selho. Preguntado se sabia ou ouuira dizer se aquel logo en que ora séé Thomar se ffora termho de Tores nouas ou dalgua das uilas ou dos castelos daredor dise que non sabia ende Ren mais disse que ouuira dizer que iazia Thomar dentro nos termhos per u fora dado o crasto de çeras aos ffreyres que fforon do tenpre segundo como conta en seu priuilegio que lhis fora dado. Preguntado se algúús dos logares que ora traie Thomar por seus termhos fforon do termho de Tores nouas ou dalgua das outras uilas e castelos que iazem daredor disse que non sabia nen no ouuira dizer. Preguntado se sabia ou ouuira dizer se ffora pobrada Tores nouas primeiro que Thomar disse que ouuira dizer que primeiro ffora pobrado Thomar. Iten preguntado se o dito logar u séé Thomar ffora termho da dita Çidade de Nabançia disse que non no sabia nen ouuira dizer mais que criia mais que non que hu esta Thomar ffora termho de Nabancia segundo tamanha cidade. E tan nobre ouuira dizer que era e segundo os edeffíçios daquel tenpo que ora achou aalen dagua.

Eu Gil eanes Tabelion de nosso Senhor el Rej en Thomar esta enqueriçon con Steuan martins creligo del Rey e con Martim gil uassalo de nosso Senhor el Rey ffilhei e screuy por mandado dos sobre ditos e eela meu sig✠nal hj pussi que tal é en testemunho de uerdade. [1]

1465-1467

«Do Rabaçal a Alvaiazer (*Alvaiazerum*) ha a distancia de quatro milhas; este logar jaz entre os montes.

D'ali a Thomar (*Tomarum*) ha o caminho de quatro milhas; não tem maravilhas esta povoação; é porem extensa, e jaz entre

---

[1] Torre do Tombo. *Guveta 15, maço 3, num. 15 e Mestrados*, fol. 93 v.

serras banhadas por um ribeiro sem nome, superior ao qual fica um forte castello.

N'esta villa vimos como os padres celebram sua primeira missa. Dita esta n'esse dia e nos seguintes percorrem a povoação com flautas e nela tudo retrumba com as danças e cantigas de homens, mulheres e padres, entoando o côro o novo celebrante.

Ha tambem ali esta costumeira: morrendo algum levam para a igreja vinho, carne, pão e outras comidas; os parentes do morto acompanham o funeral vestidos de roupas brancas proprias dos enterros, com os capuzes á maneira de monges, com o qual vestuario se vestem de um modo admiravel

Aquelles porem que são assalariados para carpirem o defunto, vão vestidos com roupa preta e fazem um pranto como os d'aquelles que entre nós pulam de contentes ou estão alegres por terem bebido.

. . . .

De Thomar a Constancia (*Punhetum*) ha tres milhas: a aldeia está situada entre montanhas, tendo no alto um castello que se acha deserto. Esta aldeia é regada por dois rios em diversos sitios, que se convertem num só abaixo d'ella. O que vae desaguar no outro chama-se Dura, e tem a sua nascente em Portugal. O outro que recebe o Dura, chama-se Tejo [1].

1494

«Tempore nobilissimi atque cristianissimi castinaldi et casie coniugis eius qui principabantur apud nabantiam: fuit quedam monialis virgo herena nomine: nobilis progenie: sed virtutibus nobilior, anno domini. m. liii hanc quoque remigius monachus religioous valde doctu docuerat tam litteras quam mores sub gratia nobilium parentum hermigii et eugenie: et ex permissione abbatis selii Qui frater eugenie matris ipsius virginis extitit. Et in cenobio

[1] *Itineris a Leone de Rozmital nobili Bohemo annis 1465-1467*. Stuttgart. 1844. *Apud* Bernardes Branco *Portugal e os Estrangeiros*, tomo II, Lisboa, 1879, pág. 192.

magno sancte marie degebat in loco parum concauo cum quadraginta quattuor scapulatis monachis iuxta torrentem que dicitur eflon: quasi sine fonte. Super hoc ante cenobium versus aquilonem erat constructa mira palatia predicti castinaldi cum villa pulcherrima dicta nabantia. Sub hac villa viuebat santa herena cum monialibus sanctis deo valde deuotis: quarum due sorores patris eius erant s. casta et iulia que ibi postea fuerunt sepulte in singulis lapideis monumentis ubi edificatum est opus paruum et pulchrum in modum arcuate domus. Hec antem sanctissima herena consueuerat semel in anno ad ecclesiam beati petri cum aliis monialibus orationis causa venire: que ecclesia erat iuxta palatium castinaldi: ubi ipse fere semper omnes horas audiebat: Quam virginem videns filius castinaldi vnicus nomine britaldus. Concupivit eam et amore eius egrotavit. Cum autem multum affugeretur et de eius vita omnes nimis condolerent queruntur medici: sed morbum non perpendentes nullum penistus egretudini eius poterant dare remedium. Sancta vero herena sciens causam vnde infirmaretur: visitans consolatur eu: dissuadens ei quantum potest quod concupierat. Tunc ille sic sibi respondens ait. Si alii compleueris quod michi denegas: te gladio percutiam: vt ultra non vivas. Tunc illa. Absit inquit a me frater mi ut tuam vel alterius nephandam compleam voluntatem. Et impositis super eum manibus: et oratione sancta: rediit in domum suam. Et tunc inuene sanato referunt deo gratias: et sancte herene parentes eius munera delegantes. Post hec biennio elapso: intravit sathanas in remigium monachum magistrum eius: et concupiuit eam: et modo blandiciis et modo minis inquietare non cessabat... Ille autem videns se nichil proficere: vnius herbe succum sibi artificiose in potum tribuit: et mox intumuit venter eius ac se pregnans esset. Et sic infamata per eum: cepit contenni et obprobrio haberi. At illa vero admirans asserebat se virum non cognouisse sed venter tumens maiorem fidem faciebat credentibus. Quo conspecto filius castinaldi iterum pulsat eam minis et precibus repulsus iterum nimio furore repletus: precepit cuidam militi de patris sui curia amico suo charissimo: ut eam latenter gladio preimeret: et in fluvium deiiceret: ut tantum facinus melius occultetur.

Impressum est hoc opus breviarii in augusta Bracharensi civitate hispaniarum primate... Anno salutis christiane. M.CCCCLXXXXIIII. Biblioteca Nacional, inc. 78.

1528

Beata igitur herena nobilissima fuit progenie sed virtutibus nobilior. Ab infantia sua dei gratia repleta divinis semper inherebat studiis...

Breviario Eborense, impresso em Sevilha, fl. 383; *Codice 253 P.* dos Reservados da Biblioteca Nacional.

---

17 DE OUTUBRO de 1530

Senhor. — Hũa carta de vossa alteza me ffoy dada em que me mandava que tanto que Aires do Quyntall tiuesse corregido ho Rio desta Vila de Tomar pera se por ele navegarem hos bates de Punhete me metese nele e ffose ate Punhete com hos tabelyães e assym algũas pessoas desta vyla que bem pudessem saber deste Ryo ho como hera e como agora estava; e tanto que me ffoy dada logo tomey dous bates que nesta vyla estavam de Punhete e me mety neles com seis pesoas honradas dela que bem sabyam heles ho Rio dantes que ho coregesem e assym com dous tabeliães e nos ffomos neles ate Punhete com ho Rio hir muito cheo por aver dias que chouya por me parecer que em tam hera serviço de vossa alteza ho ffazermos por dizerem nesta vyla que quando ho Rio fosse cheo hera perygo, na quall hyda nos ffomos muyto bem sem nysso termos nenhũ antreualo que nos empidise posto que ho Rio achasemos grande e assy ho Zezere e ffomos em muy pequeno espaço segundo has horas que partimos das Ferraryas e chegamos a Punhete e nos pareceo que poryamos duas horas e mea ate tres honde achamos no Zezere hos caneiros todos cubertos e por Riba deles pasamos sem nos ffazer nenhũ perjuizo e depoys de estarmos em Punhete ao outro dya por me parecer que hera seu serviço e por a chea ser grande de noyte e ser ja muyta agoa vazia detreminei de me vir outra vez por o Zezere a Riba e asym trazer dous barquos caregados de sall que hi estavam que dixeram que se tomaram ja da beira dos caneiros por nam poderem pasar, em tam me torney ha meter com todos nos barquos e asy os outros doos de sall e nos vyemos por ho Rio a Riba honde tivemos muyto trabalho depoys que aos caneiros chegamos porque com ha Rigeza dagoa nam pudemos pasar se nam com grande trabalho por pasarmos hos

bates hum e hum ate chegarmos a este rio de Tomar onde per ele vyemos ate a Lynhaçeira que he abaixo de Matreina e em algũs pasos que tinhamos Roys hera por agoa ser pouqua e até que aly ffiquaram hos barqueiros em seus bates por ser noyte e chover muyta agoa e nós nos vyemos pera ha vyla; eles ao outro dia se vyeram todos quatro assym como vynham e quanto ao Rio achamos que nos parece que se poderam navegar os bates por ele porque segundo dizem hos que dantes ho tinham vysto que hera muita pedra e penedos quebrados e estava muyto bem feyto e parece nos a todos hos que la ffomos que ha navegaçam se pode bem ffazer tirando os caneiros do Zezere e assym o açude de Matreina e se ffizerem sergadoros de hũa banda e doutra de Matreina pera baxo ao longo das seras e se quebrarem algũs penedos pera fiquarem os syrgadoros mais direitos e o Rio; e disto mandei ffazer hum auto com ho parecer dos que la fforam e assym cõ hos barqueiros que de la vyeram que envio a vossa alteza par onde mais largamente verá a dylygencia que nisto ffiz que ffoy ha que me pareceo mais seu serviço. Escrita em Tomar em xbij dyas doytubro de mil b^c xxx anos. — *Manuell Nogueira.*

Sobrescrito : Pera el Rej nosso Senhor.

Tôrre do Tombo, *Corpo Cronológico*. Parte I, maço 46, doc. 1.

---

12 DE OUTUBRO DE 1530

Auto da diligencia que fez Manuell Nogueira Juiz per mandado del Rey nosso Senhor

Ano do nascimento de nosso Senhor Jhesu Christo de 1530 annos aos 12 dias do mes de outubro en esta villa de Tomar nas casas da morada de Manuell Nogueira cavaleiro da casa del Rey noso Senhor e Juiz pella ordenaçam em a dita villa elle Juiz dise A mim tabeliam e Antonio Bras outrosym tabeliam em a dita villa que sua Alteza lhe mandara hũa carta pera fazer hũa diligencia sobre a navegaçam deste Rio que elle Juiz deu a mim tabeliam do quall o trelado é o segymte e eu Pero Mendez que o escreuy.

Manuell Nogueira Eu el Rey voos envio muyto saudar tanto que Aires do Quintall tiver Acabado de concertar o Rio desa villa de Tomar pera se poder naveguar voos encomendo e mando que em quallquer batell que vier de Punhete vos metaaes com os

tabeliães desa villa E outras pesoas que sejaees atee dez pesoas e ires per o dito Rio abaixo ate cheguardes a Punhete e verees a obra que está feyta no dito Rio e se está limpo como he necesario pera se poder bem por elle naveguar e das pesoas que levardes seram algũas que andasem por ese Rio e saibam como estava damtes que se ora começase e o que nysso achardes e voos parecer com a enformaçam deses que convosco levardes me escreveres. Fernam da Costa a fez em Lixboa a treze dias de agosto de 1530

E dada a dita carta elle Juiz dise que nos fizessemos prestes pera aver dir ffazer a dita diligencia e mamdou chamar loguo Alvaro Lopeez escudeiro da senhora duqueza que santa gloria aja e Gonçallo Rodriguez cavaleiro da casa da dita senhora e Luis dAlmeida cavaleiro e Joham da Cunha Juiz dos orffaãos em a dita villa e Manuell Nunez cavaleiro da casa do dito senhor e escryvam das sysas em esta vyla e Ruy Gomez moço da camara do dito senhor e escryvam das ferrarias por serem pesoas principaes que bem do dito caso poderiam saber E algũus delles amtiguos .s. Alvoro Lopez e Gonçallo Rodriguez que ja muytas vezes por o dito Rio amdarom e pescarom antes de se este Rio abrir. E o dito Juiz com nosco ditos tabaliaães e os sobreditos e com Symaam Pinham e Miguell Sodre e Symãao Arraez barqueiros e outros tres ou quatro companheiros seus moradores em Punhete nos methemos em dous barquos ao pe do açude das Ferrarias junto do Rio alombado daguoa que chovera os dias pasados e nam flora da madre e nos ffomos por o dito Rio a baixo sem empedimento algũu atee cheguarmos as moendas de Matreyna a rriba das quaes se metee a Ribeira de Beselgua e da Lousan que ffaz o Rio dy pera baixo maior cayse outrotanto no Imverno como aguora hiam e de Matreyna pera baixo nos ffomos por o dito Rio que case hya de monte a monte por Respeito das ditas duas Ribeiras até cheguarmos onde se o dito Rio se mete no Zezere o quall por vijnr tambem muyto grande ffez Repressar aguoa do Rio de Tomar hũu espaço pera çima pera Antre as serras no quall Rio ate cheguar a dita ffoz fomos muy bem e sem periguo algũu e da dita ffoz ffomos por o Zezere abaixo o quall hya tamanho que nenhũu dos caneiros nam parecia nem dos paaos que ho ouvidor mandou mether na madre daguoa por balisas dos caneiros que disse o dito Gonçallo Rodriguez que seriam daltura de

hũua lamça porque as vio quando ho ouvidor mandara mether somente Junto do Punhete no deradeiro caneiro pareciam as pomtas de dous paaos E imdo assy por o dito Zezere abaixo muyto quietamentee hyamos tomando dos barquos lenha da que hya per o Rio abaixo que era muyta e grandes arvores e chegamos a Punhete e ffariamos de demora em todo caminho de Tomar ate Punhete duas oras e meia pouquo mais ou menos e loguo ao outro dia seguynte as nove horas pouquo mais ou menos nos tornamos a meter nos ditos barquos asy como ffomos e por o dito Juiz ser enformodo por os barqueiros e outras pesoas de Punhete que os barquos em nenhũua maneira poderiam navegar por o Zezere açima por Respeito da grande corrente que hia nas madres que se Abriram nos caneiros e que se tornaram os dias pasados do caminho algũus barquos que iam caregados de sall pera vemder em Tomar por se nam estreverem de pasar os ditos caneiros e pera mais crareza desto o dito Juiz mandou a dois barqueiros que tinham caregados dous barquos de sall que se viessem com nosco e que os ajudariamos a pasar se algũu empidimento ouuese nos ditos caneiros e de feyto nos partymos .s. os ditos dous barquos em que partymos de Tomar e os dous carreguados de sall e vyemos por ho Zezere acima que hia já muyto mimguado da cheia do outro dia e A vella e a sirgua e Remos cheguamos ate os caneiros nos quaees hia aguoa tam Rija que nam podiamos pasar com os ditos barquos somente todos os dos barquos ajudavam a tirar e pasar cada barquo hũu e hũu ate pasarem os caneiros e ffiquarem no Remanso de maneira que com os ditos caneiros como ora estam senam pode naveguar por o Zezere se nam aguoa for tam pouqua que os homees posam ir por ella descalços syrguando ate meter o barquo por ha madre daguoa que lhes parecia perigoso e impossiuell ou indo o Zezere tam grande que va por cima das balisas que tambem nom he tempo pera naveguar e asy chegamos com este trabalho de pasar dos caneiros a ffoz do Rio de Tomar por onde fomos hũu quarto de leguoa em Remanso porque ffazia Represar o Zezere o Rio de Tomar E cheguamos onde se desffez hũu caneiro de Bacias Jorge onde se chama ha Framcileira (?) por hir aguoa corente nos saymos ffora dos barquos e a syrgua os pasamos acyma o que poderia ser hũu tiro de pedra. E loguo nos tornamos aos barquos e ffomos hũu bom pedaço por cima de hũu peguo acima

a Remos e a uaras ate chegarmos ao Porto de Linhaceira onde avia outra coremtee que sera pouquo mays de Joguo de malham e hy nos saymos por ser ja tarde e os barqueiros virem muyto camsados por ho muyto trabalho que levaram nos caneiros do Zezere amararam seus barquos e os toldaram por começar ha chover por se lhe nam perder seu sall e ffiquarem nos batees pera o outro dia se virem como de ffeito se vieram ate o pe do açude das Ferrarias. E loguo elle Juiz pratiquou com as ditas pessooas que fforam nos ditos batees e lhes pedia seus pareçeres do que viram e lhes parecia da dita naveguaçam os quaes todos juntamente e cada hũu per sy diseram e comcordaram que a dita naveguaçam podia ser pera a dita villa de Tomar desfazendo-se os caneiros do Zezere que era ho maior emcomvenyente que hy avia

E asy ho açude de Matreyna por que o Rio de Tomar estava limpo de toda a pedraria que estava na madre da aguoa que parecia emposyuell poder se quebrar por onde dovidavam muytos que ho Rio se nam podia naveguar E que asy parecia A elles antes que aguora visem ho Rio limpo porem que aguora lhes parecia que se pode bem naveguar desffazendo se os ditos caneiros e açude e ffazendo se os syrgadoiros de Matreyna pera baixo ao longuo das ceras dambas As partes e quebrando algũus penedos nas voltas e Recouados que ffaz o dito Rio pera poderem os barquos milhor guovernar e lamçarem em outras partes o Rio fora donde aguora vay pera ir ao direito e poderem os barquos vir com menos trabalho primçipallmente no veram que he aguoa pouqua E o Juiz mamdou a mim tabaliam que todo esto escrevese e os sobreditos asynasem e de feito asynaram com elle Juiz e eu Pedro Memdez tabeliam que esto escrevi E mays diseram e declararam que ao Porto da Lynhaceira fiquaram os barquos o Juiz e todos os comtheudos neste auto acyma e Atras escrypto se sairam aly e nos vyemos caminho da villa e os barqueiros daly pera cyma vieram ao outro dia com a cargua que traziam a esta villa de Tomar e por verdade Asynaram aquy e eu Pedro Memdez que esto escryvy.

E despoys desto loguo no dito dia nas casas da morada do dito Manuell Nogueira Juyz perante elle Juiz pareçeo Symãao Pynham e Symãao Araez e Miguel Jorje moradores em Punhete e Bastiam Diaz e Francisco Moreno e Alvoro Estevez os quoaes

fforam desta villa de Tomar a Punhete nos barquos com elle Juiz e pesoas que com elle fforam atras decrarados e tornaram de Punhete a esta villa E o dito Juiz e lhes fez pregunta que era o que lhes parecia da naveguaçam do dito Rio e o que era necesario pera bem poderem naveguar diseram que pera bem poderem naveguar avia mister desfeitos os caneiros do Zezere e Asy o açude da Matreyna e Algũus presas do Rio emmendadas que bem se podem emmendar E quanto Ao maijs comtheudo no auto atras escrito era verdade por que elles foram presentes na yda e vynda dos ditos barquos E que com os ditos caneiros derribados e presas comcertadas se afirmavam ser a navegaçam certa E outrosy pareçeo presente elle Juyz Jorje Diaaz e Symãao Pynheiro e Joham Raposo e Domynguos Afonso que vieram de Punhete pera esta villa com seus barquos careguados de sall e diseram que elles o diziam asy como os sobreditos acima escryptos e que nam se desffazendo os ditos caneiros e açude em nenhũaa maneira se poderia naveguar e todos Juntamente concordaram asy nysto E por verdade asynaram aquy com o dito Juiz e eu Pedro Memdez tabaliam que esto escryuy.

E dizemos nos Antonio Bras e Pero Mendez tabaliães em esta villa de Tomar que he verdade ho comtheudo no auto como se nelle conthem asy da yda e vynda atee cheguarmos ao Porto da Lynhaceyra onde saymos e dy nos vyemos pera vila de Tomar e por verdade eu Pero Memdez o escryvy e Asynamos ambos no proprio auto onde fiquam asinados todos ho nelle comtheudos com ho dito Juiz e cõcertamos todo com o dito Manuell Nogueira Juyz e vay todo bem e ffielmente traladado e comcertado com ho proprio oregynall que ffiqua em meu poder e vay escryto o dito trelado em cymquo meias folhas de papell com a em que vay posto ho comcerto e synaees E eu Pero Memdez publico tabeliam notario e do Judiciall por el Rey nosso senhor em esta villa de Tomar e seu termo que esto escryvy e aquy meu publico synall ffiz que tall he. E com todo o dito Juiz manda que se çarase e aselase o quall eu tabeliam cerey e aseley e eu dito tabeliam ho escryvy. — *Manuell Nogueira.* — Logar do sinal publico. — Por do proprio e deste nichil. Comcertado com migo Antonio Bras tabeliam — Antonio Bras.

No verso. — Deligencia que fez Manuel Nogueira Juiz da villa

de Tomar por mandado de el Rey noso senhor sobre A navegaçã do Rio desta villa e vay A el Rey noso senhor [1].

1538 ou 1558?

«Deus qui cœlesti indicio beatam Irenam virginem et martyrem...».

Missal de Braga, impresso em França? Biblioteca Nacional. Relig. 1998 A, fl. 205 v.

1548

I. Tempore quo in Lusitania dynasta incltus atque Christianissimus Castinaldus vir nobiles Cassiæ, dominabatur apud Nabantiam insigne Scallabitani conventus oppidum: Irena virgo Sanctimonialis, genere nobilissima, forma pulcherrima, mortem pertulit corporalem pro castitatis integritate, super ripam Nabanis fluminis anno sexcentesimo quinquagesimo tertio ab incarnatione Domini nostri Jesu Christi: cujus fides jam sparsa longe lateque firmiter tenebatur. Haec virgo erat pudica, pia, simplex, humilis, jejunatrix, oratrix, assidua sanctarum lectionum studiosa & in omni Dei obsequio devotissima.

II. Remigius namque doctissimus & religiosissimus Monachus, eam tam litteras quam mores doccuerat: sub gratia nobilium parentum ejus Hermigii & Eugeniae, & Abbatis Selii, qui frater Eugeniae Matris ipsius virginis extitit, & in Cœnobio magno Beatae Virginis Mariae degebat, cum quinquaginta circiter Monachis, in Cœnobio juxta torrentem qui dicitur Effon, quia fit sine fonte, & sinuose labens in Nabanem descendit. Supra quod Coenobirum versus Aquilonem, in loco plano & eminenti erant praedicti Castinaldi Palatio, cum oppido pulcherrimo, dicto Nabantia, distante à fluvio jactus lapidis uno, vel minus.

III. Infra id oppidum super Nabanem Sancta degebat Irena cum castissimis Virginibus, quarum duae sorores patris ejus

[1] Corpo Cronológico, Parte 1.ª, maço 45, doc. 145.

erant, videlicet Casta & Julia, quae ibi postea fuerunt sepultae in singulis lapideis monumentis. Santa vero Irena ex eo claustro semel in anno, in festo Beati Petri, cum ceteris Virginibus, orationis causa, exire consueverat ad ipsius Apostoli Ecclesiam quae juxta Castinaldi Palatia opere laudabili erat aedificata & Sanctorum plena reliquiis: ad quam nobilissimus Castinaldus cum proceribus suis, & familia, & loci incolis veniem divina officia pene quotidie audiebat.

IV. Hic autem Princeps habebat filium unicum optimae indólis adolescentem Britaldum nomine qui audita prius Sanctae Irenae pulchritudine, quum semel eam in Ecclesia vidisset, misere ex amore ejus augustiari coepit ab divinum tamen timorem & parentum Virginis, & Abbatis Selii reverentiam, non est ausus vim amoris sui detegere: sed tacendo more amantium aegrotavit. De cujus aegritudine parentes ejus supra modum anxii, diversorum undique medicorum opem quaerebant. Qui diversas morbi causas proferentes, sed verum morbum minimé perpendentes, nullum aegritudinis ejus adferebant remedium.

V. Hujus aegritudinis causam quum divina revelatione Sancta Virgo Irena cognovisset, causa pietatis & humanitatis ad eum perrexit, & sola solum humiliter affatur: Frater mi haec infirmitas non est tibi ad mortem, sed ut Dei misericordia salutem consequaris, si ea quae oculi tui male concupierunt, nequequam ultra concupiscas. Ad haec ille: Scio, inquit, quod noris qua detinear aegritudine. Sic etiam noscas, quod si ex ea moriar, vel sue spreto alium proposueris ego ipse vel alius pro suo gladio percutiet, ut ultra non vivas. (A quae illa). Absit, inquit, à me, frater, ut tuam vel alterius nefandam unquam compleam voluntatem. His dictis, (eoque consolato), impositisque ei manibus cum oratione, reversa est ad claustrum suum. Ille vero statim restitutus est sanitati Sanctae Virginis Irenae precibus. Quare parentes ejus in Irenæ Virginis gratiam, collegium illud Virginum majori honore habuerunt: illud muneribus & privilegiis amplius honestantes.

VI. Post (rem hujus comodi ei) transacto biennio, intravit Satanas in Remigium Monachum, Sanctae Irenae magistrum, & in amorem Sanctae Virginis tam acriter viscera ejus extorruit, ut deposito pudore, eam impudice compelleret. A qua quum graviter esset increpitus, diabolico repletus furore peruersoque ingenio maleficae herbae succum illi alam in potum dedit. Qua po-

tione, virgo incorrupta, paulatim praegnanti similis intumuit: & infamiae nota non caruit. Illa mirabatur, nesciens quod sibi accidisset, pudorem tamen suum & famam Domno commendabat.

VII. Haec cum Castinaldi filius audisset, motus zelotypia rogavit quendam de amicis militem, ut eam interficeret, & in flumen projiceret. Qui miles protinus illi insidiatus, quum forte post matutinas laudes, sub diei crepusculum ad ripam fluminis orantem, suamque innocentiam Deo commendantem adspexisset irruens obturauit pannis os ejus, & exutis vestibus praeter melotam gladio confoditguttur eius: necatamqne proiecit in fluvium. Protinus tamen poenitentia ductus, una cum Remigio Monacho Romam adiit, & ambo sub poenitentia obierunt. Sanctum vero Virginis Corpus per Nabanem in Ozecharum fluvium, &.

VIII. Mane autem facto, quum non fuisset inventa, universi existimabant illam praefacti verecundia cum aliquo fugisse homine, quem sibi stupro conciliasset. Deus vero nolens eos in tam sinistra suspicione permanere, Abbati Selio quae contigerant revalauit. Quibus cognitis ille gavisus valde mixta tristitia cum laetitia rem divulgavit, & statim cum monachis, & proceribus, & plebe numerosa venit ad locum praedictnm. Tunc Tago ab immensa illa voragine Dei virtute ad sese collecto, ibi ex una parte apparuit solum quasi avida terra, ubi inventum est Virginis corpus, divinitus in apertissimo locatum sepulcro.

IX. Cumque de loco ille moveri non posset, intellexerunt Deo placuisse, eam, eam ibidem sepeliri. Honorifice igitur & cum magnis laudibus sanctissimum corpus ibi sepellierunt; tollentes capillorum & melotae reliquias. Illis autem alueum egressis, Tagus expensis de super aquis, magna conctorum admiratione ad limitem suum rediit. At vero Abbas cum reliquia sanctissimi corporis ad Coenobium reversus est ubi multi caeci, claudi, leprosi, & diversis affecti morbis ex sanctarum reliquiarum tactum curari sum ad laudem Christi, cui est honor & gloria in saecula saeculorum. Amen,

Breviarium Eborense, col. 1601 (Res. 85); Florez, *España Sagrada*, tom. XIV, pág. 402.

1548

Tempore quo in Lusitania dynasta inclytus atque Christianissimus Castinaldus vir nobilis Cassiae...

Codice 85 P. dos Reservados da Biblioteca Nacional. Imp. em Lisboa. Pág. 1600

1549

Tempore quo in Lusitania dirasta inclita atque christianissimus...

Breviario de D. Manuel de Sousa, Reservados da Biblioteca Nacional, n. 83 P.

1634

Tempore quo nobilissimus atque castinaldus...

Breviario de D. Rodrigo da Cunha. Reservados da Biblioteca Nacional, 607 894 P.

1724

Idem. Revisão de D. Rodrigo de Moura Teles, Reservados da Biblioteca Nacional, n.º 2805 N.

1549

Herene virginis introitus. Dilexisti *quare in commemorationi virginis Oratio*. Exaudi nos deus salutaris noster vt sicut de beate herene virginis tue festiuitate gaudemus ita pie deuotionis erudiamur affectu. p. *Epistula*. Confitebar tibi, *R.* Specie tua. Aleluia. Diffusa est gratia. *Evangelium*. Simile est regnum celorum decem. *Offer*. Offerent. regi.

Breviarium Bracarense, verso da chamada E.j. N. 151 dos Reservados da Bib. Nacional.

1552

«S. Irene ad Nabanim Lusitaniae fluuium, in oppido Tomar, pro pudicitia de amore Christi passa est ab iis, quorum libidini castitatem suam virgo Deo dicata prostituere noluit, proiecta ab occisoribus in Nabanim, per Tagum delata est Scalabim, vbi sepulta, nomen urbi dedit. Huins gloriosae virginis martyrium L. Andreas Resendius latius explicauit in Breviario Eborensi».

Joannes Vasaeo (*Chronici rerum memorabilium Hispaniae*, Salamanca, fl. 106 v.).

1561

De Scalabis á Celium, que nos por alguas conjecturas sospeitamos será villa de Ceice junto a Tomar, outros xxxij. mil que tambem concordam com outras tantas legoas, que assi mesmo contam de Sanctarem á Ceice».

«Lemos na vida da bemaventurada virgem & martyr sancta Herea, cuja lenda diz que sendo o seu corpo lançado ao rio Nabano, foi ter ao rio Zezere e d'este no Tejo, e por o Tejo a hum lugar chamado Scalabicastrum, ó qual nome corrompêram depois os Mouros em Cabelicastro».

Gaspar Barreiros — *Chorographia de alguns logares*, fl. 98 e 62 v.

1567

No tempo em que em Portugal dominava ho preclaro e poderoso, e christianissimo Castinaldo, casado com hũa nobre senhora chamada Cassia, junto de Nabancia lugar insigne do convento Scallabitano. Irena virgem religiosa de geraçam muy nobre, e de formosura maravilhosa, padeceo morte corporal pola virtude da castidade, na ribeyra do rio Nabam no anno da encarnaçam de nosso salvador Jesu Christo de seiscentos e cincoenta e tres

años, sendo já a fee do evangelho derramada e recebida firmemente pelo mundo. Era esta santa virgem muito casta e vergonhosa, piedosa, singela, humilde, dada aos jejũs e abstinencias, e a continua oração: estudiosa na lição dos livros sanctos, e em todo ho serviço de Deos deuotissima. Seu mestre que a ensinou assi letras, como os sanctos costumes, foy ho doutissimo, e religiosissimo monge Remigio, con prazme de seus nobres padres Hermigio seu pay, e Eugenia sua may, e do abbade Selio seu tio, hirmão de Eugenia may da dita virgem: ho qual vivia no mosteiro da bem auenturada virgem Maria. sito junto do rio chamado Effon (o qual se chama assi, porque nace sem fonte, e entra no rio Nabam). Sobre este moesteiro, pera a parte do norte, em hum lugar alto e o chão estavão os paços do dito Castinaldo, com hum lugar muy fermoso chamado Nabancia, que estaria do rio afastado hum tiro de pedra, ou menos. Dentro neste lugar vivia a sancta virgem Eria com algũas castissimas virgens, duas das quaes erão suas tias, irmaãs de seu pay, chamadas Casta, e Julia, que forão depoys aly sepultadas, cada hũa em seu moymento de pedra. Tinha a sancta virgem Eria por costume yr com as outras virgens hũa vez no anno pela festa de sam Pedro á sua ygreja a orar: a qual estava edificada de obra maravilhosa junto dos paços do Castinaldo, e chea de reliquias de sanctos: Correo logo ho segrado corpo da virgem sancta Eria pelo rio Nabam, e veo ter ao rio zezere, e daly ao Tejo, tee que chegou ao monte chamado Scallabis castrum, que agora por amor da virgem sancta Irena se chama Sanctarem.

Fr. Diogo do Rosario, *Historia das vidas dos feitos heroicos de obras insignas dos sanctos*, Braga, fol. CLXV.

1570

(Manuscrito)

«Esta Egreja de Santa Maria do Oliual hee das mais antiguas destes Reynos de Portugal, foy fundada e edificada pera ser mosteiro como foi de monges e o era aho tenpo que a bemaventurada Santa Eyria virgem e monja recebeo martirio por conservar sua virgindade e castidade no Anno da encarnação de nosso senhor

Jesus Cristo seiscentos e cinquenta e tres annos se lee na sua istoria e lenda, cujas palavras pera corroboração desta verdade são estas. Naquelle tempo em que ho muy nobre e cristianissimo Barão Castinaldo tinha o Principado de Cessia acerca de Nabancia sofreo morte corporal Eyria Sancta Virgem monja muy fermosa pola face de castidade sobre a Ribeira de Nabão seiscentos e cinquenta e tres annos da encarnação de nosso Senhor Jesu Christo, cuja fee já largamente era derramada e firmemente se tinha. Esta bemaventurada Eyria foy muy nobre em geração e muito mais em virtudes, porque de sua meninice ajudada da graça de deus sempre se achegava aos divinos estudos. Era esta virgem casta pia sa (sic) simplez humilde geguadora e muito dada a oraçam e estudiosa de sanctas lições, e em todo o serviço de deus e de sua sancta madre devotissima per maneira. E Remigio que neste tenpo era religioso e devoto monge a ensinara assi letras como costumes sobre a graça e encomenda de seu nobre pay e may per nomes chamados Remygio e Eugenia e do Abbade Celio que era irmão de Eugenia may desta virgem e vivia no mosteyro da bemaventurada Virgem Maria em hum lugar hum pouco fundo e concavo com corenta e quatro monges de scapularios açerca de hum regato que se chama efom ou enom por que se faz sem sair de fonte e corre com voltas e ahi deçe e entra em Nabão.

Porque se encontra evidentemente que esta casa e ygreja de nossa Senhora do Olival hee a propria que então era mosteiro da mesma invocação de nossa Senhora, porque está no proprio lugar que está descripto nesta lenda e a forma da casa e lugar corresponde mais a ser casa de Religiosos que edificada pera parrochia e posto que na lenda e Istoria deste Sancto nome diga de que ordem este mosteiro era está manifesto que era da ordem do bemaventurado São Bento, porque a este tenpo ainda não avia outra ordem de monges que nestas partes da egreja occidental se não a que instituio este sancto, a qual parece pelas cronicas no tempo dos Papas Felix iiij e Bonifacio ij. no Anno do nascimento do nosso Senhor Jesu Christo de quinhentos e quatorze...»

Tôrre do Tombo, *Christo*, B, 51, 2, fl. 122.

«E não sómente a virgem gloriosa conservou esta sua casa no tempo desta destruição e perdição, mais ainda a casa do bemaventurado São Pedro que era a parrochia da povoação de

Nabancia e estava como esta entre este Moesteiro de nossa Senhora e os paços de Castinaldo menos de tiro de pedra de hum e doutro e assi defendeo e conservou todo o dito tenpo grande parte da casa e edificios em que a bemaventurada sancta Eyria com outras religiosas monjes viuião junto ao rio de Nabão e pouco mais de tiro de pedra da dita egreja de São Pedro pella vezinhança que tinhão a sua casa e merecimentos deste sancto e sancta.

E todos estes edificios conservou e defendeo tambem não sem maravilha contra o officio e natureza do tempo que he por tão longos espaços dannos gastar e consumir todalas cousas subjeitas a corrupção posto que sejão edificios muito fortes como hee manifesto e a carão destas egrejas se vee junto dos quaaes estavão os paços de Castinaldo, que segundo os sinais que debaixo da terra se achão ainda ao presente erão fortissimos e de grande cantaria argamasada e tijolo e assi outros edificios dos moradores que ao redor avia, tendo ao presente he yguado ao chão sem se ver outra cousa senão o que jaz debaixo da terra quando se cava e hi no logar onde os ditos paços estavão, estão agora oliveiras em huma çarrada que no chão delles hé feita que ora he do convento tão antigos que parece que ha mais de mil anos que são.

Para corroboração da verdade do sitio desta egreja e das de São Pedro e Santa Eyria nem pareça que ha sair fora do estilo do tombo porem se aqui as palavras da segunda e terceira liçóis da istoria e lenda da bemaventurada sancta Eyria de que já acima fica escripta a primeira e são as seguintes: & E sobre este moesteiro contra o aguião em hum lugar chão e hum pouco mais alto eram os paços do sobredito Castinaldo com a muy fermosa villa de Nabancia afastada do Rio per espaço de hum tiro soo de pedra ou menos, sob esta vila sobre o Rio de Nabão vivia Eyria com outras devotissimas a deus monjas das quaes duas erão Irmãas de seu pay. ss. dona Casta e Julia que ahi depois forão sepultadas ambas cada uma em seu moimento de pedra, aa honrra das quaes se edificou huma obra pequena e fermosa em modo de casa abobadada de dentro em redondo a forma darco e de fora quadrada sobre seus moimentos, a qual obra e edificio diante si tinha outro edificio como casa quadrada no chão da qual se colhia e tomava como em fonte aguoa limpa que

de longe vinha por debaixo da terra per canos de pedra pera que fosse milhor mais fria e sãa aos que della usassem posto que fossem do mesmo Rio que muy acerca estava. Terçeira lição: E ao redor desta fonte estavão muy fermosos claustros das monjas, e santa Eyria tinha em costume sair huma vez no anno da propria claustra com as outras monjas na festa do bemaventurado são Pedro e ir por causa de orar á sua egreja que acerca dos paços de Castinaldo estava edificada da fermosa e louvavel obra e cheia de Reliquias aa qual egreja o muy nobre barão Castinaldo com seus cavaleiros e molher e molheres da sua casa e outra gente homens e mulheres do mesmo lugar de Nabancia em diligencia vinha quasi cada dia a ouvir os divinos officios e este principe tinha hum soo filho per nome Britaldo.

Aho tempo que esta terra (em que se fundou e edificou esta villa e seu castello e a egreja de nossa senhora dos olivaes) foi dada aa dita ordem do templo pello dito senhor Rey estava despovoada e deserta por causa da Incursão e guerras dos mouros, que ainda tinhão ocupado grão parte da terra de Portugal, e não avia nella mais que soo ha castello de Cera junto do qual estava, de que ora não haa senão alguma parte dos alicerces, como tenho dito no tombo de santa maria do olival que se conclude neste mesmo volume no qual tombo vay tresladada em linguoagem a sobredita carta de doação para designação e demonstração dos limites da parrochia da dita egreja, que era toda a terra da mesma doação e no lugar honde ora está villa e seu castelo, que hee aquem do rio contra ho poente estava vaga e em mata brava e parece que parte della era apaulada com as cheas do Rio por ser esta parte mais baixa que a dalem do rio e ho rio não teer a esse tempo a madre assi funda como ora tem feita por industria, se lançava pollos mais baixos e desta parte não avia sinal algum que nos tempos antigos ouvesse edificios.

Da parte dalem do Rio contra levante (onde antes da perdição dEspanha era aquela fermosa villa que se chamava Nabancia e por respeito deste Rio que a esse tempo se chamava Nabão avendo tantos anos que Espanha era ocupada de mouros se acharão ainda aho tempo da dita doação pellos religiosos da ordem do templo sinaaes e muito parte de edificios cahidos especialmente o famoso mosteiro de monges da ordem de São Bento, em cujo proprio lugar huns religiosos de dita ordem do templo

reedificaram a mesma egreja para sua baylia casa e convento principal da mesma ordem do templo neste Reyno de Portugal, de que já quanto cumpriu tenho tratado no tombo da dita egreja e deixada a dita parte dalem onde se edificou a dita egreja...

E a causa e razão porque lhe pos nome Tomar foy por se chamar o rio desta villa a esse tempo Tomar por cujo respeito a terra se chamava Tomar assi como ho castello que tambem entra na doação e chamava de Cera por assi se chamar a ribeira que pollo pee dele passava e por razão do rio e da ribeira de Cera se chamava esta terra de Tomar e Cera como se nunca na carta da sobredita doação pollas palavras que dizem que faz doaçam da terra de Tomar e Cera por respeito do dito rio e ribeira e que ho rio se chamava Tomar mostram pellas palavras de limitação que na parte honde passa ho rio da banda do norte, que he honde acaba de partir o termo desta vila com ho dalvayazere... sem duvida que ho rio se chamava Tomar e que deu nome aho castello e povoação desta villa assi como antes da perdição d'Espanha este mesmo rio que a esse tempo se chamava Nabão deu nome aa povoação que da banda dalem estava de Nabancia.

Tôrre do Tombo. Christo. B. 51, 2, fl. 12.

1571

(Manuscrito)

«E porque escolherão esta terra de Thomar por mais cômoda e apta pera nella estar a principal povoação que a do castello de Cera que a esse tempo era cabeça della, como pareceo aos que fundarão aquella nobre villa de Nabancia neste mesmo lugar dalem do Rio contra levante na qual estava aquele antigo moesteirum de monjes cuja invocação era de Santa Maria antes da perdição de Espanha, no proprio lugar em que o dito moesteiro estava fundarão e aedificarão a egreja de nossa senhora do Olival pera que nam somente servisse de seu convento e bailia, mas pera parrochial cabeça de toda a dita terra como tenho escrito no tombo da mesa mestral (1 p. fol. 87) e desta egreja (fol. 138) e suas capellas». (Fol 18).

«E depois de feita esta doação polo Bispo: avendo respeito assi el Rey como elle que a villa e terra de Santarem era a mayor e milhor parte de todo o Bispado e a villa ser de muy antigua e clara nobreza e hua das principaes de toda esta parte despanha que se chamou lusitania, e por tal ser foi hum dos tres conventos e casas em que se ministrava justiça de cada hua das tres provincias a que era repartida Lusitania dos quaes conventos e casas hum era na parte da Lusitania que fiqua na cidade de Merida outra em Alem-tejo na cidade de Beja outra nesta villa de Santarem que a esse tempo se chamava Scalabis e depois mudou o nome a Santarem a honrra da virgem e martir Eyria cujo corpo ahi veo aportar polo Tejo onde nosso senhor obrou por elle muitos milagres...». (Fol. 14).

Dr. Pedro Alvares. *Livro das Igrejas, padroados e direitos eclesiasticos da Ordem de N. S. Jesus Cristo.* — Tôrre do Tombo n.º 1 de *Christo.*

1577

«Por estas mismos años fue martyrizada en Portugal por un estrano sucesso la santa virgen Irene, natural de aquella tierra. Su martyrio es mui celebre, por auer ella dado nombre a la insigne y pupulosa ciudad en tiempo de Romanos, llamada entonces por ellos Scalabis, y agora, siendo villa muy nombrada, por esta virgen se llama, algo abreviado el vocablo Santaren. Aqui se pondra todo lo de esta santa, como los breviarios de Portugal, y particularmente de Ebora lo cuentan en las liciones de su fiesta, que se celebra a los veynte dos mes de Otubre.

Um cavallero llamado Castinaldo illustre por su linaje, y mucho maa por su virtud y Christiandad, era señor de vn lugar llamado Nabancia, en la comarca de Scalabis, cerca del rio Nabanis, de quien el lugar parece tomo el nombre. Cerca deste lugar estaua entonces vn monesterio com la advocacion de nuestra señora la virgen Maria, y era abad en el vn santo varon llamado Selio hermano de Eugenia una señora de aquela comarca, casada com un caballero chamado llamado Hermigio... Auia lo (erpo de Irene) lleuado Nabanis con su corriente al rio llamado entonces Nozecaro, y agora Ozezar, en quien el entra: y por este

auia descendido a Tejo hasta llegar a la montaña llamada el Castro do Scalabis».

Ambrosio de Morales *Coronica General de España*, II, Alcala de Henares, fl. 151 v.

1588

«Fve sancta Irene natural de Nabancia pueblo de Portugal, hija de padres nobles llamados Hermigio y Eugenia. Los quales porque eran sieruos de Dios dieron orden como su hija Irene de pequeña le siruiesse... Por cuyo amor dexo el mundo y entro monja en vn monesterio de la madre de Dios, que estava fuera de poblado vn tiro de piedra del rio llamado Nabanis, en el qual en compania de cinquenta otras monjas se empleaua muy deveras em servir a Dios. Y por ser assi costumbre salia Irene con las demas monjas una vez en el año, a visitar la Iglesia de sant Pedro, en su dia que estava cerca de las casas de Castinaldo, que era a la sazon señora de aqual pueblo y comarca... Y alli em medio del, deteniendo su curriente por ministerio de Angeles se labro un sepulchro y fue en el puerto, y hallada alli de mucha gente que visto el milagro y sabiendo el processo de su martyrio, por auerlo Dios revelado a vn sancto Abbad llamado Selio, fue de todos muy honrrado la sancta... Lo dicho refiere el Breuiário de Euora: y señala que fue su muerte año de seyscientos y cinquenta y tres».

Alonso de Villegas, *Flos sanctorum*. Barcelona, fl. 426 v.

1589

«A terceira colonia foi Santarem, chamada dos Romanos Scalabis, presidium Iulium. Dizem alguns, que se chamou depois Scalabi castrum, e os Mouros lhe chamarão Cabeli castrum. Mas a verdade he, que hũ monte junto a Santarem se chamava Scalabis castrum, defronte do qual foi ter o corpo da Sancta Hyrene. E não sei que censura merece, por informações de homẽs ignorantes, virem a escrever homẽs, peregrinos da nossa nação, alias doctos, que Prozilho, na Extremadura, era Scalabis, quomo Diz

vocabulario latino vulgar, sendo Castro Julio lugar contributo a Nerba Cesarea colonia».

Fr. Amador Arraiz *Dialogos*, fl. 84.

1591

«Em a villa de Santarem, á illustre coroa da religiosa virgem Santa Eiria, nascida em Portugal, de nobre sangue, a qual pollo amor e defensão da castidade, padeceo notaveis persiguições, e finalmente foy morta per via de hũ filho de Castinaldo, señor da Nabancia, principal villa do Conuento Scallabitano, no anno do Senhor de 653, estando orando junto do Rio Nabão...

Dentro no Rio está hoje em dia hum penedo, no lugar do dito milagre: por causa do qual aquella insigne villa mudou o nome antigo de Scalabis e se chamou Santa Eiria, e depois por corrupção do vocabulo Santarem».

Martyrologio dos santos de Portugal, e feitos geraes do Reyno: recolhido dalguns autores, e informações, por alguns Padres da Companhia de Jesu. Coimbra, fl. 14.

1592

«Fructuoso Irene virgo Lusitana aequalis fuit, ab insano amatore Britaldo, cum eius nuptias contempsisset, interfectae Corpus, quô coedes esset occultior, in Nabanim proiectum, quo flumine Nabana virginis patria alluitur ad Scalabim in medio tagi fluminis, in quod Nabanis influit, alueo repertum est. undae diuino miraculo in utranque partem dimotae: sepulcrumque divino opere fabricatum siccis pedibus qui quaerebant invenisse memorantur. Ex ea re virginis religionem ijs in locis confirmatam amplificatam, que brevi fuisse vrbis indicio est; Scalabis appellatione ex eo tempore in Sanctae Irenes mutata».

Jo. Marianae Hispani. E Socie. Iesu, *Historiae de rebus Hispaniae*, Toledo, pág. 258.

1593

«De aliis non nullis fluminibus. Suut alii & perquam multi, neque ignobiles. Qui quoniam in maiores influunt, nec suo alueo in mare egrediuntur, Geographiae scriptoribus, aut ignorati sunt, aut supressi. Horum aliquot, dignos qui in notitiam veniant hominum nostrorum, referam. Nominibus ubi licuerit priscis, ac Latinis, ubi minus, ijs, quibus modo appellantur, quam maximo potero, barbarie, siqua inerit mitigato.

Quuiuscemodi suut, Cuda, Tamaca, Naban, Ozecarus, Ancus, Caia, Cania, Seila, Subur, Thera, Saeta..., Nabanem, & Ozecarum historiae sanctae Virginis, & Martyris Irenes, quae ante annos octingentos scripta est, acceptos refero. De Nabane alias, quum inter urbes ad Nabantiam ventum erit.

Ozecarus est, quem Lusitani Zezarum vulgo dicunt. Is Nabanem excipit, & ipse in Tagum erumpit, tanta vi, vt Taganas aquas, ad alteram usque ripam prorcindat ..

Lucio Andre Resende, *Libri Quatuor de Antiquitatibus Lusitaniae*, Evora, pág. 79.

1594

«Vn cavallero llamado Castinaldo illustre por su linage, y mucho mor por su virtud y Christiandad, era señor de vn lugar llamado Nauancia en la comarca de Scalabis cerca del rio Navanis de quien parece que tomo el lugar el nombre en Portugal. Cerca deste lugar estava antiguamente vn monasterio, com advocacion de nuestra Señora la Virgen Maria, era de la orden de san Benito, y era Abad en el vn santo varon llamado Siliodo hermano de Eugenia una señora de aquella comarca casada con un cavallero llamado Hermigio tenia una hija llamada Irene muy hermosa, de grande ingenio, y altos respetos de virtud, el Abad Siliodo procuro que esta su sobriña se empleasse desde muy temprano este su gran ser y natural que Dios le avia dado... reuelo el Abad Siliodo lo que passaua, y donde hallaria el cuerpo de su santa martyr, y avia lo lleuado el rio Navanis con su corriente al rio llamado entõces Nocecaxo, y agora se llama Ocecar en quien el

entra por este avia decendido a Tajo hasta llegar a la montaña el Castro de Scalabis».

Fr. Juan de Marieta, *Historia Ecclesiastica, y Flores de S'antos de España,* Cuenca, fol. 97 v.

1597

....

Fr. Duarte de Araujo, vigario geral da Ordem de Christo, *Vida de Santa Iria, Virgem e Martyr.* Coimbra [1].

1602

«*Irenes.*] Passa est ob tuendam pudicitiam. Agit de ea Vasæeus in chron. Hispan. et Flos sanct. Hispan. Passa est anno Dom. 653. Eius martyrium latius explicauit Andreas Resendius in Breuiario Eborensi. De eadem in thesauro concion. tom. 2 hac die».

Baronio *Martyrologium Romanum,* Veneza, p. 582.

1605

«Maravilhosa historia es la de la Gloriosa Virgen Santa Irene, que por conservar Castidad fue muerta malvadamenta, y por eso es contada por Martir, y celebrada por muchos Autores su memoria, y della se haze mencion en el Martyrologio Romano a los veinte de Octubre, que aquel dia celebra su fiesta la Iglesia. Escriven su vida y muerte el Autor del libro llamado Tesaurus Concionatorum, Lucio Marineo Siculo. Resendio, Vaseo, Morales, Villegas, Juan de Mariana y Frei Juan de Marieta, tomando lo que della escriven de las Lecciones que en el Breuiario de Evora y en otras Iglesias de Portugal se lee en su fiesta.

Fue Santa Irene natural de un lugar elamada Nabancia cerca

[1] Não se conhece o paradeiro desta obra; segundo parece nunca se imprimiu.

de una Ciudad llamada en aquel tiempo Scalabis e que despues se llamó y oy se llama Santarem por el nombre desta Gloriosa Virgen, la qual fue hija de Padres nobles, su padre se llamava Hermigio y en madre Eugenia, la qual era hermana de un Santo Varõ llamado Selio que era Abad en un Monesterio de la advocaçion de Nuestra Señora la Virgen Maria cerca del lugar de Nabãcia, del qual era Señor un Cavallero Principal llamado Castinaldo...

El soldado halló oportunidad para hazer lo que Britaldo le auia encargado una mañana que la Santa donzella se salio a la ribera del Rio Nabanis (que por alli cerca passava) por aliviarse en su enfermedad...

Francisco de Padilla, *Segunda Parte de la Historia Ecclesiastica de España*, Malaga, fol. 254.

1607

«Naquella parte da grande Lusitania, que a natureza fez no sitio aos olhos mais occulta, e na frescura dos arvoredos, que a encobrem, mais aprezivel, perto deste Rio Nabão, mais conhecido pela antiguidade de seu nome, que pela grandeza de sua corrente, e o claro Zereze misturando as aguas...»

«Buscando o largo mar Nabão famoso,
Do seu natural impeto forçado,
Regando com sua agua o ramo umbroso,
A cuja sombra está do sol guardado:
Corta hum campo gentil, que o ceo formoso
Tem de varias estrellas semeado,
Junto onde jaz aquella antiga estancia
Que o nome de Nabão tomou, Nabancia».

Fernando Alvares do Oriente, *Lusitania Transformada*, Lisboa, 1781, pags. 8 e 123.

1609

(Bernardo de Brito na sua *Monarchia Lusitana* descreve, no seu estilo fluente e elegante, do seguinte modo o caso que atinge

n'elle o requinte da descripção, o apice do enrramalhetamento lendario).

No terceyro anno de Reccesvindo, (*a*) que forão seiscentos e cincoenta e tres do nacimento de nosso Redemptor Jesu Christo, foi este Reino de Portugal honrado com o glorioso martyrio da virgem Santa Erea, a quem o amor da castidade fez ter em pouco o da vida, julgando por morte a que se sustenta á custa de offensas divinas. Naceo de parentes mui nobres quanto ao mundo, e pera com Deos tanto mais, quanto testifica a santidade do fruto que produzirão. Chamavase o pai Hermigio, e a mãi Eugenia, de quem (se a conieitura dos nomes tem efficacia) se póde crer ser elle de nação godo, e ella dos moradores antigos da terra, em quem inda a lingoa e nomes Romanos se conceruauão no tempo dagora. Viviam na comarca de Santarem, chamada então Scalabis, ou Iulium praesidium, como vimos em differentes lugares desta Obra, em certa erdade sua, perto donde agora vemos a vila de Tomar: e como por orações alcançassem de Deos esta filha, e ella lha desse ornada de todas as perfeições naturais da alma e corpo, tratarão de lhe fazer sacrificio do proprio dom que lhe dera: e pera de pouca idade a inclinarem ao temor e amor de Deos, foi entregue a duas tias suas irmãs de seu pai Hermigio, chamadas Casta, e Julia, que viviam em hum mosteiro de religiosas fundado junto ao rio Nabão, em grande santidade e aspereza de vida, em companhia das quaes passou a santa menina os primeiros annos de sua idade, com tanto recolhimento, jejuns, orações e poreza de vida, que servia a todas as mais de maravilhoso exemplo: e vendoa já em idade pera aprender a lição e entendimento dos livros sagrados, se deu conta ao Abade Selio irmão de sua mãi, que viuia em hum mosteiro dedicado em louvor da virgem Maria Senhora nossa, fundado junto a hum pequeno rio, que acima de Tomar se mete no Nabão, chamado naquelle tempo Effon, que tanto significa em vulgar como cousa nacida sem fonte; porque deste modo nace o mesmo rio. E depois de considerado mui devagar o negocio, escolheo dentre todos seus monges hum de doutrina, e poreza de vida mui approvada, chamado Remigio, a quem encomendou o ensino da sobrinha, confiado que com tão santo e douto mestre sairia brevemente mui aventajada, tanto na sciencia, como no melhoramento dos costumes, e vida religiosa.

(a) *Fr. Didacus a Rosario in eius vita.*

Nem lhe sahio o pensamento frustrado, porque em breve alcançou tanto conhecimento da sagrada Escritura, e doutrina dos padres santos, que os que disto sabiam muito, tinhão que se admirar vendo a subtileza de seu entendimento. Neste meo tempo em que a santa continuava com seu estudo e santos exercicios, recolhida em companhia das tias, sem se deixar ver ao mundo, nem ter comononicação com pessoas delle, mais que huma vez no anno pela festa do apostolo S. Pedro, em que na companhia das outras religiosas hia visitar sua igreja, fundada no lugar de Nabancia, donde se dirivou o nome ao rio: aconteceo ser vista por hum mancebo de sangue illustre, chamado Britaldo, filho de Castinaldo, e de Cassia senhores assi do lugar de Nabancia (onde, por ser mui fresco, tinhão seus paços) como doutros alguns naquella comarca de Santarem, inda que se não estendia o senhorio a tanto, que (como diz Fr. Diogo do Rosario) mandasse todo Portugal, se já não foi ter (como governador dos Reys Godos) alguma Jurdição em certa parte delle, pois sabemos que toda Espanha, era dividida em comarcas governadas por condes, que os Reys punhão, e tiravão a seu alvidrio, achando mais seguro, e melhor ordenado, aver muitos governadores, cada hum de pouca potencia, que poucos de muita porque em tempos tão revoltosos como foram os passados, tiravase-lhe a ocasião de se fazerem tiranos: e tendo pouca gente a que administrar justiça, podiam no fazer com mais brevidade e melhor expediente, do que o fazem os regedores, a cujo cargo estão muitos negocios: e não duvido que fosse Castinaldo (além de senhor proprietario de algumas terras) governador de outras muitas, por cujo respeito encarecem tanto seu senhorio, não podendo elle na verdade passar dos limites que tenho dito.

Vista pois a santa no templo de S. Pedro por Britaldo filho deste senhor, que em companhia do pai e gente de sua casa viera ouvir os officios divinos, e olhando com mais licença, do que permittia a santidade do tempo e logar, a graça e dões natoraes de que Deos a ornara, se lhe affeiçoou tão entranhavelmente, que crecendo por momentos a força do pensamento com as impossibilidades que se lhe representavão nelle, vêo a cair em cama sem

fisicos, nem medicinas obrarem nelle mais que pera lhe acrescentar o perigo, em que todos o julgavão por mortal. Divulgouse pela terra a fama desta enfermidade, e as circunstancias de se lhe acabar a vida, sem alteração de pulso, nem outros indicios por onde os medicos se entendem: e chegando ao mosteiro das religiosas se fizeram orações publicas e particulares por sua melhoria, sendo S. Erea a que com mais efficacia a pedia a nosso senhor, longe de imaginar que podia ela ser a causa do mal a que pedia remedio; mas na oração lhe foi revelado tudo, pera que sabendo o perigo que avia em ser vista, se retirasse com mais vigilancia dos olhos da gente: e movida de charidade e mesericordia, e por ventura de particular impulso divino, foi visitar o enfermo, julgado já por mortal, a quem sua vista tornou hum novo alento, restituindolhe o que outra vez lhe levara: e depois de algumas praticas spirituaes em que a santa o animou a sofrer com paciencia os trabalhos da enfermidade, que Deos costuma dar pera exercicio da paciencia, vendoo desacompanhado de gente, e com humas angustias, nacidas de ver que se faziam horas de a deixar, chegada mais ao perto, lhe disse estas palavras.

Esta enfermidade, irmão meu, inda que pareça rigurosa, com udo não he mortal, e pois entrou pelos olhos, e a sustenta o desejo, atalhai estas duas causas, e Deus acudirá com o remedio. Vendo Britaldo que a santa conhecia o fundamento de seus males, e lhe dava motivo pera tratar do remedio delles, cobrando novo spiritu, lhe respondeo deste modo. Já entendo que vos não posso encubrir a causa do mal que sinto, por mais que alcancei de mim mesmo sepultala junto comigo, pois em fim o manifestala, me não servia de mais, que de se me acabarem mais depressa as esperanças do remedio, vendo em vossa profissão, no termo da vida, e nos intentos della, hum monte de impossiveis posto entre meus desejos e o fim delles: mas em termo tão desesperado, me darei por satisfeito, quando se não conceder a outrem este bem que me negou a ventura, affirmandovos por ultima resolução, que se vir o contrario, e concederdes a outrem o favor que me não atrevi nunca a pedirvos serei tão cruel convosco como agora o hia sendo comigo e a vida que estimava em pouco, lembrandome que a perdia por vossa causa, se vingará a custa da vossa, e da pessoa em quem puserdes o gosto della, porque

senão louve ninguem de gosar o premio que eu mereci. No particular que vos toca (respondeo a Santa) se ponha o remedio necessario, que das pretensões alheas Deus me livrará por sua misericordia. Com isto se atalhou a pratica por entrarem o pai e a mãi de Britaldo, alegres com boa sombra e melhoria do enfermo: e como ao tempo da partida a virgem lhe pusesse as mãos em cima, e rogasse a Deus por elle, cobrou saude perfeita, e os pais tanta devação com a santa, que dalli em diante visitâvam muitas vezes o mosteiro, e provião as religiosas do necessario, dandolhe erdades e privilegios de muita importancia.

Dous annos viveu a Santa donzella depois de passado este primeiro trance em grande quietação e repouso de spiritu, aproveitando no caminho do Senhor, de quem era spiritualmente visitada com divinas consolações, e quanto mais conhecia e gostava os favores do ceu, tanto menos estimava as cousas da terra, e se apartava da communicação e trato da gente, confirindo as duvidas de sua consciencia, e as que lhe ocorrião na meditação com seu mestre Remigio em cuja virtude tinha grande confiança; mas o demonio que ninhuma victoria estima tanto como aquella que alcança pelo caminho que parece mais seguro, fez com que o mestre, encerrado em seu mosteiro chegara a florecer em virtude e vigor de vida, perdesse tudo em huma hora, e se deixasse atrahir do amor da Santa, em fórma, que cego de sua paixão, esquecido de sua idade, e vencido de hum desejo inconsiderado, começoulhe a dar a entender, com humas palavras escuras, o mal que Santa Erea não acabava de crer; porque tudo lhe parecera possivel, fóra de aver imporfeição que notar no animo de seu mestre. Vendo elle na Santa a mesma chaneza que antes, e não lhe achando as respostas que desejava, imaginou que ou nacia de o não entender, ou de querer que se declarasse, e fazendoo, deixou a santa virgem tão attonita, que no principio imaginou ser alguma illusão do demonio; que pera infamar seu mestre, e a enganar a ela tomara aquella figura fantastica; mas depois que a repetição das palavras desenganou do que era, chea de zelo divino, e santa indignação, o reprehendeo, e confundio de palavra, alegando-lhe os exemplos, e documentos que lhe ouvira, e abominando sua conversação o deixou com a palavra na boca, e retirada ao mosteiro se postrou em oração, pedindo ao senhor com lagrimas, o livrasse de tamanha tentação. O miseravel que

se vio confuso, e convencido das palavras da santa, convertendo o amor em odio, assentou de tomar vingança do desprezo com que o tratara; e depois de varias traças, que ordinariamente não faltam em hum pensamento depravado com tentações diabolicas, assentou em huma, que sóo o demonio inventara, qual foi darlhe dissimuladamente a beber o çumo de huma herva, com que pouco e pouco, opilando, e crescendolhe o ventre de maneira que todos, os que a viam, imaginavam della ser prenhe, e como de tal, se levantou huma grande murmuração, assi entre as freiras, como fora entre seculares, padecendo a santa virgem com isto grande afflição em seu animo, sem se determinar donde lhe poderia recrecer hum mal tam extraordinario, cujo remedio encommendava ordinariamente a Deos nosso Senhor com grande copia de lagrimas. O desaventurado velho alegre de sua maldade sair como desejara, e ver que se a opinião de sua virtude padecera quebra pera com a santa, a quem descobrira a imperfeição de seu animo, estava a sua abatida pera com o mundo todo, que a tinha por incontinente, apartandose de a ver como costumava, fazia por dar a entender a todos, que aborrecido de tamanho peccado a não queria communicar.

Chegou o negocio a tanto rompimento que Britaldo o veo a saber, e como o amor de santa Erea não estivesse bem desarreigado de seu coração, converteo a quietação do desejo em huns ciumes diabolicos, com que determinou vingarse do aggravo que tinha por intoleravel, vendo preferido outro a seus mericimentos: e dando conta do caso a certo cavalleiro, de quem se confiava, lhe pedio, que achando occasião, e opertunidade de tempo, a matasse e lançando seu corpo no Rio, encobrisse o delito, e a memoria de quem o tivera em tam pouca conta.

Trabalhou o cavalleiro por fazer a vontade de Britaldo, e depois de agoardar tempo accommodou, a vio huma madrugada, acabadas as matinas estar orando na praia do Rio Nabão, encommendando porventura a Deus sua innocencia, e pedindo-lhe remedio a atribulação em que andava e como a hora e solidão do lugar dessem motivo ao acto, arremeteu a ella, e tapando-lhe a boca por não dar vozes, o despojou de seus vestidos sem lhe deixar mais que a camisa, dizendo-lhe neste tempo a causa porque a matava, com alguns oprobrios que a virgem offerecia a Deus no intimo de seu coração: depois lhe atravessou a garganta de huma

estocada, e agonizando com a morte a lançou na corrente do Rio Nabão, levando os vestidos a Britaldo, como testemunhas da obra que deixava feita.

Sendo manhã clara, e não apparecendo a santa virgem no mosteiro, ouve grande desconsolação nas tias e novo escandalo nas outras religiosas, crendo que a confusão de sua infamia fora causa de se acabar de perder, fugindo em companhia do auctor della: mas Deus que se permitte serem seus servos perseguidos, não consente sejão infamados, revelou ao Abade Selio, e tio da santa virgem, todo o discurso de seu martirio, assinando-lhe o logar onde acharia seu corpo sepultado por mão dos Anjos: e vindo o dia e hora compretente em que o povo se ajuntava na Igreja, recontou Selio publicamente quanto Deus lhe revelara a cerca da santa; com que se tirou a má sospeita que corria, e muita gente da terra concorreu pera em companhia do Abbade, e monges irem ver o logar de tão maravilhosa sepultura. Quando entre as religiosas se soube a revelação divina, e cairão na conta da pureza e innocencia da virgem, de quem antes tinhão tam differente opinião, humas davam infinitas graças ao Senhor por manifestar tão grande aleive; outras choravão alguns escandalos que com suas palauras lhe causarão, e outras finalmente envejosas de sua gloria desejavão imitala na paciencia e martyrio, por cujo meo a ganhara. O remor do povo, que blasfemava da crueldade, e sem rezão dos matadores, e temor da infamia e castigo abrio os olhos assi ao matador da santa, como a Remigio auctor de todos estes desconcertos, e tomando o caminho pera Roma, fizeram confissão de seu erro ao Summo Pontifice, que devia ser Eugenio primeiro, o qual por morte de Martinho tambam primeiro do nome, entrou no Summo Pontificado pelos annos de Christo, seiscentos e cincoenta e quatro, depois de aver hum anno que estivera Sé vagante, conforme aponta o Samotheu: e impondo a cada qual deles a penitencia que seu crime merecia, os absolveu do peccado, mostrando hum, e outro tão verdadeira contrição delle, que se lhe acabou a vida antes que a penitencia, onde os deixaremos, e ao povo de Nabancia, e sua comarca em busca da sepultura da santa, por acompanharmos o santo corpo que as aguas de Nabão levaram com sua corrente ao Zezere, e elle ao Tejo, santificando e fasendo ufanas com a mescla de seu sangue as aguas destes tres rios, e mostrando os dous primeiros

ao Tejo, quão mais rico thesouro lhe trazião, do que encerrão os grãos de ouro que envolvem suas areas. E como a providencia divina servia de piloto e guia a tão rara navegação, foi aportar o santo corpo em certa praia, que o Tejo fasia a baixo da forte e antiga povoação, que os primeiros moradores chamarão Scalabis, depois os Romanos julium praesidium, e nos agora Santarem por causa deste sagrado deposito, que os Anjos sepultarão dentro nas mesmas aguas do Tejo, a tempo que o Abbade Selio com grande multidão de povo chegavão aquele sitio e aberto o tumulo acharão dentro o santo corpo, vestido na camisa, que o matador lhe deixava, dando de si hum cheiro tão suave, e mostrando huma fermosura tal, que bem parecia redundarem nelle os effeitos da gloria, que sua alma estava gozando.

Quisera o tio e mais gente que o acompanhava trasladar o corpo venturoso a seu primeiro lugar, e darlhe sepultura no mosteiro em que vivera: mas quando o quiserão mover da sepultura, o acharão milagrosamente tão pesado, que lhe não foi possivel o que querião, e assi se ouverão de contentar com levarem parte de seus cabellos e da roupa que tinha vestida, tornando a cerrar a sepultura, como dantes estava: e partindo-se a gente toda virão como as aguas do rio Tejo, estendendo sua corrente, cubrirão a sepultura: e cairão então como o areal, em que estiverão todos vendo o milagroso sepulcro, era ordinaria corrente do rio, que então se estreitara em si proprio, por dar logar a ser visto.

E algumas vezes depois renonou Deus esta maravilha, particularmente reinando em Portugal el Rei D. Diniz e a Rainha Santa Isabel, que desejando saber se verdadeiramente estava a sepultura da virgem e martxr no lugar em que dizião, lhe satisfez. Deus este piedoso desejo, retirando-se as aguas do rio, e deixando em seco huma arca de marmere branco e quadrado, cuberto com outra lousa do mesmo theor, tão betumada, que por mais diligencias que se mandaram faser com instrumentos de ferro, não foi possivel abrila: e caindo os piedosos principes não ser vontade de Deus, que se bullisse nas santas reliquias, nem se trasladassem a outra parte, mandarão edificar sobre o mesmo sepulchro hum baluarte, ou columna de pedra tão alta, que a não cubrisse o rio, para continua lembrança do lugar em que a santa virgem estava sepultada, que he hum pego de grande altura, onde Deus tem feito alguns milagres dignos de lembrança, por

intercessão de sua serva: qual foi o de hum menino que caindo inconsideravelmente naquelle poço e buscandoo por todo elle, pera ao menos lhe darem sepultura, e como o não achassem, e tivessem todos pera si, que o corpo se iria com a corrente do rio; quando menos o esperavam, o virão sair andando pela praia do Tejo, tão são e alegre, e o vestido tão enxuto, como se não fora elle o que havia mais de treze horas, que caira dentro do pego.

Concorreo a mai, e parentes com mais gente da terra a tão rara maravilha: e preguntando-lhe onde estivera, mostrou o menino com a mão o logar da sepultura, dizendo, que huma senhora, que morava alli dentro o tivera consigo, e lhe dera muitas cousas, e depois o trouxera pela mão até o pôr na praia, dizendo-lhe que se fosse, porque chamava sua mai por elle. A innocencia do menino as testemunhas que o virão cair e os sinaes que elle dava, certificarão o povo da estranheza do milagre, e se renovou a devação, e memoria da santa virgem com a certeza de não estar seu santo corpo ausente do logar que huma vez escolhera pera aguardar o dia da universal resurreição. Aqui está em nossos tempos com huma das mais famosas sepulturas, e epitaphios, que teve Rey, nem Emperador no mundo: pois lhe serve de sepulchro o Tejo, e de memoria, a villa que conserva seu nome, digna por sua grandeza de competir com qualquer das populosas cidades de Espanha. As reliquias que o Abbade Selio tirou da sepultura, forão postas em seu mosteiro, onde Deus fazia em cegos, surdos, leprosos e mudos grandes maravilhas pelo contacto dellas. No lugar em que a santa viveo, e foi martyrizada, está hoje edificado hum convento de Rel giosas de Santa Clara debaixo da invocação de Santa Eria, e dentro na cerca está a fonte, junto da qual a santa foi degolada, onde dizem, que algumas pedras, e seixos ha sinaes e manchas de sangue, permettindo Deus, que naquellas manchas se conserve huma eterna lembrança da innocencia, e martyrio de sua serva, que sem macola de culpa lhe tirarão a vida, como se fora culpada.

Segunda parte da Monarquia Lusitana, Lisboa, 1609, folha 231 v.

1609

En este año de seyscientos y cinquenta y tres, ponen todos los breuiarios e historiadores de España, el martyrio de santa Irene, la qual murio no por la fé de Jesu Christo, sino por conservar su limpieza y integridade virginal : porque como dize santo Tomas (2. 2. q. 124), no solamente merece nombre de martyr, el que da la vida por Christo y por la confession de la fê, sino el que muere tambien por la defensa de las virtudes. Fue santa Irene de nacion Portuguesa, muy noble de linage, su padre se llamava Hermigio, y su madre Eugenia, la qual tenia un hermano cuyo nombre era Selio, Abad del Monasterio de santa Maria, de la Orden de san Benito, varon santo y de conocidas virtudes. Tuuo su assiento este Monasterio en un sitio llamado antiguamente Nabancia, que tenia este nombre por estar cerca del rio Nabanis, agora el pueblo y el rio, no tienen los nombres antiguos: porque ha sucedido en su lugar Tomar, castillo y villa, de la inclita cavalleria de Christo, en Portugal, que si bien no está puntualmente, á donde fue Nabancia, se vee un quarto de legua, de la otra parte del rio, à donde le mudaron los cavalleros del templo, que fueron señores de aquella tierra, en cuyas possessiones entraron los cavalleros de Christo...»

«Y para que se entienda el sucesso sepa el lector, que luego que aquel ladron homiciano, echó à la santa uirgen en el rio Nabanis, la corriente dio cõ ella en otro llamado Nocecaro, que agora los naturales llaman Ozezer,...».

«Todos los historiadores que yo he visto (*Breviario de Evora, Moral. lib. 12, cap. 36. Fray Duarte de Arayo. Villegas I. parte en los santos de España*) son conformes en lo que se ha dicho, y lo sacaron del breviario de Evora, donde se cuentan estos cosos. Tambien me aprevechê de un librito en portugues, compuesto por Fray Duarte de Arayo, Comendador de Christus : porque este insigne Religioso, ha tomado la mano en publicar las cosas desta santa, natural del pueblo, donde ellas tienen el principal Monasterio de su Orden».

Fray Antonio de Yepes *Coronica General de la Orden de San Benito*, tomo II, fl. 219.

1610

«No tempo que em Hespanha reinava Reccesuindo Rei dos Godos, hauia em Nabancia (que agora he a villa de Tomar onde está assentado o Cõvento da ordem de nosso Senhor Jesu Christo e esteve em tempo antigo o dos Tenplarios) hum fidalgo por nome Hermigio, que de Eugenia sua mulher tinha hũa filha per nome Irene, na qual com a idade ião crescendo grandes virtudes, e speranças do que depois foi. Junto aa mesma villa havia hũa Abbadia, de que era Abbade Selio varam docto e sancto irmão da dita Eugenia... A corrente do Nabam onde foi lançada, a tinha levada ao rio Zezere onde se mete, e o Zezere a levou ao Tejo onde tambem entra em Punhete : e a corrente do Tejo a levou dahi ao pé do monte alto de Santarem que até entam se chamou Cabelicastro... Dahi em diante começou aquella nobre villa de Cabelicastro chamarse Sancta Eiria, e por discurso do tenpo corromperse o nome em Sanctarem».

Duarte Nunes de Leão. *Descripção do Reino de Portugal*, Lisboa, f. 75 v.

1616

«En los Breuviarios de las Yglesias de Portugal, y especialmente en el de la Yglesia de Evora, se cuenta la vida de santa Irene virgen y martir, y es desta manera.

En un pueblo de Portugal [1] llamado antiguamente Nabancia (que alguns dizem ser oy la villa de Tomar) buuo un cavallero ilustre por linage y poderoso, que se llamava Castinaldo, señor del mismo pueblo, y tenia un hijo unico por nombre Britaldo, mancebo modesto, y de buenos respetos. Avia assi mismo en el dicho pueblo dos cavalleros casados, que se llamauan el marido Hermigio, y la muger Eugenia, y tenian una hija llamada Irene... Cerca deste lugar estava un monesterio con la aduocatione de Nuestra Señora la Virgen Maria, cuyo Abad era un santo varon llamado Selio... Avia lleuado el rio Nauin cõ su corriente el cuerpo al rio llamado entõces Nozecaro, y aora Zezere...

---

[1] Ambrosio de Morales lib. 12. c. 36. Mariana lib. 6. c. 9.

Y aun se dize que en nuestros dias en el rio Naban (donde fue echado ou sagrado cuerpo) se han hallado muchos quijarros con gotas de sangre».

Ribadeneira, *Segunda parte del Flos Sanctorum,* Madrid, p. 426.

1618

A Patria de Santa Eria foy Nabancia hũa grande pouoaçam, ou como muytos dizem Cidade de Portugal, que antigamente esteue perto do rio Nabam, de que tomou o nome, pera a parte do nacente, defronte do mesmo assento de terra, onde agora vemos situada a notavel villa de Thomar «(Pag. 5) «querendo a Divina Justiça castigar insultos, & peccados dos Christãos daquelle tempo, permitio que de Africa passassem a Espanha innumeraveis exercitos de Alarabes, pella infame treição do Conde Juliano destruindo, & pondo por terra todas as Cidades, & Villas que se puserão em armas, & lhes fezerao algũa resistencia, onde entrou Nabancia patria da nossa Santa, a qual ficou tam arruinada, que nunca mais se tornou a habitar, nem della ha hoje rastro algum, mais que hum campo plaino, & terras de olivaes, as mesmas que nos tempos antigos o forão de tão copiosa povoação, como se collige dos muytos Mosteyros, Igrejas, & grandes edificios que tinha». (Pg. 6).

«A regra do Patriarcha Sam Bento guardou, & professou Santa Eria, em hum mosteiro, que então estava situado no mesmo lugar, onde agora fica outro em a Villa de Thomar. Naquelle tinha a Santa duas tias, Irmãs do pay chamadas Cassia, & Julia religiosas de Santa vida, as quaes quando morrerão, por serem nobres, & então se permitir assi, foram sepultadas em particulares moimentos de pedra, & depois se lhes edificou hũa obra mais fermosa, que grande, em modo de casa abobedado, junto a hũa claustra. Agora estão em a casa do capitulo do mosteyro de S. Eria em Thomar». (Fl. 10 v.).

«Era Celio irmão da mãy da Santa Eria, varão de muyta virtude, & vida singular, Abbade de hum mosteyro de Monges, que estava em a dita Nabancia, situado junto a hum ribeyro, que abayxo de Thomar se mete em o rio Nabão. Era este mosteyro dedicado em louvor da Virgem Maria Senhora nossa, cuja Igreja

quando os Mouros destruyram Nabancia, ficou em pé sem tocarem nella, ou por milagre da mesma Senhora, que não permittio, que aquelles barbaros derribassem templo tão sumptuoso, & de tanta devoção, ou pella muyta, que elles não negão ter a mesma Raynha dos Anjos, a quem honrão, & reverenceião por Mãy de hum Filho a que chamão bafo de Deos, & não querem confessar por Deos. Esta Igreja ao presente he Matriz da Villa de Thomar, & chamase Santa Maria dos Olivaes, por ficar acompanhado de muytos, que aquella terra tem. Do de mais mosteyro não ficou edificio algum, nem apparencia, que o ouuesse naquella parte». (Fl. 13 v.).

«Costumava a Santa Virgem depois de Matinas, que rezavão a meya noite, sahir a hũa piquena cerca, que tinhão ao longo do rio Nabância, & alli debayxo de hũa lapa, que ficava junto as lapa se punha de joelhos» (Fl. 40).

«Castigo que então mais experimentou Nabancia que outras povoações notaveis, ficando tão assolada dos mouros, que dos muytos, & muy sumptuosos edificios, que tinha, como eram passos, mosteyros, & Igrejas não ficou em pee mais que a de nossa Senhora dos Olivaes, & hũa capella do Apostolo San Pedro daquelle antigo templo onde Sànta Eria costumava ir, em o dia de sua festa» (Fl. 51).

«O lugar do mosteiro antigo onde esta innocente Virgem foy degolada, & derramou seu sangue sobre a terra, se teve sempre em muyta veneraçam, & porque antigamente aquella terra junto ao Rio era ao modo de lapas que de contina estavão distilando gotas de agoa, sendo depois necessario pera a edificação do novo mosteyro fazerse hum muro por essa mesma parte ficou o lugar onde morreo Santa Eria dentro da clausura do mosteyro sem se deixar ver de fora...» (Fl. 66).

«Neste pego se acharam pello discenso do tempo muytas pedras & seyxos salpicados com gotas de sangue». Fl. 68 v.).

«De Santa Eria faz mençam o martyrologio Romano, que poem o seu dia em vinte de Outubro, & assi o breviario de Evora, & de Lisboa, onde se reza della com solemnidade de duples, & nas lições do segundo nocturno se relata sua vida succintamente. Escreve della o Cardeal Caesar Baronio como no principio dissemos, & Vaseo historiador antigo nas Chronicas de Espanha. Sua vida aponta brevemente Fr. Thomaz de Tengillo

in thesouro concionatorum, & Ilhescas em os Santos de Espanha. Escreve delle Frey Diogo do Rosayro em o seu Flossanctorum. Frey Bernardo de Brito em a segunda parte da Monarchia Lusitana. Em o mosteyrio de Santa Iria em Thomar tem reza particular de tempo antigo. & a mesma tem em Santarem na Igreja de seu nome, que he freguesia daquella parte a que chamam Ribeira, junto no Tejo. Em diversos tomos do cartorio do convento de Thomar se faz menção da vida & martyro desta Santa mas em breve, não proseguida». (Fl. 72 v.).

«He pois de saber que quando Espanha se perdeo, ficou Nabancia destruyda, & toda aquella terra, que de Thomar vay até o Tejo deserta, & despovoada, por espasso de trezentos, & outenta annos, no fim dos quaes Reinando Dom Afonso Henriques, & respeitando aos bons serviços que lhe tinham feito os Cavalleyros, do Templo de Hierusalem, que o ajudaram a tomar Santarem aos mouros, deulhes em gratificação delles toda a terra da Nabancia com sua comarca para que fossem senhores della, & a fizessem povoar de gente. Aceitaram elles a merce del Rey. & tomando posse da terra a primeira cousa em que entenderam foy fortificaremse em hum sitio inexpugnavel (por rezam dos assaltos dos mouros, que tinham muytas vezes) fazendo hum castello em largo circuito de muros naquelle alto monte, onde agora fica o real convento de Thomar. Quando apos isto quizeram reedificar a destruida Nabancia, que estava feyta hum monte de pedras, pareceolhes bem que esta povoação nam ficasse no lugar, onde antigamente estivera, mas que se mudasse para a outra parte do Rio ao poente, & se edificasse ao pé do monte que temos dito, para ficar emparada do castello, & auendo rebates de mouros pudessem com facilidade recolherse em cima, & defenderse naquella fortaleza. A esta nova povoação chamaram Thomar, porque este nome tinham os mouros posto ao Rio Nabam, quando alli chegaram a primeira vez, que vinham ocupando toda a Espanha & Thomar em lingoa mourisca quer dizer agoa doce, & quiserão os Templarios, que ficasse o tal nome a esta villa em lembrança (da) destruiçam que os mouros fizeram na que defronte estivera da outra banda do rio ornada de tantos, & tam grandes edificios. Com tudo ao rio que dos mouros fora chamado Thomar, tiraram este nome, & restituiramlhe o seu antigo que era Nabam, pera que de todo se não perdesse a memoria de Nabancia. (Fl. 74).

«Tem a mesma villa de Thomar para a parte do nacente o mosteyro, que fica dito de Santa Eria, que sendo antes da destruição de Espanha de Freyras da Ordem do Patriarca sam Bento, hoje he de Religiosas Franciscanas; porque como o antigo mosteyro fosse juntamente com Nabancia posto por terra, & depois passassem outocentos annos sem se reedificar, hũs fidalgos da casa da Raynha Dona Maria mulher del Rey Dom Manoel determinando se a deixarem o mundo, & recolheremse em Religiam, pediram a el Rey aquelle sitio de terra, que o fora do antigo mosteyro, & a sua custa edificaram o que agora alli se vee junto ao Nabam & a elle appropriaram a fazenda, & herdades que possuiam». (Fl. 76).

(*Historia da vida, e martyrio da gloriosa virgem Santa Eria, Portugueza nossa, Freyra da Ordem do Patriarcha Sam Bento, natural de Nabancia, que hoje he a notavel Villa de Thomar, em o Reyno de Portugal. E relação da sua milagrosa sepultura, feyta per mãos dos Anjos dentro das agoas do rio Tejo, onde está seu Santo Corpo. Agora novamente composta pello Padre Mestre Frey Isidoro de Barreira, Pregador da Sagrada Religião de Christo.* Em Lisboa. Por Antonio Alvarez. Ano 1618. —

1621

«Zezere aliud est à Lusitanis fluminibus, vicinum Munde, habet caput in eodem Erminio monte, rapidum est, & valde preceps, magnamque devolvit aquarum copiam, & Nisi, Nabonem fluvium, ad antiquum Nabantiae oppidum offenderet, quo immixtum confunditur, nomen non ignobile inter Geographos obtineret, eo siquidem impetu in Tagum influit, ut longo spatio obvium dividat torrentem, & suam discretam adhuc servet aquam, quam facile ex glauco colore, inter Crystallinam Tagi deprehendes. Resendius Ozecarum appeleat, quod ita scriptum invenerit antiqua D. Irenes in historia, quam octingentos abhinc annos scriptam constat».

. . . .

«Nabantium Lusitaniae antiquum oppidum, suo sanguine reddidit per illustre, sicuti suo sepulchro Scalabim, virgo Irene, a

qua dicitur Sanctarem, quasi sancta Irene. Cuius de corona singulari, & caeli tuum manibus tumulo fabrefectio inter Benedicte familie insignes proceres ex merito aliquid perstrimgemus».

Vasconcellos, *Anacéphaelaeoses*, Autuerpia, pág. 409 e 451.

1625

«De Scalibis a Cellium, que Barreiros sospeita ser a villa de Ceice junto a Tomar outros trinta, e dous mil passos, que sam outras tantas legoas, que fazem de Santarem a Ceice.

De Cellio a Conimbriga, que é Condexa a velha, como diz o mesmo autor, conta trinta, e quatro mil passos, que fazem oito mil legoas e meia, que hà de Ceice a Condexa, segundo a carta geographica de Portugal, que Achilles Estaço fez estampar em Roma, que anda no Theatro de Abraham Ortelio.

Gaspar Estaço, *Varias Antiguidades de Portugal*, Lisboa, p. 3 e 6.

1625

Scalabi] Scalabis, quae & Iulium praesidium teste Plin. lib 4. c. 22. C. olim clarissíma, finitimarum Conuentus iuridicus, nunc quoque amplissima post Vlyssipponem, à qua 13. M. Hisp. recedit in octum ad Tagum fl. nunc de Sancta Irenes nomine, *Santarena* dicta.

Irenes Virg. & marte.] Ex Tab. Eccles. De œa Is. Marieta lib. 4 de SS. Hisp hac die. Sed in Rom Martyvol. die 20 huius.

Ferrarius, *Catalogus generalis Sanctorum, qui in Martyrologio Rom. non sunt* Veneza, p. 414.

1626

«*41. & 42. Cassia, & Julia, de Thomar.*

Estas duas Portuguesas forão Religiosas no Mosteiro, que antes que os Mouros entrassem em nossa Hespanha, pella calamitosa destruição que nelle fizerão em tempo do Rey dos Godos Dom Rodrigo. Faz se boa menção dellas na historia de Sancta Eiria... O padre Antonio de Vasconçellos em a sua descripção de

Portugal chama a estas illustres Portuguesas Justa & Casta, pello que da segunda parece ser a Ermida, que duas legoas de Thomar em Almalagues he chamada da sancta Casta, para gloria de Deos nosso Senhor, que seja louvado eternamente Amen».

43. Sancta Eiria Virgem & Martyr, de Thomar.

Foy esta Sancta natural da muy nobre villa de Thomar, ainda que alguns dizem que he de Leyria...: mais me inclino com os authores que della escreverão, que era de Thomar, quando esta villa, se chamava Nabancia, nome que ainda conserva seu mui deleitoso rio Nabão, o qual dantes se chamava Tomar: mas os Mouros para se mostrarem absolutos senhores, poserão á villa o nome que tinha o Rio, & ao Rio o nome que tinha esta villa, cabeça que foy da Ordem dos Templarios. ...Despio lhe o matador o habito, & deixandoa com as vestes interiores deitoua no rio Nabão, que a levou ao Cesare, & este ao Tejo, onde defronte de Sanctarem, que por amor desta sancta se chama assi, ficou sepultada pellos Anjos». «...escreve o Reverendo padre frey Duarte de Araujo da Real ordem de Christo, a quem seguimos em tudo quanto está dito, que não somente a gente recebe saude etc.

Fr. Luis dos Anjos, *Jardim de Portugal*, Coimbra, pag. 115 e seg.

1628

«Irene ora hija de Ermigio i de Eugenia, Señores de estado grande donde aora se vê la villa de Tomar. Por instituirse en vida santa acompañava unas Religiosas, tias suyas, en un monasterio assentado a las orillas del rio Nabancia, oi Nabão. Enamorose della Britaldo moço ilustre con tanta porfia, que los amores vinieron a ser enfermedad peligrosissima...

Remigio i el matador passaran a Roma para acusarse de aquella impiedad. Selio i la gente de Nabancia a buscar la sepultura revelada ..

La villa de Escalabis que se leuanta con eminencia peñascosa sobre el rio dexò su nombre por el de santa Irene, i oi con alguna corrupcion es Santaren. Assi tiene esta Santa en Portugal el mas ilustre entierro del mundo, pues uno de los mayores rios

es su tumulo: uno de las mayores villas ou Epitafio. Gracias sean dadas a Dios por tantas maravillas».

Manuel de Faria i Sousa. *Epitome de las historias Portuguesas*, Madrid, p. 236.

1629

«Como tambem se achão algũas pedrinhas em Santarem no tejo onde veyo ter o corpo da santa Iria, com gottas de sangue, & o mesmo em Thomar no rio Nabão, onde esta santa foi martyrizada, & lançada».

Miguel Leitão de Andrade. *Miscellanea do sitio de N. S. da Luz*, p. 45.

1632

«Pella semelhança do nome parece que o Castello de Herena, do qual se fez menção em o Capitulo antecedente, he o mesmo que Leiria. E podese confirmar esta opinião por se dizer, que fundara el Rey Dom Afonso aquelle Castello para enfrear a soltura dos Mouros de Santarem, & lhe impedir as entradas que de ordinario fazião por suas terras, motivo que el Rey tem na fundação de Leiria, como se refere na historia dos godos, & memorias autenticas de Santa Cruz da Cunha, já referidos... Mais conforme ao sucedido neste tempo, & ainda ao que se conta da fundação deste Castello fica, ser elle o mesmo que o de Tomar, insigne em os annos presentes pello assento da Ordem dos Templarios, & muito mais nos seguintes, por se escolher para cabeça da milicia illustrissima de Christo. Da fundação deste Castello se faz memoria com o livro dos Mestrados da Torre de Tombo, aonde entre outras cousas tocantes a este ponto, se contem o testemunho antigo de hũ visinho de Tomar na forma que se segue.

Gil Esteves visinho de Tomar testemunha jurada disse, que ouvira dizer a seu avô Martim Tinoca ouvira dizer a Dom Mendo da Porta (que fora no pobramento de Tomar) que el Rey de Portugal dera o castello de Ceres aos Freires do Templo por escambo das Igrejas de Santarem, & que pobrando elles, hum besteiro veo ao Mestre Dom Goldim paes, & disselhe, que lhe mostraria hum logar que fora pobrado de antigo, & que assim

viera pobrar o Castello de Tomar. E disse que onde está Santa Maria de Tomar ouvira dizer a muitos velhos, que avia hũa nobre Cidade de Christãos chamada Nabancia, & que a dita Igreja fora mosteiro de Frades.

Não diz mais este testemunho nem aponta o anno da fundação deste Castello, mas com particularizar que fora povoado pello Mestre Dom Godim, recorre ao tempo del Rey Dom Afonso Henriques, em que floresceo este Cavaleiro. Entra a historia dos Godos & declara como no anno do Senhor de 1137, aconteceo hũma grande desgraça aos Christãos em Tomar. *Era M.C.LXXV. euenit infortunium Christianis in Tomar...*

E quanto a se chamar Herena, o que hoje se chama Tomar, se pode dizer se faria allusão ao nome de Santa Eyria, a qual em Latim se diz Herene, & padecendo antigamente martyrio nesta terra, crediuel he lhe desse tambem o nome, como a Santarem, onde está sepultado, posto que só em Santarem ficou permanente ..

A villa de Tomar huma das mais conhecidas deste Reyno fica na provincia da Estremadura, & está situada em hum plano. Divídea das ruinas da antiga cidade de Nabancia o rio Nabam, seruindo lhe de muro pella parte do Oriente. Da parte do Occidente a ampara hum monte, em cuja mayor altura, continuando com a obra antiga dos Templarios está hoje o Real Convento dos Religiosos da Ordem de Christo, cabeça do claustrado della. E fazendo o dito monte dous braços, hum para o Norte, & outro para o Sul, se auesinha cada hum delles tanto ao rio, que deixão duas estreitas entradas, como duas portas para a villa. O sitio della he fresco cercada de hortas & pomares, que se regão hũas com agoa do rio, outras com noras. Junto da ponte da banda onde esteve a povoação da antiga Nabancia está o Mosteiro da Santa Eyria edificada no mesmo lugar onde degolarão a Santa, ficando-lhe a fonte onde foi martirizada dentro da claustra do Mosteiro ..

Com ser provavel o que deixamos escrito de ser o Castello de Herena o mesmo que o de Tomar, pella certeza do tempo em que os Portugueses tiverão aquella perda, contudo respeitando a etimologia do nome, se pode dizer que seria o Castello de Ourẽ, fundada em a mesma comarca, & de sitio inexpugnavel. O que aponto só com a probabilidade que se tira da conjectura, & semelhança do nome.

Fr. Antonio Brandão, *Terceira parte da Monarchia Lusitania*, f 110 v.

1642

«Dies Vigesima»

Nabantiae, quae vulgò Thomarium, natalis sanctae Jrenae virginis, & martyris, Ordinis Eremitarum D. Augustini: quae pro virginitate seruanda gladio transfigitur, & in flumen proijcitur; sed Angelorum ministerio in profundo Tagi sepelitur ad Scalabim, quod ab illa hodie Sanctarenam appellatur. Eius festum in tota ferè Lusitania celebratur».

Fr. Antonio da Purificação, *Chronologia monastica lusitana*, pág. 103.

1642

«Deixando com suas duvidas a noticia da Era, & fundador do Convento de Rates, & seguindo a ordem do Catalogo dos nossos mosteiros antigos, nelles achamos expressamente em segundo lugar que o Sancto Orosio fundou na antiga Nabancia, que hoje he a nobre villa de Thomar, aquelles dous mosteiros, hum de Frades, outro de Freiras, que a nossa Ordem alli teve por muytos annos antes da perdição geral de Hespanha *Nabancia* (diz elle no numero 2,) *vnum utrorum ab Orosio fundatum, & aliud faeminarum, Rectiario in Lusitania regnavit:* que fundou estes dous mosteiros em Thomar, sendo Rey de Portugal Recciario; & com esta brevidade passa, sem apontar o anno da fundação; mas como Recciário reynou sós oito annos, que são os que correm do anno de 448, em que entrou no governo, até o anno de 456, em que morreo, como veremos: claramente se segue que forão fundados neste meyo tempo. Algũs escritores da Ordem de Sam Bento, que sahirão à luz do anno de 1607, a esta parte, côtão absolutamente estes dous mosteiros por seus, sem apontarem pera isso fundamento algum, nem declararem se o forão sempre desde sua primeira fundação, ou em algum tempo depois de auerem sido nossos. Porẽ que elles em seus principios, não fossem da

sua Ordẽ se deixa bẽ ver, conferindo o anno em que forão fũdados cõ a instituição da ditta Ordẽ.

Porque segũdo todos os Historiadores, ainda filhos da mesma Religião, he ella tanto mais moderna, que não era seu fundador nascido, quando elles já estavão edeficados. Tambẽ, que nem pêlo discurso do tempo viessem a ser seus se convence; porque quando a Ordem de São Bento entrou neste Reyno (que foy como em seu lugar provaremos depois da reformação Cluniacense) já estavão extintos pelos Barbaros Sarracemos, auia duzentos annos, pouco mais, ou menos. E já por este fundamento o Padre Frey Bernardo de Braga Chronista desta illustre Ordem nas Chronicas que por sua morte deixou de mão, desconheceo de sua a gloriosa Virgem, & Martyr S. Eiria professa do mosteiro de Sancta Maria de Thomar (que he o segundo destes dous de que imos falando) & martyrizada nelle pelos annos do Senhor de 652, que são 238, antes da Reformação Cluniacense. Tãbẽ o Author do Catalogo dos mosteiros que a Ordem de S. Bento teue antigamente neste Reyno, cõ ser filho; segundo he crivel da mesma Ordem, passou em claro por estes dous, sem os contar entre os seus, nem fazer menção algũa delles: sendo tão celebrados de todos os Historiadores Hespanhoes, que não era possivel deixasse de falar nelles por falta de noticia de sua fundação Mas felo assim, porque sem duvida vio, que lhe não pertencião, ainda com ter pera si (erro de que muytos se levão) que a sua Ordem já naquelle tempo estava de assento na Lusitania. Antes o P. Fr. Izidoro de Barreira da Ordem de Christo se inclina tanto a este engano, que affirma na sua Historia de S. Eiria c. 4. que não auia até então por estas partes outra Ordem, senão a de S. Bento. Porem na vida desta Sancta que abaixo irá no anno de 652, lhe mostraremos com toda a clareza, quam pouco credito se lhe deve neste particular. Algũs modernos vendo, que o povo chamava aos Religiosos desta villa Frades negrados, entendem que elles erão Bentos por respeito do titulo de Monges negros, que elles tem. Mas este titulo foylhes dado muytos seculos depois; como provarémos no liuro seguinte no fim do titulo quarto; aonde tambem se verá que o habito negro he mais proprio da nossa Ordem Eremitica, que da de S. Bento. Dos servos, & servas de Christo que alem de S. Eiria nestes dous mosteiros florecerão, nos não deixou a antiguidade noticia, mais que de hum Sancto varão chamado Fr. Celio, que

no tempo em que a Sancta foy martyrizada era Prelado no Convento dos Frades, & de duas Religiosas do mosteiro da mesma Sancta, chamadas Cassia, & Iulia, dos quaes todos trataremos em seus lugares. Tam pouco se sabe de certo o anno em que os Mouros destruirão estes mosteiros ou com que genero de morte acabarão aos seus moradores. Só se tem por tradição, que nos mosteiros dos Frades deixarão em pé a Igreja, o que seria por se quererem aproveitar della pera mesquita em que celebrassem a sua infame, & suja lei: & que esta mesma he, a que ainda hoje serue de Matriz naquella villa, cõ titulo de N. Senhora dos Olivaes, pelos muitos de que em tempos passados, estava cercada antes que a villa se estendesse, por aquelle sitio. Do mosteiro das Freyras não deixou a furia dos Barbaros, mais que os vestigios; ...». Fl. 109 v.

«Foy Sancta Eyria, ou Irene natural de hũa antiga Cidade deste Reino, por nome Nabancia, situada junto ao rio Nabam, aonde agora vemos a insigne Villa de Thomar». (Pg. 245 v.).

Fr. Antonio da Purificação, *Chronica da antiquissima Provincia de Portugal*, P. I, Lisboa.

1642

«Corria o anno do Senhor de 653 que foy o terceiro do reynado de Resisinto, quando socedeo o glorioso martyrio de Eyria, ou Yrene, natural da villa de Thomar, a que os antigos chamarão *Nabancia*, nome, que ainda hoje conserva o rio Nabão, que a rega, & que parece e deu à povoação, & depois se chamou Thomar, por imposição dos Mouros, que com o senhorio, & tyrania, mudarão o ser, & nome às cousas; porque nem ainda hũa pequena esperança lhe ficasse aos Christãos, de que tinhão possuydo por tantas idades: passarão os tempos, & com a ordinaria mudança delles, tomou a villa o nome do rio, com differença só de hũa letra, que he o que permanece, resuscitando ao rio, o seu antigo, *Nabão*.»

«Avia hum recolhimento no lugar onde se criava Yrene, a cargo, & cuidado de Casta, & Julia, suas tias, irmãas de seu pay, em companhia de outras donzellas, aventajandose a todas igual-

mente em formosura, que em virtude, & para que esta luzisse com mayores aumentos, a encomendou Celio varão perfeito, Abbade de hum mosteiro, da invocação de N. Senhora da mesma villa, & tio da santa donzella...». «mosteiro de Celio, que he hoje o das Religiosas de S. Francisco, intitulado *Santa Yria*».

«Escreverão a vida desta Santa, de maes dos Breviarios, & Martyrologios Romano, & da Espanha, os autores ecclesiasticos della, & o Cardeal Boronio nas suas notas, Frey Luis dos Anjos, chronista dos Ermitães de S. Agostinho, & em livro particular Frey Duarte d'Araujo, religioso da sagrada Ordem de Christo» (Fl. 54).

«3 Intitulauase o convento de Celio, *Santa Maria*, & consta da invocação de hũa memoria, que ha na torre do Tombo, em hũas inquirições, que se fizerão da villa de Thomar, no anno de 1355, em que testifico Domingos Paes Rousado, *Que ouvira dizer a muitos & bons* (são palavras formaes) *que santa Maria de Tomar fora cidade, & fortaleza de Christãos, & ouvara ahi mesmo confrades dos negrados, em que ouve hi hum Abbade, que chamauão Dom Celho, irmão da madre de santa Yria, o qual Abbade enuiou a Roma para authenticar a santa Yria, por santa despos morte della.*

4 Deste testemunho claramente consta, que o mosteiro era de Bentos, por se chamarem neste reyno, *Negrados*, ou *Negros*, & que Celio era Abbade delles, & Como a sua instancia se canonizou a sobrinha, o que devia de ser pelo clero, & povo, a que antes convocou pela revelação, que teve do martyrio, & invenção do santo corpo da gloriosa Martyr, & como os milagres forão tantos, & o aplauso do povo geral, & por esta causa aclamada em todos por Santa, forma da canonização antiga, antes que os Pontifices, por justos respeitos reservassem isto privativamente à sede Apostolica, pareceo ao Abbade Celio dar conta ao Papa deste sucesso, para que com sua aprovação ficasse maes celebre a memoria de tam insigna Martyr, & seus Milagres maes authenticos. Os annos, que viveo Celio, não sabemos, nem se conserva outra memoria de suas singulares virtudes, que as que se manifestão do que temos referido, & posto que não anda em Martyrologios, nem a Igreja o celebre como Santo, os favores que tinha do Ceo, obrigão ao venerar por este, ou quando menos, como a varão perfeito.

5 De Casta, & Julia, quasi temos a mesma limitada noticia: parece sem duvida, que o grande resplendor da santidade de santa Yria, foy causa de occultar a das Tias, junto ás quaes fica

Velut inter ignes,
Luna minores.

Permanecem suas sepulturas fabricadas de marmore, ornadas de arcos luzidos, & fortes no mosteyro das Freyras da Sam Francisco da inuocação de Santa Eyria, cujo sitio se affirma ser o mesmo que do antigo convento duplex, em que estas forão Religiosas, em companhia da martyr Eyria, como fica dito

6 O Padre Antonio de Vasconcellos, na sua descripção de Portugal, a chama, Justa & Casta, de que insera o que diz Fr. Luys dos Anjos, poder mui bem da innocação de Casta a hermida, que hoje vemos em Almalages, lugar não muy distante de Thomar. Da variedade do nome desta villa, dissemos atras bastantemente na vida de S. Yria; porem da inquisição referida, que topamos na torre do Tombo, recolhemos algũas advertencias dignas, de que se saibão, para o que relataremos ou palavras dos proprios testemunhos.

7 He o primeiro o de Gil Estevez visinho de Thomar, que affirma ouvir dizer o seu avò Martin Tinouco: *Que o dito Martin Tinouco ouvira dizer a D. Mende de Porta, que fora no pobramento de Thomar, que el Rey de Portugal dera o Castro de Ceras aos Freyres do templo, por escambio das Igrejas de Santarem, & que pobrando elles, hum besteyro veyo ao mestre Galdim Paez, & disselhe, que lhe mostraria hũ lugar, que fora pobrado de antigo: & que assi viera pobrar o castello de Thomar: & disse maes, que onde está santa Maria de Thomar, ouvira dizer a muitos velhos, que avia hũa nobre cidade de Christãos, chamada Nabancia, & que a dita Igreja fora mosteiro de frades.*

8 Pedro Pombo, que deu segundo testemunho, acrescenta, que soyão chamar a S. Maria de Thomar: *Santa Maria de Çelho,* parece alludindo ao Abbade Celio.

9 O ultimo, que he de Domingos Paez Rousado, de que referimos parte, diz: *Que quando o mestre D. Richaldo pobraua Ceras, hum monteiro lhe dissera, que avia boas agoas em hum logar, Igrejas do tempo antigo, & que o mestre cõ os Freires vierão a santa Maria de Thomar, & acharão que fora pobrada de antigo, & por sortes mandara pobrar no monte, onde está o castello, por ser lugar mais forte, & indo para pobrar acharão hũ porco montes, & que então começarão a dizer; tomalo, tomalo, & que entam o mestre chegou, & achou o porco morto, & disse que assi ouvesse o nome o dito cabeço, Thomar; & pobrandose, viera por mestre D. Galdim Paez, que fez o castello.* Atè qui os testemunhos.

10 De que deduzimos a certeza do monteiro de Celio, o da cidade de Nabancia, origẽ do nome de Thomar, se bem a julgamos por duvidosa. Maes fundamental nos parece o que deixamos escrito, em que este nome foy imposição dos Mouros, ou a que outros dão, de que se denominasse o lugar da innocação da Charola, capella mór do convento, fundada pelo mestre Dom Galdim, com inuocação de S. Thomas, Arcebispo de Cantuaria, como fica dito, nos Arcebispos de Braga.

11 Tambem tiramos destes testemunhos ser o primeiro mestre dos Templarios neste reyno, Dom Richaldo, cõ hũa opinião de alguns, que quiserão o fosse Dom Galdim Paez, o qual teria seu assento em Ceras, pouco distante duas legoas de Thomar, & foy o pouoou esta villa nas ruinas, que deixarão os Mouros.

12 Fizemos menção destes seruos de Deos, & dos nomes, & sitio da villa de Thomar, empenhados do parentesco, que tiverão com a santa Yria, alem de que naquelles tempos podia cayr a villa de Thomar nos limites do Bispado de Lisboa, como hoje fica nos confins, & por esta causa a podemos agregar á nossa Igreja, poes não pertence a outra diocese mòrmente sendo cabeça do Mestrado de Christo, cujo conselho, com titulo de mesa da consciencia, assiste nesta cidade». Pag. 56.

D. Rodrigo da Cunha. *Historia Ecclesiastica da igreja de Lisboa.*

1644

«*O Padre Mestre Frey Francisco de Biuar* tem pera si, que o sitio della [Concordia] pouco mais ou menos respondia ao sitio que oje tem a notauel *Villa de Thomar.* Nella, & seus contornos

floreceo a Fè de Christo Senhor nosso de modo, que pellos annos de seu Nascimento 145. deu oytenta & nove Martyres ao Ceo, dos quaes fazem menção *Flavio Dextro, & o Martyrologio Romano a 17. de Fevereiro; & alguns a 23 de Março*, nomeando sò tres...

Algũa diligencia fiz, pera saber mais ao certo o proprio sitio da nossa *Concordia Lusitana*, & achei que perto da Villa de *Ourem*, onde chamão a *Igreja da Serra*, nasce o rio *Beselga*, que fazendo seu curso vem a entrar no rio *Nabão* entre *Thomar*, & *a Cinseira*, & os caminhantes indo, ou vindo de Lisboa o passão por hũa ponte baixa de pedra junto a *Guerreira*. Nesta sua corrente que o Beselga faz, passa por hum lugar distante de *Thomar* hũa legoa pera à parte do Occidente, a quem communica seu proprio nome, porque se chama tambem *Beselga*. Este pois poderamos dizer, que foy a nossa *Concordia Lusitana*, pois conserva ainda oje o mesmo nome, que tinha em tempo de Dextro, chamando-se *Besulca* ou *Beselga*.

E não será difficultoso de crer, que aquelle grande numero de Martyres, de que Dextro faz menção, se ajuntaria tambem dos lugares vizinhos, & principalmente da antiga *Nabancia*, aquem a *Villa de Thomar* socedeo, pois a povoação de Beselga não distava della mais que hũa legoa...» (Pg. 473).

«Consta que floreceo antigamente na Provincia da Estremadura na nossa Lusitania hũa povoação nobre chamada *Nabancia*. Esteve situada ao longo do rio *Nabão* defronte de Thomar, pera a parte do Nascente, de cujos muros se vem ainda vestigios. Avia nella dous Mosteyros nossos, hum de Monjes, outro de Monjas. Dos primeiros trataremos neste capitulo, do segundo no seguinte. E posto que a tradição commum bastava pera prova do que temos dito, o *livro dos Mestrados da Torre do Tombo de Lisboa; & o Tombo da Igreja de S. Maria dos Olivaes* em Thomar, que mandou fazer El Rey D. João III. pelo Doutor *Pedralves* Caualeiro de Christo, & do Desembargo da Supplicação, sendo Escrivão do dito Tombo *Gaspar Garro*, nos tirão toda a duvida, porque neste Tombo se dizem as palavras seguintes:

Esta Igreja de S. Maria do Olival he das mais antigas deste Reyno de Portugal. Foy fundada, & edificada pera ser Mosteyro, como foy de Monjes & o era ao tempo, que a Bemaventurada S. Eiria recebeo Martyrio, no anno do Senhor de 653. E logo mais abaixo, alegando cõ as lições do officio proprio da

santa, que no seu Mosteyro se conservão, & se rezavão antigamente na Sé de Lisboa, diz. *O Abbade Selio (que era Irmão de Eugenia May de S. Eiria) vivia no Mosteyro da Bemaventurada Virgem Maria, em hum lugar algum tanto fundo, & concauo cõ corenta & quatro Monjes de escapulario, acerca de hum regato, que se chama Efon, ou Evon, porque se fez sem saír de fonte, corre em voltas, & assim dece, & entra no rio Nabão.*

As palavras da II. lição, vindo falando do Abbade *Selio*, & de hum Monje seu subdito chamado *Remigio*, são estas.

In caenobio magno Beatae Virginis Mariae, iuxtà torrentem, qui dicitur Effron, & c. Acrescenta a dita Inquirição agora. *Pello que se mostra evidentemente que esta casa, & Igreja de Nossa Senhora do Olival he a propria, que então era Mosteyro da mesma invocação de Nossa Senhora, porque está no proprio lugar, que está descripto, & a forma da casa, e o lugar corresponde mais a ser casa de Religiosos, que edificada pera Parrochia. E posto que a lenda da santa não diga de que Ordem era este Mosteyro, está manifesto, que era da Ordem de S. Bento.* Até aqui o Tombo de S. Maria.

Ajuda esta verdade o *livro dos Mestrados da Torre do Tombo, nas Inquirições de Thomar*, era 1355, aonde achamos tres testemunhas, que fazem muito a nosso caso. Porque hũa dellas por nome *Gil Esteves iura que ouuira dizer a muitos velhos, que onde está S. Maria de Thomar, auia hua nobre Cidade de Christãos chamada Nabancia, & que a dita Igreja fora Mosteyro de Frades.* Outra chamada *Pedro Põbo* acrecentou, *que soião chamar a S. Maria de Thomar, S. Maria do Selho, & que assi o jurava, como ouvira a seus antepassados.* A testemunha que disse mais, foy hum *Domingos Paes Roussado*, o qual entre outras cousas iura, *que ouuira dizer a muitos, & bõs, que S. Maria de Thomar fora Cidade, & fortaleza de Christãos, & ouvera hi Mosteyro, & Frades dos negrados, & que ouue hi hum Abbade, que chamauão Dom Selho Irmão da Madre de S. Eiria, o qual Abbade enuiou a Roma, pera autenticar S. Eiria por santa depois da sua morte, que hora ha hi duas Igrejas de seu tempo, hua S. Fire,* [1] *outra S. Eiria.*

[1] S. Fire deue ser o que oje chamão S. Porfim, que parece ser o mesmo, que S. Perofino; Petrus cum commemoratione Felicis.

Com estas testemunhas, & com o mais, fica confirmado o que temos dito acerca de auer naquelle sitio a pouoação *de Nabancia*, & ser nella Convento de Mõjes Bentos o *Mosteyro de S. Maria*.

...Sobre o fundador do dito Mosteyro, duvida ha entre os Authores, & tres opiniões podemos referir. A primeira he da *Coronica Augustinam*, que diz serem os Mosteyros de Thomar fundação de *Paulo Orosio*, pellos annos de Christo 450... A segunda he do nosso *P. Frey João do Apocalipse*, que conjectura serem os fundadores dos ditos Mosteyros, os nossos Monjes *de Lorvão, ou da Vacariça*, por serem os mais vezinhos das partes de Thomar. A terceira he da *Historia Ecclesiastica de Braga*, que tem pera si ser *S. Fructuoso* o fundador, por rezão de grande zelo, que teve de fundar Mosteyros em diversas partes de Hespanha. Destas duas ultimas opiniões escolha o Pio Leitor o que lhe parecer, em quanto se não descobrir outra melhor...

Na geral perda de Hespanha, destruida *Nabancia*, foise edificando a Villa de *Thomar* que oje vemos da outra banda do rio *Nabão*, que fica à parte do Poente, tomando pera si o nome, que os Mouros tinhão ao rio, chamando-lhe Thomar, que em sua lingua (como diz o P. Mestre *Frey Miguel de Barreira*) quere dizer *Agua doce*, ficando ao rio o nome de *Nabão*, pera que se não perdesse de todo o de *Nabancia*. Outras rezões, ou origens deste nome de *Thomar* se podem ver na I. parte dos Bispos de Lisboa cap. 28, Cõtinuarão esta mudança, & fundação de Thomar os Templarios. Porque tomando o nosso primeiro Rey D. Afonso Henriques cõ sua ajuda a Villa de *Santarem* aos Mouros, deulhes a Igreja de *S. Ma·ia de Nabancia* (que não permitio Deus, que aquelles Barbaros derrubassem templo de tanta devoção) com as mais terras circumuezinhas, & fez, que o Bispo de Lisboa lhe desse o ecclesiastico do dito termo»... Ainda em tempo Delrey D. João III. se vião junto da dita Igreja hũas mostras de Claustros, com hũa Ermida de S. Ildefonso».

«No mesmo tempo, em que o Mosteyro dos Mõjes (de que temos dito) estava em ser na fermosa Villa de Nabancia, florecia outro de Monjes, situado junto ao rio *Nabão*, no lugar em que agora vemos o de S. Eiria, como se colhe claramente da II, lição do seu officio antigo, cujas palavras são estas: *Super hoe caenobium* (S. Maria scilicet) *versus Aquilonem erat proedicti Castinaldi palatium cum villa pulcherrima, & fluuio dicto Nabantia.*

Sub Villa ista, super Nabantia vivebant S. Herena cum Morialibus Sacris etc. Palauras que vem a dizer, que pera a parte do Norte em respeito do Mosteyro de S. Maria, que era de Monjes, ficauão os paços de *Castinaldo* com a Villa de *Nabancia*, & acerca desta Villa, sobre o rio (a quem a dita lição chama tambem *Nabancia*) vivia Eiria com outras monjas consagradas a Deos».

Fr. Leão de S. Thomas, *Benedictina Lusitana*, tom. I, p. 477.

1657

«A antiga pouoação de Nabancia (situada ao Nascente da villa de Thomar, & lauada do rio, que lhe deu o nome, cujas doces aguas, misturadas com as do turbo Zezere furiosamente desaguão no Tejo junto a Punhete) reconhecem nossos Chronistas por solar patrio da V. & M. S. Iria, & por conseguinte de seu tio o Ven. Celio, Abbade do mosteiro, que alli auia duplice da Benedictina familia, dedicado à Rainha dos Anjos, cuja fundação attribuem a S. Fructuoso, Arcebispo de Braga, pelos ann. 641. mas Nôs leuados de hũa conjectura ao ditto Abbade, por ser dos principaes em nobreza, & riqueza d'aquella cidade, pelo que d'elle tomou o appellido, pois entre as inquirições de Thomar, feitas no ultimo de Dezembro, ann. 1317. que andão no liuro dos Mestrados da Torre do Tombo fol. 94. jura Pero Pombo, que *Soï o chamar a S. Maria de Thomar: S. Maria do Celho, & que assi o jurava como ouvira a seus antepassados*: em memoria (ao que parece) do sancto Abbade, seu fundador. Esta Igreja (por mercê da mesma Senhora) persevera ainda agora illesa dos triumphos do tempo com titulo de *S. Maria dos Olivaes*, pelos muitos, que tem em circuito. Serve hoje de Matriz (& assi ella, como todas as que de novo se edificarem naquelle districto, são immediatas à Sé Apostolica, & izentas por privilegios de varios Summos Pontifices de toda a jurisdição Ordinaria). O Papa Alexandre VI. concedeo aos que a vizitarem no dia de seu orago (que he da Assumpção) grandes indulgencias. Neste mosteiro acabou Celio seus dias, cheio de gloriosos meritos, cerca do an. 660.

Que fosse o ditto mosteiro da Ordem de S. Bento (de mais de o affirmarem todos autores, que logo allegaremos) dillo por pa-

lavras expressas o livro do Tombo da mesma Igreja, feito em tempo del Rei D. João III. por Pedro-alves de Abreu, Desembargador da casa da Supplicação, a quē o ditto Rei encommendou tambem o da Mesa da Consciencia, & o dos Mestrados, (de que já nos aproueitamos algũas vezes) onde jura Domingos Paes Rousado, *que ouuira dizer a muitos, & bons, que S. Maria de Thomar fora cidade, & fortaleza de Christ os, & ouuera hi mosteiro, & frades dos Negrados, & que ouue hi hum Abbade, que chamarão D. Celho, irmão da Madre de S. Iria, o qual Abbade enuiou a Roma pera autenticar S. Iria por sancta, depois de sua morte.* Sobre tudo, a viva tradição de toda a villa, & varias imagens, que ha pelo reino desta sancta com habito monachal. Consta tudo o que dissemos do V. Celio dos antigos Breviarios de Braga, Evora, & Lisboa, & suas lendas de graves autores, como Morales l. 12. c. Chro 36. Yepez na n. de S. Bento tom. 2. cent. 2. ad an. 653. Britto na 2. p. da Monarchia Lusit. l. 6. e 24. D. Rodrigo da Cunha na histor. de Lisboa. 2. p. c. 28. F. Leão de S. Thom. na Bened. Lusit. tract. 2 p. 4. c 11. F. Isidoro de Berreira na vida de S. Iria c. 23. & 24. Fr. Duarte de Araujo na mesma, & outras innumeraveis».

Jorge Cardoso, *Agiologio Lusitano*, tom. II, Lisboa, p. 68.

1667

«Cice, villa de Portugal: *Cœlium*— ij; Celium —ij». (Pag. 114).

«NABAM, rio que corre por junto de Tomar: *Nabanis-is*». (Pg. 292).

«Tomar, ou Thomar em lingoa Arabiga, he o mesmo que agoa doce, & derãolhe os Mouros este nome por rezam das doces agoas do rio Nabão.

Frei Leam de S. Thomas em sua Benedictina I parte trata cap. 9». (Pg. 406).

Fr. Pedro de Poyares, *Diccionario Lusitanico Latino de nomes proprios*, Lisboa.

1675

«Dixose tambien *Cabilicastro*, hesta Recesiunto Rey Godo, año de el Nacimiento de Christo 653. em que tomó nombre *Santarem* por el sucesso siguiente. Florecia en hermosura, y rara belleza, Irene, ò Erea, noble, y virtuosa doncella, natural de Nabancia (oy Tomar) hija de Ermigio, y Eugenia esposa suya, a quien Tribaldo hijo de Castinaldo, y Casia, señores del pueblo sólicito con extraordinarias diligencias, sin poder macular la fragrancia virginal desta candida açucena, con que passando à blanco de ira el objeto de desvelo, desesperado la mandò degollar, y à Banã criado myo que arrojasse el cadaver en las corrientes de Naban. O amor ciego vicioso enemigo mayor de los hombres, cullo de las vidas, tormento de almas, â los principios alegre, en los medios famoso, y tragico en los fines! Aporto el santo cuerpo por Zezere al Tajo en esta perage, que revelada al Abade Celio su sitio salio à el con Religiosa Procession, y dividiendose las aguas manifestaron un sepulcro da marmol, fabrica Angelica; y queriendo le sacar, se bolvieron á juntar, ocultandolo. De este milagroso prodigio (Fiesta que celebra à 21. de Octubre) se empeço à dezir la villa *Santa Irene*, corronpida en Santarèm»

Rodrigo Mendez da Silva, *Poblacion General de España*, fol. 124 v.

1687

Sermão do padre Amadôr da Conceição sôbre o raio.

1704

«...a memoravel povoação Nabancia, conhecida com este nome nos padrões da antiguidade, a Villa de Thomar, assim nomeada pelos modernos ha 384, annos; entre os principaes de Portugal unica; já Corte das Magestades Lusitanas, & sempre defesa das glorias da nossa Feniz, cujo esplendor avultando essas prorogativas a conduz nos bronzes da eternidade.

Tomou esta nobilissima Villa o primeyro nome Nabancia, do caudeloso Rio Nabão, o qual com suas cristalinas correntes faz os deliciosos jardins, & uberrimos pomares que o circundão, cabal objecto do olfacto, & apetecido emprego de gosto; este satisfazendo os desejos no sabor dos frutos; aquelle deliciando os sentidos na vistosa suavidade das flores.

Hoje se dá a conhecer a Villa com o nome Thomar, deixando ao primeyro com que se fez conhecida assim nas taboas da Geografia, como nas paginas da Historia; tomando o segundo que acquirio na vulgar equivoção de hirem os Cavalleyros, a quem os Reys de Portugal singularizão com o divino sinal da Cruz, a tomar o habito de Christo ao magnifico Convento da Ordem deste Senhor, que em Thomar era hũa agradavel eminencia conserva.

Pascoal Ribeiro Coutinho, *A Nova Feniz mais que entre incendios vencida, em pegos perpetuada Santa Iria*, Lisboa, pag. 3.

1705

«Padeceu martyrio esta gloriosa Santa no anno do Nascimento de Christo de 653. a 20. de Outubro, governando a Igreja Catholica Martinho Primeyro, a Monarquia Ecclesiastica de Braga Potamio, o Imperio do Oriente Constante Segundo, & a nossa Hespanha Resenovindo Rey Godo avô de D. Rodrigo, bem afamado por suas desgraças. Era Thomar nesse tempo hum povo muyto notavel, & cabeça de Comarca, sugeyto ao Conde Castinaldo; mas estava da outra parte do rio Nabão, que pela banda Occidental o cercara com o muro de suas correntes. Thomar dizem que era Villa, outros lhe chamão Cidade, mas todos concordão em o nome que tinha de Nabancia, o qual persevera no rio. A Igreja de Santa Maria dos Olivaes, que hoje existe, servia então de Matriz, & de casa de oração a hũ dos Mosteyros da Ordem de S. Bento. Erão dous as que estavão nos destritos daquella povoação, hum de Frades, & outro de Freyras, distintos, & separados, como se vê na differença dos sitios; porque o dos Monges visinhara cõ hum ribeyro pequeno, & era annexo à dita Igreja; & o das Religiosas confinava com o rio, como ainda ao

presente se vê, ponto que transformado, assim no substancial da Regra, como no material dos edificios» (Pag. 262).

Como os Santos Apostolos entenderão que os infortunios dos homens tinhão a sua origem nos peccados, ou fossem proprios, ou alheyos; não temos já motivo para especular qual fosse a causa, porque a Magestade Divina consentio que os Mouros dissipassem a Cidade de Nabâcia, permittindo que sem alfanges cruelissimos cortassem tanto pelo innocente, como pelo culpado: porque as obras deste (por seus altissimos, & inescrutaveis segredos) redundão muytas vezes em açoute daquelle; sendo que com grande differença, pois se deriva em merecimento de hum o mesmo que se executa em castigo de outro. Destas duas fortunas, parecidas no effeyto, & desencontradas no motivo, foy Nabancia lastimoso theatro. Não davão os sequazes de Mafoma algum quartel às virtudes, mas como barbaros, & cegos, sem fazer distincção do bom, tudo cortavão, & lancavão por terra tudo. Destruirão os dous Mosteyros, devendo arruinar sómente o palacio, donde sahira o decreto do martyrio. Profanàrão os Altares, fizerão em pedaços as Imagens Santas, & sem attenderem às lagrymas das virgens, Esposas de Christo, & menos aos clamores do povo, a todos igualavão pelos fios da mesma espada. Perdoàrão sómente a dous Templos, que ainda hoje existem, o de Santa Maria, & São Pedro, não porque lhe tivessem respeyto em razão de serem Casas de Deos, mas porque lhe achàrão commodo, & serventia pera seus usos profanos. Tanto era o furor destes barbaros, que até o proprio nome da terra quizerão escurecer, chamando a ella, & tambem ao rio *Thomar*. Com elle porem, & com melhor fortuna (restituindo-se o de *Nabão* ao rio) nasceo em outro berço da parte Occidental hũa Villa notavel, plantada em hũa fermosa planicie, guarnecida de frescas hortas, & vistosos pomares, à sombra de hum castello fortissimo, que pera sua defesa erigirão os Templarios» (Pag. 270).

«Quando sahimos da Villa para a parte do rio, que he a Oriental, entramos por hũa ponte, que o atravessa, deyxando tambem caminho a hũa bastante corrente, a qual desmembrada delle se occupa todo o anno movendo engenhos de azeyte; que pela muyta copia deste frutto em todo aquelle tempo tem serventia suas impetuosas agoas. Se o lugar desta ponte notavelmente alegre, porque nelle tem os olhos liberdade pera se divertirem ao perto com

a occurrencia de gente, & edificios nobres; & ao longe pela varzea povoada de hortas, & fecundos pomares, ou por monttes, não muyto soberbos, vestidos de olivaes, & matizados de vinhas. Além disto fica muyto aprazivel com a passagem frequente de innumeraveis pessoas de todas as Provincias do Reyno, que a demandão como estrada seguida» (Pag. 277).

«Duas legoas de Thomar para a banda de Coimbra apparece hum lugar com o nome de *Almogadel*, a que alguns por noticias erradas chamàrão *Almalaguez* [1]. Dentro delle se fundou hũa Ermida em louvor de Santa Casta, merecẽdo ellas ambas à piedade Christã singulares encomios, & plausiveis memorias... Neste lugar, & sitio de *Santa Casta a Velha*, que he despovoado, se achàrão naquelle tempo muyto grandes alicerces, como synaes de Mosteyro. Bem podia ser que nos seculos passados existisse alli algum de Monges, os quaes tambem edificarião a Ermida àquella Sancta, que o era da sua Ordem» (Pag. 80).

(Fr. Fernando da Soledade, *Historia Serafica*, tom. III, Lisboa).

1711

«A nobilissima Villa de Thomar, fundada das reliquias da antiga, & nobre Cidade de Nabancia, que em tempo dos Romanos, & Godos foy povoação illustre, fundou o Mestre dos Cavalleyros do Templo D. Gualdim Paes de Marècos, natural da Cidade de Braga. Mas para darmos della mais inteyra noticia, tomaremos os seus principios de mais atraz. Pelos annos de 640. da nossa redempção, em que vivia a gloriosa Virgem, & Martyr Santa Eyria, & era Principe desta Cidade Castinaldo ainda estava Nabancia na sua grande magestade, & opulenta grandeza etc.

Aqui fundou primeyro o castello no alto do monte, que lhe ficava vizinho, & depois a Villa, a que deu o nome de Thomar, dedicando-a a Santo Thomas Arcebispo de Cantuaria, de quem era devotissimo, & por esta causa lhe impoz o Mestre o seu nome. Sem embargo de que outros digão (mas sem nenhum fundamento) que se lhe puzera, Thomar, nome derivado do rio, que ainda se chamava Nabão, lhe havião dado os Mouros o nome de Thomar, que significava, agua doce, como a que aquelle rio leva. Mas isto são contos de velhas; porque o nome que se lhe impoz foy Thomas, que ao depois por corrupção ficou em Thomar. Outros lhe dão outra significação, como he Frey Isidro da Barreyra, mas cada hum tome o que lhe parecer».

[1] Jardim de Portug. n. 41. — Purif. Cronic. cit. l. 2. tit. 8. §. 2.

«No sitio da antiga Colonia de Nabancia Cidade que nos seculos passados foy celebre entre os Romanos, & Godos (situada em pouca distancia donde hoje vemos a notavel Villa de Thomar, para a frente do Oriente, lavada das douradas aguas do rio Nabão, cujas cristalinas correntes, envoltas, & afleadas do precipitado Zezere, vão com impetuoso curso a augmentar o grande Tejo) se fundàrão dous Conventos da Ordem do meu Padre Santo Augustinho por S. Frutuoso seu discipulo, que depois foy Arcebispo de Braga; hum destes era de Religiosos, onde era Abbade Celio, em o qual havia 44 Religiosos, & o outro de Religiosas, aonde viveu a gloriosa Virgem, & Martyr Santa Eyria, filha, & natural da mesma cidade...

Outros querem que o Fundador fosse o Abbade Celio, & que fosse o Convento Duplez da Ordem Benedictina. Fundão esta sua opinião em umas inquiriçoens de Thomar, feytas no ultimo de Dezembro do anno de 1317. em que jura hum Pedro Bombo, que soião chamar a Santa Maria de Thomar, Santa Maria do Celio, & que assim o jurava como o ouvira a seus antepassados. Estas inquiriçoens andão no livro dos Mestrados da Torre do Tombo a fol. 94. mas como nellas se não declara que Celio fora Monge de São Bento, pouco val o testemunho, & dizendo os mesmos que S. Fructuoso os fundara, por Conventos de Eremitas se devem ter, pois consta que certamente era este Santo Discipulo de Santo Augustinho, como de suas Epistolas se vê; outros dizem fundára este Convento o nosso Frey Paulo Osorio Discipulo de Santo Augustinho...

Junto a este Templo, & casa da Senhora, estavão os paços de Castinaldo, Principe, & Senhor, ou governador de Nabancia, no tempo em que vivia Santa Eyria, que segundo os sinaes, & ruinas que debayxo da terra se virão depois de muytos annos, erão magnificos, & fortissimos, & da grande cantaria, argamaças, & ladrinbos, & na mesma forma outros edificios, que ao re-

dor delles havia dos moradores, & Cavalleyros da mesma Cidade. Tendo-se reduzido em pó, & cinza, & tudo consumio o tempo; porque apenas ficarão as memorias da ruina. E no lugar aonde os referidos Palacios de Castinaldo estavão, achou o Doutor Pedro Alvares do Conselho del Rey, quando fez o tombo desta Igreja da Senhora no anno de 1542. feyta huma cerrada de olival, que já então era dos Padres Thomaristas, tão crescida, & de tão corpulentas arvores, que dizia elle, que parecia haver mais de 1000. annos erão plantadas».

«Tem este Templo tres naves, & hoje com as ruinas da antiga Nabancia se vê muito enterrada; porque para descer do adro ao patin da porta delle, tem oyto degraus, & da porta principal para dentro vão outros oyto... Tem oyto capellas, tres na frontaria, & os cinco em a nave que fica da parte do Sul, porque a que fica da parte do Norte não tem Capellas, em razão de ficar daquella parte a terra muyto alta, & com as humidades se não podião conservar... Neles se vê tambem situada huma Ermida de São Pedro, que foy Parochia da Cidade de Nabancia, aonde costumava ir Santa Eyria nos dias dos Apostolos São Pedro, & São Paulo, como se refere na sua lenda.. (Pag. 461).

(Fr. Agostinho de Santa Maria, *Santuario Mariano*, tom. III. Lisboa).

1712

«A Fundação da Villa de Thomar, attendendo ao tempo, em que esta Povoação com o nome de Nabancia esteve situada da outra parte do rio para o Nascente, he tam antiga, que se lhe não sabe o principio: só consta, que pelos annos de Christo de 653. em que Santa Eyria padeceo martyrio, era populosa Cidade, cujo governo, & senhorio tinha Castinaldo como subordinação aos Reys Godos de Espanha. Avia nesta povoação dous Conventos da Ordem de S. Bento, fundados por S. Fructuoso Religioso da mesma Ordem, & depois Arcebispo de Braga pelos annos de 640. hum deles era de Religiosos, aonde vivião 44 com seu Abbade Celio, tio de Santa Eyria, & estava fundado no lugar, aonde hoje persevera a Igreja Matriz desta Villa com o nome da N. Senhora dos Olivaes, que he a mesma que aos Religiosos servia de

Igreja no tempo de Nabancia: o outro Convento era de Religiosas, chamadas Casta, & Julia, & nelle viveo até o tempo de sua morte, & estava situada no mesmo logar, aonde hoje está o Mosteyro das Religiosas de Santa Clara junto ao rio.

Na universal destruição de Espanha foy arruinada a dita Cidade de Nabancia com outros muytos do Reyno, ficando toda esta terra deserta até o anno de 1159. em que El-Rey D. Affonso Henriquez fez della doação aos Templarios, que a vierão povoar... até que chegando os annos de 1158. em que D. Gualdim Paes foy eleyto em Mestre dos Templarios deste Reyno... & parecendo-lhe a El-Rey ser justo o que D. Gualdim lhe pedia, juntos o Bispo, & Cabido de hũa parte, & os Templarios da outra, fez entre elles a concordia seguinte. Que os Templarios largassem ao Bispo o Ecclesiastico de Santarem, de que estavão em posse, reservando só para si a Igreja de Santiago da dita Villa, em memoria de haver sido em todo o Ecclesiastico della, & que o Bispo dimitisse de si todo o direyto, que podia ter ás terras de Nabancia destruida,... com as demarcaçoens, que na escritura da doação se continhão, que sam as que hoje tem as Villas de Thomar, & Pias, & seus termos, em todas as quaes não havia povoação alguma, mais que hum Castello chamado Cera, de que El-Rey lhe fez tambem doação, que ficava duas legoas acima de Thomar para o Norte, junto do lugar, onde depois se edificou huma Aldea, que conserva ainda o nome de Ceras, em obsequio da Deosa Ceres, por ser este terreno de muytas sementeyras.

Tomada a posse pelos Templarios, não lhes agradava o sitio; & porque o Castello estava já quasi arruinado, buscárão outro em que fizessem sua habitação; & discorrendo pelo sitio das ruinas da antiga Nabancia, se contentárão delle, & assim no monte, que lhe ficava da outra parte do rio para o Ocidente, começárão a fundar o Castello em o primeyro dia de Março de 1160... & posto o Castello já em forma que se pudesse defender, se começou a fundar a Villa, não além do rio, onde estivera Nabancia, mas ao pé do Castello... O nome de Thomar se poz à Villa, & Castello, do rio, que por este corre, que supposto no tempo dos Godos, & de Nabancia se chamasse Nabão, comtudo no tempo que os Mouros senhoreárão Portugal, lhe mudárão o nome de Nabão em Thomar, que significa agua doce, & clara, como he a deste rio. Isto não só consta das demarcações, que El-Rey fez

aos Templarios, das Terras, & termos, que lhes concedeo, demarcando-as pelo rio Zezere, & pelo rio Thomar, & pela ribeyra de Bezelga, & mas de outros muytos papeis, & monumentos antigos do Cartorio do Real Convento da Ordem de Christo; o que sendo ignorado por nossos Escriptores, & pelos Estrangeyros, achando o nome de Thomar muytos annos antes do anno de 1160. em que pomos a fundação desta Villa, & seu Castello, o entendêrão pela Villa de Thomar, devendo de o entender do rio, que, como temos advertido, no tempo que os Mouros forão Senhores de Espanha, lhe mudárao o nome de Nabão em Thomar: porey dous exemplos.

O Acipreste Julião Peres em os seus Adversarios num. 317. diz que vindo a Portugal em companhia do Arcebispo de Toledo D. Bernardo, viera a Thomar, junto do qual estava uma Ermida da Santa Cita Virgem, & Martyr: *Tomarium veni, ubi prope erat Templum Sanctae Citae Virginis*, & *Martyris;* o qual nome de Thomar se não pode entender da povoação, senão do rio, pois fazendo esta jornada o Arcebispo D. Bernardo no tempo do Conde D. Henrique, sendo D. Giraldo Arcebispo de Braga no anno de 1093. em que foy sagrado, até o de 1109. em que faleceo, mal podia fallar da povoação de Thomar, pois sendo esta Villa, como he certo, fundada pelos Templarios, em aquelles annos ainda os não havia em Portugal, havendo estes tido o seu principio pelos annos de 1119. como consta das Actas do Concilio Trecense, em o qual foy dada a esta Milicia sua primeyra Regra, & confirmação; a quem seguem Guilhelmo Tyrio, Beronio, Belarmino, & o commum dos Authores: de mais que Juliano diz, que a Igreja de Santa Cita estava junto de Thomar, por onde se não pode entender nunca esta Villa, por distar della à sobredita Igreja (que he hoje Convento de Religiosas Recoletas de S. Francisco) legoa & meya; mas do rio Nabão, que naquelle tempo tinha o nome de Thomar, o qual lhe passa pela porta.

O segundo exemplo he, que na Chronica dos Godos se diz, que na era de 1175. que he o anno de Christo de 1137. succedeo hum infortunio aos Christãos em Thomar. *E. MCIXXV. evenit infortunium Christianis in Thomar.* O que se não ha de entender da Villa, ou Castello deste nome, mas do rio, porque intitulando se D. Affonso Henriques em as doaçoens, que fez destas terras aos Templarios, Rey de Portugal, & dizendo que as faz com seus filhos, para concordar ao Bispo de Lisboa com os Templarios sobre as Igrejas de Santarem, que lhes tinha dado, he certo que no tal anno de 1137. nem o dito D. Affonso Henriques era Rey nem era casado, nem tinha filhos, nem Santarem, & Lisboa eram tomadas, nem havia nella Bispo algum, por onde certamente se ha de ter, que aqui se não falla de povoação alguma, que naquelle tempo ouvesse neste lugar, aonde pudesse succeder aquelle infortunio; mas do rio Thomar, junto do qual se encontrárão algumas esquadras de Christãos com outras de Mouros, & pelejando huns com outros, ficárão os Christãos desbaratados, & destruidos; & assim destes, & de outros muytos exemplos, que pudera apontar, se mostra como o rio Nabão, que corre por esta Villa, se chamou Thomar no tempo dos Mouros, & que todas as vezes que este nome, Thomar, se achar nas historias, & escriptores antigos antes do anno de Christo de 1160. se ha de entender do rio, & não da povoação, pois esta he certo, & indubitavel aver tido seu principio em o primeyro de Março de sobredito anno, como consta do letreyro acima referida; do qual não tendo noticia nossos Escriptores, & alguns que a tiverão, & o lerão, não sabendo dar à letra X o numero de quarenta, que he certo val, quando tem plica em cima, vierão a dar nos absurdos, que lemos em seus escritos, antecipando huns a tal fundação à era sobretudo, & outros pospondo-a, sem nenhum atègora dar em o ponto fixo da verdade».

Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa*, tom. III, pág. 148.

1716

«Nabancia. Antiga, & nobre povoação da Estremadura de Portugal, situada ao longo do rio Nabão, que lhe deo o nome, & defronte donde agora he Thomar. Na entrada dos Mouros foi destruida Houve nella hum Mosteiro de Monjas em que vivia Santa Eiria. Foi reedificada em tempo de El-Rey D. Manoel, para Religiosos Franciscanos, & nelle se conserva hum seixo, matizado com o sangue da Santa. *Nabantia, ae, Fem.*

Nabão. Rio da Estremadura de Portugal; corre por junto de Thomar, servindo lhe de muro pela parte do Oriente. Dista tres

legoas do Tejo, & por não ser caudaloso, nelle se mette com pouco ruido. *Nabam,* ou *Nabanus, i. Max.*» Bluteau, tom. v, pág. 657.

1721

«Tomar, ou Thomar, com aspiração, como usão os Arabes; elles (como advertio o Autor da 6. parte da Mon. Lusit. pag. 323.) senhoreàrão este lugar. He hũa das mais celebres Villas de Portugal, na Provincia da Estremadura, situada em hum plano, & dividida pelo rio Nabão, das ruinas da antiga Cidade de Nabancia... O castello, que chamão de Santa Herena, (segundo a mais provavel opinião) he o mesmo que o de Thomar, & chama-se de Santa Herena, com allusão ao nome de Santa *Eyria*, a qual em Latim se chama *Herena*; & na dita Villa teve a dita Virgem o nacimento, & nella padeceo o martyrio pelos annos de 653. Do rio, que por esta terra corre, se poz à Villa & Castello o nome de *Thomar*; que supposto no tempo dos Godos, & da Cidade de Nabancia, o dito rio se chamasse *Nabão*, os Mouros no tempo que senhoreàrão Portugal, lhe mudàrão o nome Nabão em *Thomar* que quere dizer, *Agoa doce, & clara*, como he a deste rio: consta isto de papeis do Cartorio do Real Convento da Ordem de Christó; o que os nossos Escritores, & Estrangeiros ignorando, & achando o nome de Thomar muitos annos antes de 1160, em que os mais põem a fundação desta Villa, & Castello, o entenderão pella Villa de Thomar, devendo de o entender do rio, que no tempo que os Mouros forão senhores de Hespanha, lhe mudàrão o nome de Nabão em Thomar...

Nabantia, ae Fem. ou *Nabantium, ii.* Nert VIII, pág. 295.

1728

«Tomar. Villa de Portugal. *Vid.* tom. 8. do Vocabulario. Dentro do Castello desta Villa, com titulo de Santo Thomàs de Cantuaria, D. Galdim Mestre dos Templarios, edificou huma grave Charola em honra deste Santo, e affirmão alguns que aquella nobre Villa se começou-se a chamar Thomas, e hoje com só mudança da ultima letra, *Tomar* deixando o antigo nome de Nabancia, porque até alli era nomeado. *Cunha, Histor. dos Arcebispos de Lisboa,* cap. 13. fol. 54. e 55. (Sup. p. II, pág. 257.)

(Bluteau, *Vocabulario Portuguez e Latino.* Lisboa.)

1729

Mas passando a averiguar quaes forão os seus limites, e confins, lhe não achamos em documentos algum seguro, senão os que lhe assignou El-Rei Wamba na sua divisão, e são os seguintes: *De Salla usque ad Navem, de Sena usque Muriellam,* (*Divisio Wambae* apud Cardin. de *Aguir.* tom. 2 *Concil. Hispan.* pag. 303, n. 40) «Do Oriente para o Occidente, de Salla até Navam, ou Nabam, e do Norte para o Sul, de Sena até Muriella», os quaes termos, e limites foram reconhecidos por verdadeiros, e legitimos do bispado antigo da Idanha em juizo contencioso, litigando-se depois de passada a Cadeira Episcopal para a Guarda, sobre varios lugares deste Bispado que os Prelados de Coimbra lhe havião usurpado (Rescriptum *Honorii III.* datum Romae 25. Julii an. 1224. *Archivo da Sé de Coimbra* gaveta 11. re part. 1. mas. 1. n. 23. Bulla *Alexandri IV.* Romae 27. Aprilis an. 1246. ibidem n. 49). Muito difficultoso he de averiguar, qual seja o verdadeiro sitio destes limites, e só por conjecturas, tiradas de alguns documentos antigos, poderemos com probabilidades investigallos. O que poderá delles ser mais util, he uma sentença proferida no seculo decimo terceiro, no qual se dividio o nosso Bispado do de Coimbra, depois de collocada já a Cadeira Episcopal na Guarda; e para se dar fim ás discordias, que por tantos annos durarão entre os seus Prelados, se assignarão limites a ambos, de todas daremos larga noticia na segunda parte destas Memorias, quando escrevermos as vidas dos Bispos D. Martinho Paes, e D. Rodrigo Fernandes; por hora tocaremos sómente daquella questão, o que servir para o intento de que vamos tratando. Depois de dilatados pleitos entre estas Igrejas, sobre varias Povoaçoens usurpadas pela de Coimbra à nossa, no tempo, em que a sua Sé Episcopal estava ainda por restaurar, sobre as quaes

se litigou com grande calor no Pontificado de Innocencio III. passando este à melhor vida, produzirão as partes para se fazer a divisão, e limitação dos dous Bispados, as demarcações, e divisoens do Concilio de Lugo, e El-Rei Wamba, como legitimos; e Honorio III. seu sucessor, as mandou aos Bispos de Orence, e Lamego, e ao Abbade de Pombeiro, que constituira Juizes da dita divisão, para a fazerem conforme a ellas, e guardadas as regras de direito, em rescripto seu, expedido em Roma aos vinte e cinco de Junho do anno oitavo do seu Pontificado, que he a da Era vulgar 1224, o qual se conserva no Archivo da Sé de Coimbra, (*Archivo da Sé de Coimbra*, ubi supra gaveta 11. repart. 1. mas. 1. n. 33) e cuja parte anda incorporada em Direito Canonico (Tex. in cap. *cum causam* 13. *de Probationibus*).

Não se deu fim a esta controversia no Pontificado de Honorio III. nem no de seus successores Gregorio IX. Celestino IV. e Innocencio IV. mas no de Alexandre IV. comparecendo pessoalmente na Curia os Bispos D. Rodrigo Fernandes da Guarda, e D. Egas Fafes de Coimbra, commetteo este Pontifice a decisão final da causa ao Cardeal João Gaetano Ursino, que depois presidio santamente na Cadeira de S. Pedro. com o nome de Nicolao III. na qual tambem se comprometterão ambas as partes, que guardados os termos de Direito, aos 27 de Fevereiro de 1256. proferio final sentença, em que dividio os dous Bispados, assignando a cada hum, o que pelo merecimento dos autos se provava lhe pertencia; este confirmou o Pontifice por Bulla de 27 de Abril do mesmo anno segundo do seu Pontificado, expedido tambem em Roma (Bulla *Alexandri IV.* supra relata num. 2. alleg. 5.). Na sentença se não determinão mais que os termos da parte do Norte, e Occidente, que são, os porque os Bispados confinão hum com outro, e se não declara quaes são os do Oriente, e Sul, por não ser necessario para a controversia, que com ella se decidio, a sua investigação; mas ainda aquelles se expoem com bastante confusão, excepto o da parte Occidental, assignada por Wamba, que assim no libello do Bispo, e Cabido Egitaniense, como no termo do Compromisso, feito por ambas as partes, e sentença do Cardeal Auditor, se reconhece ser o rio *Navão*, ou Nabão, que hoje fertiliza os campos visinhos, a notavel Villa de Thomar, e sendo o termo, que pela parte superior dividia as Dioceses de Coimbra, e Idanha, separava esta tambem pela inferior da de Lisboa, até se incorporar com o Zezere, que he o limite ainda hoje do Bispado da Guarda, por alguns lugares daquellas partes, em que confina com o territorio isento de Thomar, doado em tempo delRey D. Affonso Henriques aos Templarios, como abaixo veremos...

«Que o limite da parte Occidental seja o rio *Nabão*, ao qual a divisão de Wamba chama *Navam*, e *Nava*, além do libello offerecido em juizo pelo Cabido, e Bispo da Guarda, o diz expressamente o termo do Compromisso, feito por ambas as partes na pessoa do Cardeal Auditor em Napoles (residindo a Curia na mesma Cidade) aos 12 de Novembro de 1254 (Vide *Compromissum* utrorumque litigantium transcriptum in eâdem Bulla *Alexandri IV.*) no qual se diz o seguinte: *A' Navâ de Juncoso, sive Nabão fluvio, qui fluit juxta Castrum de Tomar Templariorum*» e todas as terras, que existem desde Nava de Juncoso, ou do rio Nabão, que corre junto ao Castello de Thomar dos Templarios»; o mesmo determinou o Cardeal, na sentença, em que se acha o seguinte: *A fluvio, qui dicitur in dicto libello Egitaniensi Nabão, qui juxta Castrum de Tomar Templariorum fluit citra versus Egitaniam, sint perpetuo Colimbriensi Ecclesie.* «Tudo o que fica da parte dáquem, a respeito da Guarda, do rio, que no libello do seu Bispo se chama Nabão, e corre junto ao Castello de Thomar dos Templarios, pertença ao Bispo de Coimbra, pela parte, que confina com elle»; do que tudo fica claro, que o *Navem*, e *Nava*, que se achão na divisão de Wamba, como termo Occidental do Bispado da Idanha, era o rio Nabão, o qual discorrendo para baixo, era tambem limite divisino, ainda que mais Meridional do de Lisboa, até se encorporar com o Zezere, e por este motivo pertencia a antiga Nabancia ainda ao nosso Bispado, como escrevemos em outro lugar (Vid. infrà tit. 3. lib. 4. cap. 2 desta primeira parte, e quando tratarmos na segunda dos novos limites delle, depois da sua restauração» (Pág. 3 a 7).

Dr. Manuel Pereira da Silva Leal, *Memorias para a historia ecclesiastica do Bispado da Guarda*, tom. I. (*unico*), Lisboa.

1734

«E todas estas Cidades erão porção daquella Monarchia: e as sobreditas Diocesis como a de Braga, formarão o lado Occidental, que fica descrito, porque a jurisdição, e Diocesi de Coimbra continha a Povoação de Selio, a que hoje chamão Ceice, segundo se refere nos Fragmentos do Concilio Lucense: Ad Conimbriensem Selio. E deste lugar de Selio faz menção o Itenerario de Antonino, na estrada, que descreveo de Lisboa a Braga, e o situa entre Santarem, e Coimbra. O que se confirma em vermos, que na divisão, que Vanba fez dos Bispados de Hespanha, se lhe dá por principio a Naba, que eu entendo ser Nabancia: *Conimbrica teneat de Nava usque Bergam: de Torrentes usque Lora*. Sendo pois assim, que em Nabancia, ou Ceice, e naquella Costa corria a Diocesi de Coimbra até á foz do Douro, e que logo se seguia a do Porto, depois a de Braga, depois a de Tuy, depois a de Iria, t do pela Costa acima, fica bem provada a demarcação Occidental da Metropoli de Braga acima dita».

Contador de Argote, *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga*, Lisboa, tom. II, pág. 648.

1735

«Sendo Castinaldo Conde da Villa de Tomar (que naquelles tempos se chamava Nabancia) e do destrito, que com titulo de Condado, no governo dos godos se dividia a antiga Lusitania, teve de sua Mulher Cacea hum Filho chamado Britaldo...; havia neste tempo, na mesma Villa hũa Donzella virtuosa, por nome Irêne, cujos Pays se chamavão Ermigio, e Eugenia.».

D. Fernando Correa de Lacerda *Historia da Vida, Morte, Milagrosa canonização, e trasladação de Santa Isabel*, Lisboa, pág. 218.

1738

3. Abeuntibus Gothis, & Suevorum principatu iterum resurgente, Bracara Augusta denuo floruit; quousque sub Remismundo totius Regni iterum caput efficitur. Cujus Regni confinia, reddita Hispaniae pace, postquam Romani de illâ recuperandâ desperarunt nunc designare cogimur. Latus ergo Occidentale ab ora maritima Nabantiae, vel Selio vicina incipiebat, & usque ad Promontorium Celticum protensum ibat... Und rectiori cursu discedens, in Tagum aliquantulum supra AEgitaniam tendebat, nec ultra producebatur, sed lateri Meridionali locum dabat, qui exinde progressus subtus Nabantiam ad Oceescrium procurrebat.

4. Hujus descriptionis veritas nititur auctoritate Concilii Lucensis sub Rege Theodomiro habito, in quo totius Regni Paroeciae, & pagi distributi sunt, & declaratum ad quam Episcopalem sedem pertinerent. Etiamque in distributioni à Rege Wambâ statuta. Cùm ergo ex Actis allati Concilii constet (Fragmenta Concilii Lucensis apud Loaysam) Conimbricam unam esse ex urbibus Suevorum, & ad illam pertinere Selium, quod hodie *Ceice* dicimus, satis patet ex inde Occidentale Regni latus incipere, vel si vis ex Nabantiâ, Wambae enim distributio Conimbricensis Sedi prolimite Nabam assignare videtur (*Distributio Ecclesiarum Hispaniae tempore Wambae Regis apud Loaysam*. Pág. 295).

[VERSÃO]

«3. Retirados os Godos, e restaurado o Reyno dos Suevos, tornou Braga a florecer, e no tempo de Remismundo a ser Cabeça, e Corte de toda a Monarchia. Desta somos obrigados a descrever os termos, depois que os Romanos perderão as esperanças de restaurar Hespanha. Começava, pois, o lado Occidental na costa fronteira à Villa de Thomar, ou Ceice, e corria até chegar ao Cabo de Finis terrae... entrava no rio Douro, do qual se afastava com mais direita carreira até chegar ao Tejo, pouco acima da Idanha a velha, nem cortava o Tejo, mas nelle parava, e nelle se começava o lado Meridional, que vinha a fenecer na costa do Oceano, perto de Thomar.

4. A certeza desta demarcação se funda na authoridade do Concilio Lucense, celebrado no tempo del Rey Theodomiro, em que se repartirão todas as Parochias, e Lugares do Reyno, e se declarou a que Bispado pertencião; a outro fim se funda nas demarcaçoens determinadas por El-Rei Wamba. Sendo, pois,

assim, que das Actas do sobredito Concilio Lucense consta, que Coimbra era huma das Cidades do Reyno dos Suevos, e que a esta pertencia a Parochia de Selio, a que hoje chamamos Ceice, já se vê, que o lado Occidental começava desde alli, ou desde Thomar, que a demarcação del Rey Wamba parece attribue à Sé de Coimbra» (Pág. 298).

Contador de Argote, *De antiquitati Conventus Bracaraugustani*, vol. 4, Lisboa.

1739

«Esta notavel Villa teve antigamente outro assento não longe do que agora tem, e outro nome, porque foy conhecida com o de *Nabancia*, situada da outra parte do rio Nabão para o Oriente. A primeira memoria, que se acha della, he pellos annos 653. de Christo, em que padeceo nella glorioso martyrio a bemaventurada S. Eiria, em cujo tempo a dominava hum Regulo chamado Cartinaldo com subordinação aos Reys Godos, que possuião todas as Hespanhas. Na invasão dos Mouros foy destruida *Nabancia*, e permanecia deserta, até que no anno de 1159. ElRey Dom Affonso Henriques fez doação daquella terra aos Templarios, os quaes a povoarão no lugar, que hoje occupa a saber em trinta e nove gr. e quarenta minutos de latitude, e dez e cinco minutos de longitude, vinte e duas legoas distante de Lisboa».

Antonio de Oliveira Pereira, *Descripção corografica do reyno de Portugal*, pág. 118.

1740

«Correndo pois, os annos do Nascimento de Christo, 653: florecia com opulencia Nabancia, populosa, e antiga Cidade da nossa Lusitania. Reinava em toda Hespanha Recensuindo, Rey Godo, governava a Barca de S. Pedro em Roma, Martinho I, deste nome. A primazia dos Arcebispados em Braga, Potamio. E nio Oriente imperava Constante II. Perseverava neste tempo a famagerada Nabancia junto aonde hoje existe huma grandiosa Villa na Provincia da Estremadura, districto a quem sempre derão o nome de Thomar, cuja denominação lhe davão os Mouros por significar em lingoagem Arabiga agoas claras, e doces, quais forão sempre as do seo rio Nabão, que lhe enlaça os pés com suas prateadas correntes. Porém quando só existia aquella Cidade que deu o nome ao rio, as mesmas agoas delle lhe servião de cristallina muralha pela parte occidental: e deste lado se conserva a dita Villa, que por existir naquelle sitio lhe renovou o vulgo o antigo titulo de Thomar;... Naquella antiga povoação de Nabancia havia dous Conventos da Ordem do Patriarcha S. Bento, fundados ambos por S. Frutuoso, Religioso que foy da mesma Ordem, e despois Arcebispo Primás de Braga, no anno de 640. Hum destes Conventos, era de Religiosos aonde vivião santamente cõ o exemplo, e doutrina de seo Abbade chamado *Celio;* tio da nossa Portugueza Santa Iria; de cujo Mosteiro temos a noticia com autoridade de graves Autores (Hist. Seraf. Cronol. 3. part. livro 3. cap. I.), que estava fundado no mesmo sitio em que hoje existe a Igreja principal daquella Villa com a invocação de Nossa Senhora dos Olivais; a qual he a mesma no seu material que servia aos Religiosos da Igreja do Convento, e hoje naquelle Povo de Matriz».

(P. Inacio da Piedade e Vasconcellos, *Historia de Santarem*. Lisboa, tom. I, pág. 351.

1750

«...estoy persuadido que este Castillo fuè. reedificacion Christiana de algunas, que havia aqui muchos siglos antes en tiempo de la ceguedad gentilica, pues dicha lapida sirviò primero de monumente sepulchral, ò padron de fama a una Heroina pagana, como consta de otra inscricion, que conserva en uno de sus lados con labores de escultura maltratada, y dize de esta manera

SABINVLA VXOR SIBI	*Sabinula su muger puso para si esta memoria.».*

«Nò por haver sido destruida *Nabancia*, y edificada *Thomar*

de sus ruinas, dexa Thomar de ser, en el debido modo que puede, la Nabancia famosa antigua, aun admitido del nombre la diferencia» (P. 29)

Dr. D. Joseph de la Bandera, *San Benito militar de Christo, Sermon panegyrico-historico*, Lisboa.

1759

«Veteri Nabantia à Saracenis solo aequata, novum castrum, & oppidum, Rege Alphonso Henrico, à Galdino Portugalensium Militum Templi Magistro conditum successit, *Tomarii* nomen sumpsit a flumine *Naban* propius fluente, & irrigante, quod à Saracenis dominantibus Tomarium dictum est, eo nomine patrio fluvii aquam dulcem, & cristalinam significantibus».

D. Thomás da Encarnação, *Historia ecclesiae Lusitaniae*, tom. I, Coimbra, pág. 31.

1760

«Apud Nabantiam Fructuosus Bracarensis Proesul Monialium quoque extruxit Monasterium, ubi S. Irene Virgo Lusitana regularem vitam professa est. Cum ab insano amatore Britaldo ejus loci Dinasta, cujus nuptias contempserat, interficeretur, ejus corpus, quod caedes esset occultior, in Nabanium fluvium projêctum est, sed ad Scalabim in medio Tagi fluminis, in quod Nabanis influit, alveo repertum fuit; undae divino miraculo dimotae in utramque partem: sepulchrumque divino opere extructum siccis pedibus qui quaerebant invenisse nemorentum. Ex ea re Virginis religionem iis in locis confirmatam amplificatamque brevi fuisse oppidi nomen indicio est. scalabis appellatione ex eo tempore in Santae Irenes mutata. De Irene agunt Lusitani omnes, & exteri: Breviarium S. Simeonis de Junqueira Canonicorum Regularium, cujus antiquitatem alibi memorabo, officio proprio colit: notandum hic est Breviarium antiquum Monasterii S. Crucis, de quo etiam alibi. Irenes martyrium ad saeculum undecimum refert adversus omnes Lusitaniae, & Hispaniarum scriptores; ex scriptoris tamen sitio confectum id existimo.

Aliqua Monialium Monasteria virorum Monasteriis fuisse conjuncta id temporis satis proedicant monumenta inter quae erat Nabantinum illud Irenes, & alia quae saeculo abhinc decimo extiterunt».

Id. tom. II, pág. 117.

1762

«A notavel Villa de Thomar he huma das mais celebres deste nosso Reino de Portugal, situada em hum plano, e dividida pelo rio Nabão das ruinas da antiga Cidade de Nabancia, que ficava da outra parte para o Nascente. Tão antiga foi esta povoação de Nabancia, que se não descobre o principio. Na torre maior do Real Convento de Christo daquella Villa, embutida na parede, que divide o lugar donde se costumão tanger os sinos, das escadas, por onde se sóbe para o adro da Igreja, está huma pedra com hum letreiro, que adiante poremos, dando noticia dos Fundadores de Thomar.

Esta pedra mostra que servio muito antes de tal letreiro do monumento sepulchral, ou padrão de fama a huma Heroina pagã, porque conserva em hum dos lados com lavores de escultura mal tratada a inscripção seguinte:

SABINVLA
VXOR
SIBI

Sabinula sua mulher poz para si esta memoria.

Esta inscripção suppõe outra do marido, que estará em hum dos outros lados da dita pedra pela parte, que a tem o muro escondida, ou em outra parte. Isto se confirma por outra pedra de marmore jaspeada como a primeira, a qual integra para dentro o grosso da parede, e mostra ser monumento, ou memoria dedicada a hum filho da tal Heroina, com o letreiro na fórma seguinte:

GATTIO
ATTIO-
NO RV-
FINO
SABIN
VLA
MATER
P.
M m m m m i i

A gottio Attiano Rufino Sabinula sua mãi poz esta memoria.

2 Outra pedra se acha embutida em huma das paredes da dita torre desde sua primeira fabrica, mas com tão pouco conhecimento do que alli punhão os que a edificárão, que as letras nella escritas puzerão ás avessas, devendo estar de sorte, que pudessem ser lidas. A diligencia de hum curioso nos deo noticia dellas, e dizem assim:

PIETATI
AVG. SACR.
VAL. MAX. IN MEMR.
SVAM ET FILIARVM
SVARVM
HÆC SIGNA P.

Padrão á piedade do Imperador Augusto consagrado Valerio Maximo em memoria sua, e de suas filhas estes sinaes poz.

Estas inscripções são do tempo dos Romanos, que habitarião por aquella terra, especialmente na Cidade de Nabancia, que foi huma das illustres da Lusitania, e das ruinas della tirarião os Fundadores da dita torre as referidas pedras. A ultima inscripção he tão antiga, que he do tempo do Nascimento de N. Senhor Jesus Christo, porque achando-se o Emperador Octaviano Augusto em Hespanha na Cidade de Tarragona (Mappa de Portug. p. 2, cap. 3) o anno antecedente do Santissimo Sacramento, mandou publicar o edicto geral para se alistar toda a gente, que havia no mundo sujeita ao Imperio Romano, e pagar o tributo, que na nossa moeda erão trinta e seis reis, cada pessoa, em reconhecimento de vassalagem De Portugal se alistárão sinco centos e ses-

senta e oito mil pessoas cabeças de familia; e no tempo, que este Emperador se achava em Tarragona, os povos Portuguezes lhe dedicarão Templos e estatuas pelas mercês, e privilegios, que lhes concedeo, entre as quaes dedicações he a referida a de Valerio Maximo, Consul nobilissimo, que em Nabancia teria a sua residencia.

3 Do dito se póde colligir que a dita Cidade de Nabancia foi fundada antes da vinda de Christo, e póde ser fosse pelos Romanos, Fundadores de muitas povoações illustres. No anno do Senhor de 653, em que a 20 de Outubro foi martyrizada a gloriosa Virgem Santa Iria pelo cruel Banão por ordem de Britaldo, filho do Conde Castinaldo, senhor, e governador de Nabancia em subordinação aos Reis godos de Hespanha, dos quaes reinava Recesvinda, era Cidade populosa (Corog. Portug tom. 3. trat. 4. c 1.). Havia nella dous Mosteiros Benedictinos fundados por São Fructuoso Arcebispo de Braga pelos annos do Senhor de 640: hum delles era de religiosos, onde vivião 44 com o seu Abbade Celio, tio de Santa Iria, e estava fundado onde hoje persevera a Igreja Matriz daquella Villa com o nome de N. Senhora dos Olivaes, que he a mesma, que então servia aos mesmos Religiosos Benedictinos. O outro Mosteiro era de Religiosas tambem Benedictinas, e nelle vivia Santa Iria em companhia de duas suas tias, chamadas Casta, e Julia. Estava situado onde hoje se vê o das de Santa Clara junto ao rio com a invocação da Santa.

5... Pouco mais adiante do Mosteiro das Religiosas se veem ainda alguns vestigios dos Paços do Conde Castinaldo, e junto a elles a Capella de São Pedro, onde Santa Iria com suas tias, e mais Religiosas costumava ir no dia do Santo Apostolo...

6 O rio Nabao foi o que deo o nome á Cidade de Nabancia, a qual na divisão dos Bispados, que fez Vvamba Rei de Hespanha, immediato successor de Recesvindo, se lhe dá o nome de Naba, conforme a intelligencia de Argote (Argot. Memor. do Arceb. de Braga liv. 3, c. I. Monarquia Lusit. liv. 9. cap. 27. Corog. Portug. sup. cit. e outras). Ao Nabão chamavão antigamente Naba de Juncoso. Nasce este rio na fonte do Agroal no sitio, que chamão Penna da Aguia, junto á foz da ribeira das Pias, entre humas fragosas eminencias, e altissimos penhascos, onde se crião Aguias; porém ainda que nasce entre asperezas, corre sempre por terreno fertil, e deleitoso, até que acompanhado de muitas ribeiras

entra no arrebatado Zezere, e com elle se mette no grande Tejo junto á Villa de Punhete. Felicissimo rio, cujas aguas sagradas enobrecem as piedosas memorias da insigne Virgem, e Martyr Santa Iria! Conservou Nabancia a sua grandeza opulenta, até que chegando aquelle infausto tempo, em que os Mouros entrárão na Hespanha, e ou fosse porque os Nabantinos lhes resistissem valerosamente, ou porque o permittio Deos por seus altos juizos, assolárão aquelles barbaros aquella illustre Cidade, e a destruirão em tal forma, que lhe não deixárão pedra sobre pedra, so dos Paços de Castinaldo, que erão muito grandes, e sumptuosissimos, ficarão alguns vestigios e permittio Deos para consolação de seus servos fieis, ficasse o Templo da Mâi de Deos, que hoje se chama Santa Maria do Olival, ou dos Olivaes, illeso, e a Igreja de S. Pedro, que era a Paroquial de Nabancia. Assim esteve arruinada Nabancia, e toda aquella terra deserta até o anno de 1159, em que o Veneravel Rei D. Affonso Henriques fez della doação aos Cavalleiros Templarios, que a vierão povoar.

9... Com estas tomárão posse os Templarios das terras doadas pelas demarcações, que nas mesmas escrituras se continhão, que são as que hoje tem as Villas de Thomar, e Pias, e seus termos, em todas as quaes não havia povoação alguma mais, que hum Castello chamado *Ceres*, de que o Veneravel Rei lhes fez mercê dar, o qual ficava assima de Thomar duas leguas para o Norte junto do Lugar, que hoje se chama *Ceras*. Estava situado o dito Castello em hum monte junto á ribeira, a que hoje chamão de *Ceras* por corrupção do primeiro nome Ceres, mas já hoje não ha vestigios de tal Castello mais que a memoria de que alli esteve, porque até das mesmas ruinas triunfou o tempo.

10 Neste sitio do Castello tinha dedicado a cega gentilidade hum templo á fabulosa Ceres, deosa das sementeiras, e nas ruinas delle, por ser monte, em que havia capacidade, se levantou o Castello, a que se deo o nome de Ceres. Não agradou aos Templarios o sitio do Castello, porque o achárão já quasi arruinado, buscárão outro, em que fizessem sua habitação, e discorrendo pelo sitio da antiga Nabancia já destructa, se contentárão delle, e no monte, que lhe ficava da outra parte do rio Nabão para o Occidente, começarão a edificar o Castello...

11 Posto o Castello em fórma, que se pudesse defender, se começou a fundar a Villa, não além do rio, onde estivera Nabancia, mas ao pé do Castello, para que nos rebates, e assaltos repentinos dos Mouros facilmente pudessem os Christãos fugir com suas mulheres, e filhos para o Castello e livrarem-se delles. O nome de *Thomar* se poz á Villa, e Castello tomado do rio, que supposto no tempo dos Godos se chamasse *Nabão* e no tempo que os Mouros senhoreárão Portugal, lhe mudárão o nome de *Nabão* em Thomar, que quer dizer *Agua doce e clara*. Isto não só consta das demarcações, que o Veneravel Rei D. Affonso Henriques fez aos Templarios das terras, e termos, que lhes concedeo, demarcando-as pelo rio Zezere, e pelo rio Thomar, e pela ribeira Bezelga, & c. mas de outros muitos papeis, e monumentos antigos do Cartorio do Real Convento de Christo. De sorte, que se antigamente o rio Nabão deo o nome á Cidade famosa de Nabancia, depois tendo-o de Thomar, o deo áquella notavel Villa, e illustre Castello tornando ao da sua antiguidade para memorias futuras. Os Escritores, que poem a fundação da Villa de Thomar mais antiga, he porque não souberão do letreiro, que assima puzemos, nem tiverão noticia do Cartorio do Real Convento de Christo. Hum moderno (Sant. Mar. tom. 3. no Introd. do liv. 6.) diz, que D. Gualdim Paes lhe pozera o nome de *Thomar* por devoção, que tinha a S. Thomaz Arcebispo de Cantuaria, e que por corrupção ficou em *Thomar;* mas para este seu dizer não allega monumento algum, nem cita Authores.

16 Com o escudo das Armas desta notavel Villa de Thomar se vê adornado o sinete antigo do Senado da Camara della nesta forma: o campo redondo, e dividido com huma Cruz em quatro quarteis: no primeiro da mão direita Britaldo com vestido roçagante, e huma insignia na mão como bastão, ou sceptro: no segundo o soldado, que degollou a Santa Iria, chamado Banão, com hum punhal, e huma arvore: no terceiro hum Castello: no quarto a Santa Virgem degollada, cahida no rio Nabão. A orla do tal sinete tem letras goticas, que em Latim dizem: *Sigillum Consilii Tomarii Ordinis Militiae Christi.* ✠. Tem esta Villa duas Igrejas Collegiadas: a primeira, e principal he dedicada a N. Senhora da Assumpção, a que comummente chamam *Santa Maria dos Olivaes* (Tombo da Igrej. de Sãta Mar. dos Olivaes) pelos muitos e grandes que a cercão. Está junto de hum regato chamado Effon, ou Evon, porque se fórma sem sahir de fonte, corre em voltas, e assim desce, e entra no rio Nabão. Foi Mosteiro de

Monges de S. Bento, e o era no tempo do martirio de Santa Iria, como deixamos escrito no Capitulo antecedente. Tambem se chamou Santa Maria do Celho, alludindo ao Veneravel Abbade Celio, tio da mesma Santa Iria (Pag. 836).

(Fr. Francisco de Sant-Iago, *Chronica da S. Provincia de N. Senhora da Soledade*. tom. I).

1763

[Lourenço Anastasio Mexia Galvão], *Compendio da vida da gloriosa Virgem e Martyr Santa Iria, religiosa da Ordem de S. Bento*. Lisboa.

1771

«57 Parece-me sou responsavel aos applicados se omitir a noticia deste nome Thomar. São varias, não só as intelligencias, que dão ao nome de Thomar muitos manuscriptos, mas de quando esta Villa se chamou Thomar. Descobrir certamente quando foy o principio em que se chamou assim, nem a sua intelligencia, eu o não pude descobrir; devemos recorrer ao que melhor se póde conjecturar. Digo, que o nome Thomar foy posto á Povoação por Gualdim Paes, e que o teve logo que fez eleição do tal citio, para fundar o Castello, e fazer a Povoação; e que elle lhe poz o nome, que tinha, até o tal tempo, o Rio que por ella passa: e que ao Rio, poz o nome deduzido da celebre Cidade, que no tempo do Imperio dos Godos, estava junto ao mesmo Rio da parte do Nascente. Chamava-se a dita Cidade = Nabancia = no que não há duvida alguma, e he escusado auctorizalo contra a brevidade, que seguimos, e o sabem muito bem os instruidos nas Historias».

58. Que o Rio se chamasse Thomar o temos por sem duvida. Depois da invasão, que os Barbaros Africanos fizerão em as Hespanhas; entre as muitas Illustres Povoações, que padecerão hum estrago total nos seus edificios, que forão muitos, ou porque em ellas encontrarão grande resistencia a entregar-se á sua obediencia, ou porque não se agradavão do citio, ou outras cousas que

ignoramos. Húma sobre que a Divina Justiça formou, ou descarregou o seu açoute, foy na Cidade de Nabancia; quanto a mim, justissimo castigo, pelo sacrilego proceder do seu Principe, fazendo morrer a ferro uma sua natural a gloriosa Santa Iria, cujo sangue clamava a Deos vingança.

Em fim a Cidade ficou reduzida a hum fatal destroço, de cujo estrago não apparecião mais que em montes de pedras as memorias de sus Nobres Edificios; o que tudo se deve presumir, sendo ella, como na verdade foy, florescente Côrte do Principe Castinaldo; e no que ficou depois, e ainda hoje se adverte, e descobre em muitos logares, que cavados para antros mais misteriosos, se descobrem nas suas ruinas.

59 Isto em quanto á Cidade de Nabancia. Em quanto ao Rio, elle sem duvida tinha o nome de Thomar; mostra-se por muitos Documentos, que deve advertir. Podéra ser o primeiro o de Julião Peres, Arcipreste da Santa Sé de Toledo no que escreve, dizendo acompanhára ao Arcipreste da mesma Cidade D. Bernardo, quando se refugiou em Portugal pelas razões, que alli escreve. Elle diz, que o Arcebispo, e elle parárão em Thomar junto a S. Cita [1].

Thomarium veni ubi prope erat Templum Santae Citae V. & M.

Este templo em que annos depois se edificou hum Convento recolleto da Ordem do Patriarcha S. Francisco, e era verdadeiramente até nesses tempos hum deserto, e hoje o vemos com muitos augmentos, que a devoção vay fazendo a expensas da piedade, excitada dos muitos prodigios, que faz no dito Templo, huma devotissima Imagem de Christo crucificado com a invocação de = O Senhor das Necessidades = poucos annos ha conduzida para este Convento. Dista o dito Templo poucos passos do Rio, que lhe lava quasi os muros da cerca do Convento; e dista da Villa de Thomar quasi legoa e meia. Ainda neste tempo se conservava nas suas ruinas sómente a povoação antiga da Babylonia, e não havia outra alguma, nem ainda Aldea, até o tempo que D. Gualdim edificou a Villa a que chamamos Thomar. De que bem se infere, que o Rio era quem tinha o nome de Thomar, e não a

---

[1] Julião Peres Chron. n. 317. (Não encontrei esta citação em *Juliani Petri... Chronicon*, impressa em Paris em 1628.)

povoação, que ainda nesse tempo não havia. Porém este Documento não merece credito algum por seu Author.

60 Deixando pois esta razão, que não satisfaz ao escrupulo dos criticos. Damos outros fundamentos innegaveis. He sem duvida alguma, que a povoação de Thomar a edificou D. Gualdim; e o nome de Thomar e lêmos repetido em a Doação, que do tal citio de Thomar, e territorio de Ceras lhe deo o Senhor Rey D. Affonso I. pela concordata da Ordem com o Bispo de Lisboa. Vai a dita Doação narrando as confrontações do dito doado territorio, e diz: *Per aquam de Murta, quomodo descendit in franginata, & inde venit ad portum de Thomar. Vertit aquam de Beselga, & quomodo descendit ad Thomar &c.*

Se não havia ainda a povoação, que se chama Thomar, quando se fez a tal Doação, a que confrontação dá o Rey o nome de Thomar? e como lhe chama; *ad portum de Thomar?* o porto indica Rio, e não povoação.

61 Accresce outro não menor fundamento. Em a Escriptura da Concordata, que se fez com o Bispo: diz ella tambem nas confrontações que assigna. *Addo etiam &c. Illis Ecclesiis quae edificaverint á portu Thomar quae est in strata de Colimbria & c. Quomodo vertit aqua de Beselga & quomodo descendit ad Thomar, & inde provenit ad stratam da Colimbria per portum Thomar & c.*

Bem se infere das palavras, e termos em que se assignão estas confrontações, que Thomar he nome do Rio, e não de Povoação; porque o nome de *Portum* he de praia, rio, ou de mar, e não de outra cousa.

62 Ultimamente na Doação em que confirmou o mesmo Senhor Rey D. Affonso I. a Doação já advertida, e feita em o anno de Christo de 1167. Em esta Doação, que confirma a primeira feita no anno de Christo de 1179, a que corresponde a data da era que em ella diz de 1207, que he sem duvida a era de Cesar; alli lêmos. *Ego Affonsus Portugalencium Rex & c. Facio Cartam Donationis & c. Deo, & Militibus Templi & c. Et vobis Fr. Gualdino in Portugali rerum Templi Procuratori & c. Inprimis per focem de Beselga & c. Quomodo vertuntur aquae contra Uzezar, & inde quomodo ferit in pelago de Almeirol, & inde per medium Tagum usque ad focem de Uzezar, et per medium de Uzezar usque ad focem de Thomar, & inde per Thomar quomodo vadit*

ad focem de Beselga & c. Facta Carta donationis, & firmitudinis. Mense Octobris Era M.CC.VIII.

Bem se convence dos termos desta Escriptura, que a fós não he de Povoação, mas de Rio, ou Ribeira; e por isso diz *a Fós do Zézere* por tres vezes; *a Fós* de Bezelga, que he ribeira; e logo tambem *a Fós de Thomar* bem mostra que he do Rio. Tudo assim deduzido, e como o que tambem dizem Cardozo, Bivar e outros muitos que se podem ver [1]. Pelo que concluimos que o nome de Thomar era o que tinha o Rio; que regava as margens do citio de Nabancia; e que D. Gualdim determinou se mudasse para a Povoação, que fizera construir de novo, não no mesmo sitio da antiga Nabancia, mas da outra parte, e a do Poente no declive do monte, aonde determinou formar o Castello, para que assim ficasse ella mais defendida das invazões dos Mouros, e se podessem recolher a ella nas occaziões; como succedeo depois naquelle que fez Ismael, e logo diremos; e ainda quando nas differenças do Infante D. Affonso, com seu Pay o Senhor Rey D. Dinis no tempo que ja alli estavão os Cavalleiros da Ordem de Christo, e sendo seu Gram Mestre D. Fr. João Lourenço, como escreveremos, se Deos der vida. Neste sitio em que hoje vemos edificada a Villa de Thomar, a construio D. Gualdim, elle lhe deo sem duvida o nome, mudando a do Rio, e pondo-o ao Rio; e para que de todo não ficasse extincta a memoria da Cidade antiga de Nabancia, lhe poz o nome de *Nabão*. E damos por satisfeita esta parte, que julgamos devida nestas noticias».

Fr. Bernardo da Costa, *Historia da Militar Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo*, Coimbra, pág. 39.

1799

«Egitania teneat de Salla usque Nabam: de Sena usque Muriellam.

Não sou eu tão presumido, que haja de cortar de hum golpe este *Nó Gordio*, que tão grandes homens julgárão indissoluvel;

---

[1] Cardozo tom. 2. *Agiol.* dia 6 de Abril. Bivar coment ad Dextr. ad an. 1138. pag 244. *Agiolog.* 6 Mart. lit. B. cap. 23. pag. 108. D. Rodrigo da Cunha past. I. *Historia de Braga.* As memorias de S. Cruz & c.

porém se no meio de tão anoveladas trevas até huma pequena luz he estimavel, desafogadamente direi o meu sentir, sujeito a quem mais acertadamente discorrer. Digo pois que os quatro pontos desta divisão correm do Nascente a Poente, e de Norte a Sul. Que *Salla* ficava ao Nascente, e que hoje he Sarça no Bispado de Coria, não longe da Raya, parece o mais conforme á verdade, De *Nabám* pouca duvida pode haver que ficava ao Occidente da Idanha, e que era a Cidade de *Nabancia*, ou o Rio *Nabám*, que depois se chamou *Thomar*. *Sena* ao Norte he sem controversia hoje a villa de Cêa, a que os nossos mais antigos monumentos chamão Sena. E finalmente *Muriella* he com muita probabilidade o Castello do *Almourol*, cujas ruinas ainda hoje admiramos no meio do Téjo, e não longe da foz do Zezere, que fazia o seu lado Meridional.

E nem o pertencer Cêa ao Bispado de Coimbra, se oppoem ao nosso pensameuto; pois a divisão não declara se nella se incluia, ou não o *Territorio de Sena*; mas antes o devemos suppor excluido, principiando a Diocese Egitanense na ultima baliza do seu termo. Egualmente se não oppoem a Doação *do Castello de Cêra* feito aos Templarios por El-Rei D. Affonso Henriques no anno de 1159, em cujo Territorio se estabelleceo o *Nullius* de Thomar, por se não poder averiguar jà naquelle tempo, se aquelle tracto de terra pertencera algum dia á Idanha, se a Coimbra, se a Lisboa. Ao menos no mesmo anno de 1159. D. Gilberto, Bispo de Lisboa, demittio todos os Direitos Episcopaes, que a sua Igreja tinha, ou podesse ter, nas que já estavão fundadas, ou de novo se fundassem, no termo de Cêra, cujos limites erão os seguintes: *Quomodo dividit per flumen Ozenar, ubi vocatur Portum de Karris: & inde per mediam stratam usque ad Monasterium de Murta: & inde per aquam de Murta, quomodo discurrit in Fraxineta: & inde venit ad Pertum de Thomar, qui est in strata de Coimbria, quae vadit ad Santarem: & inde per mediam stratam per portum de Ourem et inde per mediam stratam, quomodo vadit per sumitate de Beselga: & inde per lonbum contra Santarem, quo vertit aqua ad Beselga, & quomodo descendit ad Thomar, & inde descendit in Ozezar, & inde ad Portum de Caris.*

E tal era o destrito de Nabancia, em que se havia fundado successivamente o Castello de Cêra, que ultimamente se trans-

ferio a Thomar, e cujas Igrejas o Bispo de Lisboa libertára; resalvando com tudo para a Mitra sinco soldos annuaes em cada huma dellas, se judicialmente se viesse a decidir, que antiguamente forão do seu Bispado, *Ex stamen tenore, et ea conditione: si Ecclesiae infra proedictos terminos de Cera constructae, etc.*

Porém a questão era de *facto* em hum tempo, em que as luzes eram poucas ou nenhumas; a Cathedral Egitanense jazia inteiramente assolada, que não só viuva: os fundos mesmo das Igrejas, que os Templarios edificarão, forão desde logo offerecidos a S. Pedro de Roma *Devotionis introitus.*

O mesmo Principe se declarou a favor desta isenção, pouco satisfeito que D. Gilberto lhe invigorasse a que primeiramente havia concedido á Ordem do Templo nas Igrejas de Santarem: muitos pontifices haviam confirmado este *Isento:* e finalmente os Bispos de Lisboa decahirão na causa em juizo contradictorio, julgando Innocencio III, no de 1216, que *as Igrejas*, e povo de Thomar eram isentos de toda a Jurisdicção Episcopal, e immediatos á Sé Apostolica: sentença que confirmou Honorio III. em o I. anno do seu Pontificado. E então que poderião fazer os Bispos Egitanienses, (já então da Guarda) vendo se sem titulos, que no meio de tantas trevas pudessem reivindicar os Direitos que nas Igrejas de *Nabám* antigamente lhes pertencerão?... Doc. de Thomar».

«Apossados os Templarios do Territorio de Cêras, procurarão lògo hum sitio accomodado para nelle estabelecerem a Capital da sua ordem nesta Monarchia, e o acharão no lado esquerdo do *rio Thomar*, e sobre as ruinas, já quasi imperceptiveis, da famosa *Nabancia*. Alli fundarão a 1.ª Igreja com o titulo de *Santa Maria do Olival*, onde era tradição existira antigamente um *Mosteiro*, e immediato a ella fundarão o seu principal Convento, que existio até que foram extinctos. E como a Ordem de Christo principiasse em Castro Marim, foi esta Casa, por deserta, arruinada, e a Igreja reduzida a Parochial, curada por Vigario, Freire da Ordem. Porém ao mesmo tempo, que levantarão Casa, e Templo para os exercicios da Religião, procurarão levantar hum Castello para defensa da terra, e exercicio Militar. E como o de *Cêra* já então pouco mais tinha que o nome (pois hoje nem o sitio se mostra com certeza) logo, no 1.º de Março de 1160 se lançarão os fundamentos ao temeroso Castello

de Thomar sobre um alto e escarpado cerro, á parte Occidental do Convento, e sobre o lado direito do *rio Thomar*, que dando-lhe por então o nome, com que os Mouros o tinhão baptisado, por ser rio de agua doce, e clara, se contentou depois com o de *Nabão*, alludindo á cidade que antigamente banhara. E depois se pode ver o fundamento com que alguns se persuadirão, que de S. Thomaz de Cantuaria nascera o nome de Thomar, padecendo aquelle Santo no de 1171 e principiando o Castello de Thomar 11 annos antes». Pag. 358.

Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, *Elucidario*, tomo II.

1804

«Castrum Cæsaris, que com o tempo se chamou Castello de Ceras. Existio elle no districto de Thomar, segundo *Brandão* na *Monarquia Lusitana* (Tom. VI. cap. XI, pag. 323), que alli o dá fundado por Julio Cesar, quando veio pacificar esta Provincia contra os Pompeienos, seus adversarios. As ruinas delle se vião em hum mosteiro, perto da *Ribeira de Ceras, e a Aldeia chamada Calvinos*. De presente quasi se lhe ignora o sitio aonde existio».

Francisco do Nascimento Silveira, *Mappa breve da Lusitania Antiga*, pág. 220.

Nabancia. Foi Cidade conhecida nos Seculos passados; e existio perto de donde hoje he Thomar; e o rio *Nabão* a separava deste sitio, como dizem as nossas Historias. De Naba, que *Argote*, crê ser Nabancia, se lembra a Divisão dos Bispados, feita pelos tempos del Rei Bamba. Tanto o rio, como a Cidade, reproduzida no Castello, que alli fundou *D. Galdim Paes*, reteve o nome de Thomar, que lhe pozerão os Mouros, quando a dominarão; e não de *S. Thomaz, Arcebispo de Cantuaria*, como creo *Cunha* na *Historia dos Arcebispos de Braga* (tom. II), cap. XIII, p. 55), hé que lhe veio o nome, como mostra o Elucidario (tom. II, p. 359). Alguns opozerão aqui Tacubis». Pág. 255.

1805

«*O de Thomar*, que se diz fundado em 641. Nem o lugar, nem a data favorecem esta tradição. Pela data, era preciso que o Santo o fundasse muito nos principios da sua missão: e estes sabe-se que forão passados na Provincia da Galliza; donde não consta que o Santo sahisse senão para Merida, depois para Andaluzia, donde quiz embarcar para o Oriente pouco antes de ser promovido ao Bispado de Dume, no qual não entrou senão depois do anno de 653, como vimos».

[Antonio Caetano do Amaral?] *Vida e Regras religiosas de S. Fructuoso bracarense*, Lisboa, pág. 174.

1843

«Igreja de Santa Maria do Olival, matriz de todas as outras igrejas da Ordem de Christo.

Este venerando santuario é coévo com a fundação do convento e castello dos Templarios em Thomar. Da sua construcção primitiva apenas lhe resta o frontespicio, ou fachada voltada ao poente, fazendo como correspondencia áquelles convento e castello que olham ao nascente; assentados estes sobre um despenhado monte sobranceiro á villa na margem direita do rio Nabão; aquelle n'uma pequena planicie, levantada com declive doce, na margem esquerda. Distam entre si estes edificios um quarto de legua ou ainda menos, ficando-lhes a povoação da villa de permeio; communicam-se pela ponte de Thomar, que suppômos da mesma data. Muita cousa se tem dito da antiguidade do sitio; da cidade de Nabancia, ahi assentada nos tempos gothicos; do conde ou governador do territorio, *Castinaldo*, e de seu filho *Britaldo*; da santidade e martyrio da Virgem St. Iria ou Irene; e do mosteiro de benedictinos que ali havia, encostado ao mesmo antigo santuario; bem como fallam do outro mosteiro, situado um pouco acima na embocadura do rio Effon que desagua no Nabão, onde era prelado o abbade Selio, tio daquella santa...

«O sobredito Pedralvares personagem devia ser da Ordem de Christo, ouvidor talvez, porque se lhe deu sepultura dentro da

igreja. Começa elle por escrever, que aquella igreja de Santa Maria do Olival havia sido construida para mosteiro de monges negros no ano de Christo de 653, em tempos de Santa Iria;...

«Igreja ou capella de S. Perofins. Suppõe-se que esta era a da primitiva, orago do mosteiro de monges benedictinos, a mesma que era parochia da antiga Nabancia, onde frequentava o culto Stª. Iria. Parece que depois de varia fortuna a reedificou Filippe 2.º de Castella, e pertende o livro do Tombo que uma lapide, posta sobre a porta principal, della, attestava em letreiro sua origem antiga».

«A curiosidade de haver ali um livro d'annaes, como o da Noa de Santa Cruz de Coimbra, nos faz deplorar a sua perda total. Diz o Tombo:=Tinha esta igreja um livro chamado Beserro, em que se escreviam, alem d'outras cousas, a canonisação dos santos que foram do bispado [talvez quisera dizer da prelasia]; —as victorias alcançadas sobre os infieis... estava a vida de St.ª Iria &. c. Constava delle que o ouvidor Bartholomeu de Seabra o mandára encadernar. Mas este livro perdeu-se.=

O Panorama, serie 2.ª vol. II. St.ª Maria do Olival, pág. 349, 364, 374, 381, artigos de J. da C. N. C.

1846

«...é certo que um corpo de tropas, tendo avançado até as proximidades do Nabão, foi destroçado no sitio chamado Thomar (se não era antes este o nome arabe do rio), onde annos depois os templarios construiram a casa capitular da ordem e o forte castello que ahi subsiste ainda» (1).

Herculano, *Hist. de Portugal*, tom. II, fl. 155.

1862

«O mesmo D. Gualdim, emquanto cresciam as paredes da fortaleza e da casa da oração lançava os fundamentos de uma povoação na planicie visinha. A' povoação e ao castello deu o fundador

(1) Era 1175 evenit infortunium super christianos in Thomar.

o nome de *Thomar*, que era o que os moiros deixaram ao rio, e que ao diante se tornou a mudar no antigo de *Nabão*» P. 71.

«As prosperidades e sollicitude da primeira metade d'este reinado (Dom João V) fizeram-se sentir na villa de Thomar. A estrada, que a ligava a Lisboa, a Coimbra, e ao norte do reino, foi feita de novo, e as suas pontes foram reparadas, ou reconstruidas. O oiro que affluia continuamente do Brazil a Lisboa, refluindo da capital, como coração do reino. para todos os membros deste corpo, animou as industrias em todo o paiz, e Thomar floreceu a seu turno. Porém a nova estrada por Leiria, mandada abrir pela rainha D. Maria I, dando outra direcção aos viandantes e ao commercio interior, foi causa de recomeçar a decadencia de Thomar, que não progrediu d'ahi por diante já pela ruina da sua estrada, já pelas terriveis consequencias da guerra do principio d'este seculo».

Vilhena Barbosa, *As cidades e Villas da Monarquia Portuguesa*, Lisboa, vol. III, pág. 77.

1871

«Junto á Colonia Scalabis, e portanto, pouco mais ou menos, ao pé de Santarem, separava-se da estrada que, mais pelo norte, ia de Olisipo a Merida, aquella que ligava Olisipo e a mencionada colonia com Bracaraugusta, cidade situada ao norte, na provincia Tarraconense. E' ponto muito duvidoso se a dita estrada, correndo pello valle do Tejo, se a adiantava até á região de Thomar, como geralmente se suppõe: tambem aqui se conhece a falta de averiguação topographica dos restos da estrada. A estação que immediatamente se segue no Itinerario Sellium, é collocado pelos antiquarios portuguezes, em virtude só de uma remota semelhança de palavras, junto a Seixo (*sic*), povoação cujo nome se encontra muitas vezes...

No muro da torre principal do convento de Thomar, séde da ordem de Christo, estão embebidas tres inscripções, que o padre Joseph de la Bandera diz (não sei com que fundamento) no seu *Sermon penegirico de S. Benito* em Thomar, terem sido achadas nas ruinas de uma antiga cidade perto do rio Nabão. Esta cidade

tem uma parte na historia completamente mythologica da fundação de Santarem, por ter sido em Nabantia que se diz soffrera Santa Irene martyrio. E' nisto que se baseiam os modernos escriptores para confiadamente appellidarem de Nabantia a moderna cidade de Thomar não obstante aquelle nome, exclusivamente derivado do rio Nabão, ser desconhecido a todos os antigos auctores...

E' tambem possivel, se não mais verosimil, que a estrada logo em Santarem se inclinasse para o poente na direção da costa, como acontece hoje, e que transpozesse o Monte Junto talvez na altura das Caldas da Rainha».

Hübner, *Noticias archeologicas de Portugal*, Lisboa, pág. 53.

1879

«Ao mesmo tempo que iam crescendo as paredes do castello fundara D. Gualdim Paes uma povoação por baixo da mesma fortaleza, na planicie que se estende entre a raiz do monte e o rio.

Deu-lhe o nome de Thomar, que até então era o do rio, passando este a denominar-se Nabão, nome que tinha antes da invasão dos saracenos, e que déra o nome á *Nabancia* ou *Cidade de Naban*, que se erguia, como dissemos, na sua margem esquerda se é que não foi, pelo contrario, a cidade que deu o nome ao rio, por lhe passar junto». Pág. 36.

«Está situada esta egreja [de Santa Maria dos Olivaes] em um terreno na margem esquerda do rio Nabão, como já dissemos. Este terreno tem bastante declive da frente para a parte posterior do templo, de maneira que a porta principal (que agora é a unica) fica elevada cerca de dois metros do pavimento, para o qual se tem de descer por uma escada de pedra de oito degraus.

Achamos em mais d'um escriptor que D. Gualdim Paes reedificara a egreja do antigo mosteiro benedictano; todavia não se descobre parte alguma do templo, quer interna, quer externamente, que pareça anterior ao seculo XII. E' pois de crer que a construção de D. Gualdim Paes fora completa e que não resta vestigio algum da egreja benedictina, pois sobre as suas ruinas é que a da Sancta Maria provavelmente se elevou». Pág. 117.

«Tem alteado tanto o terreno do adro, que para não obstruir

a entrada da egreja, se construiram em volta umas escadas com nove degraus de pedra, os quaes é preciso descer para chegar á porta. Estes degraus, mandados construir provavelmente na mesma ocasião em que se demoliu a Galilé, são campas cortadas e affeiçoadas áquelle fim, nos quaes, ainda ha pouco, se viam caracteres das inscripções sepulchraes e que a recente regularisação dadas ás superficies, totalmente apagou.

Como não ha nas proximidades da egreja terrenos mais elevados, aquelle alteamento do solo não poderá deixar de ser devido ao desmoronamento ou demolição de edificios contiguos, que não poucos alli existiram, construidos em differentes epochas até aos fins do seculo XIII ou principios do seculo XIV Eram esses edificios, além do mosteiro benedictino, muitas casas e varias capellas em torno da egreja ou pouco distantes d'ella. Duas d'essas capellas tinham a invocação de S. Miguel, outras duas de S. Perofins e de Santa Maria Magdalena. De todas estas construcções só resta algumas memorias escriptas e os materiaes desfeitos formando entulhos». Pág. 120.

José Antonio dos Santos, *Monumentos das Ordens Militares do Templo e de Christo*, Lisboa.

1885

«Irène naquit à Tomar, dans l'Estramadure portugaise, de parents nobles et d'une haute piété, qui confièrent son éducation à ses deux tantes, Julie et Chaste, supérieures d'une communauté de saintes filles. Sélio, oncle d'Irène et abbé d'une monastère voisin... il chargea de sa direction un religieux de son abbaye, nomée Remy... Dans une de ces sorties, un jeune seigneur, nommé Bertauld... Celui-ci, ayant trouvé la Sainte á genoux sur le bord de la rivière de Nadan... La rivière de Nadan les avait rejetées dans celle de Nézère, et celle-ci dans le Tage...»

Cfr. *Acta Sanctorum*, au 20 juillet.

Les Petits Bollandistes... Par Mgr. Paul Guérin... Tom. XII p. 482.

«Sainte Irène, *Irenes*, moniale bénédictine, eut la gloire de verser son sang pour la foi durant la persécution arabe, à Scalabis qui a pris le nom de Santarem, dans la province d'Estremadure, au Portugal

Saint Iréne est patronne de la ville de Santarem.

Il reste une Passion ancienne de sainte Irène publiée par Florez et par les Bollandistes.

Acta Sanctorum Boll. 20 oct., t. VIII, p. 902-912. Texte de Florez, t. XIV, et l'ancien breviaire d'Evora en Portugal.

Ménard. — Martyrologium Benedictinum, p. 91.

Supplément aux vies des saints et spécialement aux petits Bollandistes... par le R. P. Dom Paul Piolin, Paris, t. III, p. 295.

1897

«Na divisão dos bispados de Hespanha, atribuida ao rei Vamba, morto em 687, J. C., e descripta no livro chamado *Itacio*, o bispado de *Egitania*, depois Idanha, é assim delimitado: *Egitania* (var. *Edigitania*) *haec teneat: de Salla usque Nabam, de Sena usque Muriellam*. Viterbo identifica *Salla* em Sarça no bispado de Coria; *Nabam* em Nabancia, depois Thomar; *Sena* em Ceia; e *Muriella* com o castello de Almourol.

Revista de Engenharia Militar, II, Lisboa, 1897, p. 33. Artigo de Manuel Osorio, com informações do sr. Esteves Pereira.

1909

Ciclo santoral — Lendas piedosas.

1 — Santa Iria; Santa Helena; Santa Irena; Iria-a — Fidalga (*Romanceiro*, vol. II, p. 507 a 528.) Appareceu pela primeira vez nas *Viagens da minha terra*, de Garrett, (t. II, p. 35). Discute ahi, com grande senso critico, as origens monasticas da lenda da padroeira de Santarem em desacôrdo com a tradição poetica popular. No *Breviario* de Evora, (20 de outubro) refere-se a lenda do martyrio de Irene, filha de Hermigio e Eugenia, que viviam junto do rio Navanis; o seu director espiritual o monge

Remigio deu á donzella uma beberagem com que ella logo se sente pejada, como no romance de *D. Ausenda*, e o namorado Britaldo, em despeito mata-a, como no romance do Rico Franco, diz o Breviario... Do nome primitivo Iere ou Eiri, o templo ou logar sagrado á borda dos rios, vem a personificação da Capelinha dedicada a Santa Iria, e deste nome a lenda monastica de Santarem, etc.

A legenda piedosa pode ler-se na *España Sagrada* de Florez; mas o que torna este romance importantissimo para o ethnologo é ser um vestigio quasi extincto do tempo da revolta dos Foraes em Portugal. Segundo o *costume* de muitas terras, era defeso aos cavalleiros exigirem pousada dos burguezes e villãos; as extorsões senhoriaes tinham feito proclamar este principio da inviolabilidade da casa do cidadão. No Foral do Porto, no de Coimbra e Santarem se acha proclamada esta fórmula justa, que no romance popular parece um tanto crua:

> Passa *um Cavalleiro, pediu pousada,*
> *Meu pai lha negou*: quanto me custava!
>
> Já vem vindo a noite, é tam só a estrada..
> Senhor pae não diga tal da nossa casa;
>
> *Que a um cavalleiro, que pede pousada,*
> *Se fecha esta porta á noite cerrada.*

Estas estrophes são tiradas da versão de Santarem, onde existia a garantia do Foral. (Vidé a minha *Historia do Direito portuguez*. Parte I, Cap. II, p. 31). Não se imagina a immensa luz que a poesia de um povo espalha sobre a sua historia; grande parte do direito consuetudinario portuguez acha-se perpetuada na poesia popular.»

Theophilo Braga, *Romanceiro geral portuguez*, III, pág. 593.

1910

«Logo que entraram na posse do territorio de Cêras, procuraram os templarios logar acommodado para nelle edificarem um

mosteiro que fosse a cabeça da sua ordem neste país, e encontraram-no em a margem esquerda do *rio Thomar*, sobre as ruinas da famosa *Nabancia*. Ahi fundaram a primeira igreja sob a invocação da *Santa Maria do Olival*, onde, segundo a tradição, existira antigamente um mosteiro; e junto a ella edificaram o convento que tiveram por principal até que foram extinctos.

Procuraram ao mesmo tempo levantar um castello para defesa da terra, e no 1.º de março de 1160 lançaram os fundamentos ao notavel *castello de Thomar*, sobre um alto e escarpado cerro, á parte occidental do convento e na margem direita do rio, que depois teve o nome de *Nabão*, em memória da cidade que outr'ora banhara.

Fortunato de Almeida, *Historia da Igreja em Portugal*, tom. I, pag. 316.

1910

«Atravessando o termo das Pias existiam varias vias. A principal parece ser a conhecida por estrada coimbrã, estrada real, estrada de Santarem a Coimbra e de Thomar para Coimbra. Deve ser a mesma designada na doação do Castello de Ceras por (Portum de thomar qui est in) *strata de colimbria que vadit ad santaren* *O Arch.* XIII, p. 265], tocando em Thomar ja em 1159.

Quem tenha presente os itinerarios das vias militares dos romanos poder-se-ha convencer, como pensou o Sr. Christovam Aires (*Hist. do exercito port.* vol. II, p. 187), que uma destas vias, a de *Olisipo* e *Bracara Augusta*, era esta strata que passava «porventura pelo sitio hoje conhecido pelo nome de Bizelga, em direitura a Condeixa-a-Velha (*Conimbriga*), passando talvez por Alvaiazere, Ancião, Rabaçal», etc.

Em carta, porém que o meu amigo Sr. Marques Rosa me dirigiu diz-me:

«Não ha nos arredores de Alvaiazere vestigios indiscutiveis da grande estrada militar romana de que fallam Ptolomeu e o naturalista Plinio e ligava Lisboa a Braga e, mais proximamente, Nabs e Aeminium. Eu encontrei — e substitui — um grande troço d'essa magnifica via, entre os logares da Benedicta e Venda das Raparigas, aquando da construcção da estrada de Alcobaça a

Rio Maior. Tive occasião de admirar as condições da construção, com os seus marcos milliarios e os seus muros de supporte a calçadas poderosamente feitas. Nenhum d'esses vestigios aqui encontro.

Muito embora Ferraz de Macedo, no opusculo *Lusitanos e Romanos*, informe ter encontrado no caminho que segue da velha necropole de Alvaiazere para o logar das Laranjeiras (1500^{m} ao N.) calçada romana feita em marmore de Ançã — e até ter visto junto ao ribeiro proximo, uma linha de pedestaes que teriam servido a supportar estatuas — como tinha observado nas ruinas de Herculaneum e de Pompeia — temos que relegar tudo isto para os dominios da phantasia, porque elle não viu tal coisa».

Posta pois de parte a hypothese da via militar cortando esta região, pela auctoridade archeologica e conhecimento *de visu* do Sr. Marques Rosa, fica-nos só esta certeza de que, porventura desde o tempo dos romanos, existiu uma *strata*, que atravessava quasi no seu estremo o termo das Pias.

«Ainda hoje existe, continua o sr. Marques Rosa, na estrada que segue da Alvaiazere para Thomar uma ponte romana, a *ponte do Pereiro*, que parece ter sido, attenta a sua extensão, os seus dois arcos e mais dois olhaes, tudo de desigual abertura, um viaducto para uma longa e importante estrada. Mais áquem della não apparece nenhum dos destroços e vestigios que seria inevitavel existirem».

A. Baião, *A villa e concelho de Ferreira do Zezere*, n'*O Arch. Post.* vol. XV, pág. 175.

INTERPRETAÇÃO DO AUTOR

A interpretação que damos ao famoso facto, que é como que o nucleo da lenda que até nós chegou tão romantizada em prosa e em verso, é a seguinte.

Refere La Rochefoucauld, nobre fidalgo, grande moralista e primoroso escriptor francês do século XVII, nas suas *Reflexões ou Sentenças*, obra inultrapassável de concisão e de relevo nos pensamentos, que nos grandes erros há sempre uma parte de verdade, o que nos faz, parafraseando-o, dizer que nas grandes lendas alguma cousa há de verdade.

Ora a *verdade*, o *núcleo*, do nosso caso o que se conta nesta lenda vulgar foi sempre emquanto houver mundo e habitado pela frágil humanidade.

Vulgaríssimo é ao presente.

Um drama de amor que passou a tragédia.

Hoje teria um fantasioso e exímio jornalista a desfiar-lhe todo o entrecho, chegando ao romance... à lenda.

Na Edade-Média não havia o jornal a explorar o caso à *sensation*, mas havia a fé com a pureza da sua crença, na romantização dos seus milagres, na tragédia dos seus martírios.

Este, como muitos outros casos milagrosos, para nós [1] teve um fundo verdadeiro, mas temos que enquadrá-lo nos moldes do verídico, do aceitável, esclarecendo-o mais ou menos, pela sciencia.

Simples é êle.

Imagine-se uma mulher linda a valer, de tipo luso-godo: alta, esbelta, cheia de vida e mocidade, de ondeantes cabelos loiros caidos em bandós, moldando uma airosa cabeça, onde dois largos e meigos olhos azuis se abriam num riso de bondade, um nariz se afilava numa linha de estatuário e uma boca, em til, se

(1) Só quem no dia 13 de Outubro de 1917 não presenceou em Fátima o eloqüentíssimo facto a que assistimos, pode duvidar do que seja a força da religiosidade dum povo e, portanto, o exagêro dele, criando as lendas.

De há muito vinha a anunciar-se pela boca de duas creanças que nêsse dia havia de aparecer no céu sinal que confirmaria certos dizeres delas.

Assim foi.

Nós fomos de Thomar a Ourém no cumprimento de uma penosa visita, mas fomos cedo para depois podermos ir até Fátima.

Toda a noite se foram acumulando nuvens, tocadas por vento sul, o que muito entenebrecia a atmosfera, começando a chover pela madrugada e manhãzinha, sem que as estradas deixassem de ser concorridas por pessoas que se encaminhavam para o já tão falado logar.

Pequeno espaço houve de manhã em que não chovesse, tendo, depois das 10 horas, a tempestade tomado agigantada proporção: vendaval, chuva, relâmpagos e trovões.

Nada disto, contudo, fazia com que a larga cova, em cujo fundo estava um estrado para as creanças, se fosse cobrindo de crentes que, enchendo-a, transbordavam pelas estradas circunvizinhas.

A inclemência do tempo não tem bonança, recresce mais e mais, e a hora predita aproxima-se.

Todos se apinham e se aconchegam, o mais que podem para perto das

desenhava numa expressão de castidade e de santidade, levantando-se todo êste esplendor sobre um torneado colo alabastrino e pujante de frescura, como a flor que se expande, mergulhando sua haste elegante e viçosa numa ânfora de maravilha, saida por milagre da fantasia quente dum artista.

A sua voz tinha a ternura dos anjos e as suas palavras o ritmo harmonioso das aves do céu.

Sobrinha de abade e de duas freiras, com quem vivia, de bem nova se entregou às praticas de puro misticismo que imprime, pela edade adeante, ao seu psíquico, um rigoroso cumprimento de seus deveres morais e ao seu gentil corpo um ar de atracção, de fascinação e de modéstia, arredando-a de aparições entre as gentes, a exibições públicas.

Mas por mais que faça, por mais que se oculte, uma ocasião tem que aparecer e ao vêl-a um rapaz, cheio de fogo moço, prende-se de seus encantos, escravisa-se de seus enlêvos.

Já dizia Sócrates: a formosura era uma tirania.

Tenta mais vezes vê-la, admirar-lhe a fascinante figura, ouvir-lhe a meiga voz, incendiar-se no lume de seus grandes olhos, mas em vão, originando, na sua pureza de intenções, na sua ardência de sentimentos, doença que o arrebataria, se não chega a

creanças que, chegada a hora, falam, e a furia dos elementos é, por encanto, suspensa.

Sublime instante!!

O Sol aparece, sendo visto como que bailando através de diáfanas nuvens, o que faz soltar rápida e unisona da boca de mais de quinze mil pessoas a palavra — milagre! — chegando a sua grande fé a ver Nossa Senhora resplandecer no astro do dia.

Como dissemos, assistimos ao acontecimento, mas mais como expectador, do que como crente, pois por essa ocasião ainda sangrava nossa alma de grande descrença, mas afiançamos, o que mais nos impressionou, o que mais nos tocou a sensibilidade, o que mais nos maravilhou foi a rapidez sublime do movimento de toda essa massa de gente que, decerto, não só de crentes se comporia, gritar numa estrondosa hossana -- milagre, milagre, quinze mil vezes milagre!! —

Digam o que quizerem, expliquem como quizerem, para nós o milagre foi êste: ver levantar, como impelida por poderosa máquina eclétrica, diante dum fenómeno natural tantas vezes visto por nós, todo esse povo, toda essa multidão, como se fosse uma só pessoa inabalável na sua grande fé!!

Maravilha das maravilhas!!

Como será ela narrada daqui a séculos, enroupada pela fantasia de centenares de gerações?

saber da pureza das intenções e da grandesa do sentimento daquela que era do céu e não da terra

Consolado com essa idea, vivendo ia.

Quantas vezes não viria êle, rio abaixo, e iria rio acima, em breve batel, espreitá-la, ver se através das reixas do convento, poderia enxergar o vulto airoso da mulher amada, da mulher querida que lhe tinha roubado o sossêgo de sua alma de rapaz, na alegria da mocidade?

Quantas vezes não se dirigiria êle à igreja conventual a ouvir o côro, a notar se no meio dele, destacaria a doce voz dessa mulher que era a constante figura de seus sonhos, dessa mulher que era, para êle, a expressão máxima da beleza e do amor?

Quantas vezes êle não procuraria o local primeiro, em que teve a dita de pousar os olhos no seu elegante vulto para tornar a encontrar essa mulher loira, que lhe tinha fugido e cujos encantos o prenderam sem deles se poder desenlaçar, sem lhe poder quebrar a sedução?

Quantas vezes enfim, nas lides do dia, se não lhe pararia o cérebro, ao pobre moço, preso pela idea fixa da sua intensa paixão à mulher enamorada que êle via casta, como os lírios dos campos, pura como as gotas hialinas de orvalho nas corolas das rosas dos balseiros do rio, onde o rouxinol com seus ritornelos, pelo primaveril Maio, punha notas festivas de vida e de amor?

Um sem-número de vezes; e, assim triste e pesaroso gastava e consumia a vida!

Ela, a grácil moça, se mais pudesse ser, aumentava de perfeições materiais e espirituais, proporcionadas estas pelo preceptor que é homem de letras, mas, como homem, é... pecador.

Tambem a atraente formosura da discipula lhe sobe à cabeça e, endoidecido por tanto amor, começa em diabolica sedução.

Bem dizia S. Jerónimo, que êle devia conhecer muito bem, como lido que era: a formosura é um esquecimento o uso da razão.

Sabendo-o, desculpava-se a si próprio e continuava.

Palavras sem sentido, frases misteriosas são proferidas, que a candura de Iria não percebe, mas afincadamente renovadas e entendidas por fim são claramente despresadas, o que mais atiça o pobre tresloucado,

Este não desarma, e a sensitiva noviça começa a irritar-se.

Desta, a tara nevropata é despertada e exquisita doença a assalta lentamente, desiquilibrando-lhe o psíquico e desenleganteando-lhe o airoso vulto tão cheio de gracilidades.

Aborrece tudo e todos, e até por ver quebrada a veneração que pelo mestre nutria, cujas insistentes importunidades lhe vão alimentando esse mortificante mau estar.

Daí, uma neurastenia se estabelece e o aparelho gastro intestinal começa a ressentir-se sobrevindo uma enterocolite, cujas crises a alarmam e às suas íntimas.

Cada vez mais tristemente desapegada do mundo, mais pressurosamente se afervora nos sedentários serviços divinos que lhe fazem sobremaneira aumentar o mal.

As crises recrescem de intensidade e a indisposição, o cansaço, a anorexia, as náuseas, os vómitos e por fim, o meteorismo abdominal denunciam a sua suposta gravidez de pecante origem.

Na ignorância médica do tempo, êste último sintoma é que aguça os comentários que vão alargando de âmbito, até que galgam por cima do diabólico aio, que, num despeito selvagem, acaricia a perda daquela que o aborrecia.

O segrêdo claustral é rompido e a falsa notícia, em breve, numa freima domoníaca, chega ao mal-são rapaz, que, na sua dignidade de apurada e nobre estirpe, é sacudido por infame repelão.

De cogitação em cogitação, o seu veemente e cego amor ainda quere perdoar, mas o desfeiteado namorado, louco, mas digno, prepara a vingança a cevar na que tão infielmente o enganara e pronto magano é armado a tirar-lhe a vida.

Gemendo aos efeitos da sua *prenhez-fantasma*, Iria aparta-se para longe e, por vergonha também, do rancho alegre das companheiras.

Talvez por uma tarde dessa soberba estação, branda de luz e doce de temperatura, a que se chama outono, à hora em que o sol, escondendo-se em ondas de ouro por detrás dos além montes do ocidente e vestindo o oriente com as côres esmaecidas, mas lindas, do seu morrer com que a natureza enriqueceu o céu do entardecer da nossa linda terra natal, por alí, ora em sítio calmo e ermo, junto ao rio, é vista pelo comprado espiador, que de um salto a subjuga, mata e, para não deixar rastro do seu nefando crime, a arroja à corrente.

Vinte de Outubro, o Nabão, já sem açudes, abundante de águas por acabamento de regas e pelas chuvas outonais, esconde o alvo e puro corpo daquela que tudo e todos perderam, daquela que, como diz o grande Padre António Vieira, era na realidade virgem, prudente e prudentíssima, mas que na opinião do mundo era louca, e leva-o ao arrogante Zézere que o lança no brando Tejo, cujos salgueiros o prendem nas praias amplas e brilhantes que se estendiam aos pés dos altos montes, onde, em famoso castelo, se enroqueirava a altiva e nobre Scalabis.

Como de calcular é, a ausência de tão falada menina, mais falada a faz, e, de procura em procura, primeiro os parentes, depois os servos dos dois conventos, e, por fim, o povo, são tomados pelo delírio das grandes ocasiões.

O local é esquadrinhado e nada é visto que denuncie o paradeiro da desventurada que só seu sangue rubro, no cairel de recôndito pego, indica ter sido ao rio arremessada.

Este é seguido, depois o Zézere e a multidão, com o abade à frente, em vão procura, segue avante e as margens do Tejo, ainda por milhas, são percorridas, até que os preciosos restos lhes são deparados.

O que a Justiça medieva fez não sabemos.

Hoje uma autópsia era ordenada e o subseqüente enterramento com grande e grave perda das finanças dos poderosos quotidianos da grande publicidade.

A fé, daqui por deante, tem a palavra, começando por erguer na margem do rio uma capela atraïdora de numerosa concorrência de romeiros, que, tendo sido encontrada pelos árabes no século seguinte, êstes, se não já antes os cristãos, influenciados pela popularidade do nome, o deram à cidade, que se levantava no alteroso monte.

Para nós acaba a hipótese histórica.

Nisto se resume pois o caso milagroso que faz entrar Nabância, Ermígio, Eugénia, Casta Júlia, Iria, Sélio, igreja de S. Pedro [1],

[1] Esta igreja ou capela de S. Pedro Affins, que, segundo os inqueridos em 1317, tinha o nome de *Fiie*, *Fiit* e *Fiic* e que pelo tempo adiante deu aquele nome, cujo Santo não conhecemos, foi ligada pelos buriladores da lenda a Santa Iria, aparecendo-nos como sendo uma das oito capelas que o desenvolvimento da fé nos séculos XV, XVI e subseqüentes, alimentou e fez construir.

Existiam elas ao nascente do Nabão, sendo a mais afastada de Thomar,

Britaldo, Castinaldo, Cássia, Remigio, Banão, Nabão, Zézere, Tejo e a predestinada Santarém para tantos milagres gerar em seu seio.

O povo da vasta região, banhada pelos três rios, avoluma o drama e a tragédia, e o tempo, perpetuando-a, engrinalda-a com

Santa Marta que ainda subsiste, tendo pertencido todas á freguesia de Santa Maria dos Olivais que outras tinha também a poente.

Aquelas eram: Santa Maria Madalena, S. Pedro Apóstolo, S. Pedro Affins, S. Miguel, S. Braz, St.º André, Santa Cruz e Santa Marta.

RUINAS DA CAPELA DE S. MIGUEL

Da de S. Miguel ainda existem restos que mostram ter sido artística e rica na sua fábrica e decoração, o que se pode vislumbrar da nossa gravura.

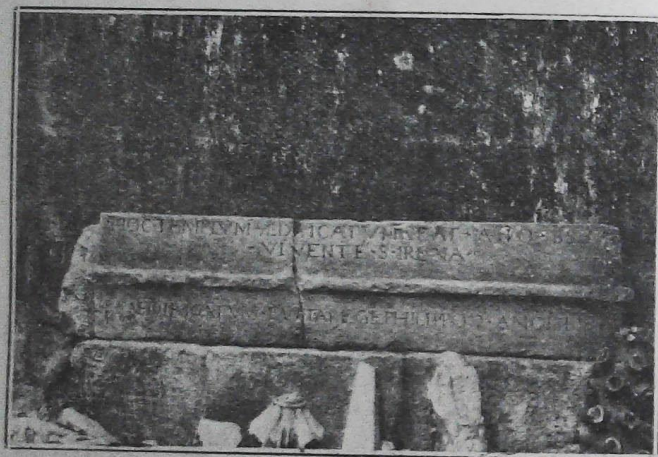
Pena é que os sucessivos soterramentos da outrora *Horta de El-Rei* e hoje *Sporting* a tenham transformado numa poça devido às infiltrações do rio.

Á de S. Pedro Affins, pela razão acima apontada, ligar-se-lhe-há uma grossa pedra que devia ter servido de padieira e que, tendo estado por muitos anos na parede poente do cemiterio de Thomar (ali colocada naturalmente por terem demolido a dita capela quando da feitura dêste) foi levada para o Museu da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo.

as flores da lenda, que tão linda é e que, ao lê-la, tanto nos dulcifica as horas tristes e amargorosas que nos têm assaltado a vida.

Nessa pedra encontra-se a seguinte inscrição, como se vê da nossa gravura.

HOC.TEMPLVM ÆDIFICATVM ERAT ANO.653
VIVENTE.S.IRENA.

REAEDIFICATVM.FVIT.A REGE PHILIPPO.2.º ANO 1617

PADIEIRA DA CAPELA DE S. PEDRO AFFINS

que traduzida dá:

ESTE TEMPLO FOI EDIFICADO NO ANNO 603 VIVENDO S. IRIA. FOI REEDIFICADO NO REINADO DE FILIPE II NO ANNO DE 1617.

O fim do século XVI e principalmente o século. XVII foram férteis em fazedores de lendas e de aumentadores de outras.

Eis o nosso caso.

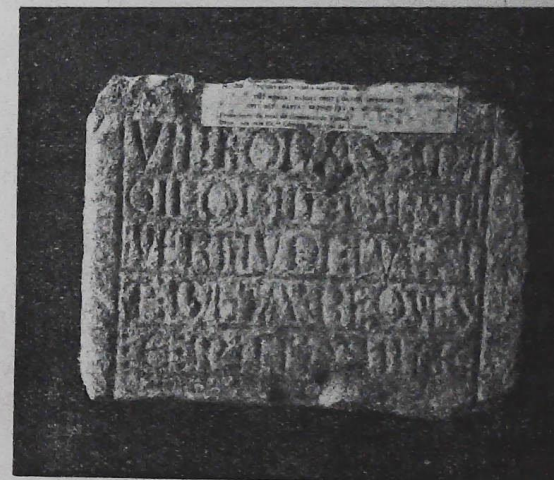
Iria era preciso que fosse romanticamente orar a uma capela para ser morta, quando sósinha ali e arranjou-se-lhe esta de S. Pedro Affins e, por velha restauraram-na no dizer da inscrição, como relíquia do século VII, que realmente, por lhe terem passado dez séculos por cima, devia estar muito... velhinha.

Esta pedra lembra nos apontar outra muito notavel que também foi levada para o Museu da Casa do Capítulo, no Monumento de Cristo e que esteve também por muitos anos ao pé daquela, na face interior do muro poente do cemitério e para a qual nós chamámos a atenção do muito ilustrado arqueólogo

Estas são as partes, em prosa, do processo que formamos sobre Sellium, Nabão, Nabância, Thomar, e principalmente sobre o trágico acontecimento que teve por protagonista a nossa for-

---

Snr. Dr. Leite de Vasconcelos, quando ido a Thomar por ordem do govêrno a fim de estudar o valor das ruinas de Cardais.

Referindo-se a ela no *Arqueólogo Português*, tomo XIX, pág. 150, diz o sábio mestre: «A pedra medieval está encaixada no lado interior de um dos muros do cemitério. Contém também uma inscrição, que, por estar muito cheia de cal,

INSCRIÇÃO TUMULAR DE GARSIA VERMUDES

que me foi necessario raspar delicadamente com as unhas e com um estilete de pau, me custou um pouco a ler; mas apurei o texto, que diz:

VII:NONAS:MA
GII:OBIIT:GARSIA
:VERMVDI:CVI:SI
T:BÆTA:REQVIES
:E:M:CCXIII: ✠

isto é: «no dia 7 antes das Nonas de Maio morreu Garsia, filho de Vermudo, o qual tenha repouso feliz; era de 1213». Êste texto presta-se a várias considerações, de cronologia, paleografia e filologia, que por brevidade omito; basta notar que a era de 1213 corresponde ao ano de 1171, data verdadeiramente respeitável em inscrições de Portugal».

mosa e famosa Iria portuguesa ([1]), cujo nome vem do grego e significa Paz, ([2]) contrapondo-se esta significação, de maneira flagrante, á vida desassocegada das duas mais notaveis Irenes que a Historia nos aponta.

Também a êle ajuntamos uma da nossa humilde lavra, explicativa do caso da tão requestada Iria, a qual nos parece ser o mais lógico e scientífico, por nos fundarmos em mestres patologistas dos mais autorisados que nos esclareceram tão cerrado assunto.

Só à doença e à morte nos referimos nela, por serem assuntos com que andamos familiarizados e crermos serem os verdadeiros núcleos de lenda tão popularizada.

Agora recolhamos também as que correm em verso.

São elas muitas.

O ilustre escritor, que a morte não há muito nos arrebatou com grande perda para as letras pátrias, Dr. Teófilo Braga, traz no seu *Romanceiro* ([3]) dezaseis versões, sendo catorze sob o nome

---

([1]) Nos reinos do Céu não é só esta santa que lá existe com este nome.

Outra, de mais longinquas terras, também a êles subiu, mas não com os merecimentos da nossa ilustre patrícia

Em poucas palavras referiremos a vida da outra Santa Iria.

Em Bizâncio, por duas vezes, uma entre 780-790 e outra entre 792-802 governou uma rainha que teve este nome.

Nascida em Atenas pelos anos de 752, morreu em Lesbos em 803.

Tendo desposado Leão IV foi mãe de Constantino II a quem ela fez arrancar os olhos, tendo-se tornado célebre pelas suas desgraças e pelo seu devotamento à fé ortodoxa.

Derribada do trono, pela última vez em 802, por uma revolução de paláacio foi exilada para Lesbos, onde foi obrigada a fiar linho para se sustentar.

A igreja grega canonizou-a e celebra a sua festa a 15 de Agosto.

([2]) Outras significações lhe teem sido dadas. Entre elas temos a do grande gongórico Pascoal Ribeiro que na sua *Phenis de Santa Iria* refere que Iria quere dizer Açucena, por que ela devia ser toda suavidade para o céu e fragância para a terra e chama-lhe um *paraiso de delicias*, um *jardim de virtudes*, um *himeto de fragâncias divinas*. De Iris, cândido lírio celeste, se diriva o nome de Irene. Alem disto refere mais : a palavra Iria é formada por quatro letras que são as iniciais de quatro pedras preciosas : I — Jacintho, R — rubi, I — Iris e A — ametista.

([3]) Vol. II, pág. 507 a 528.

de Santa Iria e mais duas : uma no de *Iredia* e outra no de *Historia de Santa Helena* ([1]).

Estas são alterações daquelas, de certo devidas aos copistas ou aos transmissores.

O sr. Dr. Leite de Vasconcelos, inseriu uma no seu *Romanceiro Português* ([2]). Foi colhida por êle numa digressão que fez a Mondim da Beira em 1877.

A sr.ª D. Maria do Carmo Abreu Peixoto, distinta poetisa, também nos transmitiu uma versão que aqui fica notada.

Foi-lhe ensinada pela sua velha ama, que era da Atalaia de Alemquer.

De Mação também nos veiu uma, acompanhada de música, no belo livro do sr. Francisco Serrano — *Romances e canções populares da minha terra*. ([3])

No importante jornal *A Epoca*, de Lisboa, também se nos deparou uma, vinda de *Valega* (Ovar).

([1]) No vol. III, na nota *Cyclo Santoral Lendas Piedosas* é que traz estas *duas versões transmontanas que manifestam as transformações que o Romance vai sofrendo na sua transmissão oral* e aponta também uma versão trazida, sob o nome de *Ilenia*, por Menendez y Pelayo na sua Antologia. Vol. X pág. 210.

([2]) Vol. 121 da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, pág. 50.

O Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, no seu *Romanceiro* é de opinião que este romance tem origem portuguesa e D. Carolina Michaëlis, a profunda sábia glotóloga que acabamos de perder, reforça esta opinião, dizendo, nos seus *Estudos sobre o Romanceiro Peninsular* a pág. 333 N.º 2, que o Romance de Stª Iria, em versos de seis sílabas, passou sempre por exclusivamente português e também que, graças a pesquizas novas, se encontrou há pouco, em Caceres, em Leão e Galiza (donde passaria para o Uruguai com os emigrantes que continuamente embarcam em Vigo e na Corunha), achado feliz que, a nosso ver, confirma e não invalida a idea da origem portuguesa e exportação pela fronteira.

Sem conhecermos ainda êste livro, tão raro nas estantes de bibliotecas particulares e até na Pública de Lisboa, demos a mesma origem (exportação) à versão do Rio de Janeiro, trazida pelo ilustre professor Dr. Teófilo Braga no seu *Romanceiro*, o que constitui uma comunicação que fizemos na Academia das Sciências e vem inserta nos eu *Boletim da Segunda Classe*. V. XVI, pág. 417-426.

([3]) Este livro foi-nos oferecido pelo talentoso professor do Instituto Superior do Comércio, o sr. dr. Lino Neto, a quem o muito agradecemos, assim como as cativantes palavras que nos dedica na oferta.

Como todas elas pequenas diferenças têm, dispensamo-nos de as copiar, fazendo, no entanto, salientar essas dissemelhanças.

As do Dr. Teófilo Braga foram colhidas em Santarém, Vila Nova de Gaia, Covilhã, Minho, Celorico de Basto, Fundão, Loulé (duas), Algarve, Calheta, Ponta da Cruz (Ilha da Madeira), S. Jorge (Açores), Rio de Janeiro, e Lugo (Galiza).

Copiemos uma delas

Seja a de Santarém, por mais regional, visto de Thomar não trazer nenhuma, naturalmente por a não ter lá encontrado.

O mesmo nos sucedeu a nós, que, sendo nado nesta cidade e ao estudo de tudo o que a ela diz respeito longos dias temos dedicado, nunca ouvimos cantar tais versos (¹).

Estranho caso êste!!

Não sabemos a que atribuir tal esquecimento, quando a lenda em prosa, mais ou menos foi conservada, como vimos, e vamos ver, escusando até de recorrer ao suspeito sinete da Camara Municipal, cuja longínqua existência, parece-nos algo duvidosa, o qual o crédulo Padre Carvalho da Costa (²) descreve, salvo erro, pela primeira vez, Fr. Francisco de Sant'Iago repete, Pinho Leal aceita e Vilhena Barbosa transcreve, chegando êste a precisar o anno, 1319, do seu desaparecimento.

(¹) Por mais que procurassemos, nada, nem ninguém nos deu relação, ou sequer reminiscências de qualquer versão poética, sôbre a vida de Santa Iria.

Poderia aos homens escapar, mas às senhoras e, entre elas, uma poetisa de muito valor e de muito talento, a Ex.ª Sr.ª D. Júlia de Seabra Mousinho que, embora não nascesse em Thomar, mas sim na Flor da Rosa, veio de *menina e moça*, como diria um mimoso Bernardim Ribeiro para esta cidade, onde se tem conservado no solar de sua antiga e nobre família, é que mais admira e nos surpreende!

(²) Não sabemos onde o velho corógrafo recolheu êstes informes que nenhum documento nos autentica, nenhum escritor mais antigo do que êle refere, nem tradição perpetua.

Hoje, de positivo, há só o desfazer de mais êste carapetão, em que êle e os seus afanosos e crédulos seguidores foram tão useiros e vezeiros, na ânsia de fazerem obras volumosas, mas sem critério nem verdade a maior parte das vezes......

Sinete, armas, tradição de tê-las havido nos arquivos da secular Câmara de Thomar, nada existe

Se ao fabuloso sêlo e armas nos referimos, foi para lhe opor esta negativa, pois, parece-nos que será muito e muito difícil vir a provar-se o contrário.

A sua descrição resume-se no seguinte: escudo esquartelado por uma cruz, tendo no primeiro quartel, uma figura de homem representando Britaldo, com um bastão ou scetro na mão; no segundo, o soldado que degolou a Santa, chamado Banão, levantando o braço armado de um punhal, e junto uma árvore; no terceiro um castelo; no quarto a Santa virgem degolada, caindo no rio Nabão.

Mais tinha o revelho sinete na sua orla a legenda *Sigillum concilij Tomerij Ordinis militie Christi* que, no dizer do seu primeiro narrador, *era de letra gotica que estando sua leitura incognita a todos os naturaes achou conter o seguinte escripto na mesma ortografia em que o escrevia.*

Transcrevamos pois, a versão poética e comparemo-la com as outras:

Estando eu à janela, co'a minha almofada (1)
Minha agulha de ouro, meu dedal de prata,
Passa um cavaleiro, pedia pouzada: (2)
Meu pai lh'a negou. Quanto me custava. (3)
«Já vem vindo a noite, é tão só a estrada...
Senhor pai não digam tal da nossa casa,
Que a um cavaleiro que pede pousada,
Se fecha esta porta á noite cerrada.
Roguei e pedi, muito lhe pesava;
Mas eu tanto fiz, que por fim deixava.
Fui-lhe abrir a porta, mui contente entrava; (4)
Ao lar o levei, logo se assentava.
Às mãos lhe dei água, êle se lavava; (5)
Puz-lhe uma toalha, nela se limpava.
Poucas as palavras, que mal me falava;
Mas eu bem sentia que êle me mirava.
Fui erguer os olhos, mal os levantava,
Os seus olhos lindos na terra os pregava.
Fui-lhe pôr a ceia, muito bem ceava; (6)
A cama lhe fiz, nela se deitava, (7)
Dei-lhe as boas noites, não me replicava;
Tâm má cortezia nunca a vi uzada!
Lá por meia-noite, que me eu sufocava. (8)
Sinto que me levam com a boca tapada..

Levam-me a cavalo, levam-me abraçada, (9)
Correndo, correndo sempre á desfilada,
Sem abrir os olhos, vi quem me roubava
Calei-me e chorei, êle não falava.
D'aí muito longe, que me perguntava: (10)
— Eu na minha terra como me chamava?
«Chamava-me Iria, Iria a fidalga; (11)
Por aqui agora Iria a cansada. (12)
Andando, andando toda a noite andava;
Lá por madrugada que me atentava... (13)
Horas esquecidas que por mim lutava;
Nem força, nem rogos, tudo lhe mancava.
Tirou do alfange... ali me matava (14)
Abriu uma cova onde me enterrava. (15)
No fim de sete anos passa o cavaleiro, (16)
Uma linda ermida viu naquele oiteiro.
– Minha santa Iria, meu amor primeiro,
Se me perdoares serei teu romeiro.
«Perdoar não te hei-de, ladrão carniceiro,
Que me degolastes que nem um cordeiro. (17)

Comparação das lições da lenda

(1) Nas do Minho e Alemquer era á porta.
Na do Algarve era na sala.
(2) Na do Fundão era um passageiro
Na de Mação era um estrangeiro.
(3) Nas de Vila Nova de Gaia, Alemquer, Ovar, Mação, Covilhã, Fundão, Algarve, foi a mãe que a deu.
(4) Na Ponta da Santa Cruz também ela abre a porta.
(5) Na de S. Jorge, também lhe bota água para se lavar.
(6) Nas de Gaia e Algarve, também lhe dá ceia, que ceou.
Na do Minho, também lhe pôs a ceia, mas não comeu.
Na da Ponta da Santa Cruz também ceou.
Na do Rio de Janeiro comeu o jantar.
Em Alemquer, pôz-lhe a mesa no meio da casa, em baixela de ouro e talheres de prata
Nas de Mação e Ovar não foi Iria quem lhe pôs a ceia
Na de Ovar não ceou.

(7) Nas de Gaia, Minho, Loulé, Ponta da Cruz, Rio de Janeiro, também se deitou.
Na Covilhã também teve cama.
Na de Mação e Ovar, não foi ela quem lhe fez a cama.
Na de Ovar foi a cama feita á beira duma arca.
(8) Nas de Gaia, Ovar, Mação, Alemquer, Covilhã, Minho, a 2.ª de Loulé, Algarve, S. Jorge e Rio de Janeiro foi á meia noite também.
Na de Fundão foi pela noite adeante.
Na 1.ª de Loulé foi noite afóra.
Na da Calheta era já noite velha.
Na Ponta da Cruz ao cabo da noite.
(9) Na de Loulé e na do Algarve também vai a cavalo.
(10) Nas da Covilhã, 1.ª de Loulé, Algarve, Rio de Janeiro e Ovar, foi a sete léguas.
Na de Mação foi a seis léguas.
(11) Na da Covilhã, morgada.
Na do Fundão, aventurada.
(12) Nas de Gaia, «A Epoca», Calheta, Ponta da Cruz, S. Jorge, Rio de Janeiro e Alemquer, coitada.
Nas da Covilhã, Minho, Fundão, 1.ª e 2.ª de Loulé, Algarve e Ovar, desgraçada.
Na de Celorico, triste, malfadada.
Na de Mação, mal estimada.
(13) De todas as versões depreende-se que não chegou a ser desonrada, o que determinou ao cavaleiro matá-la.
(14) Na do Algarve, foi espada.
Nas da Ponta da Cruz e Alemquer, cutelo.
Na de Lugo, punhal.
(15) Na de Mondim não a enterrou, deixou-a coberta de tojos que depois se transformaram em rosas.
Na de Alemquer sepultou-a debaixo duma pedra.
Nas de «A Época» e Gaia, deixou-a coberta de rosas.
Nas de Ovar e Minho, 2.ª de Loulé, coberta de ramos.
Na de Celorico, coberta de flores.
Na da Covilhã, coberta de rama.
Na 1.ª de Loulé, ficou entre dois madeiros.
Na do Algarve, soterrada.
(16) Na de Alemquer foi vinte anos.

(17) Nas de Gaia, Covilhã, Fundão, 2.ª de Loulé, Rio de Janeiro, Alemquer, Ovar e Mação, foi carneiro.

Nas de Celorico, Lugo e Mondim da Beira continua pedindo saúde para o braço direito; na da Covilhã, Fundão, 2.ª de Loulé e Ovar, manda vesti-lo de azul, côr do céu; na de Gaia e Mondim, azul e amarelo para *se Deus te perdoar, perdoar-te quero;* na de S. Jorge, de verde e amarelo, para *assim Deus me queira como eu te quero*; na de Alemquer manda-o dar três nós no lenço, três voltas no adro e vestir-se de azul para lhe perdoar; na de «A Epoca» diz-lhe:

— Se quer's te perdôe
C'uma disciplina
Com três nós no cabo
Um ano e um dia
S'rás disciplinado,
Finda a penitência
Serás perdoado.

Agora, comparando esta lenda em verso com a de prosa, vemo-la muitissimo simplificada em relação a esta.

Tanto uma, como outra, referem o mesmo facto: a paixão dum moço por uma donzela de nome Iria e seu degolamento sem que fosse desonrada.

Mas porque será que a versão poética é tão nua?

Porque seria que a obra dos trovadores e dos jograis se deixou suplantar pela dos prosadores?

O fim da função social daqueles, filha da feudal Edade Média, acabar, quando se fixava a lenda em prosa. pela imprensa, seria a causa da de verso ter vindo a sumir-se a ponto de chegar até nós algo simplificada e alterada?

O grande Almeida Garrett, que parece ter sido o primeiro a publicar a tradição poética do amoroso caso da virgem e mártir Iria, não soube dar explicação à dissemelhança que se encontra entre a que a poesia canta e a que a prosa narra.

Não seremos nós que a tentaremos, deixando aos folcloristas futuros que indaguem e resolvam o problema, se puderem.

O que certo é, é que a de Santarém, foi também por sua vez,

enramalhetada pelo brilhante autor das célebres *Viagens na minha terra*, onde ela por Garrett foi primeiramente impressa, pois, crendo nós que essa versão seria, como todas as outras depois fixadas, em verso de seis sílabas, o portentoso poeta a reproduz em verso de doze sílabas.

Aí ficam, por tanto mais estas partes do processo a que muitas outras poderiamos ainda ajuntar, mas, por se repetirem, não o faremos e também por não podermos (1)

Processo grande e curioso é ele e muito nos levaria de tempo

---

(1) Muito desejariamos poder referir a origem de alguns cultos que S. Iria tem em várias terras do país e publicar algumas composições poéticas, como uma longa *Xácara* e uma *Cantilena* que o Visconde de Castilho compôs e principalmente um Poema, que foi escrito por um notável thomarense: Gaspar Leitão da Fonseca.

Nascido êste em Thomar a 13 de Janeiro de 1680, formou-se em Cânones na Universidade de Coimbra, pertencendo, mais tarde à Academia Real da História Portuguesa.

Preferiu, diz um seu biógrafo, o ócio das Musas ao tumulto das causas forenses, ou fôsse patrocinando-as ou decidindo-as: isto é, viveu sem emprêgo público, porque talvez haveria de sua casa rendas suficientes para não carecer dele.

A obra de maior momento que publicou foi um poema castelhano em dez cantos ou romances endecassílabos que se intitula: *La Isabel, a la devocion de la augustíssima señora D. Mariana de Austria, Reyna de Portugal. Poema Mistico*. Lisboa, de la Impression de Musica, 1731, 8.º de 161 pág.

Escreveu muito em verso, deixando bastantes impressos.

Barbosa dá os títulos das suas obras.

Também deixou muitas por imprimir.

Entre estas há um poema heróico, sob o nome de *Irenidos* em que descreve a vida e martírio de Santa Iria.

Existe na Biblioteca da Academia das Sciências. Consta de dez cantos em oitava rima e compreende mil cento e tantas oitavas. Pertenceu à Escola Espanhola, como todos os seus contemporâneos.

Também algo era nosso gosto reproduzir em gravura os belos azulejos do séc. XVIII em que se estampa a vida de Santa Iria, num valiosíssimo grupo de pinturas com traços de caracter exótico, vagamente achinesado e todas acompanhadas de dísticos esclarecedores.

Revestem êles as paredes da capela mór da Igreja de Santa Iria na Povoa das cercanias de Lisboa e foram descritos, pela primeira vez, pelo talentoso crítico de arte o sr. Dr. Virgílio Correia no seu belo trabalho: *Azulejos Datados*.

Tudo isto nos é impossível por muito e muito extenso, embora fôsse muito interessante e viesse enriquecer a nossa pobre obra.

e de espaço a cotejar todas as suas peças, excepto a nossa, mas que a inteligência do leitor supre, analisando todavia todas.

O que aqueles autores mostram, porém, é que esses factos verdadeiros ao princípio bem simples, vieram, através dos séculos, a ser contados ao sabor de cada um, sem cuidar de lhes dar fundamento no que lhe aumentaram.

Romantisaram-nos.

Encheram-nos de efeitos e episódios vários, copiando-se e acrescentando-se, até ao nosso Keil, notável músico-compositor, de quem nos honramos de ter sido amigo, que fez passar, em S. Carlos, a vida de S. Iria, numa cidade cheia de verídico nada provável, entrando nos domínios da imaginação, própria do seu grande talento, adormecido hoje nas solidões do Além.

Haverá ainda alguns documentos de outra espécie sôbre tão superno sucesso e que nos expliquem os nomes que com êle se ligam nos segredos dos arquivos que, por isso, não pudémos compulsar?

Ignorâmo-lo, sem todavia duvidar que existam.

Outros cavadores, melhor dotados, que os tragam à luz do dia, rasgando nova nesga no denso véu dêste passado tão obumbrado e tão poético.

Todavia estas perguntas fazemos: de todas estes instrumentos que transcritos ficam, que longas e pacientes buscas fizeram coligir e que, dentro dos limites da nossa obra, impossível foi criticar um a um, o que ressalta?

O que revelam êles, tanto os prosáicos como os poéticos, no seu perpassar de longos séculos, despidos, porém, dos seus fabulosos andrajos?

Emquanto a nós, e sem querermos pontificar, atestam dois factos reais: a fundação de dois cenóbios, aproveitando-se os escombros da antiga *Sellium*, que bem aflora na celebre divisão do bispado da Idanha, e na tradição do abade *Don Selho*, e na de *S.ta Maria de Selho*, das Inquirições dinisíacas, e a morte violenta duma donzela que foi amada e cuja vida foi poetisada e narrada pelas gerações que seguiram através das edades.

E da tão falada Nabância?

Nada de seguro nos dizem, nada de positivo nos fazem conhecer, nada provam que tivesse existido, como cidade-condado,

de praças grandes e de palácios aristocráticos, fruto da lata narração dos prosadores da vida de Santa Iria.

O que sabemos é que os Wisigodos, como de resto todos os outros povos bárbaros, ao contrário dos romanos, como está provado, viviam nos campos, onde, entregues aos maneios deles, criaram largas divisões de território, governados por duques, condes, vigários, etc.

Ora tudo leva a crer que o território do Nabão, atenta a fecundidade das suas largas margens, principalmente no seu têrço médio, formasse uma dessas divisões ou fizesse parte de qualquer *sorte gótica*, e que, quando muito, se teria dado o nome de Nabância, a toda essa região, visto ser banhada por aquele rio, a qual teria um conde a governá-la, que viveria a seu belprazer em qualquer parte dela, mas que, por pouco duradoura a sua gerência, em virtude do fim desgraçado dum filho, não chegou a enraizar nela a sua moradia e daí ignorar-se a sua realidade.

Não seria possível que desta *Nabância* viesse, à vista das abandonadas e também aproveitadas, ao ser fundada Thomar, ruínas da velha Sellium, das da povoação e das dos conventos gôdos, a gerar-se nas crédulas e confusas imaginações dos Gil steuees, Domjngos paaes Roussado e Pedro poonbo das inquirições de 1317 a *nobre cidade de torres fforteleza e castelo* da Nabância deles?

A míngua de mais documentos nos faz não dar resposta.

Era de crer, que, se houvera existido essa *tamanha cidade. E tan nobre que era e segundo os edeffiçios daquel tenpo que ora achou aalen dagua*, as primeiras memórias, antes, durante e depois de Gualdim Paes, que ao sítio e depois ao crime aludem, explicitamente se lhe refeririam, e nunca com um simples e enigmático *oppidum*, que no latim de César significava grande cidade fortificada, mas que, ao fixar se a lenda no Breviário de Braga, cujo autor talvez conhecesse o depoimento do Roussado das *Inquirições* do século anterior, aí foi, no nosso obscuro entender, empregado com menos propriedade.

Provavelmente o que só teria realidade seria o já referido ao de leve e que, ora, avivamos melhor.

Pelos tempos de Iria, existiria humilde povoado em redor das duas casas religiosas, cujos habitantes, aconchegados aos seus muros, se entregariam, os destas, aos serviços litúrgicos,

os daquele, uns aos dos ubérrimos e pitorescos campos, outros aos trabalhos de passagem e à pesca no rio, a êsse tempo de tão abundante fauna.

De tudo isto, de todo êste conjuncto é que os novelistas antigos e modernos, conhecedores daqueles testemunhos, fizeram, em hipérboles fantasiadas, a grande e acastelada cidade de Nabância e nós o efémero burgo de Nabância.

Os documentos que demos, por serem os mais importantes e de origem cristã, nada mais nos dizem, e dos árabes, povo que agora vai entrar em scena, brilhante e progressiva, embora tumultuosa, até hoje, se os houver, são mudos sobre tal território e sôbre tal cidade.

Seiscentos e cinqüenta e três é, como vimos, o ano da tragédia que faz, de certo, lançar sôbre o palco dela luto e tristeza, sendo as festas, flôres e lembranças para a povoação que a geografia e os acontecimentos fizeram receber novo nome ao guardar, no leito de seu amplo rio, os restos terrenos da santa que os povos, sedentos de fé e de religiosidade, procuraram, vindos em romarias longínquas, homenagear, reverenciar e venerar, do que nos dão conta as numerosas versões poéticas do grande e funesto sucesso, estranhando-se, já o notámos, a ausência duma sequer na terra da sua naturalidade.

Porque seria, preguntamos mais uma vez?

Sem dúvida negra maldição caíu sobre esse povoado.

Convimos na verdade, mais pelo suposto *crime* da virgem Iria, do que pelo de Banão!

Crime horrendo!

Era êle de tal jaez, que nos primeiros concílios reunidos na Península, aí se decretaram severas penas ás virgens consagradas a Deus que perdiam a virgindade, chegando-se-lhes até a negar a comunhão *in articulo mortis*.

Por isso aquele nefando escândalo acarretaria vergonha eterna sobre a casa conventual da pobre donzela que foi, contra vontade, alvo de tantos galanteios amorosos, e sôbre a do tio que, talvez, pouco lhe sobrevivesse, o que também teria sucedido às tias com quem Iria vivia.

Desaparecida a família da infeliz vítima do amor puro de um e do satânico doutro namorador, é de prever o cerramento dos conventos.

Esse abandono e silêncio acentuam-se lugubremente mais e mais, com os anos e com êles vêm a ruina e o, quási por completo, despovoamento do logar que, após cincoenta e oito anos, as armas victoriosas de Tarik nos campos do Barbate, perto de Medina Sidónia, em 711, e, mais uns anos depois, a política cubiçosa e sanguinária de Muza, aumentariam.

Novos escombros se vão acumular agora nas margens risonhas do rio que primeiro recolheu o alvo e imaculado corpo de Iria, rio que por êsses tempos tinha o nome de *Nava*, *Nabam*, como vimos atrás, indo perdê-lo agora pela dominação árabe que a êle e a parte da sua bacia hidrográfica vai denominar *thomar*, aparecendo depois com o nome de *Nabão* e *Nava*, pelos anos de 1254-1289, para depois o perder, pois sómente pelos anos de 1548 (Breviario de Evora) é que de novo volta a ter o primitivo nome, o qual tem durado até hoje.

Afora as Astúrias, o resto da Península abre as portas aos indomáveis filhos do deserto e os luso-romanos, que a onda árabe-berbere espalha, mas não afugenta de todo, para aquelas serranias, sofrem o cruel jugo do vencedor e, adictos ao seu Deus, aferrenhados ás suas crenças, preferem morrer a deixá-las e vêem, confrangidos, as suas igrejas e cidades arrasadas e incendiadas, os companheiros massacrados e assassinados, as mulheres violadas, as crianças escravizadas, a pilhagem campear por toda a parte, principalmente nas primeiras décadas da invasão ou no tempo em que imperava emir ferozmente sectário.

Apesar disto, os que escaparam ao diabólico torvelinho, agarrados ao solo sagrado da pátria, também resistiam à extorsão dos tributos, que o conquistador mais ávido de riquezas do que de de prosélitos para a nova lei, lançava, comprando assim aqueles a sua relativa liberdade, que lhes dava azo a reunirem-se de novo onde podiam, nas horas de mais ou menos tranquilidade, que empregavam nos trabalhos do campo, de cujos produtos saiam essas pesadas contribuições.

Por seu lado os árabes, representantes duma brilhante civilização, assimilada rapidamente pelo encontro com os restos das grandes civilizações anteriores, como que donos de deliciosas terras, que não podiam comparar-se às suas, ardentes e sêcas, tomam na Península conta de parte daquelas que, pela sua fecundidade e pelo seu pitoresco, mais os atraíam, onde nas culturas

esmeradas e não esmeradas, punham em prática os conhecimentos e os processos adiantados da sua grande sciência agrícola e das demais, principalmente aquelas que com ela se ligassem, como a botânica, a zoologia, etc., etc.

Diz Gustavo Le Bon, no seu excelente livro, *O homem e as sociedades*, que os árabes, ao deixarem as áridas regiões, onde viviam quási em estado selvagem, para conquistar o mundo, tornaram-se, sob o céu da Espanha, uma das nações mais cultas que a História conhece, uma daquelas, onde as letras, as sciências e as artes foram cultivadas com o maior brilhantismo.

Verdade é o que diz o ilustre escritor, sendo destas a agricultura a que mais cuidados lhes mereceu.

O Wisigodo originário do frio norte, adaptado ao quente ocidente, tornou-se sedentário, indo assimilando, de envolta com o cristianismo, toda a civilização romana, mas devagar; não tinha pressa, o calor da Peninsula enervava-o, o que não aconteceu ao árabe de país quente, de espírito penetrante, de imaginação ardente e de nervos exaltados.

Dêste génio ardente, dêste temperamento prepotente provinha-lhe o seu modo de agir, a sua grande vivacidade de apoderar-se dos conhecimentos dos povos, a cujo contacto chegava, a quem pela mesma causa, impunha o seu modo de ser.

De toda esta luta, de toda esta diversidade de qualidades, de todo este choque de crenças e de raças resultou que, em breve, um grandíssimo número de habitantes, sujeitos ao jugo mussulmano, como que se tornou árabe, donde lhes veio o nome de mozárabes, vendo nós, para o nosso propósito, resultar, por essa razão, um câmbio grande entre as línguas do vencido e do vencedor, tomando a dêste as palavras que melhor lhe expressavam o pensamento ou lhe eram mais necessárias às suas artes e às suas sciências, no seu desenvolver e progredir, dando origem a palavras novas ou dando às velhas maior extensão, palavras a que os árabes chamavam *romy* que queria dizer: romanas ou latinas.

E' no numero destas que vamos encontrar aquela que, mais tarde, há de ser dada, pelo glorioso fundador da nossa querida terra, ao invencível castelo que a domina.

Assim, muito bem poderia ser que pelas margens e montes do Nabão, na parte dêste, onde lindamente assenta a casaria da cidade e arredores, a abundância nesse tempo (como ainda hoje),

da planta da família das labiadas, o redolente thomilho, conhecido já desde as eras dos gregos e cujo nome os latinos trouxeram para a Península, se tornasse saliente aos agricolas árabes, originando começarem êles a denominar essa região por *thomar*, como aventa o snr. Pedro de Azevedo, na sua comunicação á Academia das Sciências de Lisboa [1].

Vejamos o discorrer do distinto professor de Diplomática: «Parece que a verdadeira etimologia de Thomar é a que faz derivar esta palavra de *tómo* ou *tumo*, forma popular hispânica do vocábulo grego-latino *thymus*, thomilho, registada por autores árabes, conforme diz Simonet no *Glosario de voces ibéricas y latinas usadas entre los mozárabes*, pág. 542 e 550 [2], com a adjunção do sufixo *ar*, como sucede em *avelar* e *pomar*, derivadas respectivamente de *avelã* e *pomo*.

Perto de Toledo há a povoação *El Thomilhar* e na província de Sevilha ainda hoje existe a povoação de *Tomares*» [3].

A grande autoridade do ilustre padre Simonet, em que se funda o nosso distinto compatriota, dá às suas palavras foros de aceitação quási provativa.

Também podiamos chamar a grande autoridade em *Toponímia*, o snr. Dr. José Joaquim Nunes, abalisado professor da Faculdade de Letras de Lisboa, que no seu importante trabalho: *A Vegetação na Toponímia Portuguesa* diz: «Compreende-se fàcilmente que as plantas que mais abundavam ou o arvoredo que em maior quantidade se encontrava nos arredores de sítios habitados

---

(1) E' tal ainda hoje a sua abundância nos campos de Thomar que em recente conversa com o distinto professor da cadeira de Botânica, na Faculdade de Sciências da Universidade de Lisboa, snr. Dr. Teles Palinha, pedindo-lhe, embora conhecessemos o thomilho, para que nos mostrasse no horto da sua Escola exemplar dele ali existente, rapidamente teve esta frase: «então mostrar a planta thomilho a um natural da terra onde há mais em Portugal !!»

Esta primazia, tão belamente frisada pelo ilustre Catedrático, vem corroborar significativamente o discorrer do erudito académico que, por seu turno, se escuda no parecer sábio do não menos erudito Simonet, como se vai vêr.

E' pois, de admirar que os árabes, grandes mestres de agricultura e botânica, dessem á nossa região o nome de *thomar?*

(2) Simonet = *Glosario*, etc., fasciculo I do *Boletim da Classe de Letras*, volume XIII, 1920.

(3) As palavras *tómo*, *tumo* e *Tomares* são escritas por Simonet sem o *h*, porque a lingua espanhola emprega a gráfica sónica.

deviam ter exercido influência bastante notável na sua nomenclatura e sido um dos factores que mais contribuiram para dar aos logares os seus nomes: não é a vegetação que desempenha um papel importantissimo na vida dos seus habitantes alimentando os com os seus produtos?

Hoje, ainda que, devido à civilização e facilidade de comunicações o homem não está adstricto exclusivamente ao terreno que o cerca, quanto não depende a sua importância de serem ou não susceptiveis de cultura os seus contornos? Não admira, pois, que em toda a parte a vegetação figure em quantidade superior a outro qualquer entre os elementos que contribuiram para a toponímia; árvore de grande corpulência e de vida várias vezes secular, como simples arbustos e ainda plantas de duração quási efémera, em conseqüência certamente do seu predomínio, resultante da sua abundância, deram o seu nome aos povoados em cujas cercanias se encontravam» (1).

Parece pois, que, emquanto não vier outra opinião mais provada, é esta a origem que devemos aceitar para a palavra Thomar, o que não nos repugna, pelas honrosas e scientes companhias que temos e, por não terem todas as outras, até hoje emitidas, um milavo a militar, em seu favor.

As formas derivadas da *morte do porco montês* (2), de *S. Thomás*, arcebispo de Cantuária (3), de *Theodomirus*, *i*, que daria *Theomil* e *Thomár* (4), de *Tamárma* (5), nenhuma verosimilhança encerram.

São puras fantasias.

Excepcionalmente, porém, a esta última poderiam dar-se foros de verdadeira, se acaso essa palavra correspondesse à célebre *água-doce* do bem intencionado dicionarista Sousa e aceita pelo ilustre historiador Alexandre Herculano.

Vejamos como.

Possui o rio Nabão um grande curso, pois a sua bacia hidrográfica vem das vertentes sul da Siccó e da Lousã, mas pouca

(1) *Boletim da Classe de Letras*, da A. S. L. vol. XIII, pág. 133.
(2) Ver pág. 105.
(3) Ver pág. 155.
(4) Dr. Pedro Augusto Ferreira — *Tentativa Etimológica Toponímica*, vol. II — pág. 51.
(5) Sousa, *Vestigios da Lingua Arabica*.

água, afora as épocas das chuvas, traz dessas afastadas paragens, tomando só grande incremento depois do seu principal nascente, o Agroal, a pouca distância de Thomar.

E' a água dêste nascente de finura e agradabilidade tal ao paladar que não rara é a pessoa que a não ache doce, qualidade, sem dúvida, que foi sempre possuida pela hoje afamada água (1) e que a acompanharia, por longo tempo, através do seu curso.

Não era êste, como hodiernamente, enriquecido por fábricas, que, por seu turno, transformam com seus detritos a corrente do delicioso líquido, depois do nascente e antes de Thomar.

Suas margens abruptas, escarpadas e apertadas, eram ermas de casas, por êsses tempos de pouca população e de nula indústria e, por conseguinte, a água correndo sempre, em leito pedregoso e desimpedido, de altos e baixos açudes, chegava à veiga larga e ampla do sítio de Thomar quási tão doce, como do nascente tinha saído e daí darem os árabes êsse nome ao rio, cuja linfa fazia lembrar-lhes a *água das tâmaras*.

Passou por muito tempo a ser esta a única etimologia da palavra Thomar, baseando-se todos na autoridade de Sousa e de Herculano.

Mas depois deles, estudos há que provam que nada de verdade encerra essa significação.

Reproduzamos o que refere uma autoridade no assunto (2).

«*Tamarmá*, ou *Atamarmá*, era o nome de fonte em Santarém, e é ainda hoje fonte e calçada nesta cidade. No relatório da tomada da cidade chama-se-lhe *Athumarmal* (fontem qui propter amaras aquas arabicè appellatur) pelas suas «águas amargosas», mas Herculano, seguindo Sousa, corrige essa significação em

(1) E' ela bem afamada pelas suas excelentes qualidades serem tais que, começadas a receitar, por nós, nos afastados tempos, em que cursavamos a Escola Médica de Lisboa, chama já hoje tão grande número de molestados à sua fonte, que se pode considerar uma das mais concorridas estações balneares do país.

Pena é que a emprêsa concessionária delas não tenha levado a efeito o seu propósito, para que o grande número de doentes, ali idos, pela sua grande fôrça medicatriz, não sofra as inclemências a que infelizmente se sujeita, tirando, todavia, optimos resultados do uso de tão benéfica água.

(2) David Lopes — *Os árabes nas obras de Alexandre Herculano*, pág. 221.

(água dôce). Parecem-nos falsas as duas explicações, mas a última é-o com certeza. Efectivamente, Sousa define o vocábulo assim: significa água das tâmaras, isto é, *água dôce*. Ora a verdade é que a forma árabe que êle propõe, deve traduzir-se «tâmara de água», e ainda assim de construção incorrecta, porque a palavra *agua* devia ter o artigo árabe, e ninguém dirá que «tâmara d'água» seja o mesmo que «água de tâmara». Não conseguimos achar a explicação do vocábulo».

De certo que o proficiente académico não a terá obtido até hoje, que nós saibamos, mas isso não obsta a que um dia não se venha encontrar esta e outras explicações, assim como de outros termos, de outras frases e de outros factos, vista a largueza que o estudo da lingua árabe vai tomando.

Está longe e muito longe de se conhecer a última palavra sôbre a influência da civilização árabe-berbere na Península, pois os arquivos desta e os arquivos d'Além-Mediterrâneo, por emquanto, estão bastante cerrados e daí a grande insciência que ainda reina e de que Herculano infelizmente sofreu [1].

Deixemo-los abrir e esperemos, ou outros depois de nós, por aquelas explicações.

Se fôr depois de nós e se continuar êste torpe desrespeitar o passado que tão miseravelmente vai alargando nos dias de hoje, ainda interessar aos portugueses de então o estudo da História, estamos convencidos que esclarecer-se-lhes-hão todas estas dúvidas que aqui ficam e que nós tanto desejavamos vêr elucidadas.

Depois de isto escrito soubemos que aquele ilustre professor tinha a publicar um artigo sobre a significação da palavra *Tamarmá*, na *Revista Lusitânia*.

A' sua bondade recorremos e pudemos transcrever do referido artigo a parte que diz respeito ao nosso fito e que é: «Tenho hoje a explicação dele. Parece-me, realmente, de origem árabe, mas com a significação de *calçada da mae de água*, isto é *tala* «calçada», *mā-lmā*, «mãi de água» (literalmente *água da água*)

(1) Qual seria a razão da inadvertência do ponderado Herculano seguir Sousa, quando devia ter conhecimento *de visu* e talvez de prova, nas suas visitas a Santarém, antes e depois de comprar *Vale-de-Lobos*, que a célebre fonte é de água de desagradável gôsto por ser muito e muito salobra, o que ainda hoje corrobora o autor do *De expugnatione Scalabis?*

ou seja *tāmārmā*, em que houve a queda do *l* intervocálico de *tala* e passagem de *l* a *r* em *lmā*». Mais diz no erudito artigo que, além da *calçada da mãi d'água* em Santarém (Calçada da Tamarma), existe em Lisbôa tambem uma Calçada e uma Travessa da Mãi d'Agua [1].

Por todas estas rasões, no nosso humilde entender, subsiste a opinião de Simonet que dá *thymus*, *thomilho*, como raiz da palavra Thomar, com o que muito folgamos por esclarecidas ficarem algumas duvidas, vindas na nossa *A Ordem de Christo*.

Nos documentos árabes nada se tem encontrado que nos diga hoje alguma coisa sôbre o nome de Thomar, como substantivo comum ou como substantivo próprio.

Dos cristãos, o primeiro que se nos depara é uma *Crónica Goda* que fala, como já dissemos, do *infortunium super christianos in Thomar* no ano de 1135 [2] e a seguir temos a célebre doação do castelo de Cêras, atrás transcrita em parte [3].

O que vimos nesta que agora nos aproveite?

Primeiramente que a estrada de Coimbra a Santarém, (sendo mais uma prova) passava por onde nós a temos demarcado nas primeiras folhas dêste livro, e, em segundo logar, que o rio a atravessava no *portum de thomar*.

Desta frase, pois, tomou o egrégio Gualdim Paes o nome que

(1) Não diz o conspicuo escritor, onde é esta Travessa, o que faz supor, e justamente, que se ligue com aquela Calçada, mas tal não é.

Esta travessa fica muito e muito distante dessa calçada e deve vir de muito longe, porque onde fica, resto do velho bairro de S^ta^ Bárbara (Cabeço de Bola) denota grande antiguidade e grande isolamento da antiga cidade de Lisboa, estando hoje desfigurado por completo por os bairros, que rodeiam o velho grupo de casas onde está essa travessa, serem modernamente edificados.

Fazemos esta nota para mais validar a opinião do nosso autorizado amigo, pois, havendo esta travessa nestas condições, ser situada numa vertente do vale das célebres almuinhas onde, de certo, chegava o vasto bairro da *Mouraria*, e promanar perto uma fonte muito antiga e de agua da qualidade (salobra) da de Santarém, faz supor que ali também devia de haver uma outra *Calçada da Mãe d'Agua*, tanto mais que o terreno (calcáreo-argiloso) assim obrigava para serviço da fonte.

(2) *Cronica Gothorum*, nos *Scriptores — Portugaliæ Monumenta Historica*, pág. 12.

(3) Pág. 188 e 198

deu à fortalesa que a 1 de Março de 1160 fundou no padrasto fronteiro às antigas ruinas da velha povoação romana de Sellium e da efémera Nabância (se existência chegou a ter com este nome) para quartel glorioso da sua heroica milícia, os Templários, que já de há annos vinham a ser os melhores cooperadores da independência patria sob o comando geral de um seu filiado, o rei de Portugal, D. Afonso Henriques.

Edificado o castelo, á sombra das suas muralhas, principalmente na ampla chã que forma ali a pitoresca margem direita do gôdo Nabão, recolhida foi gente que, avolumando o seu numero grandemente, recebeu do glorioso Mestre Gualdim Paes, ao cabo de dois annos, foral, onde eram exarados os direitos e os deveres dos moradores da nova povoação que desde logo foi intitulada de cidade, o que se diz naquele diploma.

Como descritos, pois, já estão esses factos [1] que se passaram após aquele escambo, dêmos termo a este capitulo e, tirando *portum de* á frase, fiquemos tambem com Thomar [2], palavra linda aos nossos olhos e ao nosso coração, com a qual se começou de apelidar a nossa querida terra, desde o dia da sua fundação, e que gloriosamente tem subsistido até hoje.

---

[1] *A Ordem de Cristo*, do autor, pág. 12 e seg.

[2] E com *h*, pois não sabemos a razão da supressão de tal letra, como querem os nossos etimologistas e lexicógrafos hodiernos, a não ser o querer absoluto deles.

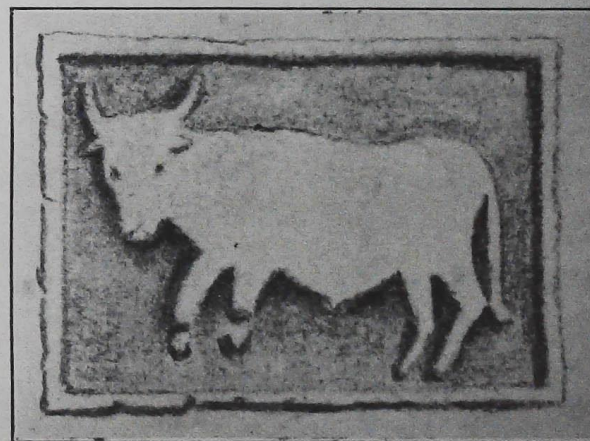
E sem querermos indagar a razão do seu novo escrever, do seu absolutismo, aqui neste caso opomos (que nos perdoem as cinzas do ilustre Gonçalves Viana sapiente relator da Comissão da Reforma Ortográfica) a etimologia da palavra e os documentos antigos em que ela vem escrita.

Vindo Thomar de *thymus*, *thomo*, como vimos, deve conservar o *h* de origem, o que foi respeitado pelos primitivos escritores da nossa lingua, deixando em grande número de documentos prova dessa tradição.

Esses documentos (a doação de Cêras; inscrição da alcaçova do castelo de Thomar, perpetuando o dia da sua fundação; a inscrição da escadaria do terraço da igreja, comemorando o cêrco do rei de Marrocos; a inscrição da capela de Vasco de Almeida, trazida do castelo de Almourol; o foral dado por Gualdim Paes a Thomar; a doação do Castelo de Zézere; o foral dado por Gualdim Paes a Pombal; etc, etc.), são bastantes para que nós os sigamos e não os ponhamos de parte, pois escrevem Thomar com *h*.

Por isso respeitemos o Thomar templário e continuemos a escrevê-lo, como o inclito Gualdim Paes o usou e como também os seus contemporâneos o fixaram.

Da nobre sede da famigerada milícia do Templo e da mais tarde gloriosíssima Ordem de Cristo, mais nada agora temos que dizer, mas de Santa Iria deixemos proseguir o tempo e, passando dêle uns trezentos anos depois daquela data célebre, vamos ver, no seguinte e último capítulo do nosso modesto trabalho, o afloramento da sua poética e celestial memória, em Thomar, a ponto tal que a sua veneração fez recolher umas piedosas senhoras em silencioso culto, transformar-se esse recolhimento em convento e uns seis séculos depois, inspirar ao nosso ilustre patrício, Dr. Gaspar Leitão da Fonseca, o seu já referido poema *Irenidos* que principia por estes versos:

As armas do martírio, e a Martir canto
Que a Pátria, minha, e sua hoje enobrece

Pedra gravada no cunhal do convento de Santa Iria

IV

O nosso grande e glorioso século xv vai ver fundar uma casa religiosa, a segunda que em Thomar foi constituida.

O sítio venerando da vida e do martírio da nossa puríssima patrícia volta a aviventar-se e as orações a um Deus de amor e de perdão recomeçam a ser entoadas fervorosamente, como no século VII começaram, ao ser levantada a casa onde a sobrinha do abade de Selho, tanto sofreu.

Funda-se este convento ao nascente da vila, estando ao poente erguidos os aposentos da célebre Ordem de Cristo, já então a caminho da imortalidade.

Mais tarde se edificarão mais dois: um ao norte e outro ao sul.

E coisa singular, ficarão esses quatro conventos postados de maneira, certamente por mero acaso, a formarem uma cruz: Santo António dos Capuchos ou Anunciada ao norte, S.ta Iria ao nascente, S. Francisco ao sul e Cristo ao poente.

Dêste mosteiro já corre impresso, por obscura penna nossa, o que nos pareceu mais digno de crédito e o que nos revelaram os documentos que à mão, com trabalhoso catar, nos poderam chegar.

Das habitações dos frades de S.to Antonio e de S. Francisco trataremos delas em suas memórias que, se a vida nos não faltar, daremos à estampa tudo que também digno de nota lhes diga respeito, para continuarmos a ajudar a esclarecer, embora pobremente, a história da nossa mui amada terra, ilustre e artística entre as mais ilustres e artisticas cidades de Portugal.

Assim já procedemos ao descrever o famoso e glorioso Monu-

mento de Cristo e agora o mesmo faremos com o que constitui o objecto das folhas que se vão ler para acabamento do nosso propósito de tudo tratamos que se relacione com a nossa casta e celebrada patrícia.

Morta Iria, essa mulher formosa, cuja beleza tanto mal fez no mundo sem ser sua a culpa, que, a haver no seu tempo um Leonardo de Vinci, seria a sua enigmatica *Gioconda*, um Palma Vecchio a sua viva *Santa Barbara*, um Rafael a sua loura *Fornarina*, um Miguel Angelo a sua tímida *Misericordia*, um Ticiano a sua alegre *Flora*, um Ribèra a sua atraente *Conceição*, um Murilo a sua irrepreensível *Assunção*, e viria a ser, à semelhança destas, sem dúvida alguma, peregrinamente retratada e posta, na longa série dos anos, à admiração das gerações, como a sua figura espiritual, a sua castidade e a sua santidade foram, são e serão, ainda por largos séculos, o assunto sempre vivo para os prosadores e o pasto ternamente amoroso para os poetas, a crença popular, enebriada pela sua seráfica figura e pelos tormentos de sua angélica existência, santificou-a, decerto, antes que em Roma fosse inscrita no canon dos santos, e a levantar-lhe, no sítio do seu desaparecimento, um monumento digno de sua veneração não tardou, pois é de presumir que quanto mais não fosse seus admiradores patrícios, seguiriam os cristãos de Santarém, sendo por esse motivo que vemos dizer aos inquiridos [1] de 1317 que no seu tempo havia uma igreja da invocação de S. Iria.

Existiria realmente essa igreja?

Se existia, de quando viria ela?

Ainda dos 58 anos godos que medeiam entre o fatal acontecimento e a invasão árabe-berbere?

Durante esta, serenado mais o meio, ao voltarem, em maior numero, as esbaforidas gentes, longos anos após o retumbante sucesso, às margens do Nabão, recordando-se do que se passara pela terra da sepultura da já santificada mártir e virgem, levantar-lhe-hiam então as quatro paredes de um templo, sómente para a adorar e não para a cantar, o que deu origem a não haver por Thomar a versão poética, como dissemos?

Seria posteriormente à reconquista, e muitos anos depcis, que mais afervorados os ânimos, ergueriam a capelinha que, a acreditar-

(1) Pág. 105 e 107.

mos no depoimento de Domjngos paaes Roussado ou no de Pedro poonbo já ela existiria ao tempo dos seus testemunhos?

De positivo nada há certo, tanto mais que sabemos que no meado do século XII, fundação de Thomar, somente ruínas mudas existiam na margem esquerda do rio, assim como vamos ver que a ter sido levantada essa capela, desaparecida estava no meado do século XV, sendo no entanto convicção nossa que a lembrança da notória morte de Iria não se apagaria de todo nos poucos ou muitos habitantes que pelo sítio ficaram ou se ajuntaram depois.

IGREJA DE SANTA IRIA EM SANTARÉM

Por isso, num ou noutro tempo de crenças mais vivas, emergeria essa tradição, correndo com mais ou menos intensidade, com maior ou menor deturpância, a notícia da tragédia que tanto notabilizou o poético rio Nabão e, como tal, a reminescência do seu pego, onde foi lançado o corpo inanimado da infeliz virgem e do sítio do convento em que passou, por alguns anos, a sua vida feliz e também os dias malditos, causados por um amor incasto que a sua formosura de mulher linda e atraente, fez gerar na cabeça dum desgraçado que teve a desdita de não poder recalcar em sua alma a diabólica fascinação que ela lhe produziu e de apagar em seu coração o fogo ardente que a sua peregrina beleza e santas virtudes lhe geraram.

Por aquela rasão vamos ver, no século XV, essas tradições aflorarem e portanto a sua fé, determinar a compra desses santificados logares e a evolução deles a convento da Ordem de S.ta Clara, a fundadora das religiosas franciscanas.

Seguindo os melhores escritores, que se fundaram numa provisão do Prior de Thomar, como prelado espiritual desta circunscrição ou distrito eclesiástico, D. Pedro, de 22 de Junho de 1482,

sabemos que a fundação do recolhimento de S.ta Iria data da última metade do século XV e a do convento da primeira metade do século XVI.

Pero Vaz de Almeida [1], védor da fazenda do Infante D. Henrique, fidalgo da sua casa, por algumas daquelas *deferenças* [2] que o tempo costuma mostrar nas privanças e valimentos, se retirou à vila de Thomar com sua mulher, Mécia Vaz Queirós, e três filhas bem dotadas, assim de prendas pessoais e bens de fortuna, como nas riquezas de copiosas virtudes.

Chamavam-se elas: Maria de Almeida, que foi dama da Infanta D. Brites, mãe de D. Manuel I, Brites de Almeida e Marta de Almeida que depois se chamou Marta de Cristo.

Morto, parece, em 1467, sete anos depois do falecimento do ínclito Infante D. Henrique, Pero Vaz de Almeida foi sepultado no Monumento de Thomar, ao qual tinha deixado certa fazenda com encargo de algumas missas perpétuas.

A viuva, Mecia Vaz Queirós, inconsolável, como de prever é, após a morte do marido, comprou o sítio célebre pelo martírio de Iria, e que estava desocupado e deserto, recolhendo-se nele e mais as três filhas, para o que mandou fazer casa e uma igreja, onde se dizia missa e recebiam os sacramentos.

Assim estiveram por bastante tempo, sendo só um recolhimento de beatas, até que, morrendo a mãe e mais duas filhas, a terceira, Marta, que já é chamada Marta de Cristo, em 27 de Outubro de 1523, depois de obtida a devida licença de Mestre Domingos, ministro provincial dos padres claustrais, reduziu a casa à observância religiosa da ilustre filha de Assís, famosa mulher que, para seguir entusiasticamente Francisco Bernardone, *o Poverelo*, mais tarde S. Francisco, abandonou riquezas e parentes, fundando a sua Ordem, e cujo corpo acabamos de ver e de reverenciar na sua tão característica quão pitoresca terra natal, depositado num artístico túmulo de magníficos mármores na cripta da igreja do seu convento.

(1) Este Pero Vaz de Almeida seria filho de Vasco Gonçalves de Almeida e de Mecia Lourenço, amos do glorioso infante D. Henrique, o qual mandou fazer a capela mortuária que existe no Monumento de Cristo, junto ao claustro do *Cemitério* e onde está sepultado com a mulher?

Não lográmos saber, o que já nos tinha sucedido ao querer referir mais alguma coisa da vida deles, quando escrevemos o nosso livro: *Marrocos e Três Méstres da Ordem de Cristo*

(2) Seriam estas *deferenças* a origem de mais nada se conhecer sôbre estes Almeidas que chegaram a ser *alguém* em tempo do *Navegador* e de quem nenhum Azurara fala?

Porque tão pesada *campanha de silêncio* sobre êles crearam os escritores coevos?

Porque serão também mudos os documentos sôbre tão ilustre gente?

Teriam enfileirado ao lado do ilustre Infante D. Pedro nas lutas contra os seus inimigos, cujo epílogo foi a vergonhosa Alfarrobeira?

Para se realizar aquele acto, veio do Convento de S.ta Clara, da Guarda, Soror Mecia da Silveira, sobrinha daquela, por ser filha de seu irmão Francisco de Almeida, sendo nomeada abadessa do novo convento da sua ordem, tendo, dezoito anos depois, a pedido dela, vindo de Roma confirmação dêstes actos, sob o pontificado de Paulo III, ficando, segundo as mais certas opiniões, Marta de Cristo simples freira.

Foram quinze ou dezasseis as freiras que compunham a clausura, por ordenança da padroeira, Marta de Cristo, mas, após a morte desta, pelos anos de 1540, alcançou-se dispensa para mais quatro, depois subiu a trinta e seis.

Pelo tempo adiante, porém, foi-se alargando o número, chegando êste a pôr as finanças do convento em grandes dificuldades, porque aumentava aquele e não melhoravam estas, pelo que se teve de reduzir a ponto de, ao extinguir-se, ser bem pequeno o número das suas freiras.

Em mercês espirituais dos papas e em favores reais é que também êle ia aumentando, embora não tanto êstes que fizessem desafogadamente viver a comunidade, ao que se opunha também a severa regra que tinha.

Assim ainda era recolhimento de beatas, Fernão Martins, das Pias, cavaleiro da Ordem de Cristo, impetrou de Leão X um breve pelo qual concedeu cem dias de indulgências a todos aqueles que, visitando a igreja no dia da festa de Santa Iria e em outras solenidades, dessem esmola para a fábrica e ornamentos dela.

Inocêncio XI, dispensou-lhe muitas indulgências, no ano de 1682, sexto do seu pontificado, para as religiosas, em sufrágio das defuntas e remédio para as que estavam em artigo da morte, concedendo a estas indulgência plenária e remissão de todos os pecados com a pensão sómente de articularem o nome de Jesus.

A mesma indulgência era dada uma vez cada ano a todos os

que visitassem um altar da igreja ou do interior do mosteiro, a arbítrio da própria devoção, e todos os sábados, a quem assistisse à ladainha da Senhora.

Também lhes distribuiu as mesmas graças que se concedem aos que visitam seis altares na Basílica de S. Pedro, a todos os que fizessem o mesmo em outros sete dêste convento, doze vezes no ano e para que ás mortas chegasse este manancial de favores lhes previligiou um altar em que se oferecessem a Deus sacrifícios por suas almas.

El-Rei D. João III, concedeu, por seu turno, à abadessa o previlégio de eleger e nomear quatro homens, os quais serviriam o convento, ficando isentos de serem jurados em Thomar.

Mandou-lhes dar todas as s manas 150 rs. para salário de um capelão e esmola de 5 missas á razão de 30 rs. para cada uma, tendo-lhe passado provisão no ano 1546.

Em 1531 tinha-lhes já perdoado todos os dizimos de pão e azeite, e qualquer outra coisa que lhe pertencesse da renda de seus casais, ajuntando a esta mercê, a de poderem as religiosas fazer provimento do necessário, onde lhes parecesse mais útil.

Ordenou também que o almoxarifado de Thomar desse três arrobas de cera todos os anos.

Todas estas mercês foram confirmadas por D. Sebastião, D. Filipe II e III, dando-lhes estes a posse de uma capela rendosa e segurança perpétua em todas as suas fazendas.

Também a pedido da primeira abadessa se alcançou a mudança do legado de seu avô ao Convento de Cristo para o seu mosteiro, vindo de Roma, em 1552, a devida autorização, dada por Pio IV.

Principiou este convento com grande disciplina, seguindo à risca a regra assisense, pois parecia habitação mais de gente morta do que de viva.

O silêncio por todo êle era profundo.

A terra servia de catre ás religiosas que tinham por enxergão uma dura cortiça.

Silícios de ferro lhes mortificavam as carnes.

Entregues a Deus, só com Deus falavam e seguindo esta vida austera, no rigoroso cumprimento dos deveres santos, à reforma da observância se opuzeram, aceitando-a constrangidas só em 1568, visto não a quererem por não lhes ser necessária.

Grandes milagres se operaram neste convento, pela intercessão da caridade, piedade, crença, e — porque não diremos também sciência de suas monjas — os quais levar-nos-iam folhas e folhas a contar, o que calamos, pois a inteligência do leitor os advinhará por obrados e descritos em tempo de tanta fé, santidade e crendice.

Isto é o que referem os livros sôbre a fundação e primitivo viver do convento de S.ta Iria, mas antes de continuar, transcrevamos de um (1) êstes períodos que se referem ao seu sítio onde foi fundado, por serem interessantes e para se ver que a formosura dele não é só de hoje admirada.

«Quando saímos da vila para a parte do rio, que é a oriental, entramos por uma ponte, que o atravessa, deixando tambem caminho a uma bastante corrente, a qual desmembrada dele se ocupa todo o ano movendo engenhos de azeite que pela muita cópia deste fruto, em todo aquele tempo têm serventia suas aguas.

E' o logar desta ponte alegre, por que nele têm os olhos liberdade para se divertirem, ao perto com edificios nobres e ao longe pela várzea povoada de hortas e fecundos pomares, ou por montes não muito levantados, vestidos de olivais e de vinhas.

Alem disto se mostra aprazivel com a passagem frequente de pessoas de todas as provincias do reino (2) que a demandam como estrada seguida.

---

(1) *Historia Seráfica*, por Frei Fernando da Soledade, II parte, pag. 422.

(2) Infelizmente ao presente não existe esta freqüência de pessoas de todas as províncias do reino, como diz o ilustre cronista, mas, se não é só dessa gente a freqüência que tem hoje, tem-na também formada pelos próprios habitantes de Thomar que, devido ao grande desenvolvimento comercial e industrial que há tomado o bairro de Além-da-Ponte, muitas e muitas relações mantém, a ponto de tudo fazer com que, durante as horas de dia raríssimo será o minuto que, em cima da ponte, não passe uma pessoa, como nos tem revelado a nossa longa observação.

Estreitíssima a considerâmos hoje para o enorme movimento de pessoas, animais e carros de toda a espécie que ali afluiem, lamentando nós que não se tenha tomado a resolução de a alargar devidamente, porque o pequeno alargamento que se obteve, já nos nossos dias, ao tirarem-lhe as cortinas de pedra, foi insuficiente.

Já nós a benificiámos, promovendo o alargamento da sua entrada e da pequena ponte que está sobre a Levada, obra decretada pelo Sr. Conselheiro Pereira dos Santos, último ministro das Obras Públicas da monarquia, em 3 de Outubro de 1910, embora realizada já na vigência do novo regimen.

Porém, não é menor a formosura que recebe com duas piramides colocadas no seu princípio e posto sejam de pequena estatura, são contudo muito sublimes no seu ministério; por quanto se erigiram (como dizem os letreiros delas) em memória do Santissimo Sacramento do Altar, e da Conceição Imaculada Virgem Maria, mãe de Deus (1).

No fim da mesma ponte (2) e á sua mão direita se estendem os edificios do mosteiro, senhoreando o rio, que se humilha a suas plantas, mas excede esta cortezia (como fazem muitos homens) quando melhoram de fortuna, com os enchentes do in-

---

Se se tivesse pensado a valer e com todo o patriotismo, e não em destruí-lo, no estabelecimento do plano, já elaborado e aprovado, ferro-viário da zona central do pais e coubesse a Thomar, como aquele plano fixa, o grande papel de entroncamento das várias linhas que para o poente, norte, nascente, e sul dele partem, e assente a estação desse entroncamento no alto de Além-da-Ponte, na cerrada dos Motas, do de desaparecerião os prédios que a limitam, de maneira a dar o enfiamento da saida da estação, com o da rua Larga, Ponte e Corredoura, quão enormemente seria aumentado esse movimento que obrigaria, com certeza, ao alargamento que, sem êste, já se faz hoje tanto sentir a sua não realização.

Que linda entrada teria então a nossa formosa cidade?

Como seria esta ponte «logar alegre, porque nele têm os olhos liberdade para se divertirem ao perto com edifícios nobres e ao longe pela várzea povoada de hortas e fecundos pomares ou por montes não muito levantados vestidos de olivais e de vinhas» como diz o conspicuo fr. Fortunato da Soledade, a que nós acrescentaremos e coroados por monumentos formosos, como o da basílica de S.ra da Conceição e o do Convento da Anunciada, e ricos de arte e opulentos de tradições e de majestade como o Monumento de Cristo?

Estamos por certo que não haveria por êsse Portugal fora panorama que se equiparasse a êste em mimo, formosura e em evocações poéticas do nosso épico e imortal passado.

(1) Ainda conhecemos parte de uma destas pirâmides.

Servia ela de suporte central ao pavimento do antigo coreto da Várzea Grande, não sabendo nós se a colocaram para o mesmo fim no coreto que ali se fez em substituição daquele, mas mais para poente e que ainda alí existia ainda há pouco.

(2) Sem dúvida que no tempo em que isto se escrevia, principio do século XVIII, não existia neste sítio e no mesmo lado, um corpulento S. Cristóvão, o advogado das pontes, cuja estátua não chegamos a conhecer, mas que pessoas ainda hoje vivas em Thomar se lembram dela e duma crendice que lhe andava ligada: o pó raspado das suas pernas servia, depois de tomado, para a cura das maleitas ou para abrir o apetite.

Naturalmente tanto rasparam que algum pé de vento o deitou abaixo e pro-

verno (1), porque sem lembrança da sorte passada, penetra a clausura, vadea a Igreja e pretende pisar tudo debaixo das suas ondas soberbas.»

Agora vamos ver o que dizem as pedras, os documentos e tambem os livros, sôbre o seguimento da história de tão notável convento.

---

vavelmente para o lado do rio, estando no fundo pego que é ainda dos nossos dias e que camadas sucessivas de areia têm vindo a entulhar.

No reinado de D. João V a estrada a que esta ponte dava passagem, foi concertada e as suas pontes restauradas, o que nos leva a crer que êste S. Christóvão viesse dessa ocasião pelo que nos é também testemunhado por aquelas pessoas.

A sua figura, já lendariamente, opulenta de formas e a sua flutuante roupagem muito nos faria lembrar hoje as célebres estátuas do grande escultor e arquitecto Bernini que no século anterior, em Roma, tinha prodigalizado o seu infatigavel talento em obras admiraveis, como a *Santa Tereza*, da Igreja de Santa Maria della Victorie e as inúmeras de dentro da opulenta basilica vaticana, cuja nave Moderna acabara, havia pouco, de alongar, tendo-a deixado nua e grave, e as de fóra, na magestosa praça de S. Pedro, o que tudo lhe mereceu o apelido de Miguel Angelo do século XVII, fazendo escola que facilmente se espalhou pelos paises do Ocidente da Europa, compreendendo Portugal, onde teve discipulos que o seguiram, deixando não poucas provas nas obras, algumas bem belas, que ainda se nos patenteiam por várias igrejas e monumentos, vindos daqueles tempos.

(1) Alguns grandes assinala-os a história.

Não referiremos os dois mais notaveis, cujas memórias são bem tristemente recordadas por gente ainda viva — 19 XI 1852 e 22-XII-1909, mas o que se fez sentir na quarta feira 26-XI-1555.

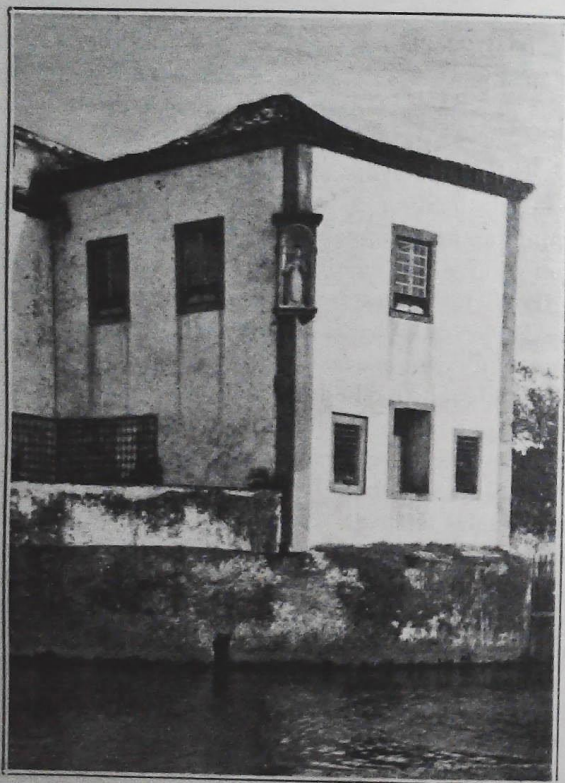
A acreditarmos o que diz Florim num manuscrito que deixou e está hoje na Tôrre do Tombo, sob o titulo *Cristo 50*, muitissimas casas de Thomar foram destruídas pela impetuosidade das águas, valendo aos seus moradores o chegar no dia seguinte D. João III que mandou imediatamente fazer o orçamento dos prejuizos para dar essa importância que tão grande foi que atingiu a enorme cifra, para o tempo, de três contos.

O mosteiro de S.ta Iria não foi dos que menos sofreu, pois seis casas térreas para despejos a par da cêrca do lado do adro, foram destruidas; assim como cento e dez braças do muro que fechava o convento pelo lado do rio que também as deitou abaixo, embora fossem de pedra, cal e muito fortes.

Este prejuizo foi orçado em 90.000 rs.

E se verdade também é o que diz Fr Jacintho de S. Miguel no seu manuscrito n.º 8842 da Biblioteca Nacional de Lisboa, em 25 de novembro de 1550 já tinha havido outra cheia notável que derrubou parte da ponte e levou um dos lagares chamado de *Picamilho*, que D. António de Lisboa reedificou, construindo também mais dois por essa ocasião.

Contentando-se as freiras, naturalmente pela pobreza da regra ou pela mingua de recursos, com a igreja do humilde recolhimento da beata Mecia de Queirós, por longos anos se foram servindo dela, até que Pedro Moniz da Silva, mandou construir a que vemos hoje, como nos é atestado pelas inscrições que existem na sua capela mortuária.

Neto de Gil Aires Moniz, escrivão da puridade do Condestá-

PARTE DO CONVENTO DE SANTA IRIA

vel D. Nuno Alvarez Pereira, e filho de Diogo Gil Moniz, vedor da fazenda do Infante D. Fernando, irmão de D. Afonso v, e de Leonor da Silva, foi Pedro Moniz da Silva, comendador da Tôrre e dos Casais, na Ordem de Cristo, repesteiro-mór de D. Manuel e mordomo-mór do cardial D. Henrique.

Casando, em segundas núpcias, com D. Isabel Henriques de Miranda, teve vários filhos, sendo um Bernardo Moniz da Silva, que recebeu também as comendas da Tôrre e dos Casais.

Tomando êste por mulher a D. Lourença de Vilhena, filha de Francisco da Silva, senhor de Chança, e de sua mulher, D. Maria de Noronha, houve dela alguns filhos, entre êles D. Vitoria de Vilhena, que chegou a ser dama do Paço.

Foi esta senhora quem mandou, à sua custa, reedificar e ornar de pinturas e a ouro a obra que seu avô deixara incompleta ou já estava deteriorada no seu tempo, como informam as legendas que, por cima dos brazões com as armas dos Monizes, dos Silvas, dos Sousas e dos Henriques, existem ainda hoje nas paredes laterais da capela mor e dizem :

A do lado direito :

NO ANO DE CIƆ.IƆC.X MANDOU REEDIFICAR ESTA
CAPELA E ORNAR DE PINTURAS E OURO Á SUA CUSTA
UMA NETA DO FUNDADOR D'ELLA, FILHA DE SEU FILHO
BERNARDO MONIZ DA SILVA.

A do lado esquerdo :

ESTA CAPELA MANDOU FAZER PEDRO MONIZ DA SILVA
QUE ESTÁ SEPULTADO N'ELLA CÕ SUA MULHER D. ISABEL ẼRIQUES.
E SEU FILHO BERNARDO MONIZ DA SILVA COM SUA MULHER
D. LOURENÇA DA SILVA E SUA FILHA D. VITORIA DA SILVA.

Esta capela dizem as inscrições. Qual ?

A que serve hoje de capela mór ou toda a pequena igreja do convento a que a tradição também tem ligado o nome de capela ?

Se nos cingirmos ao que estas inscrições referem, deveremos ser induzidos a crer que fôsse sòmente construida a capela, onde se encontram, mas parece-nos que não.

A disposição de todo o templo, com as suas artísticas porta e janela (janela que estava no côro de cima antes de êste e o do baixo serem transformados em varanda e passagem e a data que está esculpida na porta, 1536, levam-nos a dizer que a significação daquella palavra *capela* se deve estender a toda a igreja e por tanto, como sendo obra de Pedro Moniz da Silva.

Sendo assim, por estas inscrições, pois outros documentos não temos, conhecemos o nome do fundador da igreja de S.ta Iria,

o qual, pelos altos empregos que exerceu e pela fortuna que devia ter, imprimiu-lhe cunho artístico deveras notável, sentindo nós hoje não vermos toda essa arte.

Da fachada da igreja só resta a sua linha geral, a bem lançada e muito bem ornamentada portada e uma linda janela do tempo do fundador, se bem que não no sítio primitivo, como dito fica acima.

Irmão, Pedro Moniz da Silva, de António Moniz da Silva (1) o afamado D. António de Lisboa, o poderoso Prior-Mór da nó-

(1) Nós ainda nos inclinâmos a que êste parentesco seja o real, seguindo vários genealogistas, embora, por erro de revisão numa obra nossa, o façamos passar por neto e filho de Pedro, e de Bernardo Moniz da Silva.

Porém diante do que diz Frei Jacinto de S. Miguel no seu manuscrito atrás apontado, algumas dúvidas poder-se-hão apresentar

Diz êle: «o veneravel Frei Antonio de Lisboa, chamado por antonomásia *O Grande*, por suas inumeras obras, se acha com os seguintes apelidos em varios livros: *Moniz, Silva, Lisboa e Guadalupe. Moniz*, por ser filho de Diogo Gil Moniz, vedor do Infante D. Fernando, pai de El-Rei D. Manuel neto de Gil Ayres Moniz, secretario do Condestavel D Nuno Alvares Perera e descendente do celebrado Egas Moniz, aio de D. Afonso Henriques *Silva*, porque suposto não foi legitimo, era sua mãe nobre e da geração dos Silvas».

E' aqui que as duvidas aparecem.

O pai e o avô eram os mesmos e o pai casou com uma ilustre dama da nobre familia dos Silvas — Leonor da Silva.

Como é que este filho não foi legitimo?

Nasceria antes do casamento e de outro pai?

Seria do mesmo Diogo Gil Moniz, mas não teria podido ser legitimado?

Seria a inveja humana que, pelos grandes merecimentos possuidos pelo D. António a ponto de o fazerem ser tão aproveitado por D. João III, criasse a lenda de filho ser de D. Manuel e portanto irmão de aquele rei e o Fr. Jacinto, picado por aquela, somente dizer: era sua mãe nobre e da geração dos Silvas?

Sendo verdade esta lenda, para que lhe dá este cronista tão claramente por pai a Diogo Gil Moniz?

Teria o pai, Diogo Gil Moniz, relações clandestinas com alguma Silva, parenta da sua primeira mulher?

Tudo poderá ser ou outras hipóteses se dariam que a nós à distância de quatro séculos, não nos é fácil aventar e resolver.

Já agora esfolhemos o manuscrito de Fr. Jacinto e respiguemos nele mais alguns apontamentos e mais alguns dados biográficos de tão alta personalidade que de humilde filho natural, como êle diz, subiu por seu motu-próprio ao importantissimo lugar de Inquisidor do *isento* de Thomar, em que foi mais tarde confirmado no cargo pelo Inquisidor Môr o Infante D. Henrique.

Teve mais o nome, de *Lisboa* por nela ter nascido e de *Guadalupe* por neste convento receber o hábito da ordem de S Jerónimo.

tavel Ordem de Cristo, o ilustre português que, pelas suas santas virtudes e pelos seus grandes talentos, tantos cargos teve e dos mais importantes, no reinado de D. João III, recorreu êle, por

PÓRTICO DA IGREJA DE SANTA IRIA

seu intermédio, ao exímio arquitecto João de Castilho que trabalhava em Thomar na construção do grande e maravilhoso mo-

Devia ter nascido em 1484, visto ter 36 anos de edade aos 25 de Março de 1520 quando, por um breve do Papa Leão, professou no convento da Berlenga.

Aqui viveu alguns anos e D. João III, sabendo quem êle era pelo confessor da rainha D. Catarina, Fr. Miguel de Valença, o chamou.

Em seguida foi eleito Prior de Belém e Provincial da sua Ordem e em 1529 tomou posse do convento da Costa, de Guimarães, que lhe concedeu o duque de Bragança para o reformar.

Antes de partir de Lisboa lhe falou o cardeal Infante D Afonso, comendatário de Alcobaça, para reformar a Ordem de Cristo, que era da visitação do referido convento, tendo estado, antes de passar a Thomar, no convento de Seiça que melhorou.

numento que, no seu conjunto, é o mais artístico, histórico e original de Portugal.

O templo, de forma rectangular e de orientação clássica,

Vendo que o convento de Thomar necessitava de rendas, pediu e obteve as comendas da Cardiga e do Prado, junto da vila.

Antes de principiar êstes trabalhos, interessou-se pelas obras que João de Castilho projectava para o convento.

Tratou de continuar o convento e até ao ano de 1535 em que começou a casa do capítulo, que chamam dos cavaleiros, comprou muitas fazendas, pediu comendas e Igrejas e no circuito do mosteiro, que chamam Sete Montes, fez cêrca.

Fez casa na comenda da Cardiga com sala e camaras para receber as pessoas reais.

Edificou a Granja que chamam Velha e mandou fazer lagares, moinhos e outras cousas.

Edificou a Ermida da Conceição.

Fez o noviciado e a sua capelinha que é das mais primorosas.

Fez também um colégio de meninos órfãos Além-da-Ponte da vila que depois da sua morte se extinguiu.

Depois, foi feito D. Prior e El-Rei lhe deu a jurisdição prelaticia do termo da vila.

Em 1535 lançou os fundamentos à grande Casa do Capítulo dos cavaleiros, onde se lê *Anni Domini 1535* e em cima se vê a efígie do fundador em um busto de relêvo de pedra com as mãos erguidas.

A verdade é esta e não que fosse trabalho dos dois Filipes.

Nesta altura sobreveio a dúvida, que, pelo defeito do seu nascimento, tudo quanto Fr. António fizera era nulo, pelo que foi impetrada uma bula de dispensa, que se obteve.

Começou então a reformar os conventos da Ordem de S. Bernardo e de outras religiões.

Em 1540, tendo havido dissenções entre os frades de Alcobaça por via das eleições, foi ali Fr. António para as resolver, sendo aceitas as suas deliberações.

Em 1541, estavam concluidas as obras do convento de Thomar, faltando-lhe só casa capitular pela ausência de Castilho, impedido em outros trabalhos, pelo que Fr. António recorreu a El-Rei.

Nesta ocasião e já antes tratava da reforma de Santa Cruz.

Celebrou duas vezes Auto da Fé nas várzeas de Thomar, acompanhado de quarenta *filhos* seus.

Fez queimar alguns judeus no mesmo rossio e os retratos dos queimados existiam na Matríz da Vila.

Estes autos eram feitos com a maior pompa por decoro da dignidade, honra e crédito da Santa fé, acompanhados de todos os seus monges, da colegiada e das justiças e nobreza.

Saia a procissão do convento, levantava-se o cadafalso no Rossio e ali, sen-

tendo ao poente o côro das freiras e condizendo com a modéstia do convento, é pequeno e de uma só nave, mas o grande baiscaínho imprimiu-lhe o alto cunho do seu brilhante talento artístico, o que se patenteia no portal [1] e na janela ainda hoje existentes.

tado êle como inquisidor, no trono, fazia ler os processos, segundo o cerimonial.

Êle foi o primeiro que a conselhou se deviam comunicar entre si as Inquisições.

Como faltassem mestres que instruissem os monges, escreveu a Fr. Diogo de Murça, reitor da Universidade, que mandasse um mestre de teologia para ler em Thomar.

Aquele enviou-lhe o licenceado Luís Carvalho.

No mesmo convento havia feito escolas de latinidade e artes e quis também deixar outra de teologia, emquanto não achava em Coimbra sítio capaz para colégio

Por êste tempo reformou o mosteiro da Trindade de Santarém por ordem de El-Rei, donde passou a Lisboa a reformar os outros conventos da mesma Ordem.

Em seguida reformou o convento de Alcobaça, tendo dado as obras a Miguel de Arruda.

A seguir visitou o convento de religiosas de Arouca.

Alquebrado de tantas viagens e comissões, recolheu-se a Thomar onde caiu enfermo.

Apenas restabelecido, deu conta a El-Rei do que fizera, pedindo-lhe dinheiro para concluir as obras do convento.

Na sua missão de reformar Alcobaça, entrou em conflito com o Cardial Infante, que não queria deixar o cargo de D. Abade, nem ser prejudicado na sua bolsa.

Por êste tempo foi a Tavira visitar o convento das religiosas dali.

Enfermou finalmente Fr. António da sua moléstia habitual, que era cansaço e debilitação nimia, originada do trabalho das suas visitações e reformas.

Pouco a pouco o foi a natureza desamparando e êle, conhecendo bem ser chegado o termo da sua vida, alegre pediu aos seus frades os Santíssimos Sacramentos da Igreja. E depois de os receber com rosto prazenteiro os exortou a viver na regra que lhes dera e a perseverar na creação e religião que lhes ensinara. Pediu-lhes não sentissem sua morte, antes se alegrassem, depois, abraçando-se com um crucifixo, deu seu espírito àquele Senhor que o elegeu para suscitar o seu Espírito nos religiosos de Portugal.

Faleceu aos 22 de Junho de 1551, tendo 67 anos de idade.

[1] Não escaparam este portal e janela aos olhos do grande arquitecto Alberto Haupt, quando percorreu o nosso país no estudo de seus monumentos, de que fez o belo e substancioso trabalho, *A Renascença em Portugal*, cuja tradução vem nos *Serões* donde nós, do N.º 30, pág. 438, vimos nele, referindo-se aos restos da capela de que estamos tratando, classificá-los de «*Renascença*

Em estilo da Renascença portuguesa, é do ano de 1536 essa porta que, com a sua linha, com as suas folhagens, com os seus grifos, com os seus medalhões, com os seus instrumentos, com os seus florões, com os seus frutos, com as suas armarias, com os seus anjos e com os seus fémures, forma um exemplar belo do

---

primordial, de admirável finura. Ambas, com pilastras molduradas, a primeira com um coroamento flexuado, ostenta, já nas pilastras, já nos frisos, o mais delicado ornato; tudo primoroso e com o mais fino acabamento. Apesar de reunirem ainda as caracteristicas de anteriores trabalhos, como os que se vêem, lá em cima, no mosteiro, no claustro dos Filipes, mercê da sua descomunal elegância e delicadeza, inclinam-se êstes mais para os da época posterior, existente em Coimbra, estabelecendo, digamo-lo assim, um intermédio entre um e outro.»

Lamentamos que o notável escritor e artista não tivesse reparado melhor, pois pela data que está estampada no portal, veria que eram trabalhos da época das portas do *Refeitório*, da projectada entrada do Convento e da entrada para o pavimento inferior da *Casa do Capítulo* que o magestoso claustro de *D. João III*, que êle erradamente chama de *Filipes*, entaipou, primeiramente, pelo glorioso arquitecto que todas as quatro obras fez e depois por Torralva, ao transformar uma destas: o claustro, pondo em prática a soberba fábrica estudada ainda no tempo do *Piedoso* e mandada levantar por sua mulher D. Catarina, seis meses depois da morte daquele monarca.

Aproveitamos mais uma vez, para observar que esta, por tantos titulos, notável obra, não tem nada de Escurial, por tanto filipica, como com supina ignorância se tem escrito, pois antes de ser principiada aquela em 9 de Maio de 1563, por João de Toledo, já o nosso claustro estava a concluir, 1562, talvez pelo próprio que o tinha começado na sua última fase — Diogo de Torralva; muito menos de pátio de *Carlos V* em Granada com que não tem similhanças; nem tão pouco de italiano.

É cópia simples e fiel da grandiosa arte do que produziu a Atenas de Pericles e a Roma dos Cèsares.

E' por isso, o mais admirável, grandioso e puro exemplar do classicismo grego-romano que Portugal possui e na Europa não há nenhum outro claustro com o qual se compare, convicção esta adquirida pelo muito que temos visto nas nossas viagens ao estrangeiro, como na nossa recente à Espanha, França e Itália.

De certo que também Haupt não as compararia com as obras de Coimbra, que tanto têm iludido os historiadores de arte, pondo-as em primacial logar, quando em Thomar, ao tempo, era o mais importante foco artístico de Portugal, donde saíram para Coimbra artistas, como o Diogo de Castilho, irmão do celebérrimo mestre da maravilhosa arte thomarense, que tem tido sempre a infelicidade de ser vista e estudada, depois de toda a outra, pondo-a em logar inferior, muitas vezes também por culpa dos naturais que bem pouco a têm estudado e que bem pouca importância lhe têm ligado.

novo modo arquitectónico que se seguiu ao requintadamente simbólico *manuelino*, cuja página, a mais artística e a mais eminentemente portuguesa é a soberba fachada poente da igreja que, uns vinte anos antes, o mesmo ilustre artista, João de Castilho, tinha acabado, no alto monte, agarrada á edícula templária, para os serviços divinos dos intrépidos e gloriosos cavaleiros navegantes de Thomar.

Mudando de ideias, agora seguidor da *renascida* arte, que efeito causaria a João de Castilho, o livro — *Medida del Romano* — já visto, por nós, ligado, num, escrito à igreja que estamos descrevendo, e que Diogo de Salgreda publicou, onde são estudadas, com ilucidativas estampas, as antigas e clássicas arquitecturas?

Decerto, grande influência devia ter sofrido o seu *adaptável* espirito, pois saindo a referida obra do prelo em Toledo no ano de 1526, sem dúvida lhe viria em breve às mãos, tanto mais que essa edição era em castelhano, lingua sua materna.

Desde então as suas produções artísticas muito se ressentiram, sem dúvida, dessa leitura, vendo nós a maneira *manuelina*, relegada por completo e a *renascida* patentear a grande aceitação que teve pelo portentoso mestre que, devido à maleabilidade de seu temperamento, tão bem se ajustava às condições do meio.

Este ia variar muito e quási de repente, após a morte de D. Manuel, cinco anos antes da publicação de Salgreda.

O ogival, tendo vindo a tomar ensanchas desde o seu início, expandindo-se copiosamente em D. João II e D. Manuel, ao desaparecer dêste, declina e vai dar logar ao arco redondo, à parede maciça, à abóbada baixa, à coluna clássica, que um vento de novidade espalhava dos lados da Itália por toda a Europa, que olhava Roma, capital ingente da civilisação, como mãe da nova era.

A nossa religião, fonte, sem dúvida, de grandes e magnificas manifestações artisticas, tinha, no seu áureo periodo de cristianismo, lançado audazmente para o céu, numa ânsia enorme de fé, as arrojadas arcarias das altas e lindas catedrais, arrendadas desde as suas portadas célebres à cúspide dos corochéus esbeltos.

Agora, na sua fase de catolicismo, aproveita, das escavações da Itália e da Grécia as formas de pagãs civilizações que a iam quási fazendo baquear pela voz austera e revoltada de Lutero,

mas que um sopro divino reavivou, fazendo, contudo, semear por toda a face da terra monumentos de clássicos tempos, ainda que remoçados pelos inultrapassáveis génios de Brunellesco, Bramante, Miguel Angelo e Rafael.

Castilho, portanto, deixa de ser o *manuelista* excelso de Thomar, do fim do século XV e dos primeiros anos do século XVI, onde o meio era a encarnação do naturalismo nacional, em que o génio português e as coisas portuguesas eram as preponderantes e a missão de Portugal impunha-se pelo braço forte e pelo espírito esclarecido dos seus pioneiros — os imortais cavaleiros de Cristo.

Anos passam, poucos ainda assim, e a invasão do *grego* e do *romano*, desnaturaliza o nosso gosto artístico que, na arte de construir e ornamentar, muito tempo se tinha guiado pelo ogival, intercalado de reminiscências árabes e de poderosos elementos nacionais.

João de Castilho abraça o novo estilo que o espírito católico de D. João III ultrafavorece, imitando os Nicolaus V, os Sistos IV, os Julios II e os Leãos X, que não se tinham importado de aplicar a arquitectura pagã nas suas estupendas obras, das quaes, muitas, são ainda hoje a admiração de quem visita Roma.

Os mares já estavam todos descobertos e percorridos pelas nossas naus e não dariam ao sublime arquitecto mais novidades, nas suas faunas e nas suas floras, e as naus nos seus aparelhos para serem simbolizadas, em buriladas pedras, nas novas construções, como o tinham sido primorosamente nas fachadas famosas da igreja dos freires de Cristo em Thomar.

Aqui a exuberantíssima figuração nacional e nacionalizada de reis, de anjos, de marinheiros, de momos, de aves, de corais, de madréporas, de azinheiros, de carvalhos, de ondas do mar, de aguadores, de besantes, de guizeiras, de correntes, de viradores, de camelos, de arganéus, de âncora, de símbolo da Jarreteira, de flores de lis, de enxárcias, de algas, de botilhões, de sebas, de esferas armilares, de cruzes de Cristo, de quinas portuguesas, de cortiças, de dormideiras, de brásica-oleirácias, de cardos, de cães, de gatos, de seres fabulosos, de carranca de roda, de velas, ficou esgotada ao ser estilizada, com toda a sublimidade nos lanços, nos botaréus, nas ombreiras, nos peitoris e nas vergas, daquele prodígio de arte, de imaginação, de significação e de patriotismo.

A outra parte havia êle de ir, nesse tempo de tão invertida fé, buscar a inspiração, a nova direcção ao seu portentoso espírito.

Novos mestres tinham surgido, os quais iam, remechendo a terra, revelar-lhe os novos e ambicionados modêlos que, escondidos, há séculos, nos entulhos das velhas Atenas e Roma, ao presente admirados nos opulentos museus da rica e incomparável Itália, e nos venerandos solos de grandíssimo número das sucessoras das famosas e formosas cidades do vasto império romano, pareciam novos, constituindo a *novidade*, que ansiosamente era reproduzida nos edifícios, que pela Europa além o gosto *renascido* fazia construir e que em Portugal os dinheiros da Índia e do Brasil ainda teriam que fazer levantar, pelo país fora, ao agora corifeu do nosso Renascimento.

E' por isso que opinâmos que João de Castilho seguiu sem tardança a nova ensinança do livro de Salgreda, e admiravelmente, como próprio era do seu grande e brilhantíssimo talento artístico, não sendo de estranhar que a obra da igreja de Santa Iria fosse uma a manifestar a influência do estudo do seu compatriota.

Ou não seria sòmente êste livro que o faria abraçar tão depressa o novo modo de construir e de ornamentar, no parecer de alguns dos seus biógrafos, que o dizem chegado da nação italiana, antes de ingressar em Portugal?

Teria efectivamente João de Castilho ido a êsse grande país, a êsse grande celeiro de arte, a essa nação, não por não existir ao tempo, mas ao grupo brilhante de cidades monumentais que esmalteciam, e esmaltecem aquela privilegiada região, e que, por uma fôrça avita de municipalismo, se tornaram, umas após outras, depois da derrocada do Império Romano e depois da estabilidade, maior ou menor, dos bárbaros, independentes, ricas, soberanas, neo-civilizadas, criando-se nelas centros luzentíssimos duma arte admirável, deslumbrante, bela e magestosa?

Ravena, Veneza, Pisa, Milão, Assis, Florença, Roma seriam percorridas por êle, na ânsia suprema de enriquecer seu ávido e grande espírito com os estudos das obras dêsses potentosos artistas que ainda hoje tanto nos enlevam e maravilham pela perfeição extrema de suas criações?

Ravena, a primeira da série, outrora famosa cidade marítima dos séculos VI, VII e VIII, onde uma população enorme se movi-

mentava pelo comércio com o Oriente e hoje tão decaída por os aluviões lhe terem afastado o seu encantador Adriático, mostrar-lhe-ia a riquesa estupenda da sua esplendorosa arte bizantina?

Veneza, que herdou o scetro dos mares da sua visinha e se tornou potestade até ao século XV, em que Lisboa, por sua vez, lha herdou também, fazer-lhe-ia surgir de suas espelhentas e deleitosas lagunas as reluzentes cúpulas e os elegantes pináculos do seu multiarquitectural S. Marcos e as arcarias airosas do seu tão interessante e opulento Palácio dos Doges?

Pisa, a orgulhosa rainha do Arno, surpreendê-lo-ia com o prodígio de equilíbrio da sua assaz célebre tôrre, guarda vigilante da sua inconfundível catedral e do seu notabilíssimo baptistério?

Milão, fóco exótico de ogival, nêsse país excelso de classicismo, elucidá-lo-ia nos misteriosos segrêdos, ainda hoje desconhecidos, dos processos dessa enigmática criação artística que vai na sua arrendada e pujante catedral dos cavoucos fundos ao coruchéu máximo, suporte altivo e belo da estátua esbelta da Virgem, ou encantá-lo-ia com a renascida obra, colossalmente grande e perfeita, que o enciclopédico artista Donato d'Angeli, d'Urbino, universalmente conhecido pelo nome de *Bramante*, espalhou, à flux, a dentro e fóra de seus muros, durante uns 30 anos, a ponto de se lhe dar as honras de estilo *bramantesco*, que tanto a João de Castilho se salientaria já no domínico convento de Santa Maria das Graças, em cujo refeitório talvez também podesse ter admirado, ainda fresca, a maravilhosa *Ceia* do extraordinário Leonardo de Vinci, quadro de uma expressão, de um desenho e de um colorido geniais, que ainda hoje é de uma suave e sublime beleza no seu lastimoso estado de destruição?

Florença, pátria do insigne arquitecto de quem Miguel Angelo dizia que era *difícil imitá-lo e impossível excedê-lo*, Brunellesco, padre-mestre da Renascença, patentear-lhe-ia a maravilhosa e original cúpula de *S.ta Maria das Flôres* com que êste genial artista tinha assombrado o mundo, levantando-a sem simples, constituindo a sua corôa de imarcissível glória, e os famosos *S. João, David e Jeremias,* do não menos insigne escultor arnotino Donatelo, que na sua admirável obra de estatuário revelou as peregrinas primícias de que as últimas seriam, do também florentino, o portentoso autor do *quasi vivo* Moisés e da *levemente adormecida* Noite que

o não teriam extasiado, por serem posteriores à sua incerta visita a tão soberbas escolas?

Assis, a seráfica, ninho de duas águias santas, espelhar-se-lhe-ia na brancura da sua casaria apinhada a dentro de sua arrochada cintura amuralhada na encosta íngreme, à sombra do seu arruinado castelo, vindo das idades romanas, ou cantar-lhe-ia a bíblica poesia de suas unas e duplas igrejas de envolta com a ensinança dos preceitos construtivos, filhos das dificultosas condições orográficas a aproveitar e a vencer?

Roma, a monumental metrópole de arte soberba, então na febre das escavações de que surgiam pedaços belos de belos e opulentos edifícios que iam servindo de modêlo aos novos, prendê-lo-ia por muito tempo na contemplação e estudo de todo êsse livro sublime das clássicas civilizações que se abria e do não menos sublime dos tempos em que êle percorria essas quentes ruínas e visitava as soberbas fábricas, que recentemente tinham sido levantadas e outras que se iam erguendo na aspiração máxima de a enriquecer e de a neomonumentar?

Nada sabemos.

Não nos parece, todavia, que João de Castilho tivesse ido á península dos Apeninos, porque, sendo assim, não viria, ao principiar as suas grandes obras, primeiro em Viseu e depois em Thomar, tão impregnado de arte ogival, a que ligaria tão admiravelmente os motivos arquitectónicos tão portugueses, tão expressivamente representativos da nossa missão histórica, como na linda cidade estremenha, e faria logo uma arte afincadamente *renascida* em que as grandes lições daquelas cidades se evidenciaríam pela grande admiração que lhe haviam ter causado aqueles soberbos e estupefacientes fócos de Renascimento artístico.

Fechado êste parêntese, causado pelo livro de Salgreda, que, de novo dizemos, deve ter servido de guia à nova orientação de João de Castilho, volvamos à interessante capela, que é mais uma prova do grande valor do imortal mestre.

A' sombra das suas paredes, no silêncio religioso da nave da linda capela de Pedro Moniz da Silva, cortado pelo cântico suave e doce das freiras nos ofícios divinos e pelo murmúrio brando do brando e poético Nabão, repousam os membros de várias famílias, consoante os desejos por eles manifestados em vida.

Além das do edificador e da reedificadora, conhecemos mais,

por seus epitáfios serem os mais legíveis, a de B[or] Rib[ro], a de Miguel do Valle e a do ilustre pintor Domingos Vieira Serrão, que procuraram dormir o último sono na artística igreja, enriquecendo-a êstes com motivos ornamentais.

Da primeira destas três famílias, sòmente conhecemos a lápide sepulcral que se encontra numa lagea ao meio do pavimento e que diz o seguinte:

S.ᴬ DE Bᴼᴿ RIBᴿᴼ E DE SVA
M. Mᴬ BAVTISTA E
DE SEVSERDE ≡
E DECENDENTES

Da segunda, da nobre família dos Valles da Guerreira, existe uma capela notável, defronte do seu carneiro, em que a riqueza e a arte se deram as mãos, deixando uma obra que ainda hoje se impõe à admiração de quem a vê.

Na parede da direita da igreja e quási em frente da porta da rua, abre-se ela, chamando logo a nossa atenção, um rico retábulo de pedra da Fátima (1).

Dotado de grande relevo, é um dos melhores que possuímos, o que fez dizer ao grande crítico de arte, Ramalho Ortigão, que «pelo desenho, pelo estilo, pela mão de obra e pelo estado de conservação em que se acha, é uma das obras capitais de escultura da Renascença de Portugal» (2).

O seu scenário representa o Crucificado levantado entre dois grupos, tendo ambos dezanove figuras humanas: o da direita, como que saindo, e o da esquerda, como que entrando, por dois altos portões, encimados por duas graciosas janelas geminadas, que se abrem nas faces interiores dum elegante pórtico que emoldura o quadro.

O grupo da direita é formado pelo Centurião e mais quatro ca-

(1) Onde seria feito tão notável trabalho?

Em Coimbra, como querem alguns? Na Batalha, como querem outros? E porque não em Thomar, onde há perto a bela pedra da Fátima e onde ao tempo tantos e tão grandes artistas trabalhavam, tendo vindo dessa serra pedra, por exemplo, para a igreja de S. João que poucos anos antes tinha sido concluída?

Pelo que dissemos, e diremos mais adeante, do fóco artístico da então formosa vila do Nabão, convimos certos de que ali foi executado êste retábulo que tanto enriquece a hoje cidade de Thomar.

(2) *O Culto da Arte em Portugal*, pág. 105.

valeiros, armados à século XVI, e vários peões das pernas de um dos quais, salta um galgo de irrepreensível escultura.

Saem, como dissémos, mas melhor diremos, fogem aterrados do *sol escurecer*, da *terra tremer* e das *pedras se partirem*, na narração eloqüente dos Evangelistas que excelentemente fôram interpretados pelo insigne autor de tão peregrina obra.

O grupo da esquerda é composto pelas sete clássicas personagens que, fieis, acompanham o Redentor nos últimos momentos da vida terrena: Maria, sua mãe; João, o discípulo dilecto; Madalena, que toma a sua característica posição aos pés da cruz, erguendo para o salvador os olhos rasos de lágrimas, *dessas águas de seus olhos com que lavara os pés ao Senhor e fizera da meada de seus louros e formosos cabelos toalha para os limpar*, como diz o mais belo estilista do nosso século XVI, Dr. Heitor Pinto (1); Marta, irmã desta; Maria, mulher de Cleofas; Joana de Chusa e Salomé.

O escultor, além do rigor de execução que empregou na sua sublime obra, foi dum grande conhecimento dos Evangelhos, pois, estudando-os, imprimiu na sua produção, como que a vida dêsse transe doloroso, da mais pungente emoção e que representa o diálogo de olhar da Virgem e de seu Filho.

Maria, amparada por João, olha para Cristo, como que a perguntar a seqüência, a solução da tragédia violenta do Gólgota, a que responde o divino Mestre: — Mulher, eis aí teu filho e, João, eis aí tua Mãe.

Sublime momento!!

Admirável obra que tão inteligentemente o interpreta!!

No céu do retábulo, voando para o Nazareno, dirigem-se dois anjos de ampla feitura.

Na face de fóra do emoldurante pórtico há duas colunas, lindamente arrendadas, de lavores finíssimos e, ao lado, duas tabelas ornamentadas deliciosamente, onde, na da direita, se levanta a figura do arcanjo S. Gabriel, de mãos postas, e na outra, a esquerda, na mesma linha, fazendo simetria, a do arcanjo S. Miguel (santo do nome do instituidor) armado à século XVI, brandindo a espada contra o dragão prostrado a seus pés.

Em baixo, na tabela da base e entre dois anjos, em escôrço,

(1) *Imagem da Vida Cristã*, pág. 3.

esculpem-se as armas dos Valles, que assim autenticam ser o retábulo obra mandada executar pelo fundador da capela.

Esta é coberta por abóbada de fortes e ornamentados artesões e as paredes são revestidas de azulejos policromos, dum belo colorido e fino estilo do Renascimento.

Rebordam a entrada da capela ornamentações da Renascença portuguesa e tem no tímpano, que a encima, as três espadas, com os copos ao alto e as pontas para baixo, das armas dos Valles, e na tabela recta da base abrem-se as letras da inscrição seguinte:

Capela de Miguel do Valle e de seus herdeiros

Ao lado postam-se duas colunas ornamentadas e nos seguintes salientam-se dois medalhões com carrancas romanas ao estilo da época.

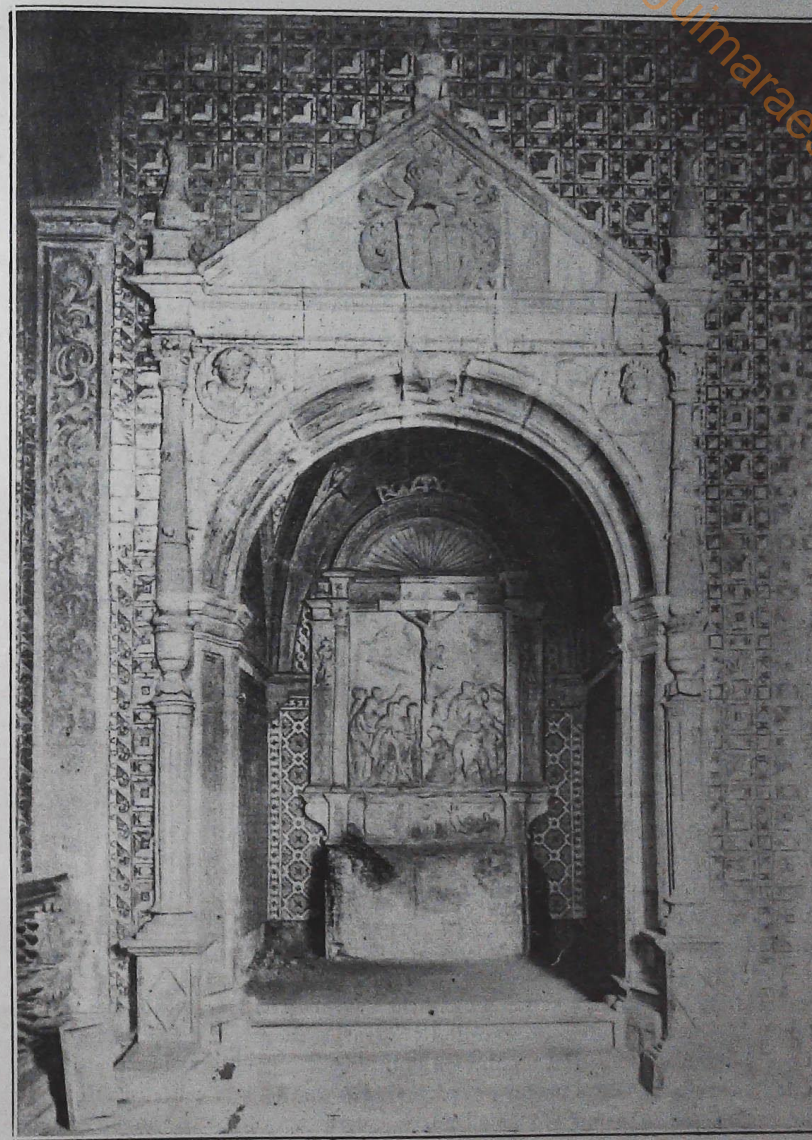
Fronteira a esta linda e rica capela, cujo conjuncto tanto realça e atrai quem entra na artística igreja, está o carneiro da família do seu instituidor, pois assim diz uma inscrição pintada numa tabela do altar contíguo, e quem levantar a lágea do chão encontra a escada que a êle vai dar.

Razões da edificação dêste e daquela neste sítio, não as conhecemos hoje, mas não iremos longe da verdade, dizendo que a principal, decerto, foi a vinda para Thomar do seu fundador, que ao tempo, levantaria próximo o seu palácio, solar dos seus descendentes, até há poucos anos.

Esta capela, cuja invocação era a do Senhor Jesus, tinha missa quotidiana, subsidiada pelos bens em Penela e Torres Novas, que lhe ajudicou o seu instituidor, Miguel do Valle.

Era êste natural do Algarve, sem sabermos o nome da povoação onde nasceu, e embarcou, como muitos portugueses, para a India, no reinado de D. Manuel, indo na armada de dez velas que em Abril de 1520 partiu de Lisboa, chefiada por Jorge de Brito, em que o *Afortunado* mandava os oficiais para a alfândega de Ormuz, a última coroa de glória do imortal Albuquerque [1].

Governava então a Ásia portuguesa Diogo Lopes de Sequeira, indivíduo que ainda era da escola do *Terrível* glorioso, deixando-a em 1522.

[1] Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, volume 2.º, pág. 654.

CAPELA DOS VALLES

Seu sucessor, D. Duarte de Menezes, tem, desde aquele ano, a representação de D. João III, que conspurca, tratando mais de negócios particulares do que dos do seu rei e, portanto, da Pátria, que já ia vendo como que eclipsando-se os nomes ilustres, dos seus herois, dos seus homens honrados, dos seus caracteres impolutos.

Infelizmente a corrupção lavrou depressa e em grande monta. A Índia mais parecia, debaixo dêste governo, campo de negócio, onde cada qual fazia o que melhor lhe convinha, do que a gloriosa liça de tantos campeões passados, cujos épicos feitos derramavam imortal fulgência sôbre o honrado brazão, quatro vezes secular, de Portugal.

Miguel do Valle levava o encargo de escrivão, conjuntamente com Rui Gonçalves d'Orta.

Por lá esteve, não sabemos nós por que tempo, mas por alvará de 15 de Novembro de 1549, vemo-lo nomeado escudeiro fidalgo, acrescentado a maior moradia.

Ao voltar a Portugal estabeleceu seu *assento* na então vila de Thomar, fazendo uma nobre quinta no sítio da Guerreira, que participava desta vila e da vila de Asseiceira, pelo que lhe começaram a chamar a êle e a seus descendentes os Valles da Guerreira [1], e instituiu o morgado de Santa Ana da Guerreira a que deu esta quinta por cabeça a 23 de Março de 1550.

[1] Era por aqui, pelas colinas da Guerreira e pelas várzeas do norte, que hoje têm o nome de Figueiredo, a dois quilómetros de Thomar, na então estrada mais freqüentada de Portugal, por vir de todo êle e da Galiza, que Miguel Leitão de Andrade faz colocar o campo das proezas de valente e de brigueiro do famigerado Goesto Ansures, natural da recôndita região a que deu o nome — Figueiró — a que mais tarde se acrescentou — dos Vinhos.

Tal era a fama dos saltos e das brigas do terrível Goesto que dali se afastaram os embaixadores do rei de Córdova, Abederrame, que tinham vindo a Leão buscar seis meninas nobres e donzelas, das cem que Mauregato rei dos cristãos era obrigado a pagar de párias, cada ano àquele califa, mas que nada lhe valeu por o esforçado paladino, ao encontrar o fugitivo rancho, matar os mouros e libertar as donzelas, tendo só por arma um ramo de figueira de que lhe foi dado o apelido de Figueiredo.

Esta façanha passou ao verso, dando origem ao célebre canto heroico, em que os nossos historiadores-literários vêem influência galo-franca e que começa assim :

No figueiral, figueiredo
A' no figueiral entrey

Casou com Catarina de Magalhães da Nóbrega, filha de José Gomes David e de sua mulher Isabel de Magalhães, filha de Lopo Rodrigues de Magalhães, de quem teve quatro filhos.

Sucedeu-lhe no morgadio seu filho António do Valle, Cavaleiro-Fidalgo da Casa Real, Corregedor do Crime e o primeiro indivíduo que tomou capelo na Universidade de Coimbra, parecendo não ser certa esta asserção, pelo que se vai ler.

Muito quizeramos ver se se podia verificar esta asseveração dos genealogistas.

Para isso alguns importunamentos fizemos perante os Srs. Drs. Souto Rodrigues e António de Vasconcelos, doutos lentes da Universidade de Coimbra, por intermédio do nosso bom amigo sr. José Severo, um dos mais distintos contabilistas de Lisboa, que obsequiosamente se encarregou do deslindamento de tão intrincado assunto, o que, por deficiência de fontes, não se pôde apurar, antes, pelo contrário, se complicou mais.

No logar dum António do Valle aparecem dois, ambos de Thomar e contemporâneos.

Vejamos as preciosas informações fornecidas pelo erudito lente e escritor Sr. Dr. António de Vasconcelos.

«Meu Ex.^mo^ Am.^o^ e Col.^a^

«19-III-24.

«Como disse a V. Ex.^a^, as buscas e investigações tiveram de «ser demoradas.

«A escrituração universitária anterior a 1573 é cahótica e irre-«gularíssima.

«E' neste ano que principia com regularidade a colecção «preciosa denominada «*Matriculas*», que vem desde então até à «reforma de 1772, e compreende 88 volumes, que se compõem, «cada um deles, dos cadernos de matrícula de vários anos. A

Nós não sabemos se esta passagem do nosso Leitão de Andrade é verdadeira, mas alguma coisa há nela de tradicional que muito corrobora o ponto da nossa primeira parte dêste trabalho : ser por alí, e portanto por Thomar (Sellium), que passava a importante estrada da Galiza (Tarraconense) para a Extremadura (Lusitânia).

E bem o podia asseverar o ilustre escritor, pois bastantes vezes a havia de trilhar, vindo e índo para a sua terra.

«colecção «*Provas de curso*» principia apenas em 1579, e consta «de 116 volumes, até 1772. Presta também grandes serviços em «semelhantes investigações.

«As notícias porém que V. Ex.ª desejava reportam-se a anos «anteriores aos abrangidos por estas ricas colecções.

«Há sim os livros de «*Autos e graus*» com os seus 106 volu-«mes, onde alguma coisa podia encontrar-se, e realmente se en-«controu, embora pouco fôsse. Mas os primeiros 3 livros são «*obra-prima* de confusão e barafunda de assentos de natureza a «mais variada. O volume 3.º, que ainda assim é o mais ordenado «dos três, tem *Provas de curso* misturadas com os assentos de «*Autos e graus*, anteriores a 1550. E' neste volume que se en-«contraram, não 1 mas 2 alunos de nome *António do Valle*, «ambos matriculados na Fac. de Leis em 1537-1538, ambos de «Thomar, um filho de Miguel do Valle, o outro de Gil do Valle.

«Qual dos dois é aquele cujos apontamentos biográficos se «desejam?

«Qual deles é o que se licenciou e doutorou em Junho de «1549?

«Inclusa remeto a nota extraida pelo meu assistente, Dr. Brito «e Silva, a quem encarreguei de fazer a busca.

«E' o que se encontrou. Desculpe a demora inevitável.

«Não vou entregar pessoalmente, porque saio agora cêdo, e «só recolho tarde; e não quero deixar de entregar a nota a hora «de V. Ex.ª a poder remeter hoje».

. . . .

«Com a mais alta consideração

De V. Ex.ª

Velho Amigo e Col.ª Adm.dor Obrig.do

António de Vasconcelos

Esta carta dirigiu-a o seu ilustre sinatário ao Sr. Dr. Souto Rodrigues, cuja autorisação de a publicar nos foi concedida, o que muito agradecemos ao nosso velho e sábio lente, e a valiosa nota a que ela se refere é a seguinte:

ARQUIVO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

«A reforma de D. João III já vigorava em 1543 porém estava «ainda em elaboração. Começou no ano de 1537 com a transferen-«cia da Universidade para Coimbra, mas operou-se lentamente «por muitas leis dadas naquele ano e seguintes.

«Os Estatutos, por exemplo — que infelizmente se perderam «— só foram ordenados em 1544 ([1]), regendo-se a Universidade «até essa data pelos Estatutos de D. Manuel e pela legislação «extravagante.

*

* *

«Até à reforma Pombalina os Estatutos da Universidade não «dispõem sobre a edade com que os alunos podiam fazer a sua «primeira matrícula, mas somente sôbre a que deviam ter os «doutorandos juristas, a quem não era permitido tomar o grau «de Doutor antes dos 25 anos.

«Para a matrícula em Teologia e Medicina exigia que o in-«trante fosse bacharel ou licenciado em Artes: Vid. Estatutos «reformados e confirmados de 1597, L.º 3, Tít. 48. § 1, pág. 222 «e Tít. 1, § 2, pág. 136.

«Nota-se a mesma omissão nos Estatutos de 1591 e na Refor-«mação de 1612. São os Estatutos de 28 de Agosto de 1772 que «estabelecem pela primeira vez a idade de 18 anos para a pri-«meira matrícula em Teologia e Medicina; 16 para Direito; «15 para Matemática e 14 para Filosofia. Vid. Estatutos cit., «L.º 1, Tít. I, cap. II, pág. 5; L.º III. Part. I, Tít. I, cap. I. pág 8; «Liv. II, Tít. I, cap. I, pág. 255; L.º III, Part. II, Tít. II, cap. II, «pág. 254 e L.º III, Part. III, Tít. I, cap. I. pág. 224».

ARQUIVO DA UNIVERSIDADE

«*Ẽ ho dῖto dia* ([2]) *assentey aquy ant.º do Valle f.º de miguel*

([1]) Vide *Instituto (Cartas)* n.º 27, pág. 52.
([2]) 18 de dezembro de 1537.

do Valle E c.^{na} (1) *de magalhães m^{res} ẽ tomar legista & juravit* (2).

«...

«*aos XXX d. dĩo mes* (3) *espũy aquy Ant.º do Valle f.º de gil do* «*Vale de tomar Estudante ẽ lex* (4).

«...

«De 1537-1537 só existem termos de matriculas de 1537-38, «38-39, 39-40, e 40-41.

«Na falta de relações de matriculas, podemos recorrer aos «assentos de provas de curso, contudo, até 1545 não tornamos a «encontrar aqueles nomes, nem entre os termos de matriculas, «nem entre os de provas de curso.

«No L.º 1 de concelhos (1545-1551), cad.º de 1545-1546, «fol. 223, estão indevidamente incluidos alguns assentos de provas de curso, sendo um deles do teor seguinte:

«*Antonyo do Valle m^{el} amriques Provou Antonio do Vale sete* «*cursos proximos passados q̃ se acabarã ao tp̃ da feitura deste asento t^{as} m^{el} amriques E francisqo de a^{o}sequa* (da fonsequa) *q̃* «*asynarão E asy provou m^{el} amriques, etc...*

«*Aos X b ij de Junho de 1545 annos....*

«Do L.º 3 de Autos e Provas de curso (1537-1550), Parte 3.ª, «consta mais:

«A fol. 74, que António do Vale, de Tomar, fez acto de sufi«ciência aos 17 de Março de 1549; a fol. 77 v., que fez exame «privado aos 29 de Maio de 1549; a fl. 78 v., que tomou o grau «de licenciado aos 11 de Junho de 1549 e de doutor, aos 16 do «mesmo mês e ano.

«Depois do exame de suficiência e antes do exame privado, pro«vou aos 21 de Maio de 1549 ter cursado um ano d'artes *do m.^{tre}* «*luis alvares logo no prĩcipio q̃ Ele aqui começou a ler*, vid L.º

(1) c.^{na} = Catarina.

(2) L.º 3 de Autos e Provas do curso 1537 até 1540, Parte 1.ª, fol. 168 v.

(3) Novembro.

(4) L.º e Parte cit., fol. 170.

«e Parte cit., fol. 100; e depois de ter tomado o grau de doutor «provou ainda em 26 de Junho de 1549 ter cursado 4 cursos de «Leis *depois que se fez bacharel desd octubro de coarenta E cinco* «*até a feitura d'este assento:* vid. L.º e Parte cit., fol. 82.

«Não se pode identificar com segurança este António do Vale «com os dois legistas do mesmo nome, matriculados em 1537, «porque além do nome, só encontramos a naturalidade no assento «do exame de suficiência.

«Se é dêste António do Vale que o consulente quere a data «do doutoramento, devo também dizer que não é êste o primeiro «depois da reforma de D. João III; anteriormente a êste há muitos «outros.»

Aqui ficam êstes apontamentos que têm muito merecimento e que gratissimo nos fizeram.

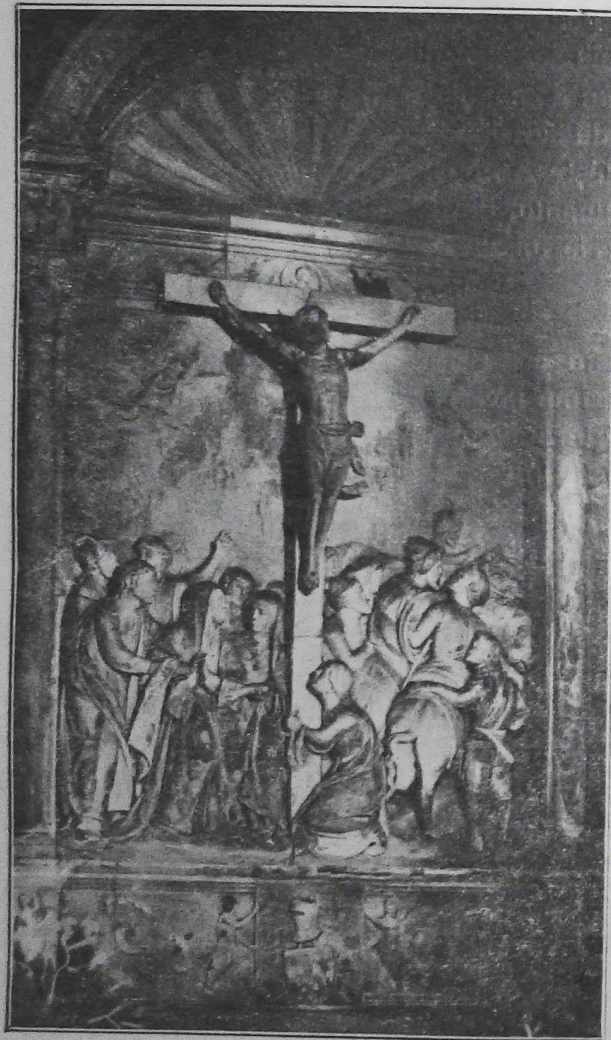
Se no futuro alguém os puder ainda mais esclarecer, grande serviço fará à Universidade e aos nossos patrícios.

António do Valle teve por mulher a D. Guiomar de Sequeira, de quem teve a Miguel do Valle de Sequeira, Cavaleiro-Fidalgo da Casa Real, sendo o terceiro morgado da Guerreira.

Casando êste com D. Paula Ferreira, sucedeu-lhe seu filho António do Valle de Sequeira, Cavaleiro-Fidalgo da Casa Real, que se nobilitou na Índia por feito de armas e, esposando a D. Maria de Sousa Herdeira, sucedeu-lhe seu filho Miguel do Valle de Sousa de Meneses, Cavaleiro-Fidalgo da Casa Real, que se matrimoniou com D. Maria Madalena de Sá e Meneses, sendo o quinto morgado da Guerreira.

Seu filho Miguel do Valle e Sousa de Meneses, cavaleiro da Ordem de Cristo foi Cavaleiro-Fidalgo da Casa Real e sexto morgado da Guerreira foi quem lhe sucedeu e, casando com D. Josefa Maria Ambrósia Mexia de Vasconcelos Herdeiro teve a António do Valle de Sousa e Meneses, oficial dos dragões de Évora, Cavaleiro-Fidalgo da Casa Real e sétimo morgado da Guerreira, que teve por esposa a D. Isabel Madalena Leitão Cota Falcão Herdeiro.

Sucedeu-lhe seu filho Miguel do Valle de Sousa e Meneses, Cavaleiro-Fidalgo da Casa Real e oitavo morgado da Guerreira, que casou com D. Teresa Francisca Barbosa Chichorro da Gama Lobo, ao qual se seguiu seu filho António do Valle de Sousa e Meneses, Cavaleiro-Fidalgo da Casa Real, Comendador da Ordem de

Cristo, coronel de milicianos de Santarém, Governador militar de Thomar em 1809-1810, Padroeiro da capela da Misericórdia de Coruche, nono morgado da Guerreira, Bainha, Coruche,

RETÁBULO DA CAPELA DOS VALLES

Tôrre da Giesteira, Vilarinho e Olivença, o qual, casando com D. Maria Benedita de Sousa Teixeira Vahia Machado Canavarro, teve por sucessor a seu filho José do Valle de Sousa e Meneses, Cavaleiro-Fidalgo da Casa Real de S. M. D. Maria I, por alvará de sucessão a seus maiores, passado a 2 de Agosto de 1793, tendo-

-lhe D. Miguel I conferido exercício no Paço em alvará de 30 de Outubro de 1830. Foi bacharel, formado em matemática, cavaleiro professo da Ordem de Cristo e serviu na Guerra Peninsular com a patente de capitão de cavalos, tendo sido também senhor dos morgados da Tôrre de Giesteira e Mexias de Olivença, dos Leittins de Coruche e Monsaraz, e da Bainha e Sabacheira.

Casou com D. Maria Antónia Constância de Lima Feio. Dêste consórcio houve António do Valle de Sousa de Meneses [1] que nasceu a 10 de Maio de 1828 e foi, por lei, o último morgado.

Tendo casado com D. Mariana Luiza Rangel de Quadros, houve vários filhos, estando hoje a representação da família no

---

[1] Também houve uma filha, D Maria da Conceição do Valle Feio de Sousa e Meneses Botelho Mexia, de quem vamos falar por se prender a obra nossa

Nascida a 10 de Dezembro de 1826, veio a ser condessa de Sarmento, por ter casado com o 1.º visconde e conde do mesmo título, militar distinto, ajudante de campo dos reis D. Augusto de Leestchenbery e D. Fernando de Coburgo-Gotha

Dotada dos mais elevados sentimentos cristãos e senhora das mais raras virtudes, nunca deixou de patentear essas belas qualidades, ora concorrendo com suas avultadas esmolas para os pobres, ora abrindo a bolsa para dignificação do culto da Igreja de Jesus.

Assim, quando nós abrimos campanha na imprensa de Lisboa e de Thomar a favor do salvamento da artistica igreja de S.ta Iria, que estava para ser vendida pela viuva do seu possuidor, o arquitecto Nepomuceno, essa campanha chegou ao seu conhecimento, dando ordem a fim de se comprar, para que essa capela, que tão ligada andava aos seus antepassados, não saisse, nem saiu ainda da sua familia, tencionando fazê-la voltar à religião, ao que a morte se opôs.

Mas, se esta não deixou realizar este piedoso acto à tão religiosa Condessa de Sarmento, êle foi feito por algumas pessoas crentes que trabalharam para que se realisasse no dia 20 de Outubro de 1926, tendo tido logar nesse dia a benção da igreja, seguindo-se-lhe missa solene e *Te-Deum*, com a assistência de muito povo e de oito eclesiásticos, fazendo o celebrante, rev. Snr. Jayme Boavida, director espiritual do Colégio das Missões do Convento de Cristo, uma alocução adequada ao acto.

No fim da solenidade lançaram-se as bases para a fundação da *Irmandade das Aias de Santa Iria*, para prover à manutenção do culto naquela igreja, resolvendo-se adquirir, para os dois altares laterais, uma imagem da S.ª da Fátima e outra de S.ta Terezinha do Menino Jesus, a famosa e rósea Carmelita de Lisieux, com tanto fervor adorada no seu ricamente ornamentado templo, como presenciamos, há meses, na nossa visita àquele Santuário já hoje bem célebre, tomando tudo a seu cargo e despesa, o Snr. Dr. João Maria do Valle de Sousa de Meneses Mexia, ilustre sobrinho da Condessa de Sarmento, como referido fica.

Snr. Dr. João Maria do Valle de Sousa de Meneses Mexia, bacharel em Direito e brilhante escritor, que casou com a Ex.ma Snr.a D. Anna Maria Luisa Saraiva do Valle de Sousa de Meneses Mexia de quem tem uma filha a menina D. Mariana Rita do Valle de Sousa de Meneses.

António do Valle morreu na terça-feira, 27 de Outubro de 1882.

Historiada resumidamente a descendência ilustre de Miguel do Valle, o que é ordenado pelas balisas dêste livro, passemos a tratar do distinto pintor Domingos Vieira, que só no epitáfio, como vamos ver, toma o nome de Serrão.

E' sua sepultura denunciada por uma grande lágea que existe no canto sul-poente da igreja, com seu brazão e, como num círculo, a respectiva legenda.

Uma fotografia deste brazão deu origem à seguinte carta que, com a autorisação do seu tão simpático quão talentoso autor, publicâmos.

Foi êste um dos mais distintos alunos que cursou o Liceu de Camões, desde que existe este estabelecimento de instrução, destinção que nunca deixou de merecer nos seus estudos superiores na Faculdade de Direito.

Especializando-se em estudos sobre heráldica, é hoje uma verdadeira autoridade no assunto.

De uma simples conversação, resultou este belo estudo que, com todo o prazer e agradecimento, damos à estampa, por vermos que muito e muito esclarece o brazão do nosso ilustre Domingos Vieira Serrão e por nós não o podermos fazer tão completo.

«*...Dr. Vieira Guimarães*

«meu muito presado amigo e mestre.

«Sobre a fotografia do brazão d'armas que esta manhã me mos-«trou posso dizer a V... o seguinte:

«Este lindissimo baixo relevo, de tão puro, tão correcto e tão «elegante desenho heraldico, evidentemente dos principios do se-«culo XVII, onde se nota a influencia da arte heraldica flamenga, «para cá importada pelo sabio heraldista e primoroso artista que «foi o rei d'armas Portugal, bacharel Antonio Rodrigues, o autor «do celebre armorial oficial que hoje se conserva na Torre do

«Tombo, chamado *Livro Grande d'Armaria* ou *Livro do Armeiro* «*Mór*, representa, como... sabe, as armas dos Serrões, que são «de prata, com um leão de vermelho, armado de negro, sobre um «monte ou serra de sua côr, acrescentada de uma *diferença* e de «uma *quebra*.

«Dá-se o nome de *diferença* a toda a alteração feita n'um escudo «de familia, tendente a tornar distinctas as armas dos seus varios «ramos ou as dos seus membros, individualmente.

«Neste caso, onde sem duvida se verifica a segunda hipotese, «a diferença é aquela flôr de liz, que se encontra no canto direito «superior, chamado tecnicamente *ponto dextro do chéfe* e cujos «esmaltes não posso diser por não virem lá, como aliaz n'esses «tempos sempre acontecia, indicados. Significava esta diferença «que as armas lhe provinham por via do pai e do avô paterno.

«A *quebra*, que n'este brasão se encontra, é a *magoa d'armas*, «erradamente chamado *labéo*, de bastardia.

«*Quebra* é o nome particular da *diferença* dos bastardos, e esta «que aqui se encontra é aquele filete que no brasão nitidamente «se vê, passado em contra-banda: é a quebra comum dos ramos «bastardos das casas portuguesas. O brasão encontra-se encimado «pelo elmo de fidalgo de mais de quatro gerações, isto é, aberto «e colocado a tres quartos; encima o elmo o *timbre* dos Serrões «que é: o leão do escudo sainte.

«O escudo encontra-se suspenso pelas classicas duas correias «que saiem do elmo, e circundado pelo *paquife*—aquela folhagem «que ornamenta o escudo exteriormente, que parte do *virol*, «ou seja o rolo torcido que se vê assentar diretamente sobre a parte «mais alta do elmo. As cores tanto dum como de outro ornamento «deviam ser prata e vermelho.

«Este brasão não se encontra registado nos restos que se conhe-«cem dos registos dos brasões.

«E aqui está o que se me oferece diser sobre este belissimo «exemplar da arte heraldica, tão bom na verdade que me dá ten-«tação de ousar pedir a V... uma prova d'esta fotografia para a «minha coleção.

«Desculpe-me o feio pecado da cubiça e creia-me sempre ao «seu dispôr

«Como amigo muito att.º e obrig.do

«*Conde de São Payo, Ant.º*»

Pronto a satisfazer o *feio pecado* ao nobre fidalgo, nosso querido amigo, volvamos à legenda, cuja primeira linha a nossa gravura ainda pôde dar, sentindo não ser completa, atenta a grande dificuldade de a fotografar toda por inteiro.

SA D D.OS VA R·
SERAM, CAVAL.RO
FIDALDO DA CAZA·
DE·S·MADDE E DE S·MO
LHER·MADALENA·
DE FRIAS E EIDREIROS·
1645

Este epitáfio, que é formado de muitas letras entrelaçadas e de muitas abreviaturas, damo-lo assim, respeitando-o tanto quanto a tipografia deixa.

Muito espaço teriamos a tomar, se referíssemos o que há escrito sôbre os trabalhos certos e incertos deste notável pintor, que floresceu no fim do século XVI e princípios do XVII.

Não são êles realmente, os que se conhecem, de molde a emparceirá-lo com os Nunos Gonçalves, com os Jorge Afonsos, com os Grão-Vascos, com os Gregórios Fernandes, com os Gregórios Lopes, por já irem muito longe os luzentíssimos fachos dêstes insignes mestres que formaram, a nosso ver, com outros, a famosa e formosa escola portuguesa.

Mas decerto devia ter sido muito distinto em pintura, em douramento, em imaginária e em estofador, para que fôssem, por longos anos, aproveitados os seus merecimentos na então artística séde da riquíssima Ordem de Thomar, também em Lisboa, em Coimbra e em Madrid, chegando a ser nomeado pintor real pelo monarca das Espanhas.

Por culpa dele e por negligência oficial, sempre denominado Domingos Vieira, passou por muito tempo confundido com outro Domingos Vieira, que, pelas datas dos documentos aparecidos, se separou dele, havendo hoje a certeza, pelo menos, de dois pintores de nome Domingos Vieira, conhecendo-se por essa razão muito melhor as obras deles, principalmente do que viu a luz, pela primeira vez, nas margens, perenemente belas, do nosso Nabão.

Falemos, pois, do nosso patrício e dos seus trabalhos, guiando-nos pelos documentos que, em parte já conheciamos, quando do estudo da nossa *A Ordem de Cristo*, onde não foram todos referidos, para não alargarmos os limites que demos àquela obra, mas que conjuntamente com outros foram publicados, mais tarde, pelo incansável trabalhador Dr. Sousa Viterbo [1].

BRAZÃO DE DOMINGOS VIEIRA SERRÃO

Quando nasceu Domingos Vieira Serrão ignorâmo-lo, mas sabemos, pelo seu requerimento de 1625 para familiar do Santo Ofício,ter nascido na nossa terra e ser filho natural de João Henriques Serrão, natural de Torres Vedras, e de Maria Dias, do Furadouro, logar perto de Ourém.

Tanto a mãe como o pai viveram em Thomar por largos anos e aqui morreram, tendo sido o pai Cavaleiro da Casa Real e executor dos três quartos e meias anatas da Ordem de Cristo.

Como o convento desta notabilíssima Ordem, desde D. Manuel principalmente, vinha sendo uma verdadeira academia artística, onde os mais famigerados génios portugueses e estrangeiros tinham deixado um rasto luzentíssimo de suas fulgurações, fácil devia ter sido ao pai ou à mãe, ali ou nas muitas oficinas da vila, dar direcção à inclinação do filho, metendo-o no aprendizado de dourador-pintor, tanto em voga nessa época.

O *Venturoso*, primeiro, e depois o *Piedoso*, tinham recheado a igreja dos cavaleiros e, depois dos freires de Cristo, de riquíssimas preciosidades.

D. Manuel, alargando-a com o pequeno corpo e com o sump-

(1) *História e Memórias da Academia Real das Sciências de Lisboa*, 2.ª classe, Tom. X, P. I.

tuoso e patriótico côro, começou de engalanar com quadros soberbos, onde se vêm, ainda hoje, nalguns dos que restam, com toda a evidência, caracteres da notabilíssima escola de Viseu, os dôze espaços devolutos da face interior da parede de fora da Charola; de revestir as paredes de cantaria do côro e os sobre-arcos de dentro daquela com as obras peregrinamente belas dos entalhadores Olivier e Muñoz; e D. João III, continuando essas obras, outras acrescentou pela transformação que a Ordem sofreu, passando de guerreira a monástica.

De supor é que nem todos aqueles dôze quadros ali seriam colocados no reinado de D. Manuel.

No reinado seguinte se completaria essa bela colecção a que se ajuntou outra: a dos altares laterais assim como doutras obras de marcenaria, que o complemento dos *profetas* viria enriquecer

A contornar estas galas, o estuque à moda de Roma, onde o divino Rafael, nas sublimes *Câmaras e Lojas*, acabava de ter o ápice da glória imarcescível de seus estupendos triunfos, e o orgulhoso Miguel Angelo, nas figuras do soberbo teto da Xistina e nas do seu estupefactivo *Juizo Final*, em que Portugal (1) tem a alta honra de ser representado, numa das fases da sua imperecível missão civilisadora — a cristianização dos pretos e dos índios —, atingia a cúspide imortal de seu génio ultra-extraordinário, o estuque, dizíamos, vem revestir os espaços deixados, que são já pintados ou então, mais provavelmente, vão-no sendo nos vagares que a soberba obra de canteiro permitia, ao ser levantada por D. João III a grande fábrica do maravilhoso e magestoso convento.

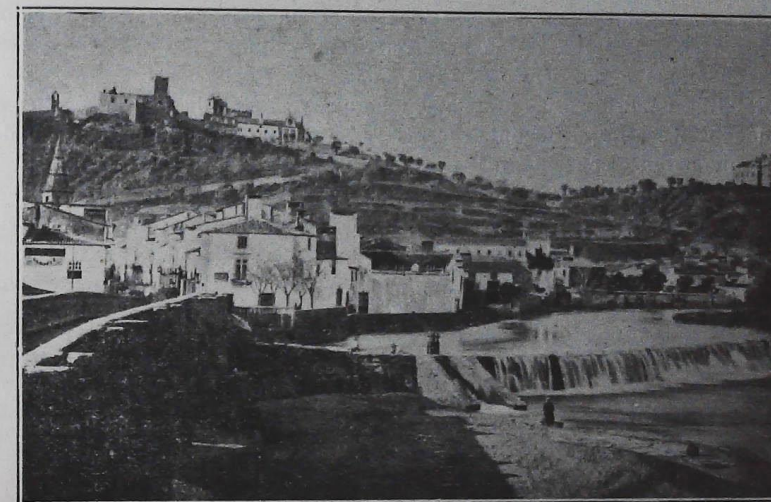
A Renascença portuguesa, que principia verdadeiramente com o *Piedoso*, pois as produções artísticas que em vida de D. Manuel se realizaram, obedecem aos princípios que caracterizam o ogival, ainda sob aquele reinado cria algumas obras dignas de admiração e pelo Monumento de Cristo estão esparsas, e outras de subido valor, pela hoje, cidade de Thomar (2).

(1) Costa Lobo, *Portugal e Miguel Angelo Buonarroti*.

(2) No propriamente Convento de Cristo as encontrâmos e assim as vemos, floridas e engalanadas, no fundo e debaixo da escada, dum lado, que nos conduz do pavimento superior do claustro de *D. João III* ao inferior, e ao fundo e debaixo da escada, do outro lado, do inferior ao superior pavimento daquele claustro; simples, mas muito artisticas, nos claustros de *Santa Bárbara*, da *Hospedaria*, da *Micha* e das *Sentinas*.

Obras belas aquelas que ficaram, como que escondidas, ao ser levantado no meio delas, primeiro por Castilho e depois por Torralva o magestoso e clássico claustro a que, com toda a justiça, temos apelidado de *D. João III*, por ser no tempo dele começado, e também pelo muito que ali se fez no seu reinado postergando o nome de *Filipes*, que uma tradição falsa e parva tem conservado.

A povoação, em baixo, também recebeu grande influxo artístico por êsses tempos.

A ela segue-se, a breve trecho, ainda no reinado de D. João III,

O NABÃO JUNTO Á PONTE EM DEZEMBRO DE 1871

Pelo que da nossa terra conhecemos, pouco é, revelado em longos anos de observação e de estudo, somados êsses *imponderáveis* de saber adquiridos hora a hora, ano a ano, Thomar no século XV, o século das grandes viagens em que os imortais marinheiros portugueses eram protegidos pela sacrossanta cruz da patriótica Ordem thomarense, devia ser uma brilhante Academia de Arte, em que a arquitectura levava a primazia, mas no século XVI e princípios do século XVII, estabilizadas as fortunas e as vidas de muitos dos seus moradores que à agricultura se entregavam e também ao gôso de enormes rendimentos vindos de outras terras, tomou ela então um aspecto de grandeza e nobreza que, sobremaneira nos encanta, como obscuro filho dessa cidade tão nobre pela origem, tão rica pela arte e tão ilustre pelo trabalho.

Coroada pelo real Mosteiro de Cristo, em que as galas das artes enfeixavam às galas do saber, reflectir-se-lhe-ia essa grandeza de maneira e beleza que grande número dos seus habitantes procuraram dar às suas moradas linhas

a cópia do que lá fora, e muito lá fora e de remota antiguidade

artísticas da época e riqueza de materiais tal que chegaram até nós exemplares que bem atestam que aqueles não eram destituidos de fino gôsto e que suas famílias desejaram perpetuar esses valiosos deixados.

Grande quantidade dessas casas solarengas haveria pelo numero que ainda conhecemos e pelas que ora restam.

Das que conhecemos desaparecidas e das que existem com certo ar dos tais esplenderosos séculos apontados, referiremos algumas

Comecemos do sul para o norte da cidade.

Na Rua de Pedro Dias levanta-se uma que vem sem dúvida do século XVI e hoje é pertença do sr. tenente coronel Tasso de Figueiredo que a herdou do ilustre thomarense conselheiro Baima de Bastos que nela tinha nascido.

Esta decerto. pela sua arquitectura, em que predominam as mísulas divergentes das janelas, deve ter sido obra do grande arquitecto do claustro de *D. João III*, Diogo de Torralva, que em Thomar, na linda capela de N.ª S.ª da Conceição e em Évora, na igreja da Graça, vulgo a dos *gigantes*, tanto usou daquela maneira.

Perto, mas já na Rua Direita dos Açougues, outra se via, onde no meado do século XIX se instalou um elegante teatro e hoje está o moderno.

Foi esta, evidentemente, habitação de nobre família, pois a sua rica e bela arquitectura, cujos restos se podem hoje admirar no Museu da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, dava-lhe ar de palácio do fim do século XVI que bem se caracterizava principalmente na sua *renascida* janela com o seu elegantíssimo colunelo.

Não muito longe, na esquina daquela rua com a da Palmeira, ainda há pouco tempo existia uma que, não obstante nas suas janelas conservar alguma coisa do antigo, está hoje completamente transfigurada.

A sua grande varanda interior, de ornamentadas colunas e arquitraves, a sua bem lançada escadaria, o seu amplo pátio, que uma fonte enriquecia com seu bebedouro do gado de canga e de tiro que ao seu proprietário havia de ajudar na azáfama de uma vida agrícola intensa e extensa, os celeiros, adegas, cocheiras, estrebarias, etc., tudo mostrava que ali viveu família opulenta de bens e de altas qualidades de espírito estético.

Passando a Praça e já na outra rua Direita (estas duas *ruas Direitas* noutros tempos formavam a rua principal [*Directa*] de Thomar, pois era por ela que se fazia o maior, senão todo o trânsito de quem vinha das bandas de Leiria e de quem, vindo da ponte, lados de Coimbra e Certã, era obrigado a ir pela Corredoura à Praça e se dirigiam todos para o sul a procurar a estrada para Torres Novas ao cimo da Rua da Graça, por entre os muros dos dois conventos de Cristo e de São Francisco, onde hoje está uma escada, devido ao desaterro que ali se fez ao abrir se a estrada para Paialvo, e pelas *Carreiras* para Tancos, primitivo pôrto do Tejo e depois Barquinha a caminho de Lisboa ou vice-versa) ainda hoje uma casa artística se admira, denotando grandeza, riqueza e bom gôsto de quem a mandou construir.

E' ela a que habita o sr. Joaquim Gregório Tavares, seu proprietário.

se fez de brilhante, dando ainda obras soberbas, como o claustro que tem, justamente, o nome dele, a denominá-lo, no mesmo con-

As suas janelas de opulenta e lavrada cantaria, a sua grácil janela de esquina de fina colunela e de bem torneados balaústres, em que o jaspe põe uma nota de riqueza, denunciam o aprimorado gôsto que presidiu à sua feitura não deixando nós de crer que fôsse obra do grande arquitecto João de Castilho, que, ao tempo, construia a sua estupenda obra, o Convento de Cristo. ou então de alguns dos seus discípulos que, com certeza havia de haver, atenta a longa vida artística que o eminente biscainho teve em Thomar e que não seria de um egoísmo sórdido tal, que não tivesse comunicado o seu grande saber, a quem dele quisesse partilhar.

CASA DO SNR. GREGÓRIO TAVARES

Outra que deve vir, não do meado, mas sim do fim do mesmo século da que acabamos de notar e que ainda conserva o aspecto geral, por fóra, e por dentro, pouca alteração deve ter tido, é o palácio que na Rua da Corredoura existe e que pelas armas que por cima do portão de entrada estavam, e ao presente estão naquele benemérito Museu, foi propriedade da Ordem de Cristo como habitação do Prior Mór do seu convento e que hoje é pertencente aos herdeiros do nosso saudoso amigo Albino de Lima Simões.

Entrada condigna, de largo vestíbulo, com bancos de pedra, onde se veem os encaixes de almofadas que quási sempre era de uso serem pranchas de cortiça, escada também de pedra, dando serventia, à direita para a espaçosa cozinha, e à esquerda para os amplos salões que, por largas janelas de sacada, deitavam para aquela Rua, jardim ladeado por varandas, uma das quais conduzia à capela, perto da qual se abria uma elegante janela de esquina que é, no género, uma verdadeira obra prima. fórma todo êste conjunto uma moradia que vem do tempo de opulências que tanto brilho deviam ter dado à *notável* vila de Thomar.

E que diremos da casa ou paços com seu jardim de João de Castilho, filho primogénito do grande arquitecto, aposentador mor da côrte e escrivão da fazenda, que houve na *travessa da rua degil davô pera avarsa pequena?*

Recordar essas *casas do jardim ao lôgo do Rio que emtestam cõ o Ros-*

vento, mas não tarda que se abastarde, sendo as suas pro-

sio da varzea pequena é recordar um trecho da vida em que corriam alegres e felizes os dias da nossa mocidade.

Nascido na casa, cuja esquina era formada pela Rua da Capela e a tal Travessa de Gil de Avô, ali a vimos de pé servindo de palheiro e casa de lenha ao Vigário Geral de Thomar, padre Afonso Martins Velho, que morava nas casas defronte, que tinham pertencido às velhas Vigarias, as quais existem ainda hoje, um pouco modificadas, na mesma travessa e rua de Gil de Avô e são pertencentes ao sr. Dr. Antonio Cerveira.

Mais de trinta anos ainda ali se levantaram e o jardim existiu, até que o *camartelo da civilização* as demoliu para dar passagem à Avenida que da Ponte se fez a ligar a estrada N.º 51 com a N.º 15, dando, por arranjo camarário com o Estado, largas à Várzea Pequena.

Por muito importante e interessante reparemos, antes de prosseguir, como trabalhou aqui o *camartelo da civilização*.

Esta Avenida, que tanto realça Thomar na sua louçania e que tanto a salutiferou é uma das maiores e melhores obras realizadas em nossos dias na nossa formosa cidade.

As Ruas dos Oleiros, de Gil de Avô e da Capela, antes da Avenida, terminavam no rio de uma maneira muito à primitiva, dando origem, estas aos célebres cais e aquela à lamacenta Rua da Estacada, como na nossa gravura se vê a pag. 267.

Tanto êsses *cais*, como a *Estacada* eram duma insalubridade muito perigosa, não só pelo encharcado desta rua, como também pelos detritos morbíficos que se acumulavam naqueles, babados, ainda por cima, pela água do braço ou canal do rio que ali, principalmente no verão, era represada pelo açude da roda de Feliciano Thomé da Silva, mais conhecido pelo *Felicianinho*, que servia para regar o lindo jardim dêste e os quintais das propriedades que ora são pertencentes ao srs. Dr. Cerveira e Feliciano Pereira, estando hoje na outra margem no Mouchão que era do dono daquele jardim e que por circunstâncias várias foi vendido, separando-se desta propriedade a que pertencia, visto o verdadeiro rio Nabão ser o que foi cortado pelo *assude real*, tendo ficado, ainda assim, aquela róda com o mesmo onus, embora o não satisfaça por aniquilamento da conduta.

Para obstar a êste mau estado, que tanto prejudicava a higiene de Thomar, alvitradas foram várias opiniões, até que, sendo vereador o sr. António Joaquim de Araujo, êste se opôs a que o seu colega Tavares Barreto gastasse inutilmente uma verba num concêrto qualquer na *Estacada*, propondo em sessão de 15 de Fevereiro de 1882 que se representasse ao deputado, o Conde de Thomar, António, que estava animado da melhor boa vontade de servir o círculo, em cuja área existia a terra que seu pai tinha escolhido para residência e de que mais tarde teve o condado, para êle alcançar do Govêrno a ligação das estradas N.ºs 15 e 51, tanto mais que êle, Conde de Thomar, era das melhores relações pessoais e políticas com o então ministro das Obras Públicas, Hintze Ribeiro, pois acabava de lhe oferecer um banquete na sua casa em Lisboa.

duções sem ensanchas, sem caracter, sem verdade, sem gôsto, deturpadas enfim.

Assim feito, em breve, vieram de Lisboa ordens para que se procedesse aos estudos precisos, a fim de ser levada à realidade, o que muitos em Thomar duvidavam, essa obra que tanto embeleza esta cidade.

Realizados êsses estudos, alvitrou a Câmara de Thomar, por proposta do vereador Antonio da Silva Magalhães, na sessão de 25 de Outubro daquele ano que fosse feita uma variante no projecto aprovado por forma a torná-lo mais curto e menos despendioso nas expropriações.

A Câmara da presidência do Dr. Afonso Accácio Martins Velho oficiou de novo, a 9 de Novembro, ao Conde de Thomar a pedir-lhe que empregasse todo o seu valimento junto do Govêrno a fim de obter que essa obra sofresse a variante aprovada na sessão de 25 de Outubro e que os gastos ficassem a expensas do Estado.

Não descançou o nobre Conde sôbre o assunto, tendo tido a grande satisfação de oficiar a 16 de Janeiro de 1883 para Thomar a dizer que o Ministro das Obras Públicas tinha lavrado, no dia anterior, o despacho, aprovando o traçado pedido e dotando a obra com onze contos, devendo os trabalhos começarem no Maio seguinte.

Esta importante obra *que não só aformoseará essa cidade, como a porá a coberto das cheias do rio Nabão*, como diz o ilustre deputado no seu ofício, muito contribuiu para a sua salubridade, tendo acabado tantos focos de infecção por si própria, como pela outra obra, não menos meritória e importante, do colector que paralelamente a ela corre, que, recebendo os canos daquelas ruas, recebe também os das Ruas da Corredoura, de S. João, Nova, de Pedro Dias e da Graça, deixando êstes de ir infectar a levada dos moinhos.

Nem todo este colector foi levado a cabo pelo Estado.

A parte dêste, construida também nessa ocasião, morria, pela obra da Avenida ao fim dela, perto da Ponte onde hoje se vê uma porta tapada, sendo continuada por outra, a expensas da Câmara de Thomar e por proposta do referido vereador, Sr. António Joaquim de Araujo, indo terminar no rio ao fundo da Rua da Levada, no Largo, ao norte dos Cubos, onde ainda em nosso tempo havia uma pobre e suja fonte que por isto a fizeram desaparecer e cujo nome, por decência, aqui se não pode escrever.

Esta parte do colector construida pela Câmara, devido à ocasião de continuar aquela, foi levada à conclusão com muita presteza por causa de se aproximar a feira de Santa Iria, que nêsse tempo trazia a Thomar muitíssimo maior número de feirantes do que hoje, sendo de toda a conveniência que a Rua da Levada estivesse, por essa razão, desempedida ao grande trânsito, que nesses dias se fazia por ela.

Grande trabalho foi por êsse motivo e por outros, como o remanescimento de águas, etc., mas a todo êle presidiu a grande e inteligente vontade do Snr. António Joaquim de Araujo que viu coroado o seu enorme esfôrço, tendo-se acabado tão custosa e urgente obra antes da feira, não importando os pedreiros terem feito greve, talvez a primeira de Thomar, por não quererem tra-

D. João morre em 1557, D. Sebastião reina até 1578 e D. Henrique até 1580.

Neste lapso de tempo os negócios do Estado enredam-se de

---

balhar de dia e algumas horas de noite e aos domingos, o que levou a serem substituidos por artifices de fora da cidade que, ainda assim, chegaram a ser acompanhados pela volta ao trabalho, daqueles, reconhecida por êles a sua sem razão.

Prestando homenagem a todos aqueles que trabalharam para dotar Thomar com este grande e verdadeiro melhoramento, voltemos ás velhas casas de Castilho que não eram habitação muito espaçosa, mas, em toda ela havia, no entanto, uma linha distinta e caracteristica do fim do século XVI.

Servida pela Travessa de Gil de Avô, pois esta estendia-se até à Varzea Pequena por as outras duas ruas (Capela e Camarão) ainda não terem nomes, ali se abria um largo portão que dava entrada a um lageado pátio, donde se levantava a escadaria de pedra que era formada por dois lanços, indo morrer num patamar quadrado alpendrado.

Do interior dela pela serventia que tinha, nada nos recorda, mas o que está bem vivo em nossa memória era a riqueza e arte que revestia a horta junta, a que se chamou jardim, desde o seu início.

Do pátio saía uma rua lageada com pedras quadradas e ladeada de estreitos alegretes que seguiam também, na mesma compostura, duas outras ruas: uma ao centro da horta e a outra à borda da agua, um pouco distante da muralha que ainda hoje existe e que foi aproveitada ao passar ali a Avenida de que temos vindo a falar e que hoje se denomina Avenida Marquês de Thomar, em preito ao grande homem que muito fez por Thomar e mais teria feito, se não fôsse a negregada politica da sua época.

Entre estas ruas havia os quarteis para a cultura hortense que era regada, à moda árabe, pela água de canais manilhados, que partiam dum grande tanque, alimentado pela respectiva roda de rio, colocado ao norte a toda a largura da propriedade e bastante alto, pois para o transpor era preciso subir alguns degraus que nos levavam também a uma espaçosa rua com largos alegretes, tanto dum lado como doutro que, ornamentados de variadas plantas floríferas, faziam o propriamente jardim, que ali era muito cuidado, por aquela dar passagem, no topo nascente, para a roda e pesqueiro (a entrada dêste observa-se ao lado da saída do canal da roda que ainda subsiste, trabalhando por conta da Câmara de Thomar que é sua proprietária) e no topo poente, subindo uma escadaria de pedra a toda a largura dessa rua, a um largo patamar, onde na face que para ali olhava se abria a porta duma elegante e de alta cúpula abobadada *Casa de regalo* com amplas janelas, nas outras três faces que deitavam: uma ao sul para a horta, outra ao poente, para a rua; e outra, ao norte, para a Varzea Pequena.

Antes de terminar estes simples apontamentos sobre casas notáveis de Thomar que tinham linhas artísticas que as destacavam muito salientemente do resto das habitações, vejamos uma que muito perto desta que acabamos de referir, existe ainda hoje mal apagada na sua *renascida* arte:

tal fórma que só de política (¹), e da mais baixa e enredada se trata, não havendo meio favorável à arte.

Esta, para aparecer, precisa de paz nos espíritos, de ideal na geração que lhe dá azo para se originar e de réditos para custear as suas estupendas manifestações.

Foram êstes princípios que, após a expansão do Egipto, poderam levantar a Ramsés o estupendo sepulcro subterrâneo de *Ipsamboul* e o sólido e maravilhoso templo de Karnak; a Péricles, a seguir ás guerras médicas, fundar os originais *Partenon*,

---

Na Rua do Camarão, ao cimo, lado esquerdo, patenteia-se ela em estilo da Renascença clássica com janela e porta primorosamente características.

Quem de nós saberá o nome do seu fazedor ou da pessoa que a mandou construir?

Talvez fôsse opulento roceiro, trazedor de algum *camarão*, preto da região dos Camarões, que, pela notoriedade, daria nome à Rua?

Talvez.

Que mais resta da opulenta Thomar ogival e da Renascença?

Aqui e ali: peitoris; ombreiras; vergas, restos dos *Estaus* e dos *Cubos* e janelas de esquina, além das faladas mais duas existentes ainda e mais outra d'Além-da-Ponte, apeada há muitos anos e de que pudemos salvar-lhe a linha, mandando tirar a fotografia antes de a retirarem do seu logar e que reproduzimos em gravura; uma janela linda pela sua ornamentação manuelina, que obstamos o ela ir enriquecer o palácio do Marquês da Foz, em Torres Novas, desaparecendo de Thomar e que hoje tanto faz realçar a modesta casa, á portuguesa, que mandamos construir na nossa quinta de Marmelais e que, tendo feito parte de uma casa da Rua da Levada, que, segundo parece, andava ligada aos *Cubos* da Ordem de Cristo, ainda pôde ser desenhada pelo grande arquitecto alemão Haup na sua célebre obra — *A Renascença em Portugal*.

(¹) Não queira o leitor ver neste termo já na nossa obra duas vezes empregado no mesmo sentido negativista ou no de desprestigio em que caiu, menos respeito para com êle, mas temos que o empregar assim, em face de tanto baixo patriotismo, de tanta cega ânsia de subir e enriquecer sem escrupulos, de tanta *glória de mandar*, de tanta mesquinhez com que almas vis têm enodoado muitas páginas da nossa e de estranha História.

Bem sabemos a significação elevada, nobre e sientifica que encerra e muito quiséramos que sempre fôsse claramente compreendido para se poupar tanto desassossêgo, tanta desordem, tanto desgovernar, tanto destruir, tanto sangue e tanta morte.

A' politica digna, honrada e patriótica se devem os grandes acontecimentos que têm vindo a honrar e enobrecer a humanidade, marcando estadios na grande e luzentíssima estrada do seu progresso.

Sem ela não teria havido grandes homens e não teriam brilhado notabilissimas civilizações, que, ainda assim, não sabemos se são mais devidas ás circunstâncias da ocasião, se, própriamente, à existência daqueles.

Erechteion, Templo da Vitoria, Odeion, Teatro Dyonisos; à Roma imperial, fechadas as portas ao templo de Janus e estabelecida a *paz romana* nela, semear o seu solo do *Forum de Augusto*, do *Teatro de Marcelus*, do *Pantheon* [1], do *Aqua Virgo* [2] de *Agrippa*, da *Casa d'Ouro de Nero* (abertas e fechadas de novo aquelas portas), do *Coliseu de Vespasiano*, do *Arco de Triunfo de Tito*, do *Forum* e *Coluna de Trajano*, do *Mausoleu de Adriano*, do *Arco de Triunfo de Septimio Severo*, das *Thermas de Caracala*, dos *Pórticos do Campo de Marte;* à Edade Média, sossegada a consciência humana depois do milénio, fazer surgir a sublime floresta de agulhas, de corochéus, de flechas, de tôrres das lindas catedrais; à Roma papal, depois dos sessenta e oito anos de Avinhão e dos trinta e nove do *Scisma*, cheia de ouro pelos jubileus dos *anos santos*, continuar a época fecundíssima da Renascença, que Martinho V, Nicoláu V, Sisto IV, Inocêncio VIII, Júlio II, Leão X, Paulo III, Sisto V e Paulo V coroam com as estupendas fábricas do Vaticano e de S. Pedro, constituindo a expressão

JANELA DESAPARECIDA D'ALÉM-DA-PONTE

[1] De todos os grandiosos monumentos da Roma cesárea, que ainda hoje, por si ou por seus restos, nos enchem de admiração e de encanto pelo enorme número deles, pela irrepreensível correcção das linhas de uns, pela beleza de outros e pela antiguidade e magestade de todos, que não apontamos por desnecessário, êste é o melhor conservado, passando pela criação mais original da arte da opulenta cidade do Tibre.

[2] E' lindo ver este aqueduto derramar pela mais encantadora fonte de Roma, a de Trevi, que Nicolau Salvi levantou, segundo um desenho do assombrosamente prolífico artista Bernini, caudais e caudais de agua.

máxima da inteligência humana no campo da arte; à Espanha, unida sob o scetro de Fernando e Isabel, criar êsses padrões eternamente belos do seu burilado *Isabelino* e a Portugal, firmada a Independência e alargada a expansão, cimentar aquela no lindo Mosteiro da Batalha e cantar esta na, simbolicamente patriótica, Igreja dos cavaleiros guerreiros de Thomar.

Aquele quarto de século, na história do povo português, é característico, e desgraçadamente reproduz o que a mestra da vida nos ensina: povo dividido é povo morto.

Daí a primeira manifestação humana a ressentir-se é a arte, estiolando.

Por agora, paz não podia haver por muitas facções se degladiarem, concorrendo para o desassossêgo da sociedade e para o desaparecimento da nacionalidade.

Ideal tinha morrido deante do sórdido egoísmo que carcomia essa cretina geração.

Dinheiro já a India não o dava ao erário se não parcamente, mas a depravação, o luxo, o latrocínio canalizavam-no para as arcas particulares, que também o não retinham muito tempo, porque as futilidades de seus donos encarregavam-se de o dispersar.

Assim, as grandes manifestações artísticas definhavam.

Quando muito, um ou outro daqueles imobilizava êste, levantando casas, a que imprimia o caracter arquitectónico predominante.

A Arte, por tanto, ao declinar do século XVI, não criava brilhantismos arquitectónicos, nem pictorais, como no alvorecer dele tinha dado origem.

Além disso e para mais, o ano de 1580 mostra-nos a fatalidade da lei histórica apontada e abre as portas de Portugal ao domínio espanhol e não era, nessa nação de então, que as artes, principalmente a pintura de quadros, possuia tambem grandes génios ao seu serviço.

Ainda assim, alguns, no número dos quais se notabilizou o português Sanches Coelho, os quais fugindo quási por completo ao generalizado costume medievo de introduzir os retratos dos contemporâneos nas diferentes personagens que faziam parte de qualquer composição, retratavam isoladamente a pessoa que queriam consagrar, influenciados, sem dúvida pela célebre escola de Veneza, onde brilhava, como estrêla de primeira gran-

deza, Ticiano, o imortal e fecundo mestre, de quem o grande amor às artes do imperador Carlos v e depois o de seu filho Filipe II determinaram vir para Espanha um grande e rico número de obras primas.

Estas, principalmente, e o colossal pintor flamengo Rubens, que ainda não tinha vindo á Peninsula, inflamam, mais tarde, o portentoso génio dos filhos dela, que uma vez mais, havia de intensificar-se e personificar-se, dadas as condições atrás apontadas, em Velasquez, de sangue português, e em Murilo, creadores dos luzentíssimos centros pictorais de Madrid e de Sevilha.

JANELA DO PALÁCIO DO PRIOR-MÓR DA ORDEM DE CRISTO

Escola, por conseguinte, não havia, ao tempo de D. Filipe I ser aclamado rei de Portugal no amplo pátio onde se reuniram as côrtes no Convento de Cristo, a não ser que queiramos dar foros ao foco pictoral de Toledo, em que o brilhante, mas intermitente, talento do megalomânico Greco produzia, de parelhas a borrões paranóicos, algumas obras de real merecimento, entre elas a sua mais notável, a parte inferior do *Entêrro do Conde d'Orgaz*.

Poderíamos hoje dar-lhos, se a vesânia dêsse pintor não tivesse sido infelizmente uma realidade, comprovada pelas suas anormalidades, que o irradiaram de seus contemporâneos e o tornaram esquecido pelos vindouros livres de excentricidades.

Nenhuma influência operou o destemperado pintor e a maioria dos artistas peninsulares, aqueles que tinham afeição à pintura, limitavam-se a pintar, com mais ou menos brilho, o que sabiam e podiam, a conservar o que havia e a completar o que faltava, com a simplicidade das horas de crise.

A pintura mural, tendo o Escurial por foco, tomava, logo de princípio da sua fundação, grande desenvolvimento e, onde o estuque se podia aplicar, os italianos, e não espanhois, Cambiasos, Zuccaris e Tibaldi, deixam traços e côres que foram sempre admirados e que muito os honram, dando-nos a nós o doce deleite de os contemplar, a quando da nossa visita àquele grandioso monumento.

A Portugal também chega o gôsto, se não revive, e os gêssos da sumptuosa *Charola* de Thomar são pintados ou repintados.

Pelos documentos deixados dessas obras e conhecidos hoje, vemos que um dos mais afanosos trabalhadores foi o nosso Domingos Vieira.

Em pleno reinado de Filipe I e sob os priorados de D. Adrião Mendes, de D. Inocêncio Machado e D. Lopo Salgado, trabalhou Domingos Vieira nas decorações riquíssimas da brilhantíssima igreja dos freires de Cristo, em que deixou inúmeras obras.

Não só ali, nessa parte do magestoso convento, deu provas do seu talento e actividade.

Se combinarmos o que se conhece do artístico priorado de D. Lopo Salgado, principalmente da segunda vez que subiu ao alto cargo de Superior, com um recibo de 1 de Abril, em que Domingos Vieira diz ter cobrado 6000 reais por conta do retábulo do dormitório, somos levados a crer que êle foi também autor dos retábulos do refeitório, da *Ceia* da mesa travessa e do de *Nossa Senhora* com o *Padre S. Bento e S. Bernardo* que aquele ilustre Prior mandou executar, sem que nós saibamos, de positivo, a quem [1].

Que êle foi pintor de quadros não há dúvida e isso prova-se com os recibos de 6 e 27 de Fevereiro de 1593, de 17 de Abril de 1593, de 24 de Junho de 1593, de 4 de Junho de 1594 que vêm nos cadernos das contas destas obras, existentes na Torre do Tombo sob o n.º 115 do cartório da Ordem de Cristo, e, com o documento que o Sr. Dr. António de Vasconcelos publicou na sua bela e erudita monografia, *Real Capela da Universidade*, em que o nosso Domingos Vieira com Simão Rodrigues se comprometem, a 4 de Agosto de 1612, a executar, com toda a perfeição, os quadros do retábulo da capela mór da Capela da Uni-

(1) *A Ordem de Cristo*, do autor, pág. 357.

versidade, fazendo-os dum *modo superior* ao retábulo de S.ta Cruz, que tinham acabado de executar.

E, parece, segundo a opinião do erudito lente, não serem só estas as obras que em Coimbra se lhes deve atribuir.

Muitos outros quadros, diz o proficiente escritor, cujos autores até agora se ignoravam, podem ser considerados, como da autoria dos distintos pintores citados.

Cremo-lo também, mas no que não emparceirâmos com o Sr. Dr. António de Vasconcelos é na apreciação que faz de Domingos Vieira, colocando-o em segundo logar, como que ajudante de Simão Rodrigues, sòmente pelo facto do nome do nosso ilustre patrício vir, naquele documento, a seguir ao do companheiro.

Um artista que tomou tantos trabalhos sôbre si, como os recibos provam ([1]), no Monumento de Cristo, poderia, a nosso ver, contratar o de Coimbra sòsinho, ou mesmo de parceria, mas nunca sendo inferior em méritos a outro do seu tempo, porque o não havia superior.

Quem era Simão Rodrigues?

Que obras executou?

Que nós saibamos, conhece-se sòmente aquela, cujo contrato é assinado em primeiro logar por êle e donde o douto lente da Universidade de Coimbra inferiu a superioridade dêsse pintor sôbre Domingos Vieira.

Achamos insubsistente tal razão no que somos acompanhados pelo grande académico Dr. Sousa Viterbo, que diz:

«Não julgo que se possa aceitar em absoluto, por não ser prova irrefutável, a circunstância de aparecer o nome de um em primeiro logar, o que fatalmente tinha de acontecer» ([2]).

Muito desejávamos continuar a ser acompanhados por êste ilustre escritor no que escreveu respeitante a Domingos Vieira, mas uns pequenos reparos lhe temos a fazer sôbre o sítio da sua sepultura, sôbre o seu escudo e sobre a data que existe no seu epitáfio.

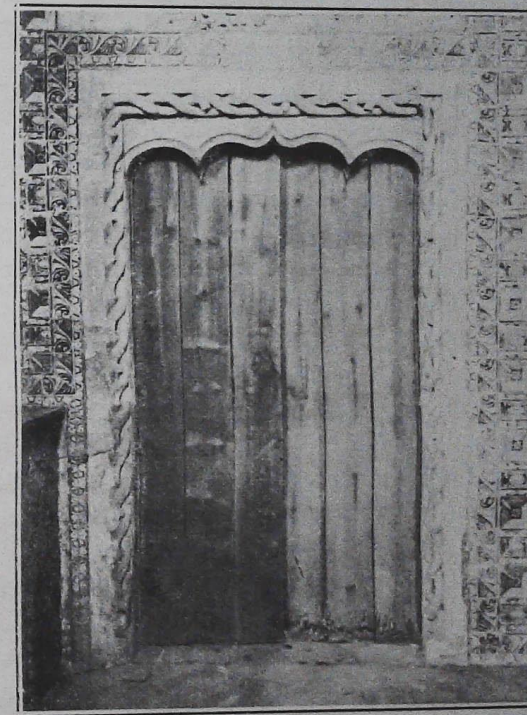
Aquele é onde o dissemos e não *por baixo dos degraus da*

([1]) Já publicados pelo Dr. Sousa Viterbo nas *Memórias da Academia de Lisboa*, Tom. x, P. I.

([2]) *Memórias da Academia de Lisboa*, 1911, Tom. P. I.

capela de Jesus, êste é o que fica descrito e vemos na nossa gravura a páginas 265, e não o dos *Vieiras* e *Serrões*, e esta é de 1645 e não de *1648*, como duas vezes refere. ([1])

Por aqui se vêem os precalços e erros de quem faz história por informação.

Bem sabemos o estado de doente a que, infelizmente para êle

PORTA DA SACRISTIA DA IGREJA DE SANTA IRIA

e para nós, seu grande admirador, chegou o respeitavel mestre e que Nepomuceno lhe mereceria crédito, mas sempre será bom nunca descrever sem vêr, para aqueles se evitarem.

Acautelado temos andado, desde que em assunto desta natureza escrevemos uma carta na imprensa thomarense (já lá vão mais de trinta anos!) e nela demos uma informação mal colhida sôbre a inscrição da sepultura do glorioso fundador de Thomar—Gualdim Pais.

([1]) *Memórias da Academia de Lisboa*, Tom. x, P. I.

Longe desta cidade, aproveitada foi por nós em escritores que por informação a houveram, ou em algum que a viu e copiou, mas a qual desapareceu depois.

Tendo sido reproduzida, quási até aos nossos dias, sem que houvesse a lembrança de ver se existia essa inscrição, transcrita foi por nós na carta dita, o que nos fez passar grandes dissabores nos oito dias antes de a encontrar, ao fim de trabalhos insanos e de uma resolução enérgica, pois os zoilos, infelizmente sempre à compita, já nos zurziam com os seus motejos.

Decididos a deitar abaixo a parede, onde, induzidos por aqueles escritores pouco cuidadosos, principalmente os últimos a referirem-se a ela, dizíamos que estava a pedra com suas letras, lembrou-nos de súbito, por termos estudado percussão no ano anterior do nosso curso, seguir ali esse processo.

Percutida de cima para baixo a parede, quási ao meio, um som maciço nos denunciou que estaria ali essa pedra tão ambicionada e que uma forte camada de cal teimava em nos ocultar.

Assim aconteceu.

Tirada a cal, patenteada nos foi e ao cabo de meia hora, gasta nas necessárias limpezas, podemos ler com o nosso saudoso amigo e distinto pintor Henrique Pinto, que nos acompanhava na árdua empreza, e mais Gil Cotralha, ao tempo nosso mestre de pedreiros, essa inscrição que era a base do nosso propósito, que por tão sabido, escusado será referir agora.

Todo o cuidado é pouco e as muitas inscrições, que depois temos reproduzido, todas foram vistas e copiadas por nós, para provar que nos aproveitou a lição até onde podemos, pois a tipografia também manda às vezes.

Por desejarmos pôr as coisas nos devidos logares, é que fizemos o reparo ao escrito do fecundo publicista e nesta própria obra reproduzimos inscrições, as romanas da alcáçova do castelo de Thomar, por vermos que têm sido mal copiadas pelos escritores que delas se ocuparam, até mesmo pelo grande mestre da epigrafia portuguesa, o eminente Hübner.

Volvendo ao nosso Domingos Vieira, cabe perguntar: por que motivo foi êle enterrado na igreja das freiras de S.ta Iria?

Com os elementos que temos, não é fácil dar resposta cabal a esta interrogação.

Contudo, estabeleçamos as premissas, a ver se se póde tirar alguma conclusão.

Foi Domingos Vieira um pintor distinto.

Pelo número dos seus trabalhos deve contar-se um dos mais notáveis do fim do século XVI e princípios do XVII.

Não estão assinadas por êle, nem pelo seu companheiro Simão Rodrigues, aquelas das suas obras que restam espalhadas por Coimbra segundo a opinião do abalisado lente, Sr. Dr. António de Vasconcelos.

Penoso se nos torna.

Os quadros de Thomar, em que êle trabalhou sòsinho, desapareceram.

Não resta nenhum; o vandalismo liberal golpeou-os á pedrada, ou apeou-os dos seus logares para os vender e irem, pela barra fora, ornamentar as paredes das salas de argentário inglês, perdendo-se, portanto, mas, sem dúvida, ficaram ali outras manifestações do seu incontestavel merecimento.

Destas, as pinturas e douramentos das paredes da, então talvez só *em branco*, Charola e da pintura e douramento das figuras sacras e não sacras que se erguem nesse santuário de tanta arte e de tanta fé, ainda hoje, de certo, vemos nesses páli dos restos prova evidente de quanto trabalhou, de quanto era pródigo o seu talento na combinação das côres e dos desenhos.

Sem termos prova positiva, pois dele só um recibo [1] conhecemos que fala da pintura dos *altos da Charola*, visto os outros [2] darem-no de companhia no mesmo trabalho, trabalho em que se gastaram mais de dois anos, não seremos muito temerários em afirmar que os dezasseis anjos que, muito bem conservados, se ostentam aos lados das frestas dos altos *oitavados da Charola*, lhe pertencem também.

E os outros mal conservados frescos que estão por cima dos espaços onde estiveram e estão ainda quatro dos grandes paineis a óleo na mesma igreja e que parecem ser da mesma época daqueles, a quem se deverão atribuir?

Domingos Vieira trabalhou ali muitos anos só, e com Simão de Abreu alguns anos e mais companheiros, cujos nomes ainda

---

(1) Sabado, 14 de Outubro de 1595.

(2) Tôrre do Tombo, *Cartorio da Ordem de Cristo*, L.º 124.

não apareceram; quem nos diz que não sejam obra sua e daqueles?

Não seremos nós que podemos deslindar o assunto, por ser mais de técnica, do que propriamente de história, a não ser que se descobrisse documento ou documentos que, de positivo, isso testificassem.

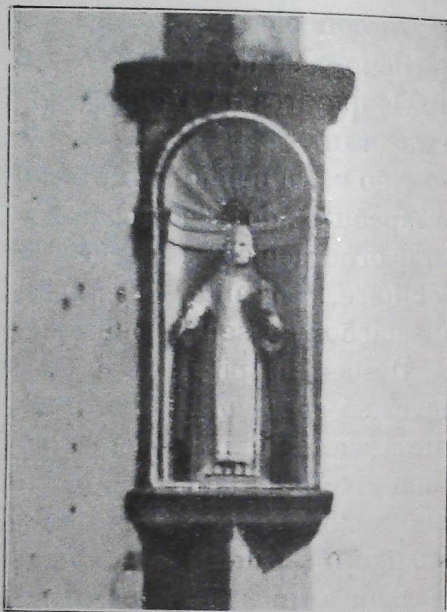
Contudo não nos custa aventar a idea de que, se êles aparecerem, mostrarão o grande quinhão que o nosso ilustre patrício ali tem.

SANTA IRIA SOBRE O PEGO

Que aqueles anjos e estes quadros murais são de valor ninguém o deve contestar, pois os desenhos, a perspectiva, as côres e o arranjo das figuras, provam que quem os fez tinha scentelha a iluminar-lhe o cérebro.

Já houve alguém, Alberto Haupt, que, seguindo o triste sestro dos estrangeiros que nos estudam, de tudo atribuirem a seus compatriotas ou a indivíduos de outras nações, sem se lembrarem que Portugal foi grande e original em muitas manifestações scientíficas e artísticas—haja vista o que tem feito sobre aereonavegação desde o seu descobrimento pelo insigne Padre Gusmão, que os franceses tão falsamente contestam, até aos admiraveis trabalhos do glorioso Gago Coutinho—enfileirou estas pinturas no modo célebre de fazer iguais, embora em tábuas, do grande pintor flamengo Quentin Matsys.

Diz esse notável arquitecto (1): «As severas e adustas fórmas góticas primitivas do próprio corpo da igreja receberam em tempos um rico e sumptuoso revestimento multicolor. Os frisos foram enriquecidos com vistosas faixas, cercaduras e capitéis, o lanço superior das paredes, do recinto intermédio, com ornatos

(1) *Serões*, n.º 28, pág. 273 e 274.

sumptuosos e seguintes, tudo moldado em estuque; nem foram poupados, quer as côres, quer o ouro; finas pinturas dos aqui implantados continuadores da escola de Quentin Matsys enfeitavam as paredes, parcialmente, tais como os dezasseis formosos anjos com os símbolos do martírio e os dez pintados no cimo da parede exterior e da interior, interpondo-se-lhes uns grandes paineis pintados em madeira, à semelhança dos doze que adornam externamente o lanço interior da parede.»

Não queremos dizer tanto, como diz o distinto alemão, atribuindo essas obras de pintura e douramento a *implantados continuadores* do famoso autor do *Banqueiro e sua mulher*, pois muito e muito afastado já êle ficava, mas dessas palavras alguma coisa fica que ateste o seu grande merecimento e, portanto, dos seus autores, que nos parecem ser antes portugueses do que estrangeiros, havendo neles um thomarense, e isso nos basta principalmente pela parte que diz respeito ao nosso ilustre patrício.

Ora tendo sido Domingos Vieira em 30 de Dezembro de 1606, isentado dos cargos da bandeira de S. Jorge e de outros dos que se costumam obrigar os oficiais mecânicos, por ser *hũ dos milhores pintores de ymaginaria dóleo que ha nestes Reynos e a dita arte de pintura doleo e ymaginaria ser avida e reputada por nobre em todos os outros Reynos* (1); tendo êle sido, *pela boa informação que tive da suficiencia e partes de pintor dóleos,* nomeado pintor del-rei por carta de 1 de Junho de 1619 em substituição de Amaro do Valle que havia falecido (2); tendo êle sido encartado no logar de pintor do Convento de Cristo a 1 de Junho de 1624; tendo sido chamado á capital de Espanha para pintar no célebre Palácio do Retiro, onde deixou coisas admiráveis (3); tendo sido aproveitado o seu debuxo da desembarcação de Filipe II em Lisboa, talvez feito na sua estada naquela terra, para ser gravado ou *cortado*, como se dizia ao tempo, por João Schorequens para acompanhar a bela obra de João Baptista Lavanha, impressa em Madrid em 1622, e que narra a vinda daquele monarca a Portugal; que dúvida haverá em lhe atribuir também as obras de pintura e douramento na capela de Pedro Moniz da Silva, re-

(1) Chancelaria de D. Filipe II. *Privilegios*. L.º 3.º fol. 148.
(2) Idem. *Doações*. L.º 4.º fol. 216.
(3) Ciryllo Volkmar Machado, *Memórias*, pág. 71, 72.

edificada pela neta dêste, D. Vitória da Silva, pelos anos de 1610?

Natural e economicamente recorreu esta a pintor de tanta nomeada no seu tempo, que em Thomar nasceu, viveu por muitos anos e onde constituiu família com a filha dum notável arquitecto, Nicolau de Frias.

Por isso, quási que não se nos oferece essa dúvida e se não lhe podemos dar a certeza, a sepultura de Domingos Vieira naquela igreja, faz nos crer, que, em agradecimento ou por contracta com as freiras ou com a restauradora, êle se quis enterrar ali por muito ter contribuido para as suas galas e embelezamento.

O vermos na lápide da sua sepultura a data de 1645 e o ter êle morrido pelos anos de 1632, não se opõe ao nosso pensar, visto essa data ser, na nossa humilde opinião, a da feitura daquela, por falecimento de sua mulher, que talvez, por morte do grande pintor, ao convento de S.ta Iria se tivesse recolhido.

Mais um problema que deixamos aos bem intencionados pesquisadores das grandezas e glórias da terra do distinto Domingos Vieira, nossa também querida terra.

Pouco mais há a falar da igreja do convento de S.ta Iria.

Notemos-lhe, como notáveis, os belos azulejos bicolores, em diamante, do corpo da igreja, os da capela-mor policromos, e a bela porta da sacristia, cuja gravura damos a páginas 279.

A talha dourada dos três altares também é de bela feitura e bastante rica de ornamentos,

No teto em caixotões, hoje completamente estragado, embora arremendado em suas tabuas, ainda se vêem, aqui e ali, pinturas que teem por tema a vida e martírio de S.ta Iria.

Seriam essas pinturas de Domingos Vieira Serrão?

Passemos agora ao convento que, como franciscano era pobre na regra e pobre na arte.

Simples paredes, portas e janelas lisas, nada tinha que nós hoje admiremos, não só por o não ter havido, como pelas evo luções que tem sofrido.

Os claustros, que são, nos conventos ricos, obras de aprimorado gosto, aqui não passa, o único que existe, de uma quadra de um só andar, cujos lados são arcarias de volta redonda, levantadas em simples e baixas colunas toscanas.

Cortando êste, de norte a sul, passava no seu pátio uma le-

vada de agua, que, apanhada no princípio do açude de pedra dos antigos lagares e moinhos da Ordem de Cristo, ia, não há muito ainda, fora dos muros da cêrca, fazer mover um moinho na antiga *Horta de El-Rei*, moinho que hoje está convertido num amplo e bem montado lagar de azeite. (1)

Era e é por êste claustro a entrada para o célebre pego, logar que a veneração dos tempos perpetuou como tendo sido o do martírio de S.ta Iria.

Ao fazer do convento e ao levantar a parede que olha ao rio, para regularidade e segurança da margem que vinha em declive, tiveram de cobri-lo com uma abóbada, para que não desaparecesse tão sagrado sítio, ficando, no entanto, aberta ao norte, onde fizeram como que um terraço cercado de assentos e onde abriram aquela entrada e começava uma escada que ia até ao fundo do pego.

Esta obra, ao tempo de ser construida, causou certo desconsôlo no povo crente de Thomar, por esconder de sua vista o tablado em que Banão foi o trágico e a virgem Iria a vítima, re-

---

(1) Já que de novo referência fizemos a esta horta, diremos que naturalmente, o nome deste pedaço de terra tão mimosa da margem do pitoresco Nabão, lhe viria de ter sido pertença da Coróa, visto o resto do *Isento* de Thomar ser da Ordem de Cristo, o que também sucedeu de certo com o, do outro lado do rio e hoje demolido, lagar de azeite que era também de *El-Rei*.

Porque seriam assim intitulados?

E' de presumir que fosse o moinho da horta e o lagar, ambos de *El-Rei* devido à fiscalização que as autoridades do monarca pudessem ter sobre os moleiros e lagareiros da soberana Ordem de Thomar, *senhora de agua e vento*, como no povo corria.

Serviam êles então de afilamento.

O que é certo é que, com o D. Manuel subir do mestrado da Ordem de Cristo a Rei, alguns anos levou a que não doasse essa horta, em 1501, à sua Ordem, não esquecendo, na doação, de referir a levada de água *como sempre a teve*, segundo nos diz Pedro Alvares no seu *Tombo* existente na Tôrre do Tombo sob o n.º 232, *Cristo*.

Este, *como sempre a teve*, faz-nos crer que já anteriormente a D. Manuel havia o açude que elevava a agua para aquela horta e para as azenhas ao fundo da *Rua dos Moinhos*, núcleo da hoje grande fábrica de moagem de Manuel Mendes Godinho, isto é, deve vir de tempo anterior ao *Venturoso*, também o açude que está a montante daquele o qual é intitulado *Açude Real* e que deu origem ao *Mouchão* aumentado hoje pelas aluviões, separando-o pelo braço ou canal do Nabão que banha a Avenida do Marquês de Thomar.

mediando-se êsse desagrado um tanto, por se ter mandado pôr, num nicho, no cunhal ([1]) da alta casa que ali se levantou, uma imagem da santa para adoração de todos, principalmente daqueles que passavam, em grande número, na ponte, a qual mostramos na gravura a páginas 282.

Escusado será narrar que, por muitos anos, na crença popular, passou, por verdadeira, a acção terapêutica das águas dêste pego e em mais de um escritor vemos descritas curas realmente milagrosas, obtidas por elas.

Não seremos nós que vamos agora aqui fazer uma disertação sôbre o assunto, mas só diremos que, ao tempo presente, são outras as águas procuradas embora também as do Nabão, mas noutro sítio, pelos doentes para que lhes sejam operadas essas curas milagrosas sem bem se saber por quê, pois, entrando as químicas e a física na explicação, ficamos em muitíssimos casos,

([1]) Neste cunhal e por baixo do nicho de Santa Iria, existe uma pedra rebordada, tendo no centro a figura dum boi rudemente relevado que já demos em estampa a página 227.

Decerto, pela figura, pelo desenho e pelo relêvo esta pedra não é contemporânea da construção do convento ainda, em parte, existente.

Vem, sem dúvida, de anterior civilização.

Da romana Sellium?

Do período gótico?

Não o sabemos, conquanto nos inclinemos para que ela tivesse a sua origem no período romano, sendo reveladora de uma das modalidades de Sellium — a agrícola.

De que teria servido?

Que revela?

Tudo e nada se poderia dizer sôbre ela.

Que de fantasias, sem base, ela daria alento!

Emquanto houver uma penna e desde Gutenberg, principalmente, aos nossos dias, muita insciência e muita inconsciência se tem escrito debaixo dos ouropeis da seriedade!

Mas tudo é preciso. .

Pode uma pedra destas, uma inscrição enigmática servir de tema, dar origem a um romance, como a célebre AN'ATKH do *Notre Dame de Paris* do grande escritor Victor Hugo, mas por mais brilhante que seja, não passa dum romance e não deve ter senão o valor dêste.

História!?

Nunca.

Então o que diriamos, por exemplo, sôbre êste mesmo assunto da Obra monumental de Guilhermy sobre a notabilíssima catedral de Paris?

ainda ás escuras, por não serem suficientes aquelas sciências, nem a hipótese da vida das águas, para nos darem a razão dos tão grandes e benéficos efeitos.

O que certo é, que êstes realizam-se, ao presente, como noutros tempos se deviam colher quando os corpos doentes metidos na linfa pura do pego do Nabão, enriquecida, mais a mais, com a fé de curar os nossos antepassados, pelo que se observa na importante nascente dêste rio, o Agroal, a qual, saindo não inquinada do interior da terra, aproveitada é pelos inúmeros freqüentadores, daquele logar, na sua exuberância curativa, que, outrora, ainda em parte, chegaria a Thomar, visto não haver fábricas que com os seus resíduos, contribuissem para perder aquelas salutíferas qualidades, como hodiernamente sucede, ao passar rente ao velho e abandonado pego, sem elas.

IMAGEM DE SANTA IRIA SOBRE A SUA SEPULTURA EM SANTARÉM

Quem nos diz a nós que a muitas águas, hoje tão afamadas pela prodigalidade de seus milagres, não lhes tenha a fortuna guardado sorte igual ás do nosso pobre e não procurado pego de S.ta Iria?

E também quem nos diz a nós que as condições de uma sociedade futura na ânsia, nunca realizada, de melhor divisibilidade das riquesas, não lhe faça tomar novas ideas sôbre balneoterapia, das riquesas, abandonando essa panacea por em grande descrédito ter caído?

A êste pego faziam as freiras todos os anos, no dia da festevidade a Santa Iria, 20 de Outubro, duas solenes procissões: uma depois de cantadas, no côro, as vésperas, as repetiam junto a êle, tendo ido com cruz alçada e velas nas mãos àquele logar por tenção dos thomarenses, em paga dêstes lhes deixarem ficar de posse

dele, ao tempo das obras referidas; e a outra, cantadas as matinas, dirigiam-se todas ali pela meia-noite, hora a que supunham ter a santa virgem padecido o seu martírio.

Já dissemos que êste convento era pobre e outro não podia ser o seu estado.

Da Ordem de S. Francisco, que obrigava à maior austeridade e ao rigorosíssimo voto de pobreza, não era por isso o seu rendimento por aí além e embora nos seus primeiros tempos, como vimos, tivesse um avantajado número de freiras, veio pelas idades fóra a reduzir êsse número, chegando no principio do século XIX a só contar oito e duas noviças (1).

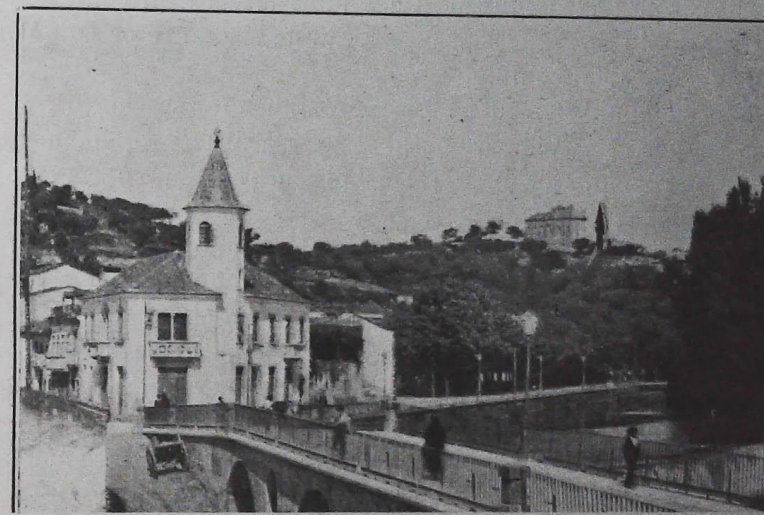
(1) Eram pobres sim, mas sem dúvida, não seriam das menos requestadas. A prova está, se acreditarmos no *Passecales* cantado pelas ruas de Thomar, no licencioso século XVIII que o distinto homem de letras Dr. Teófilo Braga recolheu no seu *Romanceiro Geral Português*, tomo II a páginas 284, e que em seguida transcrevemos.

No verso 14 copiou *fonte* quando deve ser ponte, pois as fontes de Thomar ficavam uma muito longe do convento e outra perto, mas de tal modo estava esta colocada que não é crível que as freiras fôssem, por não saírem do convento, a ela nem tão pouco á outra, para conversar com os frades, devendo, portanto, ser *ponte*, porque só dali, é que os frades podiam laurear com as freiras por lhes ficar o sitio bem perto, como se vê da nossa gravura a pág. 289, de uma fotografia tirada duma das janelas do convento, mostrando-se no alto e à direita ainda parte do convento da Anunciada.

Os frades

— Os frades da Graça
Tem uma cabáça
De canada e meia
Que bebem à ceia.
«Mas os de Christo
Tem mais poder,
E tem mais filhos
Do que eu hei de ter
— E os da Anunciada
Vão para a adega
Tomar a socega;
«Saem de lá
Com suas cabelleiras,
E vão para a ponte
Laurear com as freiras

Nos anos de 1813 e 1814 o rendimento geral foi de 1.321$875 rs. e a despesa 1.448$965 rs. havendo portanto um déficit de 127$090 rs.

Do livro das contas conventuais, donde tiramos estas cifras, apontamos uma verba da qual se pode deduzir a pouca folga financeira do nosso convento: o doutor médico, que se chamava Mesquita, ganhava 10$000 rs. por ano!

PONTE DO NABÃO

E por uma visitação que lhe fez, no dia 1 de Outubro de 1819 freì Isidoro de S. Bernardino de Sena, leitor jubilado da sagrada Teologia, ministro provincial e servo dos religiosos menores da regular observância do N. S. P. S. Francisco nesta santa provin-

— E os de S. Francisco
Só comem vitella;
Se vêm môças bonitas
Pegam-lhe pela mão
Levam-nas para a cella
«E os de Alcobaça
Mandam apregoar:
Quem quizer pepinos
Vá ao seu pepinal.

cia de Portugal, também se depreende a pequenez dos seus recursos.

No livro das visitas [1] deixou êle recomendado que, em virtude de se emprestarem os ornamentos, pratas e alfaias da igreja e da sacristia, lhes tinha resultado grande deterioramento e prejuizo pela muita danificação, e para se refazerem outras de novo era sôbre dificil, como impossivel pela notória pobreza do nosso estado e estado actual do mosteiro, se não emprestassem êsses objectos, sôbre excomunhão, a nenhuma igreja nem convento, a não ser ao de S. Francisco, pela razão de ser entre os dois conventos, como tudo comum.

Esta comunidade vinha de serem ambos franciscanos.

Seria por esta pobreza — ou qual seria a razão? — que em 1831 vemos dar-se um facto que bem obscuro se tem conservado e que esclarecer não podemos?

Foi êle que pelo ardente Agosto dêsse ano, uma ordem régia, [2] do dia 27, faz entrar no nosso convento e ficar ali reclusa, a D. Francisca Antónia de Seabra, casada com Manuel de Macedo Pereira Coutinho, a quem foi arbitrada uma mensalidade para seu sustento e de uma criada, tendo sido tirada dos rendimentos da casa sequestrada a seu marido.

Dêste pouco mais sabemos, apesar de sofrer este sequestro, do qual nada, salvo melhor procura, ficou escrito.

Contudo, pudemos apurar que descendeu, por ser irmão do Visconde da Baía, com quem, por Março de 1820, trazia e mais sua irmã, D. Ana Felicia Coutinho Pereira, uma questão judicial, do célebre e inteligentissimo ministro de D. José I e de D. Maria I, José de Seabra da Silva, [1] e que exerceu o alto cargo de Desembargador da Casa da Suplicação de que foi demitido por decreto de 17 de Julho de 1823, tendo sido, por outro de D. Isabel Maria em que diz *saber que por justos motivos que lhe foram presentes e se fizeram dignos de consideração*, restituido ao exercício do mesmo lugar.

Este decreto tem a data de 12 de Dezembro de 1826 e é assignado por Luís de Moura Cabral.

Fechados os conventos de religiosos pelo decreto ultra ditatorial de 28 de Maio de 1834, continuaram os de religiosas até extinguir-se a ultima freira dos respectivos conventos.

Não levou, porém, muito longe a existência o de S.ta Iria, pois não passaram dez anos que o não vejamos, pela lista n.º 131 do *Diário do Govêrno* de 1 de Fevereiro de 1842, ir à praça o edificio do mosteiro que ficava do arco para o poente e confinava por êste

IMAGEM DE SANTA IRIA
(CONVENTO DE S. FRANCISCO)

(1) Tôrre do Tombo, *Livro de Santa Iria*, N.º 1.

(2) Era do teor seguinte:

«El-rei N. S. tem mandado conduzir D. Francisca Antonia de Seabra, casada com Manuel de Macedo Pereira Coutinho ao convento de S.ta Iria da Vila de Thomar, da obediencia de V. P. R.ma para nela ficar reclusa debaixo de segurança daquela clausura até nova Ordem Regia em contrario e com prohibição de ter para fora da mesma clausura communicação alguma verbal ou por escrito e de fazer uso de vestido algum que não seja conforme aos que usavam na Comunidade do dito convento com outra diferença que não seja a do Habito que ella não professa. O que S. Magestade manda participar a V. P. R.ma para que faça executar o referido pela Prelada presente e futuras, as quaes V. P. R.ma intimará que serão responsaveis na Augusta presença do mesmo Senhor por qualquer trasgressão ou relaxação d'estas Reaes Ordens que serão registadas no livro do mencionado convento ao que pertence para d'ellas constar a todo o tempo.

Para sustentação da sobredita Dona Francisca Antonia de Seabra, durante a sua reclusão e de sua criada que ali poderá ter para lhe assistir, está arbitrada, pelos rendimentos da casa sequestrada a seu marido, uma suficiente mesada, que será intregue á Prelada do Convento. Deus Guarde a V. P. R.ma Palacio de Queluz em 27 de Agosto de 1831. — Luiz de Paula Furtado de Castro do Rio de Mendonça».

Tôrre do Tombo — *S.ta Iria*, n.º 1. — *Livro das Patentes do Mosteiro de S.ta Iria*.

(1) Chancelaria de D. João VI, L. 33, folhas 228.

lado com o rio Nabão, incluindo a igreja e a cêrca respectiva, murada sôbre si, pelo valor de 4.000$000 rs.

Não houve licitantes nesta praça, pelo menos, não se vendeu, voltando novamente a leilão a 20 de Dezembro do mesmo ano pelo preço de 3.200$000 rs.

Foi adquirido então pelo thomarense Tomé Rodrigues da Silva que empregou a edificação em várias indústrias agrícolas e comerciais.

Não sabemos se as imagens da igreja também foram incluídas nos 3.200$000 rs.; mas parece-nos que talvez, pois elas foram ter a outros altares e de igreja da mesma ordem da do convento de S.ta Iria.

E' quási certo pelo seguinte:

Foram e estão ainda hoje na igreja de S. Francisco, onde N.ª S.ª da Conceição, vinda daquele convento, tem culto, e grande, que dura desde o tempo da irmã do comprador, Tomé da Silva, D. Helena, que ali todos os anos caprichava em fazer grande festividade nos dias 8 de Dezembro.

Seguiu-lhe seu sobrinho. António Neves e Silva e, extinta esta família por morte dêste, tomou o piedoso encargo o Sr. Conde de Thomar, Bartolomeu, que todos os anos, a expensas suas, promove uma grande e luzida solenidade naquele dia.

A imagem de Santa Iria também ali veio parar.

E' ela de madeira e, noutros tempos, não era vestida, pois a encarnação que ainda apresenta, assim o denuncia.

Hoje, naturalmente, pela mania de vestir os santos que vigorou no meado do século passado, revestiram-na com o hábito de clarita, por, como sabemos, o convento donde proveio, pertencer a essa Ordem.

Está ela no nicho da segunda capela do lado esquerdo, quando se entra, e dentro dum armário envidraçado que tem a sua história.

Um individuo, á roda dos 50 anos, natural de Espanha, apareceu, vai para uns 20 anos, em Thomar sem ser ali conhecido e, dizendo que tendo vindo a Portugal em procura de S.ta Iria, em Santarém lhe disseram que em terras de Thomar tinha nascido e que nessa cidade havia o culto dela.

Alí foi e, chegado, tratou de promover uma festa de igreja á santa da sua peregrinação, mandando depois fazer o referido ar-

mário, comprando a um ourives o grande resplendor de prata que ainda orna a sua cabeça.

Que misterioso homem seria êste que nem o nome deixou, limitando-se a pòr um seu retrato debaixo dos pés da imagem!!

Que de devoção haveria em tudo isto?

Que poema de amor andaria aqui envolvido?

Que amor puro ou que amor diabólico viveria nessa alma sofredora, inquieta, mártir, cega?

CLAUSTRO DO CONVENTO DE SANTA IRIA

Quem nele *reencarnaria*, para usarmos a frase dos *espiritas*?

Britaldo apaixonado?

Ermígio tresloucado?

Amor, loucura ou verdadeiro acto dum coração mirrado por um amor casto, incompreendido por alguma Iria, a quem algum novo Banão teria posto termo à sua existência?

Oh! amor, amor, como sendo tu cego, tanto poder tens e a tantos actos da vida humana dás origem, sem haver ou conhecer-se, explicação para êles!!

Oh! tantos, tantos!!

Deixemos êsses enigmáticos tantos actos e continuemos a ver o destino do convento de S.ta Iria.

De Tomé Rodrigues da Silva passou a seu filho, Victor Rodrigues da Silva, que vendeu a parte pegada à ponte a Hipólito da Costa Adão que a adaptou a hospedaria, e a casa do capelão das freiras esquina da Rua Larga (1) e da travessa do Arco, a Daniel Ribeiro dos Santos.

A igreja passou, depois, por morte de D. Rosina Pereira Mendes, mulher do Victor Rodrigues da Silva, para seu filho Luís e o convento, por morte do pai dêste, ficou à sua nova mulher, D. Maria da Conceição Rodrigues Faria e Silva, que o arrendou a José António Nunes, onde estabeleceu uma fábrica de lanifícios (mantas alentejanas e alforjes) e, por morte dêste, foi arrendado a Joaquim António Nunes, parente daquele que da terra de ambos, Covilhã, veio explorar a mesma indústria, ampliando o fabrico a outros produtos também de lã.

Pelo falecimento de D. Maria da Conceição, herdou o convento seu filho menor Artur, que, após a maioridade o vendeu ao novo arrendatário que, por seu turno, comprára a parte de que tinha já sido proprietário Costa Adão, mas que era pertença dos herdeiros de José António Nunes.

Joaquim António Nunes deu bastante incremento à sua fábrica, chegando os seus produtos a alcançarem grande perfeição, sendo para lastimar a sua pouca duração em virtude da morte do seu proprietário, por cujo inventário foi vendida em praça.

Adquiriu-a Joaquim Dias Ferreira, importante armazenista de Lisboa, que, associando-se com o Sr. António Joaquim de Araujo, de Thomar, ali continuaram a mesma indústria que não desmereceu do fabrico anterior, o que foi verificado pelos inúmeros visitantes, à Exposição Agrícola e Industrial que tivemos a honra de promover, tendo saído um dos números mais atraentes e brilhantes

(1) Talvez alguém tenha reparado o nós conservarmos as antigas denominações das ruas de Thomar.

Não é por desmerecer dos novos nomes que teem, que assim escrevemos, mas é, porque as ruas da nossa cidade rara, será alguma que não tenha um nome que não se correlecione com algum facto notável da vida dela e por isso ser digno de ser conservado, obrigando-nos a que respeitemos êsses nomes ou essas tradições.

dos festejos que a nossa cidade, em 1895, realizou ao solenizar o 7.° Centenario do passamento do seu glorioso fundador = Gualdim Paes.

Um incêndio na noite de 16 de Outubro de 1905, produzido pela explosão do depósito de gasolina dum automovel, destruiu a maior parte do edifício, que mais tarde foi vendido.

Os novos donos, dando azo ás exigências egoistas e utilitárias da vida moderna, retalharam-no em três propriedades destinadas: duas a habitações e a outra a fábrica de serração de madeiras.

Grande e grave prejuízo sofreu com isso, pois as condições artísticas (pouco se tinha alterado a feição monástica), as tradições poético-religiosas e o pitoresco do local faziam-no ser uma propriedade de apreciado gôsto e que se transformaria, sem, embora, lhe tirar o ar tradicional, numa vivenda de delicioso morar e de encanto público.

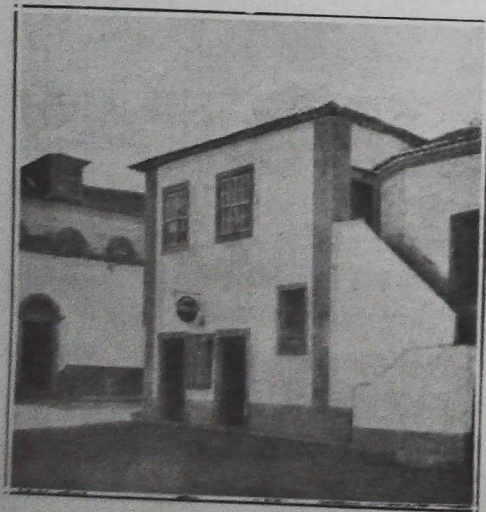
A igreja, já há muito tinha sido vendida em praça pelo inventário que se teve de fazer por causa da menoridade dos irmãos, Artur e Alfredo, de Luiz Victor da Silva, comprando-a o arquitecto Nepomuceno da Silva por 800$000 rs. com o fim de a restaurar, mas, por motivos que ignorâmos, nunca chegou a realizar esse seu intento.

BRASÃO DOS VALLES
(Sôbre o portão da Quinta da Guerreira)

Por sua morte houve tenção de a vender, indo de certo parar ás mãos de qualquer industrial que lhe tiraria o precioso recheio, dispersando-o e destinando depois suas paredes a guardar as pipas e tonéis do seu comercio, se não fôsse a coisa pior.

Para obstar a mais êste crime de lesa arte, praticado na nossa terra, pusemo-nos em campo e, recorrendo à imprensa, nos jornais — *Jornal do Comércio, Correio Nacional, Diário de Notícias, Século, Reporter, Universal* e *Thomarense*, de Junho de 1897, — intensa propaganda fizemos, até que logramos a satisfação de vê-la comprada pela ilustre titular condessa de Sarmento como atrás fica referido, estando hoje na posse do seu muito crente e fervoroso católico sobrinho, o sr. dr. João Maria do Valle de Sousa de Meneses Mexia.

Foi esta — a artística igreja do convento de Santa Iria — a causa próxima, como já dissemos, dêste livro que aqui termina à mingua de mais esclarecimentos, que, a havê-los, não pudemos alcançar, embora empregassemos acurada investigação, para que o mais completo fôsse na história do seu orago, assim como completos fôssem também os outros assuntos que vieram a propósito.

FIM

CASA DO CAPELÃO DAS FREIRAS DE SANTA IRIA

ÍNDICES

CAPÍTULOS

GRAVURAS

ÍNDICE ALFABÉTICO

CORRIGENDA

Pág.	Lin.	Em vez de:	leia-se:
27	14	*Aeminiumria*	*Eeminium*
65	1	nada	na da
70	38	caminhas	caminhadas
97	1	tirariam	tiraram
100	17	D. Gertrudes	Ex.ma Snr.a D. Gertrudes
100	27	Seissa	Seice
102	24	1135	1137
121	27	Pr.	Fr.
188	31	*Pertum*	*Portum*
189	16	121ó	1210
196	15	*Itacio*	*Hydacio*
207	19	1171	1175
209	37	nos eu	no seu
224	33	mã-lmã	mã-lmã
225	1	tãmãrmã	tãmãrmã
225	1	lmã	lmã
225	15	1135	1137
236	16	do de	donde
248	7	lha	lho
282	26	Santa Iria	Imagem de Santa Iria